



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO**



LUCIANA XAVIER SENRA

**ASSOCIAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E *BULLYING* EM
ADOLESCENTES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
JUIZ DE FORA.**

Juiz de Fora, 2012.

LUCIANA XAVIER SENRA

**ASSOCIAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E *BULLYING* EM
ADOLESCENTES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
JUIZ DE FORA.**

Orientador: Lélío Moura Lourenço

Co-orientador: Marcel de Toledo Vieira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito para obtenção do título de Mestre.

Juiz de Fora, 2012.

Luciana Xavier Senra

**ASSOCIAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E *BULLYING* EM
ADOLESCENTES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE
JUIZ DE FORA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia por Luciana Xavier Senra.

Dissertação defendida e aprovada em oito de outubro de dois mil e doze, pela banca
constituída por:



Orientador: Prof. Dr. Lélío Moura Lourenço
Universidade Federal de Juiz de Fora



Presidente: Profa. Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora



Membro Titular: Makilim Nunes Baptista
Universidade São Francisco

Senra, Luciana Xavier.

Associação entre violência doméstica e o *bullying* em adolescentes da rede pública municipal de Juiz de Fora / Luciana Xavier Senra. –

2012.

201 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. Violência doméstica. 2. *Bullying* – Escola pública. 3. Adolescentes.
I. Título.

CDU 396

Senra, L. X. (2012). Associação entre violência doméstica e o *bullying* em adolescentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. 209 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Juiz de Fora.

RESUMO

A associação entre violência doméstica e *bullying* em adolescentes da rede pública municipal de Juiz de Fora é uma pesquisa do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora junto à Secretaria Municipal de Educação, que teve como objetivo geral identificar e estudar as características da associação entre Violência Doméstica e *Bullying* em adolescentes do sexto ao nono anos, para o conhecimento de ambos os fenômenos na realidade da cidade. A pesquisa consistiu num estudo transversal de natureza observacional e exploratória, que selecionou os participantes por meio de técnica de amostragem probabilística com cálculo de pesos amostrais para os alunos a fim de evitar efeitos da não resposta. Além disso, envolveu duas etapas de abordagem: (I) uma pesquisa de campo quantitativa e descritiva, com utilização do *Questionário de Bullying*, visando o levantamento da prevalência de *bullying* e para identificar o envolvimento dos adolescentes nas situações de *bullying* como vítimas, agressores e não envolvidos/espectadores. Os dados dessa etapa foram processados e analisados no software *Statistical Package for Social Science for Windows (SPSS)* no módulo *Complex Samples* para consideração das características do desenho amostral complexo como possíveis efeitos de não resposta. A segunda etapa consistiu num estudo de campo qualitativo, com utilização de entrevistas semiestruturadas submetidas à técnica de análise de conteúdo com os adolescentes envolvidos nas situações mais graves de *bullying* como vítimas, agressores e espectadores. Essa etapa objetivou identificar e estudar os contextos e perspectivas relativas à violência doméstica(VD), ao *bullying* e a associação (ou não) de ambos fenômenos com os adolescentes. Os resultados do estudo quantitativo para o intervalo de confiança de 95% possibilitaram estimar que em torno de 62,2% da amostra (n=470 alunos) está envolvida em situações de *bullying*. Entre os envolvidos nas condições de vitimização, estima-se que 32% sejam do sexo masculino e 68% do sexo feminino. Entre os envolvidos como agressores, estima-se que 42,8% sejam meninos e 57,2% meninas. Em relação às condutas agressivas, 82,2% foram verbais ou psicológicas e 4,9% físicas. Os locais de ocorrência das agressões mais prevalentes foram a sala de aula (39,49%) e o recreio (27,56%). Os resultados do estudo qualitativo, realizado com amostra de 27 participantes selecionados a partir do estudo quantitativo, mostraram que vítimas (12) e agressores (9) possuem comprometimento do relacionamento familiar por utilização de agressões física e psicológica como estratégia de resolução de conflitos, os quais (77,8%) relataram também a utilização das mesmas condutas quando envolvidos em algum conflito ou discussão entre os pares na escola. Os resultados de maneira geral corroboraram a hipótese de uma associação entre os fenômenos da violência doméstica e do *bullying* em adolescentes, conforme também já explicitado anteriormente pela literatura pertinente aos temas. Dessa forma, com a descrição dos referidos fenômenos proporcionada pelo presente estudo, especificamente em relação ao contexto local, sugere-se que possam ser traçadas algumas estratégias de intervenção e de prevenção dos mesmos junto aos setores educacionais e de assistência social às famílias e à comunidade escolar.

Palavras-chave: Violência Doméstica, *Bullying*, Adolescentes.

Senra, L. X. (2012). The association between domestic violence and *bullying* among adolescents in the Juiz de Fora city. 209p. Thesis (Master's degree in Psychology). Federal University of Juiz de Fora.

ABSTRACT

The association between domestic violence and *bullying* among adolescents in the Juiz de Fora city is a survey of the Master Degree Program in Psychology at the Federal University of Juiz de Fora with the City Department of Education, which aimed to identify and study the characteristics of association between Domestic Violence and *Bullying* in adolescents from the sixth to ninth grade. This is a cross-sectional exploratory in nature with participants selected by probability sampling technique and calculations of sampling weights for students to avoid the effects of non-response. The research was conducted in two steps: (I) a field survey quantitative and descriptive, using the Olweus *Bullying* Questionnaire, aiming to raise the prevalence of *bullying* and identify the involvement of adolescents in situations of *bullying* as victims, perpetrators and not involved/viewers. Data from this phase were processed and analyzed with the Statistical Package for Social Science for Windows (SPSS) in complex samples module for consideration of the characteristics of complex sample design as possible effects of non-response. The second phase of the research consisted of a qualitative field study using semi-structured interviews submitted to the technique of content analysis with adolescents involved in more serious situations of *bullying* as victims, perpetrators and bystanders. This step aims to identify and study the contexts and perspectives relating to domestic violence (DV), the *bullying* and the association (or not) of both phenomena among adolescents. The results of the quantitative study for the confidence interval of 95%, allowed to estimate that about 62, 2% of the sample (n = 470 students) is involved in *bullying* situations. Regarding performance among those involved in *bullying* in terms of victimization, it is estimated that 32% of males and females 68%. Among those who were involved as aggressors/bullies, it is estimated that 42.8% are boys and 57.2% girls. In relation to aggressive behavior, 82.2% were verbal or psychological type and 4.9% of physical assaults type. The most prevalent occurrence of aggression were the classroom (39.49%) and recreation (27.56%). The results of the qualitative study, conducted with a sample of 27 participants selected from the analyzes of the quantitative study showed that the victims (12) and bullies (9) have impairment of family relationships through the use of physical and psychological aggression as a strategy of conflict resolution. Additionally, 77.8% reported the use of the same behaviors when involved in a conflict or discussion among peers at school. The results generally support the hypothesis of an association between the phenomena of domestic violence and *bullying* among adolescents. So with the description of such phenomena provided by this study, specifically with regard to local conditions, it is suggested that strategies are outlined for intervention and prevention of phenomena, together with the social and educational assistance to families and school community.

Keywords: Domestic Violence, *Bullying*, Adolescents.

Dedico esse trabalho à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Lélío, pela sabedoria, paciência e confiança de todos os instantes;

Ao meu co-orientador, Professor Marcel, pela paciência, pela tranquilidade transmitida e por todos os ensinamentos;

À professora Beatriz Oliveira Pereira pelas observações e contribuições preciosas para a viabilização desse estudo e pela amizade conquistada;

Aos alunos do treino de pesquisa, pela parceria e dedicação;

Aos colegas da turma 2011-2013 do PPG Psicologia pelos momentos de descontração virtuais e presenciais;

Aos amigos do Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social – NEVAS pela parceria e trabalhos... trabalhos... trabalhos...

À Secretaria Municipal de Educação, às Escolas, Diretores, coordenadores pedagógicos e alunos, pela colaboração, parceria e apoio a este trabalho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES pelo fomento através da concessão de bolsa de estudos;

Aos meus amigos que, de perto ou de longe, torceram por mim;

Ao Lélío, companheiro, pelo apoio cúmplice e carinhoso de todas as horas. TAM;

À minha família pelo afeto, apoio e compreensão sempre fundamentais em minha vida e, em especial, nessa trajetória;

Àqueles que inspiraram e contribuíram direta e/ou indiretamente para a realização dessa pesquisa,

Muito Obrigada!

"Quando os pais se habituam a deixar desamparadas as crianças, quando os filhos não medem suas palavras, quando os mestres tremem diante dos alunos e preferem bajulá-los, enfim, quando os jovens desprezam as leis porque não reconhecem sobre si a autoridade de nada nem de ninguém, eis então, em toda sua beleza e jovialidade, o início da tirania." (Platão - 429-347 a. C).

"(...) queria uma escola que ensinasse a conviver, a cooperar, a respeitar, a esperar, a saber viver em comunidade, em união." (Carlos Drummond de Andrade).

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
- CDC – *Centers for Disease Control and Prevention*
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- IC – Intervalo de Confiança
- NEVAS – Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- POPSS – Pólo de Pesquisa em Psicologia Social e Saúde Coletiva
- PPG PSI – Programa de Pós graduação em Psicologia
- PJF – Prefeitura de Juiz de Fora
- SME – Secretaria Municipal de Educação
- SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*
- UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
- VD – Violência Doméstica

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização sócio demográfica dos participantes

Tabela 2. Prevalência de *Bullying* por tipo de atuação

Tabela 3. Tipologias de agressão, locais em que ocorrem e perfil do agressor

Tabela 4. Frequência de expressões emitidas por entrevistado e questão associada

Tabela 5. Categorias de análise do contexto familiar/doméstico

Tabela 6. Categorias de análise do contexto interpessoal e escolar

Tabela 7. Associação entre VD e *Bullying*: frequência por agressões na família e na escola conforme a atuação no *bullying*.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Aprovação Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos.

ANEXO II – Questionário *Bullying*

ANEXO III – Entrevista com Adolescentes

ANEXO IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

ANEXO V – Transcrição das Entrevistas com Adolescentes

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
LISTA DE ABREVIATURAS	x
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE ANEXOS	xii
SUMÁRIO	xiii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	15
1.1 Violência: fenômeno mundial e impacto na saúde.....	15
1.2 Violência: problemáticas conceituais.....	19
1.3 Violência Doméstica ou Violência Intrafamiliar.....	31
1.3.1 Violência Doméstica, Saúde Pública e Educação.....	37
1.3.2 Características, Vitimização e consequências da violência doméstica...	41
1.4 Violência Escolar	43
1.4.1 Conceitos Relacionados.....	46
1.5 <i>Bullying</i> : Conceituação e Origem.....	49
1.5.1 Tipos de <i>bullying</i>	52
1.5.2 Agressor.....	54
1.5.3 Vítima.....	55
1.5.4 Espectadores/Observadores.....	56
1.5.5 Algumas consequências do <i>Bullying</i>	56
1.6 A associação entre Violência Doméstica e <i>Bullying</i>	57
CAPÍTULO 2: OBJETIVOS DO ESTUDO	70
2.1 Objetivo Geral.....	70
2.2 Objetivos Específicos.....	70
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DO ESTUDO	71
3.1 Contextualização da Pesquisa.....	71
3.2 Desenho	72
3.3 Participantes.....	73
3.3.1 Participantes do estudo quantitativo.....	73
3.3.2 Participantes do estudo qualitativo.....	75
3.4 Coleta de dados.....	77
3.4.1 Instrumentos.....	78
3.4.2 Questionário.....	78
3.4.3 Entrevistas.....	79
3.5 Análise de Dados.....	80
3.5.1 Análise dos dados do estudo quantitativo.....	80
3.5.2 Análise dos dados do estudo qualitativo.....	81
3.6 Aspectos Éticos.....	82
CAPÍTULO 4: RESULTADOS	83
4.1 Resultados do estudo quantitativo.....	83

4.2 Resultados do estudo qualitativo.....	90
CAPÍTULO 5: DISCUSSÕES.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	138

1 INTRODUÇÃO

1.1 Violência: fenômeno mundial e impacto na saúde

O fenômeno da violência é tema de estudo de diferentes meios acadêmicos e permeia o cotidiano das pessoas mundialmente, afetando-as direta e indiretamente nos âmbitos privado e social. Embora vários estudos (Williams, Maia & Rios, 2010; Schraiber, Latorre, França Jr, Segri & D'Oliveira, 2010) denotem a inexistência de unidade quanto à definição de violência, a Organização Mundial da Saúde a define como “*o intencional uso da força física ou do poder, em ameaça ou real, contra si próprio, outra pessoa, contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha probabilidade de resultar em injúria, morte, dano psicológico, privação ou prejuízos no desenvolvimento* (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002, p. 5)”.

Essa definição, constatada nos referidos estudos, consiste numa tentativa de nortear a compreensão dessa temática, a fim de que ações e diretrizes sejam desenvolvidas e aplicadas no sentido de promover a conscientização de diversos profissionais quanto às problemáticas envolvendo a violência: vitimização de crianças, adolescentes, mulheres e idosos em todo o mundo e em diferentes seguimentos da sociedade, causando graves problemas de saúde pública devido às sérias implicações de curto e longo prazo para a saúde, desenvolvimento psicológico e social de indivíduos, famílias e comunidades (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002; García-Moreno, Jansen, Ellsberg, Heise, & Watts, 2005).

De acordo com Krug et al (2002), as referidas consequências tornaram-se fatores prioritários de atenção em decorrência do impacto na saúde pública global. Nesse sentido, os autores afirmam que a violência pode ser evitada partindo das intervenções na saúde pública, já que o foco dessa aplicabilidade está nos problemas que afetam e prejudicam toda a saúde através da oferta de benefícios para o maior número de pessoas. Contudo, salientam que isso

depende de uma abordagem interdisciplinar e com base científica, necessitando, portanto, das contribuições da Sociologia, Psicologia, Criminologia, Educação e Economia.

Em conformidade com o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da Organização Mundial da Saúde-OMS (Krug et al, 2002), a abordagem interdisciplinar da violência requer o conhecimento das tipologias, da natureza da conduta violenta e dos ambientes nos quais se manifesta, mas sobretudo o conhecimento das diversas maneiras de se conceituá-la. A definição da OMS descrita acima associa a intencionalidade com a prática do ato propriamente dito, independente do resultado produzido, excetuando apenas lesões de trânsito e queimaduras acidentais. Além disso, explicita o uso da terminologia poder a fim de abarcar, na constituição do ato violento, as relações desiguais de poder, a intimidação e as ameaças, a negligência e as ações de omissão, com consequências tais como dano psicológico, privação e deficiência de desenvolvimento e prejuízos sociais, isto é, em relação à saúde e bem-estar dos indivíduos.

No que se refere às tipologias de violência, Brasil (2005) e Krug et al (2002) apontam uma classificação a partir de suas manifestações empíricas, dividida em três categorias: (a) violência dirigida contra si mesmo ou violência auto-infligida; (b) violência interpessoal; e (c) violência coletiva. Essa categorização faz distinção entre as ações que um inflige contra si mesmo, a violência infligida à outra pessoa ou por grupo de pessoas, e a violência infligida por um grande grupo como, por exemplo, Estado, grupo político organizado, milícias e organizações terroristas. A primeira categoria compreende atos suicidas e auto-abuso (em alguns países auto-mutilação); a segunda envolve duas subcategorias devido ao ambiente em que se manifestam, que é (1) a violência familiar (doméstica) e entre parceiros íntimos, e (2) violência comunitária, que ocorre entre pessoas sem laço de parentesco. A violência coletiva é subdividida em política, social e econômica são geralmente

cometidas por um grande número de pessoas ou pelo Estado acarretando conflitos, ataques terroristas, ataques que visem ganhos econômicos e guerras.

As categorias e subcategorias das tipologias de violência nos conduzem a necessidade de entendimento relativo à natureza do ato violento, exceto em relação à violência auto-infligida. Gebara (2009), Brasil (2005) e Krug et al (2002) descrevem os atos violentos por meio de uma classificação decorrente de tais categorias e subcategorias, que pode ser denominada por abuso ou maus-tratos. Dessa maneira, a violência pode ser expressa de forma: (1) física (envolve o uso da força física com a intenção de causar dano a outrem); (2) psicológica (engloba agressões verbais ou gestuais, com a intenção de humilhar, ameaçar, causando danos à auto-estima, por exemplo); (3) sexual (abrange imposição de práticas de cunho sexual contra a vontade da pessoa ou que propiciem sua vitimização); e (4) através da privação ou negligência (envolve a ausência ou recusa de cuidados a quem necessita). Esses aspectos ocorrem mais especificamente em situações de violência contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos, em âmbitos familiar (ou intrafamiliar/doméstico) ou coletivo.

Krug et al (2002) ressalta que essa concepção de natureza de ato violento, embora não seja perfeita, mundialmente aceita ou que as fronteiras entre os diferentes tipos de violência nem sempre são tão claras, fornece estrutura para a identificação de padrões de violência que ocorrem em todo o mundo, na vida diária das pessoas, famílias e comunidades. Além disso, mediante tais características acerca do fenômeno da violência, os autores afirmam que ele pode ser evitado e seu impacto diminuído, assim como os esforços em saúde evitaram e diminuíram, em diversas áreas do mundo, complicações relacionadas à gestação, lesões laborais, doenças infecciosas e decorrentes do consumo de água e alimentos contaminados, pois a saúde pública é pautada, sobretudo na prevenção e, por isso, não pode apenas aceitar ou reagir à violência.

No atual contexto brasileiro, as diferentes tipologias da violência são evidenciadas por Reichenheim, Souza, Moraes, Mello Jorge, Silva e Minayo (2011) em relatório sobre violência e lesões no Brasil. Os autores relatam alguns números sobre os efeitos, avanços alcançados e os desafios futuros em relação ao fenômeno, os quais destacam que: 1) as principais vítimas são homens jovens, negros e pobres na comunidade; 2) parte da violência no país tem sido associada ao consumo de álcool e outras drogas ilícitas e à ampla disponibilidade de arma de fogo. Essas variáveis denotam que o padrão da violência no Brasil se difere dos demais locais em todo o mundo, pois a maior parte dos óbitos é causada por homicídio (83,5%), enquanto a OMS (2005) contabiliza que 51% dos óbitos são por suicídio e se devam a causas externas.

Em referência aos índices por gênero, Reichenheim et al (2011) afirmam que os homens tem dez vezes mais chances de morrer por homicídio do que mulheres. A diferença por faixa etária também é significativa. Além disso, no que concerne ao perfil epidemiológico, determinantes e fatores de risco, as regiões Norte (34,1%), Nordeste (36,8%) e Centro Oeste (29,6%) (pelas fronteiras agrícolas e conflitos pela posse de terra) possuem os maiores índices de mortalidade por homicídios. O sudeste (22,9%) e o sul (18,2%) (regiões mais densamente povoadas e desenvolvidas) apresentam índices menores, embora as cidades de maior porte dessas regiões detenham as maiores taxas, um fator que se deva, talvez, ao rápido processo de urbanização a partir da década de 1990 (Reichenheim et al, 2011).

O relatório de violência e lesões no Brasil mencionado explicita ainda as consequências e os custos dos gastos com esse contexto. A alta taxa de homicídio, além do desgaste emocional e social de grande proporção como ruptura de famílias e amizades com sofrimento e incidência de transtornos psiquiátricos para todos, custou ao país trinta bilhões de dólares. Além desse montante, trinta nove bilhões de dólares foram gastos pelo Sistema

Único de Saúde-SUS com internações hospitalares por agressão, sendo a grande maioria por tentativa de homicídio.

Diante dessa sucinta exposição do contexto brasileiro da violência e na tentativa de contribuir para os trabalhos de prevenção da violência com suas diversas consequências para os indivíduos, interessa destacar a abordagem da OMS (Krug et al, 2002) referente à compreensão da violência, a qual exige, inicialmente, o entendimento da definição das várias formas de violência e também do próprio conceito, a fim de que se alcance e se facilite a mensuração científica do fenômeno, conforme será delineado a seguir.

1.2 Violência: problemáticas conceituais

Colocadas essas primeiras particularidades a respeito da violência em âmbito global, interessa, nesse momento do trabalho, introduzir algumas considerações acerca de como o conceito é abordado pela psicologia social e algumas áreas como, por exemplo, a sociologia. Para esse breve levantamento de concepções, serão abordadas as maneiras pelas quais o fenômeno foi definido para essas abordagens, as perspectivas teóricas tomadas como referência e seus principais autores representantes, pois como afirmam Kruger (2011) e Krug et al (2002), um trabalho científico válido é aquele em que é dado também um destaque à análise conceitual justificada pela crença de que conceitos mal definidos tornam-se empecilhos à obtenção de conhecimento.

Além do fenômeno da violência, nesse bloco será apresentada também a temática da agressão, que mesmo mantendo suas peculiaridades, em algumas circunstâncias e para algumas perspectivas teóricas, aparece como sinônimo de violência. A delimitação desses dois fenômenos se justifica pela necessidade de uma compreensão mais bem explicitada de seus desencadeamentos para os indivíduos, a sociedade e para as agências de assistência

social, psicológica, jurídica, de saúde e educação, órgãos e profissionais que se deparam mais diretamente com as consequências.

Inicialmente, em referência ao conceito de violência, Dadon (1998) apresenta considerações colocando que o fenômeno seria constitutivo do homem, ao contrário, segundo ele, de outras perspectivas com concepções súbitas de violência, que a consideram apenas a partir de aspectos e fatores externos tais como políticos e econômicos. Essa compreensão do fenômeno coloca-o sob uma condição, talvez, secundária, repentina e de fatalidade histórica. Isto é, atribui a existência da violência aos momentos relacionados a um evento ou fato sociais independente da existência de uma origem própria do fenômeno.

O referido autor salienta que a violência tratada dessa forma beira a uma anedota e é desprovida de suas características sinistras e mortíferas, como é o caso de assassinatos em série, estupros, torturas, infanticídios e crimes juvenis dentre tantas outras formas pelas quais o fenômeno se manifesta. Além disso, Dadoun (1998, p. 9-10) afirma que “julgamentos que implicam referências religiosas ou psicológicas” devem ser evitados ainda que os conceitos de “mal, pecado, sofrimento, raiva, irracionalidade e loucura” estejam supostamente relacionados à violência. Mediante essa observação, o autor evidencia a extensão do conceito de violência: ampla e necessariamente associado à realidade humana. Na tentativa de abarcá-lo o autor recorre à etimologia latina, a qual, segundo ele, traz *violência* oriunda do latim *vis*, que significa *violência, força, vigor, potência*, designando mais precisamente o *emprego da força, as vias de fato*, bem como a *força das armas*. Além disso, *vis* é utilizado para demarcar o caráter essencial de violência. Essa descrição é esclarecedora para o autor que considera o fenômeno como a essência do homem.

A perspectiva de Dadoun (1998) inaugura, aqui, a apresentação das diferentes concepções de violência além de novamente salientar as dificuldades para o estabelecimento de um consenso a respeito da definição do termo. Dentre elas, inicialmente citamos Stelko-

Stelko-Pereira e Williams (2010), as quais atribuem às multiplicidades de sentidos que o conceito imprime como o empecilho para tal consenso, embora, por outro lado, isso também permita exprimir e respeitar a complexidade do fenômeno da violência. As referidas autoras explicitam algumas distinções necessárias no que se refere ao conceito de violência. Distinções essas também essenciais para este trabalho que pretende estudar esse fenômeno em âmbito doméstico e escolar, sendo que nesse último em sua forma mais específica de manifestação, a denominada *bullying* em muitos estudos conforme será demonstrado em outra seção (Maldonado & Williams, 2010; Pereira, 2008; Baldry, 2003; Olweus, 1979, 1978).

No entanto, antes de serem mais bem explicitadas as exposições de Stelko-Pereira e Williams (2010) é importante citar outras concepções teóricas sobre a violência como é o caso da escola de Frankfurt, que influenciou parte da psicologia social. Azevedo (1993) denomina a perspectiva dessa escola de Teoria Crítica. Segundo a autora, essa teoria pressupõe que é necessário compreender a violência a partir da distinção, de modo contextualizado, com a agressão, pois a violência é social enquanto a agressão é natural, a primeira está no domínio da cultura, podendo ser controlada pelo poder ou instância política, e a segunda no da natureza.

Azevedo (1993) afirma que o fenômeno da violência requer entendimento pela abordagem de uma teoria crítica da família, da criminalidade e até da sexualidade (gênero), implicando em três níveis de análise: (1) cotidianidade (atividades corriqueiras de indivíduos e sociedade); (2) padrões de relacionamento emocional (família, formação da personalidade e socialização); e (3) relação entre sociedade e família para compreensão e aprofundamento dos níveis anteriores, além do entendimento da família com sua estrutura de desigualdades basais, a idade e o sexo (gênero).

Nesse sentido, segundo a autora citada, é que será possível uma teoria crítica da violência, sobretudo da violência contra crianças e adolescentes, que rompa com um modelo

explicativo (à época de seu trabalho) dominante no cenário mundial. Azevedo (1993) coloca que esse modelo explicativo da violência leva em consideração os macros e microssistemas nos quais estão, respectivamente, as instituições, os fatores sociais e culturais e a família com as relações entre seus membros. De acordo com suas explicações, tal modelo é ancorado na Teoria Sistêmica e ecológica de Bronfenbrenner (1978), que por sua vez concebe vítimas e agressores de violência como personagens dinâmicos num processo em que atuam as forças ambientais e as características de cada um. Isto é, a violência e os maus tratos possuem origem na determinação múltipla de forças atuantes na família, no indivíduo, na comunidade e na cultura em que vive.

Consideradas as características expostas por Azevedo (1993), pode-se observar que estudos acerca de uma teoria crítica da violência, bem como aqueles que desenvolvem estudos e/ou citações em conformidade com essa proposta ainda não apresentam uma definição clara do fenômeno, principalmente pela inserção de outros conceitos (forças atuantes) e modelos conceituais (explicativo e teoria crítica, dentre outros) que também não são esclarecedores e descritos plenamente, na tentativa de definir violência.

Stelko-Pereira e Williams (2010) oferecem outros aportes quanto a essa problemática de definição da violência. Ao se referirem às concepções de violência e agressão para a psicologia social ressaltam que as dificuldades para defini-las também consistem nas múltiplas influências e variações de um sistema organizacional que permeiam um ato violento, pois tais influências produzem comportamentos responsáveis por efeitos positivos e negativos e tais sistemas organizacionais são compostos por profissionais de diferentes áreas que operacionalizam suas ações fundamentadas nesses efeitos.

Lourenço (1998) também discute a dificuldade em definir violência. Para ele, essa dificuldade reside na tentativa de encontrar suas causas. Entretanto, mesmo assim define a violência como sendo a ação intencional de um indivíduo em prejuízo físico ou psicológico de

outro, pois tal conceituação evidencia as situações de interação em que um ou vários sujeitos agem direta ou indiretamente, de forma maciça ou esparsa, lesando em graus variáveis uma ou mais pessoas em sua integridade física ou moral, ou em suas posses e participações simbólicas e culturais.

As discussões de Lourenço (1998) remetem a Galtung (1997) e a Levisky (1997), autores que apresentam definições ou concepções de violência bastante significativas ao presente estudo. Galtung (1997, p. 46) afirma que “a violência está presente quando os seres humanos são persuadidos de tal modo que suas realizações afetivas, somáticas e mentais, ficam abaixo de suas realizações potenciais”. Levisky (1997, p. 47) por sua vez ressalta que “a violência pode ser considerada como forma extremada do uso mental ou físico da agressividade”. Essas colocações inserem outra problemática referente ao impasse conceitual aqui em discussão, independente da área de conhecimento: psicologia social, educação ou sociologia, que é a compreensão de violência e agressividade como sinônimos.

Lourenço (2007, 1998) menciona que a diferença básica entre os termos agressividade e violência consiste no fato de esta última enquanto atitude implicar um ato humano dirigido a outro indivíduo, com todas as particularidades subjetivas de uma conduta social da espécie humana. O autor salienta que nas pesquisas psicossociais costuma-se utilizar os termos citados como sinônimos em razão haver uma tendência no senso comum em confundi-los. Diante disso, considera a agressão como as diversas maneiras de comportamentos, sejam eles ativos ou passivos, motores ou verbais que tenham como objetivo causar dano e prejuízo direta ou indiretamente a alguém.

Ribeiro e Sani (2009), Liu (2004) e Anderson e Bushman (2002). ao fazerem uma análise de revisão do conceito de agressão, mencionam que embora não sejam sinônimos as condutas anti-sociais, delinquentes e criminais, assim como a violência, são os maiores fatores de risco decorrentes de uma situação de agressão experimentada ou testemunhada por um

indivíduo, prejudicando-o em diferentes aspectos de sua vida. Independente do tipo de agressão negativamente vivenciada, os autores ressaltam algumas consequências mais evidentes, tais como: rejeição; lutas corporais; agressão psicológica; traumas emocionais e extorsão financeira. Consideram também que, dentre as múltiplas causas da agressão, a interação de fatores culturais com biológicos aliada à aprendizagem social de condutas agressivas de pessoas próximas, ou exibidas através da mídia, pelas crianças e adolescentes, tendem a ser as principais.

Contudo, Lourenço (2007, 1998) e Kruger (1986) alertam que embora a intencionalidade seja um determinante essencial da atitude violenta/agressiva, fazendo com que haja uma concordância entre os psicólogos sociais relativa aos comportamentos agressivos, tal atitude ainda não é consenso para solucionar a problemática em torno da definição e compreensão desses termos. De acordo com os autores, essa compreensão resulta das várias concepções teóricas clássicas como, por exemplo, a Etologia, a Sóciobiologia e a Psicanálise; a abordagem Culturalista representada por Eric Fromm e da Cognição Social com a Teoria da Aprendizagem Observacional desenvolvida por Bandura, Ross e Ross (1961) e Bandura, Azzi e Polydoro (2008), dentre outras, todas propostas com objetivo de descrever e explicar a origem da violência e da agressão nos seres humanos.

Em alguns manuais de Psicologia Social, como os de Rodrigues, Assmar e Jablonskil (2009), Aronson, Wilson e Akert (2002) e Myers (2000), as referidas teorias clássicas sobre a agressão são evidenciadas em três categorias e/ou abordagens. Nesse sentido, o conceito de agressão pode ser concebido como intrínseco à natureza humana ou como uma resposta natural à frustração, impulso básico propiciado por condições ambientais ou externas. Além da referida concepção, a agressão pode ser explicada ainda através da aprendizagem. Com essa compreensão, entende-se que ela seja o resultado de normas sociais, culturais e de experiências de socialização.

É interessante salientar que essa concepção acerca de uma resposta natural a frustração foi proposta por Dollard, Miller e colaboradores (entre 1939 e 1941) e sugeriu que a violência seja uma resposta natural às situações de frustração. Essa perspectiva foi submetida a diferentes revisões, sendo que a mais conhecida foi realizada por Berkowitz (1969).

Leyens e Yzerbyt (2008) apresentam uma proposta de estudo da agressão interessante ao presente estudo: a agressão interpessoal. Esses autores a abordam a partir da distinção entre agressão hostil interpessoal, que envolve a conduta cujo objetivo é ferir física ou psiquicamente outra pessoa, e a agressão instrumental, a qual possui as mesmas características observáveis, porém sem a finalidade e intenção de causar sofrimento, sendo apenas um modo de direcionamento a motivo.

Inspirados em Berkowitz (1969), os referidos autores apresentam fatores situacionais que propiciam o comportamento agressivo. Esses fatores são ataques a auto-estima, violações de normas ou regras e os fatores ambientais de stress. De acordo com Leyens e Yzerbyt (2008), os denominados ataques aos referidos fatores são provenientes de estímulos desagradáveis de uma determinada situação que foram ou são avaliados a partir da percepção da intenção com que foram ou são empreendidos. Nesse sentido, se uma intenção é confirmada como maliciosa, sua avaliação provocará ativações fisiológicas e emocionais que culminam em raiva, as quais, por sua vez, funcionarão como mediadoras da conduta agressiva.

Essa concepção de agressividade consiste no entendimento de que também outros fatores como a biologia, a personalidade, a situação e a cultura associados possibilitariam uma predisposição para a agressão. Leyens e Yzerbyt (2008), assim como Anderson e Bushman (2002) salientam as algumas estimulações adversas constituintes desses aspectos, tais como: (a) frustração, insulto, competição e sofrimento; (b) violação de regras e (c) fatores climáticos. No que concerne aos destaques da letra a, esses autores marcam novamente a

diferença entre a agressão instrumental e a hostil interpessoal citando o exemplo da competitividade esportiva, que é uma agressão instrumental não desencadeante de frustração ou sofrimento por ser desprovida de intenção maldosa e sem prejuízo.

A violação de regras ou normas citada na letra b, de acordo com os referidos autores, consiste numa situação que pode desencadear condutas e reações agressivas, embora as pessoas tendam evitar tal situação por medo dessas reações. Leyens e Yzerbyt (2008) ilustram essa situação como aquela em que, por exemplo, um deficiente sensorial é rejeitado publicamente, ou aquela quando, numa sala de aula, alguns estudantes não possuem afinidade ou não gostam de outro com orientação homossexual, mas que não criticam ou questionam esse fato diretamente e sim outros como a indumentária que ele utiliza.

Em relação aos fatores climáticos enunciados no item c, por fim, os autores citados afirmam que eles compreendem aqueles fatores desagradáveis no ambiente como barulho perturbador da vizinhança ou do trânsito e o fumo de cigarro para não fumantes, dos quais, muitas vezes, as pessoas nem se conscientizam de que sejam os propiciadores dos comportamentos agressivos sejam eles instrumentais ou hostis.

Diante do exposto, e a partir de um entendimento mais amplo, podem-se verificar, portanto, os grupos significativos de abordagens teóricas que discutem o fenômeno da agressividade humana de maneiras diferenciadas: (a) através de uma compreensão baseada na biologia, o que as denominam abordagem inatista (a agressão é inata à condição humana); (b) por conceberem os processos constituintes da conduta agressiva como determinados pelo ambiente; e (c) aqueles que adotam uma perspectiva que abarque uma interação dos fatores biológicos, pessoais e de personalidade, situacionais e os culturais e ambientais. Este modo de compreensão denominou a perspectiva ambientalista da agressividade. Dentre os principais representantes dessas abordagens estão, respectivamente, o etólogo Konrad Lorenz (1978) e a teoria psicanalítica do instinto/pulsão de Freud; os behavioristas de forma geral e Albert

Bandura com a teoria da aprendizagem social (Stelko-Pereira & Williams, 2010b; Ribeiro & Sani, 2009; Leyens & Yzebeyt, 2008; Anderson e Bushman, 2002 e Sacarrão, 1989).

As características ressaltadas de cada perspectiva teórica possibilitam visualizar a existência de algumas limitações. Dentre elas, salienta-se uma sustentação científica pouco consistente no que se refere ao argumento central das abordagens inatistas, assim como em relação ao problema social desencadeado pela minimização da responsabilidade dos indivíduos mediante comportamentos violentos. Ademais, é possível notar que o processo de complexificação da sociedade ocorre concomitantemente ao avanço e crescimento do fenômeno da violência, explicitando, de modo interessante, que os fatores e aspectos agressivos dos seres humanos são evidenciados pelos valores competitivos da cultura ocidental (Sacarrão, 1989).

Em objeção às concepções inatistas, o autor citado mostra que o que se denominou por “agressividade animal” refere-se a um conjunto de condutas adaptativas observado na complexidade de cada um desses seres. Em relação ao ser humano, menciona que a violência destruidora deve ser analisada a partir da humanidade do homem, a qual abarca a variabilidade individual, a capacidade e necessidade de aprendizagem para estar e viver em sociedade, assim como a inserção em distintos contextos geográficos e culturais.

De acordo com essa concepção, a de análise do fenômeno da violência fundamentada na conduta do homem, na sua variabilidade individual e de sua relação com e em sistemas sociais, interessa destacar a perspectiva da teoria social cognitiva de Albert Bandura para explicação e entendimento dos comportamentos violentos. Essa abordagem denota o que Kruger (2011, p. 174) descreveu como sendo o interesse científico da Psicologia Social Psicológica, isto é, “a cognição, afetividade, motivação, processo decisório, aprendizagem e conduta, que se manifestam em interações sociais, considerando as situações sócio culturais,

historicamente definidas, que compõem o contexto no qual se desenrolam as interações humanas de toda espécie”.

O contexto de pesquisa saliente no âmbito da disciplina da Psicologia Social é o principal norteador da escolha da referida abordagem do fenômeno da violência. Esse contexto envolve análises descritivas e inferenciais de problemas relevantes para a sociedade, com propostas alternativas de enfrentamento desses problemas ou, pelo menos, norteando estratégias de intervenção frente os mesmos, dentre os quais, os mais clássicos, os que aqui estão em estudo: a agressividade e a violência. A Psicologia Social, dessa forma, visa compreender e explicar não somente os processos pelos quais os indivíduos se influenciam mutuamente, como também tentar entender os problemas sociais de modo a propiciar qualidade de vida e construção e aplicação de conhecimento.

Na década de 1950, Albert Bandura dá início aos estudos sobre o comportamento agressivo através de um experimento que realizou com crianças no desenvolvimento do constructo teórico denominado aprendizagem observacional, o qual tem sido aperfeiçoado e enriquecido com o avanço de seu modelo teórico até os dias atuais (Bandura, Azzi & Polydoro, 2008).

O experimento realizado com crianças foi denominado transmissão da agressão através da imitação de modelos agressivos. Bandura, Azzi e Polydoro (2008) e Bandura, Ross e Ross (1961), através desse estudo, mostraram que crianças apenas observando situações interparentais, além de aprender por imitação os modelos de padrões cognitivos e de condutas e eventos conflituosos, podem reproduzi-los com seus pares, professores e com as demais figuras dos contextos familiar, escolar e social, com a assimilação conclusiva de que a agressão e/ou violência é uma maneira adequada de resolução de conflitos e até de relacionamentos.

De acordo com Senra, Pereira e Lourenço (2011), Bandura, Azzi e Polydoro (2008), e Bandura, Ross e Ross (1961), crianças e adolescentes podem aprender por imitação e observação de modelos cognitivos e de condutas parentais (ou não), através da imitação da agressão física e verbal pela simples repetição dos mesmos atos observados. Ao compararem grupos expostos à agressividade, a não agressividade e ao controle, os escores de imitação da agressão física e verbal eram maiores para os grupos diretamente expostos aos modelos agressivos do que para aqueles que não presenciaram um modelo agressivo, sendo ainda maiores os escores relacionados aos modelos masculinos de agressividade. Isto é, os meninos tendem a reproduzir mais facilmente um modelo de agressividade física, enquanto as meninas repetem mais facilmente um modelo de agressividade verbal, o que não é muito comum entre os meninos.

A breve descrição dos estudos de Bandura et al (2008, 1961) evidencia os fundamentos teóricos da abordagem da aprendizagem observacional, os quais residem na importância dos mesmos não somente para compreensão, descrição e explicação de comportamentos agressivos, bem como na promoção de modificações nos fatores que exercem influência sobre os mesmos. Isso denota ainda que o autor salienta os determinantes modificáveis da conduta humana: cognição, comportamento e ambiente; e o processo de modelação significativo da aquisição de novas condutas e na efetivação de mudanças pessoais.

É interessante ressaltar que a concepção de natureza humana dessa perspectiva consiste no comportamento resultante de uma complexa interação entre aspectos comportamentais, ambientais e cognitivos responsáveis pela produção de efeitos prováveis, e não inevitáveis; o que faz objeção tanto ao determinismo ambiental do behaviorismo radical, quanto à determinação pessoal de ambientes, às teorias humanistas e existencialistas. Com esse entendimento, Bandura et al (2008) mencionam que: (1) é sobretudo pelas ações que os

indivíduos produzem condições ambientais que afetam seu comportamento de maneira recíproca; e (2) o comportamento desencadeia experiências que, pelo menos em parte, determinam o que as pessoas pensam, esperam e conseguem fazer, o que por seu curso afeta seu comportamento seguinte ou subsequente.

Em síntese, a teoria de Bandura et al (2008, 1961) destaca a implicação das avaliações e interpretações que os indivíduos efetuam em relação aos eventos. Essas avaliações e interpretações são verificadas principalmente através da constatação de que em uma conduta coercitiva exercida num dado meio, como, por exemplo, a família, é propiciadora de reações agressivas em outros indivíduos também membros dessa família de tal maneira que a agressividade será concebida como um instrumento e/ou alternativa para aquisição de algo ou o resultado almejado.

Diante das concepções explicitadas acerca da violência/agressividade é interessante observar, mesmo com as divergências a respeito da compreensão desses conceitos quanto à origem que possuem e se são sinônimos ou não, que todas se aproximam, e até certo ponto se convergem, no entendimento do ato violento/agressivo como aquele caracterizado pela intenção de causar dano e prejuízo a uma pessoa, grupo ou comunidade, nos diversos âmbitos da vida como a saúde, educação, convivência social e interpessoal, conforme é apontado pela Organização Mundial da Saúde na abertura da primeira seção desse estudo.

Nesse sentido, considerando principalmente os atos prejudiciais em detrimento dos indivíduos em contexto de parceria íntima e familiar (intrafamiliar ou doméstico), como, por exemplo, abuso sexual, negligência e maus tratos, outra temática também de significativa importância para o presente estudo, é a que trata da compreensão e descrição de uma das modalidades de manifestação do fenômeno da violência que ocorre no contexto interpessoal: a violência doméstica.

1.3 Violência Doméstica ou Violência Intrafamiliar

O estudo da violência doméstica cometida por membros constituintes de uma família ganhou destaque no meio acadêmico há cerca de três décadas devido às repercussões e prejuízos desencadeados às vítimas. Lourenço, Cruvinel, Almeida e Gebara (2010), Gebara (2009) e Krug et al (2002) mencionam que mesmo havendo déficit de dados relativos a esse problema, alguns estudos atribuem às modalidades de violência que acontecem em ambiente familiar como possíveis responsáveis pela maioria dos atos violentos que configuram os índices de morbi-mortalidade.

Reichenheim et al (2011), no relatório sobre violência e lesões no Brasil, corroboram os estudos citados ao afirmarem que há carência de dados pertinentes às situações de violência doméstica-VD no Brasil e que isso, conseqüentemente, contribui significativamente para o aumento das taxas de morbidade relacionada à violência. Esses autores apontam que a VD é um grave problema de saúde pública também em âmbito nacional, acometendo crianças, adolescentes e idosos com situações de violência física e psicológica.

O fenômeno da violência doméstica-VD e/ou intrafamiliar, exige dedicação à sua definição tanto quanto a violência de modo geral para as temáticas de intervenção em torno dessa subcategoria de violência. Dessa maneira, vale destacar que a definição de VD consiste em “todo ato ou omissão cometido por um membro da família em uma posição de poder, independentemente de onde ocorra, que prejudique o bem-estar físico ou a integridade psicológica, ou a liberdade e o direito ao desenvolvimento integral de outro membro da família” (Shrader & Sagot, 2000, p.10).

Senra, Almeida e Lourenço (2011) ressaltam que essa definição evidencia a necessidade do tema ser estudado de distintas maneiras, seja com foco social, da saúde e/ou da educação, e até através de interrelação desses seguimentos acadêmicos. No entanto, mesmo existindo várias definições e compreensões do fenômeno de violência, com suas conseqüentes

divergências conforme já foi colocado, é sabido que todas as implicações de um ato de violência colocam os seres humanos em condições de vítimas, autores e/ou testemunha de tal ato.

Com base na descrição de violência interpessoal que ocorre na família apresentada pela OMS (Krug et al, 2002), o Ministério da Saúde brasileiro (2001) define violência doméstica como aquela que se dá entre pessoas com vinculação afetiva, de convivência ou consanguinidade, podendo envolver também outros membros que convivam no espaço doméstico sem função parental (tais como agregados e empregados domésticos). Vale ressaltar que nesse conceito o emprego do termo “doméstico” não delimita o espaço físico em que o ato ou conduta ocorrem, e sim as relações existentes entre agressores e vítimas. Por esse motivo, talvez, tal instituição apresente uma definição específica para violência familiar, referindo-se somente aos membros da família.

Em perspectiva semelhante ao Ministério da Saúde (2001), Schrader e Sagot (2000) também fizeram uso da expressão violência familiar, a qual os autores descrevem como *“todo ato ou omissão cometido por um membro da família em uma posição de poder, independentemente de onde ocorra, que prejudique o bem-estar físico ou a integridade psicológica, ou a liberdade e o direito ao desenvolvimento integral de outro membro da família”* (p.10). O uso da terminologia violência familiar em detrimento de violência doméstica é justificado em razão de esta última dar margem para o entendimento de que a violência tenha que ocorrer em um determinado local, no caso em questão, o ambiente doméstico.

Em conformidade com o que foi salientado, mesmo o termo doméstico referindo-se ao contexto das relações familiares e, por isso, envolver quaisquer integrantes da família (crianças, adolescentes, mulheres, homens e idosos), a expressão violência doméstica tem sido utilizada para referir-se especificamente à violência exercida pelo homem contra a mulher. O

uso do conceito assim delineado é verificado mais comumente em publicações originárias dos Estados Unidos, enquanto no Brasil, de acordo com Stelko-Pereira e Williams (2010), a violência doméstica abrange atos violentos, maus tratos e negligência direcionados às crianças e adolescentes.

Dessa maneira, verificam-se algumas divergências conceituais relativas à violência doméstica assim como foi observado em relação ao conceito violência, pois se de um lado autores discorrem sobre o tema da violência que ocorre no ambiente familiar adotam definições e objetos de estudos na violência que o homem comete contra a mulher; de outro, abordam a violência dirigida às crianças direta e indiretamente (presenciando a violência entre os pais/genitores apenas), bem como os prejuízos desencadeados. Além desses dois grupos de autores, a literatura permite identificar aquelas que compreendem o fenômeno da violência doméstica (Franco, López-Cepero & Díaz, 2009).

Tolam, Smith e Henry (2006) apresentaram um estudo de revisão sobre a violência doméstica em que destacaram três modalidades gerais de acordo com os termos mais utilizados: violência doméstica (referindo-se geralmente a violência entre parceiros íntimos), abuso infantil e de idosos. Segundo os autores, a magnitude das condutas que podem ser entendidas como violentas no âmbito das relações familiares (nas diferentes tipologias, da física à negligência), a sua aceitação ou tolerância nas culturas e as questões a respeito do gênero constituem alguns dos mais importantes fatores a serem considerados sobre a temática da violência doméstica e que envolvem controvérsias devido à ausência de consenso das definições.

Contudo, mesmo não sendo o foco do presente estudo, é interessante ressaltar, talvez pela abrangência mundial do fenômeno da violência e da violência doméstica, que algumas pesquisas tratam da violência com enfoque no gênero, principalmente aquelas que tem como população alvo a mulher vítima da violência. Considerando isso, a violência de gênero é uma

expressão presente na temática da violência nas relações interpessoais, e que dever trazer clarificado o termo gênero, ou seja, o conjunto de papéis, comportamentos e atributos socialmente construídos e aceitos como apropriados para homens e mulheres, os quais, em situação de desigualdade de poder, a partir desses papéis, estariam sujeitos aos atos violentos (mais comumente observado atos violentos de homens contra mulheres) (Schraiber, D'Oliveira & Couto, 2006; Garcia-Moreno, 2005).

Pereira e Williams (2010) relatam que é frequente na literatura a classificação da violência conforme contexto em que ela se manifesta (auto infligida ou contra si próprio, no ambiente coletivo e das relações interpessoais), mas, sobretudo, em relação aos indivíduos que a sofrem ou a um grupo específico de pessoas como, por exemplo, mulheres, crianças ou idosos, com seus respectivos desdobramentos. Isto é, conforme quem é denominado vítima e quais as consequências das situações de violência.

Nesse sentido, outra modalidade de violência que tem se tornado saliente também no contexto doméstico e/ou familiar, com prejuízos diretos e indiretos aos membros desse contexto, é a violência praticada entre parceiros íntimos ou a violência conjugal, conforme é apontado em alguns estudos. A OMS conceitua essa modalidade como "qualquer comportamento que cause dano físico, psicológico ou sexual àqueles que fazem parte da relação" (Krug et al, 2002, p.91). A conduta violenta na relação de parceria íntima (parceiros com orientação hetero ou homossexual), qual a mulher também pode ser violenta envolve: (a) agressões físicas como tapas, socos e chutes; (b) abuso psicológico caracterizado por intimidação, constante desvalorização e humilhação; (c) relações sexuais forçadas e outras formas de coação sexual; e (d) vários comportamentos controladores que incluem isolar uma pessoa de sua família e amigos, monitoramento de seus movimentos e restrição do acesso às informações ou à assistência.

Johnson (2009), Schraiber et al, 2007, Tolan et al, 2006 e Krug et al (2002) afirmam principalmente, dentre outras observações, que a violência que acontece entre parceiros íntimos envolve eventos distintos, com diferentes causas, efeitos e trajetórias no desenvolvimento, bem como diversas implicações para o relacionamento do casal. Partindo-se dessa compreensão, salientam-se dois padrões de manifestação importantes na violência conjugal: (1) as situações de violência podem aparecer ocasionalmente, num contexto de conflito, quando um dos parceiros perde o controle e acaba recorrendo ao comportamento violento; ou (2) em situações mais crônicas ou cristalizadas, que envolvem o progressivo controle e poder de um parceiro sobre o outro. A violência ocasional, que aconteceria em decorrência de divergências entre os parceiros, seria mais frequente que aquela que ocorre num cenário de dominação.

Mediante as considerações acerca do que ocorre na violência da parceria íntima alguns estudos evidenciam alguns fatores de risco que valem atenção. Reichenheim, Dias & Moraes (2006a) em amostra de usuários de serviços públicos de saúde no Rio de Janeiro apontou que a associação de fatores tais como idade da mulher (menor ou igual a 25 anos), homem com escolaridade inferior a 8 anos, presença de crianças menores de 5 anos no domicílio e abuso de álcool e drogas ilícitas pelo companheiro aumentam consideravelmente o risco de ocorrência da violência física entre parceiros e entre pais e filhos.

D'Oliveira et al (2009) ao investigarem fatores relacionados a essa especificidade de violência, apontaram para a importância das questões sócio-culturais, que revelam diferenças locais nas manifestações desse tipo de violência. Comparando duas regiões distintas do país (São Paulo e Zona da Mata de Pernambuco), os autores identificaram fatores de risco específico para cada uma dessas localidades. Entretanto, quatro deles foram observados nos dois locais pesquisados: (a) história de agressão da mãe por parceiro; (b) abuso sexual na infância da entrevistada; (c) cinco ou mais gestações e (d) problemas com consumo de álcool

e outras drogas. Esses autores destacaram que as características familiares e de gênero parecem mediar as associações das características sócio-demográficas (idade, escolaridade e cor da pele) com os eventos de violência entre o casal.

Dessa forma, a violência que ocorre no ambiente doméstico/familiar seja entre parceiros íntimos e contra crianças, adolescentes e idosos, tem sido significativamente destacada no cenário da saúde pública brasileira. Reichenheim et al (2011) mostram que no Brasil a VD é um grave problema de saúde pública devido aos altos índices de maus tratos infantis e em relação às crianças e aos adolescentes, sobretudo os abusos físicos e a negligência. Os números revelam que a prevalência do período médio encontrada nos últimos quinze anos quanto ao abuso físico foi de 15,7% mesmo se comparada à de países como Índia (36%), Egito (26%) e Filipinas (37%), pois em países da América como Chile e EUA, as prevalências no mesmo período foram, respectivamente 4% e 4,9%.

Como já foi observado anteriormente, a mulher é uma das principais vítimas de violência doméstica. Reichenheim et al (2011) mencionam que uma mulher é morta a cada duas horas em decorrência de violência ocorrida em ambiente doméstico, dado que coloca o Brasil em 12º lugar no ranking mundial de homicídio contra a mulher. Os autores relatam que em um estudo realizado para estimar a maneira como os casais resolvem conflitos, a prevalência de agressão psicológica foi de 78,3% e para os denominados abusos físicos menores e graves os índices foram, respectivamente, de 21,5% e 12,9%.

Além disso, o referido estudo revela também que em relação, especificamente, à violência cometida contra mulheres por seus parceiros, o percentual de agressões psicológicas foi de 67,5% e de 7,1% para abuso físico grave; e que a prevalência, em doze meses de qualquer tipo de abuso físico, foi de 14,3%. Esses números, vale ressaltar, foram superiores às médias estimadas na América do Norte (2%) e moderadamente superior às da Europa (8%) e às da África Subsaariana (9%). No entanto, foi próxima da prevalência identificada na Ásia e

Oceania (12%) e abaixo dos números levantados na África do Norte e Oriente Médio (33%). De maneira geral, a prevalência foi também mais baixa que a média de 21% na América Latina, mas próxima das taxas no México (15%) e no Uruguai (10%).

O relatório violência e lesões no Brasil feito por Reichenheim et al (2011) mostrou ainda, que as estimativas brasileiras para a violência entre parceiros íntimos também foram superiores e que propiciam graves prejuízos à saúde da mulher e das crianças e adolescentes que vivem nesse contexto. Essas consequências vão de arranhões ao óbito expressos pelas diferentes manifestações da violência conforme já foi citado, demandando alternativas dos serviços de saúde.

Diante desse contexto, interessa nesse momento explicitar os principais aspectos correlativos às características e aos efeitos e/ou prejuízos da violência doméstica e/ou intrafamiliar para a saúde pública e educação, assim como para as demais vítimas desse contexto: crianças e adolescentes.

1.3.1 Violência Doméstica, Saúde Pública e Educação

Gebara, Lourenço e Ronzani (2011) e Brasil (2005) destacam que embora a violência não seja, em si, uma questão de saúde pública nem um problema médico típico, ela afeta intensamente a saúde individual e coletiva em decorrência de mortes, lesões e traumas físicos; agravos psicológicos, emocionais e espirituais; e da redução da qualidade de vida das pessoas e comunidades, o que vai exigir uma readaptação da tradicional organização dos serviços de saúde e o acréscimo de novos problemas para o atendimento médico preventivo ou curativo. Ademais, exigirá a evidência da necessidade de uma atuação muito mais específica, intersetorial, interdisciplinar e multiprofissional aplicada do setor com objetivo de dar assistência às necessidades do cidadão.

Gebara, Lourenço e Ronzani (2011) colocam que a violência e a violência doméstica se tornaram um problema de saúde pública de âmbito mundial pelo número de vítimas e pela abrangência das sequelas emocionais e orgânicas, ao lado das enfermidades crônicas e degenerativas. Nesse sentido, para o entendimento do impacto sobre a saúde, é preciso localizar a discussão acerca da violência no conjunto dos problemas que a relacionam à saúde, condições, situações e estilos de vida.

A Organização Mundial da Saúde (2005; Krug et al, 2002) destaca que todos os anos, mais de um milhão de pessoas perdem suas vidas e outras sofrem por lesões não fatais causadas pela violência. Atualmente, no Brasil, por exemplo, Reichenheim et al (2011), dois terços dos óbitos por causas externas no país se devem a situações de violência coletiva ou doméstica, sendo que as principais vítimas são mulheres (conforme já explicitado), crianças e adolescentes.

No caso da vitimização de crianças e adolescentes, Lourenço, Salgado, Amaral, Gomes e Senra (2011) evidenciaram que aqueles expostos à violência doméstica e/ou interparental, pela simples presença no contexto de conflitos, apresentam sérios problemas sociais e de saúde física e mental. Dentre eles: traumas no aparelho músculo esquelético; sintomas depressivos; baixa estima por si mesmos; transtorno de stress pós-traumático; problemas de ajustamento e conduta; agressividade; e, problemas no desempenho acadêmico e escolar, e até conduta aditiva (consumo precoce de álcool e drogas ilícitas e uso de tabaco). Vale ressaltar que os efeitos dos traumas físicos citados tendem a deixar marcas visíveis na pele e no sistema musculoesquelético. De uma maneira menos tangível, esses estudos mostraram associações entre abuso infantil e transtornos psiquiátricos em geral, tais como o uso de drogas, depressão, transtornos de conduta e comportamento transgressor na idade adulta.

A respeito dessa temática, Pereira (2008, 2006) coloca que a crescente agressividade no contexto familiar, propiciadora de todos esses prejuízos citados, deve ser observada também no que concerne às transformações sócio-econômicas dos centros urbanos, que aglomera um grande número de pessoas vindas dos meios rurais. A autora observa que essas transformações culturais e de moradia contribuem para a exposição da família às condições cotidianas precárias e de violência mais comuns nas regiões metropolitanas. Em relação à agressividade no contexto doméstico, salienta que as práticas educativas permissivas (aquela em que os pais fazem tudo para a criança sem a exigência de algum esforço) e autoritárias (práticas austeras e exigentes) estão entre os fatores que o compõem.

Lourenço et al (2011), Senra, Almeida, Koga, Basílio, Gomes, Salgado, Bhone, Andrade, Hashimoto, Lourenço e Baptista (2011) e Gebara, Cezário, Ronzani e Lourenço (2010) mencionam que crianças e adolescentes expostos a violência doméstica estão mais sujeitos às consequências emocionais e sociais negativas, pois as experiências de conflitos e agressões duradouros no ambiente familiar são preditores de comportamentos agressivos que podem ocorrer até a idade adulta, e de todos os demais problemas psicológicos já relatados. Esses autores observam ainda que quanto mais crianças e adolescentes estiverem testemunhando ou expostos à violência doméstica e/ou interparental, mais evidenciados serão os problemas.

Contudo, os referidos autores assim como Sani (2008) salientam que crianças e adolescentes que assistem violência doméstica e/ou interparental ainda são vítimas relativamente esquecidas, pois carecem de proteção oficial e dos possíveis benefícios de uma intervenção psicológica mais sistemática. Senra et al (2011) e Sani (2008) sobre este aspecto apontam a pertinência de algumas diretrizes para a atuação profissional daquele que se depara com o cenário da exposição de crianças à situações de violência, como, por exemplo, possuir treino para avaliação e identificação de casos, providenciar assistência e proteção no âmbito

do sistema judicial, adaptação de práticas condizentes com as necessidades do desenvolvimento infantil e colaboração com outros organismos e instituições envolvidos com a assistência à criança em situação de risco.

Além disso, tais autoras sugerem que os profissionais de educação também devam atuar nessa perspectiva, pois tal exposição deixa as crianças e adolescentes em condições vulneráveis, trazendo riscos à saúde e consequências prejudiciais para o desempenho escolar, como, por exemplo, dificuldades de aprendizagem e nos relacionamentos com colegas. Situação esta em que elas tendem a repetir e/ou reproduzir circunstâncias de violência e agressividade com seus pares tanto no interior quanto exterior ao contexto escolar e educacional (Bandura, Azzi & Polydoro, 2008; Bandura; Ross & Ross 1961).

Lourenço, Salgado, Pereira e Barbosa (2011), Pereira (2008) e Fernández (2005) destacam que a possibilidade de atuação dos profissionais de Educação frente ao contexto de violência seria na proposição de alternativas de melhoria da gestão educacional para identificação desse contexto que, na grande maioria das vezes, reflete no ambiente da escola pela manifestação de novas formas de violência nos relacionamentos interpessoais e em todo o âmbito escolar. Dentre as estratégias de atuação dos educadores, os autores colocam a sensibilização para a relação escola-família, o enriquecimento de atividades lúdicas e de educação física, adoção de regras de convivência e menos punitivas, monitoramento dos recreios e, sobretudo, revisão dos projetos pedagógicos para capacitação de todo o corpo educacional.

Diante dessas informações é interessante citar as características da natureza de cada ato de violência domésticas e/ou interparental às quais crianças e adolescentes estão submetidas com tantos prejuízos pessoais, desenvolvimentais, psíquicos e sociais e que demandam atenção de profissionais de diferentes áreas de atuação.

1.3.2 Características, vitimização e consequências da violência doméstica

Diante da exposição de algumas considerações a respeito do impacto da violência doméstica para a saúde e para a educação, Senra, Lourenço, Almeida, Brum, Basílio, Gebara, Cesário, e Ronzani, (2011) e Brasil (2005) apontam a necessidade de se compreender as tipologias de violência doméstica cometidas contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos, as principais vítimas, bem como as principais consequências desencadeadas. Essas tipologias que ocorrem no ambiente das relações familiares são evidenciadas de formas distintas, sendo as suas formas física, sexual e psicológica as mais frequentes e integrantes de episódios sequenciais que podem culminar na manifestação mais extremada de violência: o homicídio.

Em conformidade com os conceitos de violência e agressão, os atos e condutas violentas e agressivas são intencionais, com vistas a causar dano a alguém em relação desigual de poder. Na forma física compreendem tapas, empurrões, chutes, bofetadas, tentativa de asfixia, ameaça com arma ou arma branca, tentativas de homicídios, puxões de cabelo, beliscões, mordidas, cortes e queimaduras. As consequências da violência física podem ser imediatas, ou seja, aquelas visivelmente identificadas, de médio e longo prazos e as mais comuns são: traumatismos cranianos, luxações, fraturas, lesões de pele como escoriações, hematomas, distúrbios psicossomáticos gastrointestinais crônicos e remitentes, repercussões psicoemocionais, ansiedade, depressão, dificuldade de relacionamento e comportamento manifestada por agressividade, timidez, isolamento social progressivo, distúrbios do sono e do apetite (Brum, 2011; Brasil, 2006, 2005).

Brum (2011), Brasil (2006) e Krug et al (2002) destacam que a violência sexual também é constituída por atos e condutas intencionais que objetivam o prejuízo de um indivíduo sem condições de se defender. As mais comuns são expressões verbais ou corporais que não são do agrado da pessoa, toques e carícias não desejados, exibicionismo e voyerismo,

prostituição forçada e participação forçada em pornografia. Nesse sentido, envolve principalmente os abusos sexuais, em relação aos quais se deve destacar que a maioria ocorre sem que haja quaisquer sinais físicos de fácil identificação, ainda que tragam consequências alguns sinais físicos locais imediatos como as lesões himenais, escoriações, hematomas locais e laceração de períneo que podem levar à consequências não fatais e fatais. Dentre as consequências não fatais, salientam-se aquelas prejudiciais à (a) saúde física, que são: doenças sexualmente transmissíveis, lesões, doença pélvica inflamatória, gravidez indesejada, aborto espontâneo, dor pélvica crônica, problemas ginecológicos, abuso de álcool e outras drogas e enxaquecas ou cefaleias; e (b) à saúde mental: depressão, ansiedade e disfunção sexual. As consequências fatais são o homicídio e o suicídio.

No que se refere violência psicológica, ela consiste nas condutas de agressão verbal ou ações de omissão que causem dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento de um indivíduo. As mais comuns são a humilhação, a chantagem, os insultos, o isolamento de amigos e/ou familiares, a desvalorização e a ridicularização, a manipulação afetiva, a exploração, as ameaças, a privação arbitrária da liberdade (impedimento de trabalhar, estudar, cuidar da aparência pessoal, gerenciar o próprio dinheiro, brincar, etc.) e danos psicológicos decorrentes da negligência (Brum, 2011).

Outras duas modalidades de violência que merecem atenção são a negligência e o abandono. As principais vítimas dessas formas de violência típicas do ambiente doméstico são as crianças, os adolescentes e os idosos. Essas modalidades compreendem, respectivamente, a omissão do atendimento das necessidades básicas e da responsabilidade em relação ao outro, sobretudo aqueles que necessitam de ajuda devido a alguma condição física, permanente ou temporária. O abandono se manifesta pela ausência ou deserção dos responsáveis governamentais, institucionais ou familiares de prestarem socorro a um indivíduo que necessite de proteção (Brasil, 2006).

Diante do que foi exposto, de acordo com Gebara, Lourenço e Ronzani (2011) vale ressaltar novamente que as referidas características da natureza de cada ato ou conduta violenta constituem a tipologia de violência denominada interpessoal, a qual abrange os ambientes familiares e comunitários e que repercute na vida de indivíduos e grupos com distintas faixa etária, origem étnica, cultura, condições socioeconômicas em várias partes do mundo.

Dessa forma, interessa nesse momento do presente estudo, destacar as já citadas tipologias e características da violência que acontecem também no ambiente escolar e que igualmente prejudica crianças e adolescentes, além dos demais personagens que compõem a escola.

1.4 **Violência Escolar**

Pereira, Silva e Nunes (2009) em estudos relativos ao *bullying* em escolas portuguesas afirmam que a violência a que crianças e jovens estão sujeitos na sociedade, e em particular na escola, não pode ser descontextualizada da violência percebida no meio familiar e social, pois são nesses ambientes em que ocorre a socialização desde muito cedo com suas relações interpessoais em creches, escolas, nas brincadeiras e nos contatos informais com outras pessoas e fatos. As autoras apontam que esse processo acontece na convivência direta com a família, escola, grupo de pares e em outras instâncias.

Além disso, Pereira, Silva e Nunes (2009) mencionam que essa ação socializadora realiza-se de modo indireto por meio da mediação simbólica de agentes de diferentes instituições que disseminam valores, normas e modelos culturais. Nesse sentido, a família e as instituições devem estar atentas à qualidade de relações que crianças e adolescentes estabelecem entre si, as quais podem ser potencializadoras de competências e habilidades

sociais positivas ou agregadoras de condutas inadequadas e destrutivas como, por exemplo, comportamentos violentos e indisciplinados.

Compreendida a partir de determinado contexto, a violência na escola é um problema que atinge crianças, professores, gestores escolares, inspetores de alunos, os pais, os políticos, aqueles responsáveis pela educação e a comunidade em geral. É um fenômeno que tem sido alvo de atenção dos meios de comunicação e, portanto, dando mais visibilidade ao problema seja de maneira informativa ou apenas chamando a atenção para episódios isolados sem o devido enquadramento e compreensão (Pereira & Costa, 2010).

Pinheiro e Williams (2009), Antunes e Zuin (2008) e Pereira (2006) apresentam estudos relativos à violência e agressão entre pares (*bullying*) que ocorre no ambiente escolar. De acordo com esses autores, ela envolve indisciplina, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo danos ao patrimônio e, sobretudo, conflitos interpessoais, os quais tem sido objeto de importantes estudos nos Estados Unidos, Europa, Japão e Brasil.

Contudo, Stelko-Pereira e Williams (2010a) ao apresentarem um trabalho de reflexão acerca das situações de violência escolar, demonstram que, assim como os conceitos de violência e violência doméstica não possuem uma definição única e consensual, a modalidade que acontece em ambiente educacional também não apresenta um conceito claro. As autoras atribuem essa falta de clareza aos diversos fatores históricos, socioeconômicos e culturais, mas, ainda sim, defendem uma necessária e sistemática definição e compreensão do fenômeno da violência em ambiente escolar, que tem se acentuado no contexto brasileiro, assombrando todos os gestores e envolvidos no processo educacional de crianças e jovens.

De acordo com os referidos autores, há uma problemática em torno da definição do fenômeno que acomete a escola e que antecede a caracterização dos atos e condutas que o constitui. Essa problemática se deve também, pode-se inferir, às dificuldades de se compreender e conceituar um fenômeno, sobretudo o fenômeno da violência de maneira geral

como bem destacaram Krüger (2011, 1986), Lourenço et al (2010), Stelko-Pereira (2010b), Lourenço (1998).

Nesse sentido, Pinheiro e Williams (2009), Martins (2009), Antunes e Zuin (2008) e Pereira (2006) destacam que tem havido uma tendência dos estudos e pesquisas nos últimos trinta anos de priorizar a violência que ocorre no âmbito educacional, mas especificamente entre pares. Essa modalidade de violência escolar em tais estudos é denominada *bullying*, ou seja, “agressividade entre pares de forma continuada e intencional (...) usualmente maldosa e persistente podendo durar semanas, meses ou anos e as vítimas estão normalmente em situação em que é difícil defenderem-se” (Pereira, 2006, p. 45).

Skrzypiec, Slee, Murray-Harvery e Pereira (2011), Pinheiro e Williams (2009) e Pereira (2008) ressaltam o *bullying* como uma das formas de violência escolar por envolver conflitos interpessoais entre colegas de maneira que um ou mais alunos intimidam e agridem física e/ou psicologicamente outros, repetidamente e por um determinado período de tempo. Esses atos de intimidação e agressão do *bullying* são identificados pela intencionalidade das ações de magoar e ferir outra pessoa que seja vítima e alvo de comportamento e ato agressivos, como, por exemplo, bater, empurrar, tirar dinheiro, chantagear e ameaçar, atribuir apelidos pejorativos, humilhar, chamar nomes (xingamentos), excluir, rejeitar e ignorar o colega, etc. Nas palavras de Pereira (2008, p. 18), “é a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o ‘*bullying*’ de outras situações ou comportamentos agressivos”.

Nesse sentido, a fim de que possamos compreender o fenômeno da intimidação agressiva entre pares (*bullying*), é importante clarificar alguns conceitos relacionados. Maldonado e Williams (2010); Dias, Padovani e Williams (2010); Martins (2009) e Olweus (1980), ao estudarem as situações de conflito e as condutas de agressão no ambiente escolar, ressaltam a necessidade dessa compreensão principalmente em relação às condutas

antissociais e agressivas, a indisciplina, a delinquência juvenil e o distúrbio de conduta e, finalmente o *bullying*.

1.4.1 Conceitos Relacionados:

Condutas antissociais e agressivas

No que concerne às condutas antissociais e agressivas, Dias, Padovani e Williams (2010) destacam que a violência reativa identificada em tais comportamentos pode ser decorrente de alguns fatores de risco como: (a) histórico familiar de criminalidade e de violência doméstica; (b) alta incidência de conflitos entre pais e adolescentes; (c) vivência em comunidade violenta; (d) associação a grupos antissociais; e (e) distanciamento de pares pró-sociais, evasão e fracasso escolar.

Martins (2009) ao apresentar suas considerações a respeito das condutas antissociais e agressivas, as conceitua como comportamentos que causam danos físicos ou psicológicos da parte de um indivíduo em relação a outro, e/ou a perda ou dano de propriedade que podem culminar ou não em uma infração da legislação vigente. Nesses atos o papel da intenção subjacente ao comportamento e dano causado é um aspecto fundamental para o entendimento dos conceitos desses tipos de condutas.

A referida autora evidencia que em tais condutas podem existir graduações dos atos de agressão, as quais são classificadas em maior ou menor, de acordo com a gravidade das consequências dos comportamentos antissociais. Além dessas classificações, podem ser identificadas duas outras subtipologias, a violências instrumental e a reativa. Martins (2009) descreve essas modalidades como aquelas desencadeadas, respectivamente, pela ação ou conduta decorrente da expectativa de obtenção de algum resultado esperado, portanto, tem origens emocionais diferentes com a finalidade de alcançar satisfação. A violência reativa compreende eventos de cunho emocional, ou seja, uma forte explosão emocional ocasionada

por frustração e raiva, que incapacita o indivíduo para a resolução ou enfrentamento do evento social de maneira habilidosa.

Indisciplina

Em relação à indisciplina, Martins (2009) propõe que ela seja considerada em três níveis. O primeiro nível consiste nos desvios de regras acadêmicas, ao qual é imputado o caráter disruptivo devido à perturbação que causam ao bom andamento e funcionamento da sala de aula. Em outras palavras, a indisciplina pode ser concebida nesse âmbito como as condutas de ruído em sala de aula nos momentos de explicação do professor e aquelas de exercício de atividades paralelas não concernentes ao contexto de tarefas da sala de aula.

Os segundo e terceiro níveis envolvem conflitos entre pares e entre aluno e professor. Esses conflitos são caracterizados por extorsão de materiais acadêmicos ou dinheiro de colegas; intimidações físicas, sexuais e verbais; roubo e vandalismo que constituem a infração de leis; desautorização do professor e demais funcionários escolares através de comportamentos como insultos, obscenidades, e contestação; e, danos ao patrimônio da escola (Martins, 2009; Fernández, 2005).

Os estudos sobre indisciplina e adolescentes infratores realizados por Dias, Padovani e Williams (2010), revelam que no contexto brasileiro as escolas se encontram em situação de despreparo para o enfrentamento dessas condições, pois não possuem uma proposta pedagógica capaz de assegurar recursos e serviços educacionais específicos para a intervenção nessas situações. Nesse sentido, Lourenço, Pereira, Paiva e Gebara (2009), salientam a importância de uma rotina dos programas de gestão escolar que tenham por objetivo a identificação da indisciplina na escola no sentido de fazer cumprir e respeitar os direitos e deveres da cidadania, contribuindo para o fortalecimento de fundamentos da sociedade que se quer democrática, justa e solidária.

Delinquência juvenil e distúrbio de conduta

De acordo com Dias, Padovani e Williams (2010) e Martins (2009) a delinquência juvenil possui uma conotação jurídica por consistir em atos praticados por um indivíduo com idade inferior à de responsabilidade penal. Martins (2009) salienta que essa designação, ainda que se relacione com as condutas antissociais, difere-se exatamente pelo teor de infração de leis dos comportamentos. Dentre tais comportamentos, os autores citados identificam a violação persistente de normas e regras sociais, uso precoce de álcool, tabaco e demais substâncias psicoativas, histórico de condutas antissociais, rejeição por parte de professores e pares, envolvimento com indivíduos desviantes, baixo rendimento acadêmico, reincidência dos atos infracionais e institucionalização.

O distúrbio ou transtorno de conduta de acordo com Martins (2009) e Cruzeiro, Silva, Horta, Souza, Faria, Pinheiro, Silveira e Ferreira (2008) é mais aplicado aos indivíduos do que aos seus comportamentos. Consiste em problemas que ocorrem a crianças e adolescentes num determinado período de tempo, com certa frequência (são repetitivos) durante um período de aproximadamente seis meses e presente em vários contextos da vida dessas crianças e adolescentes, como a escola, a família e a comunidade.

Cruzeiro et al (2008) enumeram alguns dos comportamentos mais evidenciados por indivíduos acometidos por esse distúrbio: (a) agressões contra pessoas e animais com tom de crueldade; (b) destruição de propriedade com incêndios propositais; (c) arrombamento e roubo de veículos e outros objetos sem enfrentamento da vítima; (d) transgressões graves de regras como a falta sistemática à escola ou a fuga de casa; e (e) novamente o consumo de substâncias psicoativas. Vale ressaltar que a persistências desses comportamentos característicos podem levar ao transtorno de personalidade antissocial na vida adulta.

Conforme explicita Olweus (1997), uma diferenciação clara entre os conceitos relacionados à violência escolar, bem como os de violência, agressão e *bullying* permite

identificar devidamente as semelhanças e divergências. Em relação a violência diz que há sempre o uso de força ou poder físico sobre o outro, o agressor utiliza seu próprio corpo ou objeto para causar dano à vítima. O autor afirma, com essa concepção, que a violência e o *bullying* consistem em manifestações diferentes da conduta agressiva que podem se sobrepor em algumas situações, como no caso do *bullying* direto e físico.

Diante do exposto, é importante destacar que os principais conceitos relacionados ao fenômeno da violência escolar, a violência e a agressividade, já foram apresentados em seções anteriores do presente estudo. Contudo, isso não minimiza a importância dos mesmos principalmente quando associados aos descritos acima, pois todos compõem a essencial definição e demarcação de conceitos necessária para compreensão do *bullying* com suas características peculiares sem equivalência aos conceitos até o momento apresentados (Pereira, 2001).

1.5 ***Bullying*: conceituação e origem**

O termo *bullying* é de origem anglo-saxônica e em tradução literal pode significar ameaçar, intimidar, amedrontar (verbo) ou valentão (adjetivo). O conceito *bullying* foi desenvolvido por Dan Olweus da Universidade de Bergen, na Noruega, e por Peter Smith, da Universidade de Sheffield, na Inglaterra, na década de 1970. A primeira designação deste fenômeno que surge inicialmente na literatura científica internacional é identificada como *mobbing* na Noruega, Suécia, Finlândia e Dinamarca. Nos demais países europeus como na Itália, Espanha e Portugal foram utilizados os termos *prepotência*, *importunar*, *acoso* e *maus tratos entre iguais*, respectivamente. Na definição está contida a agressão individual ou em grupo, com estratégias de intimidação dos outros que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou grupo. Atualmente, o conceito é um instrumento teórico fundamental nos

estudos sobre comportamentos agressivos, sobretudo no contexto escolar (Pereira, 2008; Cunha, 2005).

Com os estudos de Dan Olweus na década citada sobre as condutas agressivas de crianças e adolescentes nas escolas norueguesas, muitas pesquisas foram e vem sendo intensificadas e sistematizadas desde de 1980, com a finalidade de identificar as causas do suicídio e da agressividade entre jovens. Tais pesquisas têm levado à percepção de que adolescentes e crianças envolvidas em situações de agressão com os colegas de maneira repetitiva e sem condições de se defenderem, tendem aos comportamentos de isolamento e até as condutas extremas como o suicídio (Pereira, 2008; Cunha, 2005).

Pereira (2008) menciona que foi Olweus quem estabeleceu os primeiros critérios para identificação específica do *bullying* e que permitisse distingui-lo de outras prováveis interpretações como incidentes e gozações ou brincadeiras entre os estudantes, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. Nessa mesma perspectiva Martins (2009) lembra a importância da diferenciação, sobretudo em relação às brincadeiras ou jogos rudes mais comuns entre garotos, os quais simulam brigas e lutas com intenção apenas da brincadeira, do lúdico, e não de machucar ou magoar outros meninos.

Ainda no que concerne a origem do conceito, Pereira (2008) relata de maneira mais detalhada um dos estudos realizados por Olweus em 1978. Segundo a autora, tratou-se de um estudo longitudinal com uma amostra de novecentos meninos que foram acompanhados até completarem 23 anos de idade na Suécia. Nesse processo foram utilizados diferentes meios de coleta de dados, dentre eles, avaliação de pares, questionários e entrevistas às famílias para identificação de fatores desenvolvimentais também evidenciados nas situações de *bullying*. Esse estudo demonstrou que os alunos agressores eram mais facilmente identificados entre aqueles que cursavam entre o sexto e o nono anos dos estudos iniciais e que eles se envolveram em condutas criminais na idade adulta.

Olweus (2011)¹ e Skrzypiec, Slee, Murray-Harvery, e Pereira (2011) definem o *bullying* como a exposição de uma pessoa à intimidação e às ações negativas repetidas ao longo do tempo por parte de uma ou mais pessoas, mediante as quais não tem condição se defender. O autor ressalta que esta definição de *bullying* inclui três componentes fundamentais: (1) comportamento agressivo constituente de ações negativas e não desejadas por parte da vítima, portanto intencionais; (2) padrão repetitivo e permanente de tais condutas; e (3) o desequilíbrio de poder ou força.

Pereira (2006) menciona que o termo *bullying* é de origem anglo-saxônica e que nos países de língua portuguesa, como é o caso de Portugal e Brasil, essa terminologia foi mantida devido à dificuldade de identificação de uma expressão equivalente que traduza a agressão/vitimização descrita originalmente. A respeito desta característica do termo Martins (2009) expõe que ela pode ser traduzida por agressão ou intimidação entre pares, ou por maus tratos entre iguais. Diante disso, as autoras colocam que por *bullying* entende-se a agressividade expressa de maneira física ou psicológica entre pares de forma continuada e intencional com abuso sistemático de poder, usualmente maldosa, que pode perdurar semanas, meses ou até anos e na qual a vítima não tem condições de se defender ou reverter a situação. Costa e Pereira (2010) afirmam que esta forma de violência entre pares distingue-se da agressão ocasional não apenas pela sua persistência no tempo, mas também pela desigualdade de poder entre os envolvidos.

Em alguns dos trabalhos de Costa e Pereira (2010), Pereira (2008, 2006 e 2001) e Martins (2009) é destacada uma controvérsia em relação ao conceito e que ainda não apresenta um consenso no meio acadêmico. Essa divergência refere-se à diferença de poder verificada nas situações de *bullying*, a qual conduz a uma percepção de fragilidade, incapacidade e de menos competências da vítima. Isso pode ser devido a fatores externos ou

¹ Consultado no web site <http://www.olweus.org/public2m/bullying.page>

ao fator de surpresa que acaba por atribuir mais poder ao agressor já que ele escolhe o lugar e o momento de seu par estar indefeso, ou seja, a vítima estará em condições limitadas de reação facilitando as ações do agressor que ocasionará medo e mal-estar.

Olweus (2011) apresenta o que ele denominou por círculo do *bullying*. Segundo ele, um em cada cinco alunos em uma sala de aula média está envolvido diretamente em situações de agressão e intimidação entre pares. Os demais, os chamados espectadores e observadores, estão envolvidos indiretamente. Nesse círculo, os estudantes que são bullies iniciam suas condutas com intimidação e exercem papéis de líder. Estes possuem seus seguidores, ou seja, aqueles que desempenham um papel positivo e ativo perante o *bullying*, embora geralmente não iniciem as condutas agressivas para com seus pares.

O círculo do *bullying* possui também os partidários, os espectadores, possíveis defensores, defensores e a vítima de *bullying*. Exceto a vítima, todos esses atuam perante o *bullying* chamando a atenção por meio de risos e zombarias, mas sem se envolverem com o agressor ou com a vítima; não exteriorizam sinais de apoio em relação ao agressor ou à vítima; acham que devem defender a vítima, mas não fazem nada; ou não gostam da situação de intimidação e ajudam a vítima (Olweus, 2011).

Diante dessas considerações acerca da origem e do conceito de *bullying* e com as especificações das participações ou envolvimento de crianças e adolescentes nas circunstâncias de intimidação agressiva entre pares, é necessário apresentar os tipos de *bullying* mais evidenciados pelos estudos de Olweus (2011, 1980), Costa e Pereira (2010), Lourenço, Pereira, Paiva e Gebara (2009) e Martins (2009).

1.5.1 Tipos de *Bullying*

A repetição de condutas agressivas e intencionais de uma criança e/ou adolescente para outros sem condições de se defenderem que caracterizam o *bullying*, podem ocorrer de três formas: (a) **direta e física**, que consistem em agressões físicas com atos de bater ou

ameaçar bater, agredir com socos e pontapés, roubos ou estragos de objetos de colegas, extorsão financeira, forçar condutas sexuais e a realização de atividades servis, ou a simples ameaça desses itens; (b) **direta e verbal**, que envolvem insultos, apelidos, comentários racistas ou que mirem qualquer diferença no outro; e (c) **indireta**, ou seja, a exclusão sistemática de uma pessoa ou grupo pela obtenção de algum favorecimento, a realização de fofocas e boatos e manipulação da vida social de um colega (Olweus, 2011, 1980; Jenkins, Zapt, Winefield & Samir, 2011; Costa & Pereira, 2010; Lourenço, Pereira, Paiva, & Gebara, 2009; Martins, 2009; e Antunes & Zunin, 2008).

Olweus (2011) relata que o *bullying*, de acordo com seu questionário, tem sido recentemente evidenciado em nove formas distintas, mas não divergentes das categorias direta física e verbal ou indireta. Essas nove maneiras de expressão do *bullying* são: (1) agressão verbal na forma de comentários depreciativos e xingamentos; (2) exclusão social ou isolamento; (3) intimidação física incluindo bater, chutar, empurrar e cuspir; (4) divulgação de mentiras e falsos rumores sobre outra pessoa; (5) danificação de objetos e roubo de dinheiro e materiais; (6) ameaças de obrigar fazer e obrigar a fazer coisas; (7) intimidação racial; (8) intimidação sexual; (9) *cyberbullying* via telefone celular ou internet.

Nesse sentido, considerando as tipologias do *bullying*, alguns estudos revelam que o *bullying* ocorre principalmente nos anos escolares iniciais, quando crianças e adolescentes, por estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, são os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade e sofrerem maiores repercussões na saúde, ainda que a violência e a agressividade ocorram em todas as faixas de idade. (Jenkins, Zapt, Winefield & Samir, 2011; Pereira, 2010; Martins, 2009; e Maldonado & Williams, 2005).

1.5.2 Agressor

De acordo com Pereira (2008) ao relatar sobre as características de agressores e vítimas, não há um único fator explicativo para justificar porque uma criança ou adolescente se torna agressora. Acredita-se numa possível multicausalidade para esse tipo de comportamento como, por exemplo, o tipo de vinculação com os genitores caracterizada por hostilidade ou permissividade e a influência da comunidade também com as relações conflituosas.

Pereira (2008) coloca que crianças agressoras apresentam condutas típicas como a autoconfiança, presunção e a reprodução da agressividade que experimentam em contexto familiar; tendem a ser mais populares, são ativamente rejeitadas embora possuam amigos que o apóiem nas práticas agressivas e são facilmente identificadas pelos demais pares do ambiente em que convivem.

Olweus (2011) explicita que há pelo menos três razões para que os alunos se tornem agressores de *bullying* (bullies). A primeira consiste no fato de que o bully tem forte poder (negativo) e dominância; a segunda é de que os agressores encontram satisfação em causar sofrimento e ferimento para suas vítimas. A terceira razão reside no fato de que na maioria das vezes o *bully* (agressor) tem ou recebe recompensa para suas condutas de intimidação agressiva, como por exemplo, as recompensas materiais ou psicológicas.

Pereira (2010), Martins (2009) e Solberg e Olweus (2003) em estudos de prevalência do *bullying*, afirmam que embora ele ocorra em todas as faixas etárias, os agressores tem sido mais frequentemente identificados entre os adolescentes do sexo masculino, sobretudo entre aqueles que estejam cursando as últimas séries do ensino fundamental.

No Brasil, o referido perfil de agressores também é identificado nas pesquisas. Fischer (2010) numa pesquisa sobre o *bullying* no país identificou que 70% dos alunos da amostra (5168 alunos) estavam envolvidos em situações de intimidação e agressão entre

pares. Desse percentual, 32% eram frequentemente agredidos por meninos com faixa etária entre os 11 e os 14 anos, com variações apenas nos tipos de *bullying*, ou seja, enquanto nas idades iniciais dos anos escolares seja mais comum o tipo direto e físico, entre os adolescentes há um predomínio do *bullying* direto e verbal com insultos, ameaças e xingamentos.

1.5.3 Vítima

A vitimização é outra maneira de participação/atuação perante o *bullying*. Pereira (2010, 2008) menciona que as vítimas estão submetidas aos agressores devido à idade, ao tamanho ou à força física, à natureza social do grupo a que pertence ou pela procura de apoio por parte dos outros. As vítimas normalmente não se sentem em posição de se defenderem, de procurarem auxílio ou de reverterem a situação diante do agressor.

Além dessas características, a autora citada e Martins (2009), colocam que as vítimas de *bullying* geralmente são pouco assertivas e detêm de pouca habilidade social em razão do medo e da falta de confiança decorrentes das situações de vitimização. Demonstram ansiedade e incapacidade de agir por si próprias e, conseqüentemente, dificuldade de interação e isolamento.

Fisher (2010) ao caracterizar o perfil das vítimas de *bullying* no Brasil destacou que 12% dos frequentemente envolvidos são vítimas do sexo masculino e 7% do feminino. A incidência de vitimização também ocorre entre os onze e quinze anos e na forma direta e verbal. Assim como no Brasil, Costa et al (2011) em Portugal verificou que 53,3% dos envolvidos em vitimização eram meninos na faixa dos 11 aos 15 anos. Ademais, esses autores verificaram o impacto da vitimização no desenvolvimento global desses adolescentes, comprometendo suas relações familiares e interpessoais de modo geral.

De acordo com, Melim (2012), Pereira (2008) e Olweus (1993) nos estudos de caracterização dos intervenientes do *bullying* as vítimas tendem a assumir papéis secundários

conforme a quantidade e a tipologia de agressão a que é submetida. Em outros termos, esses autores ressaltam que as vítimas que são agredidas de alguma forma por mais de três vezes ao longo de um período de pelo menos três meses, tendem a revidar a agressão sofrida, assumindo o papel de vítimas provocativas e/ou vítima agressoras em concordância com o número de vezes que revida a agressão sofrida.

1.5.4 Espectadores/Observadores

Conforme evidenciado por Olweus (2011) os espectadores/observadores também desempenham papel importante nas situações de *bullying*. Esses indivíduos (crianças e adolescentes) não possuem participação ativa, mas tornam-se cúmplices por possuírem medo de se tornarem as próximas vítimas. Os observadores tendem a ser igualmente inseguros, temerosos, culpados por não agirem em favor da vítima e/ou tentados.

Baseada nos estudos de prevalência do *bullying* em Portugal, Martins (2009) destaca que as condutas dos observadores tendem a ser mais incidentes do que das vítimas. As condutas mais observadas nos observadores/espectadores são as que culminam na exclusão social.

1.5.5 Algumas consequências do *bullying*

Jenkins, Zapt, Winefield e Samir (2011), Olweus (2011), Barbosa, Santos, Rodrigues, Furtado, e Brito (2011) e Costa e Pereira (2010) salientam algumas das consequências mais comuns para os envolvidos nas situações de *bullying* como agressor, vítima e observadores. Os autores afirmam que os prejuízos mais evidentes se dão na trajetória acadêmica dos alunos com repercussões negativas no desempenho das disciplinas e na participação das atividades; comportamentos em desacordo com as regras educacionais desde danos ao patrimônio por parte dos agressores até a agressão de funcionários e

professores; e intensificação dos maus tratos com os pares pela baixa competência e habilidade social.

Os autores mencionados assim como Senra, Almeida e Lourenço (2011) destacam também os problemas relacionados à saúde física e psicológica, dentre os quais se pode enumerar disfunções cardiorrespiratórias, endocrinológicas, cefaleias, ansiedade/fobia social, transtorno de stress pós-traumático, depressão e baixa estima por si mesmo.

Diante do que foi explicitado, é importante reiterar a multicausalidade destacada por Pereira (2008) e Olweus (2011, 1980) no que se refere ao fenômeno do *bullying*, sobretudo àqueles fatores relacionados aos contextos familiar e comunitário, pois esses ambientes se experimentados também de maneira hostil e agressiva por crianças e adolescentes podem servir de modelos de relações interpessoais e de resolução de conflitos como tão bem destacaram Bandura, Ross e Ross (1961) e Bandura et al (2008).

Dessa forma, interessa ressaltar, a partir da próxima seção, os estudos sobre a associação dos referidos fatores ao *bullying* que tem sido destacados na literatura internacional que motivaram a realização da presente pesquisa.

1.6 A associação entre Violência Doméstica e *Bullying*

Bandura, Ross e Ross (1961), conforme já mencionado em seção anterior, através do estudo da transmissão da agressividade a partir da observação de modelos agressivos, mostram que crianças apenas observando situações interparentais, além de aprender por imitação os modelos de padrões cognitivos e de condutas e eventos conflituosos, podem reproduzi-los com seus pares, professores e com as demais figuras do contexto familiar, escolar e social; levando-as à conclusão de que a agressão e/ou violência é uma maneira adequada de resolução de conflitos e até de relacionamentos.

De acordo com os referidos estudos, crianças e adolescentes podem aprender por imitação e observação de modelos cognitivos e de condutas parentais, através da imitação da agressão física e verbal pela simples repetição dos mesmos atos observados. Ao compararem grupos expostos à agressividade e a não agressividade (controle), os escores de imitação da agressão física e verbal eram maiores para os grupos diretamente expostos aos modelos agressivos do que para aqueles que não presenciaram um modelo agressivo, sendo ainda maiores os escores relacionados aos modelos masculinos de agressividade. Isto é, os meninos tendem a reproduzir mais facilmente um modelo de agressividade física, enquanto as meninas repetem mais facilmente um modelo de agressividade verbal, o que não é muito comum entre os meninos.

Os experimentos de Bandura, Ross e Ross (1961) são corroborados pelos estudos de Maldonado e Williams (2010, 2005), que estudaram o comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com o contexto de violência doméstica. Neste estudo foi demonstrado que crianças vítimas diretas e/ou indiretas da violência em contexto familiar apresentavam mais problemas de saúde e de desempenho escolar do que crianças não inseridas no referido contexto. O estudo constatou que a mera exposição e/ou testemunho de conflitos, agressões e violência entre os pais, bem como dos pais com a criança, além de ser uma forma de maus tratos e de violência psicológica, funciona como um modelo padrão de conduta e de estilo cognitivo com os quais a criança e/ou o adolescente passa a contar para a resolução de conflitos com a própria família, com seus pares e com todos os atores do ambiente escolar.

Nesse sentido, Pinheiro e Williams (2009), López, Bacerra, García e Gutierrez (2008), Bauer, Herrenkohl, Lozano, Rivara, Hill, Hawkins (2006) e Baldry (2003) destacam uma relação existente entre violência doméstica e/ou intrafamiliar e *bullying*. Essa relação pode ser identificada a partir do aumento de situações de violência escolar. De acordo com

esses autores, esse tipo de violência caracteriza-se por condutas agressivas e antissociais que acontecem na escola, incluindo conflitos interpessoais, que nos últimos anos tem desencadeado ocorrências mais graves como o uso de arma de fogo e até homicídios, além de agressões a professores e demais funcionários.

López, Bacerra, García e Gutierrez (2008) ao apontarem essa associação, mencionam alguns fatores de risco para a ocorrência tanto da violência doméstica ou intrafamiliar, quanto para a ocorrência do *bullying*. Dentre eles, conflitos familiares, autoritarismo e permissividade e falta de clareza no estabelecimento de limites ou regras para o que seja ou não permitido à criança ou adolescente, os quais tendem a se conduzir da mesma. Entretanto, é também no ambiente familiar que residem também alguns dos fatores de proteção em relação aos contextos de violência e intimidação entre pares (*bullying*).

No que concerne ao *bullying*, Pinheiro e Williams (2009), Antunes e Zuin (2008) e Pereira (2011; 2008; 2006) salientam que múltiplos fatores podem desencadeá-lo, como os socioeconômicos, culturais, o temperamento do indivíduo e as influências de familiares, colegas e da comunidade. Além desses, sobretudo, as relações de desigualdade e de poder em casa e na escola, a ausência de coesão, a ambivalência no envolvimento emocional com pais, irmãos e colegas, com clima emocional frio e assimétrico. As relações de desigualdade e de poder na família revelam um lar com cotidiano hostil e permissivo em que há uso de violência como forma de disciplina, sem quaisquer habilidades para resolução de conflitos, o que leva as crianças e adolescentes reproduzirem tais condutas com colegas e professores.

As formas mais comuns de ocorrência do *bullying* anteriormente relatadas no item 1.5.1 evidenciam a associação existente com a violência doméstica e/ou interparental já anunciada, e também estudada por Baldry (2003). Através do estudo que desenvolveu constatou que lares violentos são significativos fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos antissociais e o *bullying*, nesse caso, também tem sido associado com o

contexto de violência dentro da família. A autora coloca ainda, que essa associação foi observada também em estudos de Baldry e Farrington (1999; 2000), por meio dos quais pode perceber que os *bullies* possuem pais conflitantes e autoritários.

Ainda segundo Baldry (2003), crianças expostas à violência doméstica e/ou interpaparental estão mais propensas a prejuízos no desenvolvimento, do que aquelas não expostas. Em contexto escolar tendem a ser mais agressivas e até cometer atos delinquentes, ou se tornarem vítimas de abuso na escola, pois se em suas casas sofreram abuso e violência, no local em que estejam com seus pares tendem a exibir tais comportamentos. Os comportamentos mais comumente repetidos no caso dos meninos são a externalização da agressividade na forma física e transtorno de conduta. No caso das meninas, tendem a mostrar problemas relativos à agressividade verbal e depressão e ansiedade.

No Brasil, é possível estimar que 600 mil crianças e adolescentes sejam vítimas de diversas formas de violência doméstica (VD) e/ou intrafamiliar. Independente de tais formas, a violência doméstica e/ou intrafamiliar consiste em toda ação, omissão, negligência e abuso que prejudica o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família, podendo ser cometida interna ou externamente a casa, por quaisquer integrantes da família (com ou sem laços consanguíneos) que estejam em relação de poder com a pessoa agredida (Gabatz, Irmgard, Neves, Beuter & Padoin, 2010; Biscegli, Arroyo, Halley & Dotoli, 2008).

O contexto de violência doméstica (VD), conforme a própria definição do termo aponta, acarreta em grave e significativo impacto na vida das pessoas que a sofrem, sobretudo na vida de crianças e adolescentes. Esse impacto é decorrente de situações diretas e/ou indiretas de violência. Sani (2008) aponta que a exposição (ver, ouvir e conviver) à violência intrafamiliar é tratada como uma forma de abuso psicológico que prejudica o desenvolvimento do *self* e da competência social da criança.

Conforme já apontado por Baldry (2003), os prejuízos físicos, psicológicos, comportamentais e sociais de crianças e adolescentes vítimas de VD culminam em: problemas cardíacos, dores de cabeça, desordens alimentares e transtorno do sono, reações de evitação, baixa estima por si mesmo, medos, insegurança, ansiedade, depressão, transtorno de stress pós-traumático, ambivalência de sentimentos, percepção distorcida de si mesmo, movimentos corporais tensos, choro, comprometimento das relações interpessoais e das habilidades sociais, repetição intencional de condutas violentas e agressivas e problemas no desempenho acadêmico e escolar (O'Donnel, Moreau, Cardeml e Pollastri, 2010; Whiteside-Mansell, Bradley, McKelvey, Fussell, 2009; Sani, 2008).

Senra, Pereira e Lourenço (2011), através de uma revisão sistemática de literatura feita por meio de estudo bibliométrico, cujo objetivo é quantificar processos de comunicação e escrita, além do emprego de indicadores a fim de medir a produção científica com análises e avaliações de fontes difusoras de trabalhos científicos, foi possível verificar que a relação entre violência doméstica e *bullying* já descrita, com suas respectivas características e implicações para crianças e adolescentes, foi corroborada por novas publicações, em distintos âmbitos acadêmicos do mundo (EUA, Europa, e América Latina), identificadas nas bases de dados *Web of Science*, *PsycInfo*, *Dialnet*, *Lilacs* e *Redalyc*.

Os resultados da referida revisão sistemática permitiram observar e caracterizar a relação existente entre a violência doméstica, a vitimização e o *bullying*, mais detalhadamente. Constatou-se que dentre as crianças e/ou adolescentes vítimas diretas e/ou indiretas de VD, 2.22% delas tornaram-se agressoras (bullies) nas situações de *bullying*; 15.56% são vítimas de *bullying*; 35.56% apontaram que tais vítimas são simultaneamente vítimas e bullies (vítima agressora) nas situações de *bullying*. Além disso, 17.78% das publicações analisadas mostraram que a vítima de VD já foi bully (agressor) em alguma situação e em outra é vítima de *bullying*. Por fim, 13.33% dos artigos não relataram qualquer

relação direta entre a violência doméstica e/ou interpaparental e o *bullying*, e 15.56% não especificaram a relação.

Em relação aos tipos de consequências da associação entre violência doméstica e *bullying*, os artigos analisados evidenciaram que 24.44% dos envolvidos apresentam problemas sociais e de conduta que envolvem: movimentos corporais tensos, choro, comprometimento das relações interpessoais e das habilidades sociais, repetição intencional de condutas violentas e agressivas e problemas no desempenho acadêmico e escolar. Em torno de 28.89% possuem algum problema fisiológico relacionado a condições cardíacas, dores de cabeça, transtornos do sono e distúrbios alimentares (Senra, Pereira & Louenço, 2011).

O índice de maior destaque desta identificação refere-se aos problemas psicológicos desencadeados pelo contexto da associação entre violência doméstica e *bullying*. Esse contexto, conforme evidenciado na revisão de literatura pelo *Centers of Disease Control and Prevention-CDC* (2011, 2010), por Vieno, Gini e Santinello (2011) e por 46.67% das publicações selecionadas nessa pesquisa, traz para os envolvidos, reações de evitação diante de situações de violência tanto na família quanto na escola; baixa estima por si mesmo, medos, insegurança, ansiedade, depressão, transtorno de stress pós-traumático, uso de substâncias psicoativas, ambivalência de sentimentos e percepção distorcida de si mesmo.

No entanto, vale ressaltar que os referidos problemas identificados na associação VD- *bullying* não aparecem isoladamente nas vítimas. As publicações relataram a ocorrência simultânea de um e outro, e até de todos os tipos de problemas em concomitância, considerando a gravidade, seja do contexto de *bullying* e/ou violência doméstica (Ashurst, Noret, Rivers & Poteat, 2009; Bauer, Herrenkohl, Lozano, Rivara, Hill & Hawkins, 2006).

A associação entre violência doméstica e *bullying*, de acordo com os dados também apresentados por Senra, Almeida e Lourenço (2011), remetem novamente a Bandura et al

(2008) no que se refere à aprendizagem observacional. Segundo ele, os comportamentos de maneira geral e, principalmente os agressivos, são aprendidos socialmente através da observação e imitação de modelos cognitivos e de condutas agressivas. Tais modelos constituem os exibidos pelos pais e demais membros da família, e também pelos meios de comunicação social, com os quais a criança e/ou o adolescente aprende utilizar estratégias agressivas nas relações interpessoais, na resolução de conflitos e em todas as negociações com seus pares.

As consequências da associação VD-*bullying* podem ser identificadas em diversos níveis da vida de uma criança e/ou adolescente. Percebeu-se que o impacto provocado compromete, detém e retarda as aquisições e características do curso do desenvolvimento infanto-juvenil. Isso aponta para os fatores de risco associados a partir de dados de um estudo conduzido por Reichenheim, Dias e Moraes (2006), o qual evidenciou que a associação de fatores tais como idade da mulher (menor ou igual a 25 anos), homem com escolaridade inferior a 8 anos, presença de crianças menores de 5 anos no domicílio e abuso de álcool e drogas ilícitas pelo companheiro, aumentam consideravelmente o risco de ocorrência da violência física entre parceiros e entre pais e filhos.

Embora o contexto familiar seja compreendido como o espaço primordial de acolhimento e suporte para as crianças e adolescentes, nem sempre este cenário se apresenta dessa forma, pois há casos em que este ambiente é marcado pelo fenômeno da violência. Segundo o Ministério da Saúde Brasileiro e a Fundação Oswaldo Cruz (2010), e Hernández, Gómez, Martín e González (2008), a violência doméstica ou intrafamiliar está presente nas relações hierárquicas e entre gerações caracterizadas por maneiras agressivas e violentas de a família se relacionar e solucionar conflitos, bem como utilizada como estratégia de educação. Inclui, também, a falta de cuidados básicos com os filhos e a exposição da criança a situações violentas em casa, na escola com o *bullying*, na comunidade ou na rua. Contudo, é importante

ressaltar que uma criança ou um adolescente pode ser afetado por mais de uma modalidade de violência, especialmente, em situações crônicas e graves, mesmo porque muitas destas situações se relacionam.

De acordo com Sani (2008, p.95), essa realidade presenciada pela criança, é definida como uma exposição à violência interparental, violência conjugal ou violência marital, e designa “o tipo de vitimização, ou seja, o testemunho pela criança de violência entre duas pessoas próximas afetivamente e com quem partilha o mesmo espaço físico”.

Para que o impacto da associação *VD-bullying* sobre a criança seja avaliado, é necessário compreender que a infância e a adolescência são etapas da vida extremamente delicadas e importantes, as quais requerem significativos investimentos afetivos e de suporte social. Os cuidados prestados pela família, por outros grupos sociais e instituições à criança e ao adolescente, influenciarão significativamente sua possibilidade de sobrevivência e de bem-estar. Ademais, servirão também como uma espécie de espelho de valores no qual ela vai se refletindo e formando suas idéias sobre si mesma, sobre o outro e sobre o mundo em que vive (Rivers, Noret, Poteat & Ashurst, 2009; Vecina, 2006; Deslandes, Assis & Santos, 2005).

Segundo Sani (2008), não é possível estabelecer um modelo reativo da criança à violência doméstica, ocorrendo, inclusive, reações bastante divergentes. Contudo, diversos fatores podem auxiliar na compreensão desse impacto, tais como: idade, gênero, frequência, intensidade e severidade dos conflitos, sua resolução, as formas de expressão da violência, o suporte social. O conhecimento dessa realidade é essencial para que melhores formas de prevenção e minimização dos efeitos negativos possam ser determinadas.

Para a referida autora, para o *CDC* (2011, 2010), Jenkins, Zapt, Winefield e Samir (2011) e Vecina (2006), um lar em que haja constante clima de tensão e de conflito familiar iminente é o ambiente onde se desenvolvem essas crianças e adolescentes vítimas diretas e indiretas da violência doméstica, o que traz consequências, que vão desde marcas físicas,

privação da satisfação de necessidades básicas (biológicas e psicológicas) e de educação; ao surgimento de problemas fisiológicos, emocionais, cognitivos e comportamentais, como é o caso de condutas repetitivas, intencionais e agressivas para com os pares, de maneira que estes não tenham possibilidade de se defenderem - *bullying*. A violência doméstica/intrafamiliar pode ser, dessa forma, potencializadora da violência social e escolar.

O envolvimento com a violência de figuras tão significativas para a criança, como os pais, responsáveis originalmente pelo seu acolhimento e proteção e com as quais se identifica, suscita diferentes reações na mesma. Ela pode assumir uma postura passiva diante dessa realidade ou ativa, buscando interferir de maneira que a situação seja interrompida. Isto acontece de acordo com a forma como crianças e adolescentes constroem no psiquismo os significados e as representações sobre a experiência vivenciada, por meio de recursos próprios.

Neste sentido, os estudos evidenciados pela revisão de literatura salientaram também que não serão todas as crianças vítimas diretas e/ou indiretas da violência doméstica e/ou intrafamiliar que responderão negativamente e/ou estarão necessariamente envolvidas em contextos de *bullying*, visto que a presença de apoio somado a fatores de proteção podem exercer um papel fundamental. Dentre estes, destacam-se: o ambiente escolar, o relacionamento com a vizinhança, o suporte advindo de demais membros familiares, entre outros (Hernández, Gómez, Martín & González, 2008; Venturini; Bazon & Biasoli-Alves, 2004).

Nessa concepção, Pereira (2008) coloca que, mesmo a criança com longo histórico de vitimização nos contextos de *bullying*, com o avanço da idade, essa frequência tende a diminuir. Ainda em Pereira (2008) é apontado que estudos longitudinais explicitam que há uma possível relação entre ter sido vítima na escola e estado depressivo na vida adulta. De acordo com essa perspectiva e com a presente pesquisa, pode-se inferir que esse estado

depressivo percebido na vida adulta seja continuidade dos problemas psicológicos implicados pelo *bullying* e, também, pela relação existente com a situação de violência doméstica, conforme foi demonstrado nos resultados aqui descritos.

Vale ressaltar, de acordo com a revisão de literatura, um dado que apresenta uma característica intrigante e importante para a compreensão dos efeitos da associação violência doméstica e *bullying*. O referido dado está no estudo de Bauer, Herrenkohl, Lozano, Rivara, Hill e Hawkins (2006) sobre o *bullying* na infância envolvendo exposição à violência entre parceiros íntimos. Ele revela que 70% dos bullies (agressores) na infância ou adolescência cometeram ato criminoso na idade adulta. Isso confirma o que os estudos de Vecina (2006, p. 54), os quais afirmam que as vivências de violência “introduzem crianças e adolescentes no mundo das demais violências. Além disso, como já ressaltado anteriormente, a violência intrafamiliar pode, muitas vezes, tornar-se potencializadora da violência social, estando presente na formação de graves problemas como a ida das crianças para situações de rua.”.

Ainda no que concerne aos estudos sobre o *bullying*, observa-se uma maior preocupação com as situações ocasionadas por repercutirem prejudicialmente a longo e médio prazos tanto para vítimas, quanto para agressores e aqueles envolvidos no contexto educacional. Segundo Pereira (2006) e Jenkins, Zapt, Winefield e Samir (2011), aqueles que foram/são agressores na escola estão quatro vezes mais propensos às penas julgadoras do que os que não foram/são, pois os comportamentos desviantes ou transtornos de conduta vão permanecer e se agravarão ao longo dos anos. Como consequência desse contexto, as crianças que são rejeitadas pelos seus pares são isoladas, perdem a habilidade social nos relacionamentos e sujeitam-se cada vez mais à rejeição e à agressão social, o que pode se estender à adolescência e à vida adulta.

Ribeiro e Sani (2009) e Liu (2004) ao fazerem uma análise de revisão do conceito de agressão menciona que embora não sejam sinônimos, as condutas anti-sociais,

delinquentes e criminais, assim como a violência, são os maiores fatores de risco decorrentes de uma situação de agressão experimentada ou testemunhada por um indivíduo, prejudicando-o em diferentes aspectos de sua vida. Independente do tipo de agressão negativamente vivenciada, o autor ressalta algumas consequências mais evidentes para crianças e adolescentes tais como: (a) rejeição, que é vivenciada especialmente pelas crianças; (b) lutas corporais, agressão psicológica, traumas emocionais e extorsão financeira bastante comuns entre adolescentes. Consideram também que, dentre as múltiplas causas da agressão, a interação de fatores culturais com biológicos aliada à aprendizagem social de condutas agressivas de pessoas próximas ou exibidas através da mídia pelas crianças e adolescentes, são as principais.

Hernández, Gómez, Martín e González (2008) em estudos referentes aos estilos e funcionamento parentais e educativos como fatores de prevenção da violência escolar, colocam que tais estilos são vulneráveis e considerados fatores de risco à ocorrência do *bullying* com suas diversas implicações (físicas, psicológicas e sociais) para vítimas e agressores. Esses autores enfatizam que pais e educadores, com suas crenças, valores, estilos atributivos, maneiras de agir e enfrentar eventos diversos, sobretudo agressivos e violentos, possuem papel fundamental no desenvolvimento psicológico, comportamental e social de crianças e adolescentes.

Nessa perspectiva, Maldonado e Williams (2010) ao estudarem o comportamento agressivo na escola na percepção de professores, constataram que, mesmo as condutas agressivas tenham sido mais explicitadas por meninos, para os professores tais condutas eram advindas de situações adversas como maus tratos e exposição à violência conjugal dos pais, o que dificultava a utilização de mecanismos para lidar com essas crianças, além de para eles representar um obstáculo para o ensino e a acentuação da violência em contexto escolar. Isso, mais uma vez, corrobora os estudos e experimentos de Ribeiro e Sani (2009), Spriggs,

Iannotti, Nansel e Haynie (2007), Liu (2004) e Bandura, Ross e Ross (2008; 1961), os quais argumentam que a exibição de comportamentos agressivos por crianças e adolescentes decorre da aprendizagem observacional e imitação mediante exposição aos modelos agressivos, independente do tipo de relacionamento mantido com um adulto.

Como foi possível observar, a estreita associação entre violência doméstica e *bullying* traz efeitos e prejuízos para os contextos e cotidianos familiar e escolar, preocupantes para os seguimentos da saúde, educação, social e jurídico. No seguimento da educação, tais efeitos e prejuízos são evidenciados com a constatação de que as escolas cada vez mais tem se tornado local de concentração de muitos tipos e/ou de expressão da violência e da agressividade sofridas seja ela física ou psicológica. Contudo, algumas medidas foram alcançadas no campo dos direitos humanos, principalmente dos direitos da criança e do adolescente, orientando famílias, organizações políticas, sistema jurídico e instituições que se dedicam à assistência a infância e juventude (Freire, Simão & Ferreira, 2006; e Brasil, 1990).

Ainda de acordo com Freire, Simão e Ferreira (2006), a realidade denotada pelo *bullying*, pela violência doméstica e pela relação de ambos, requer dos referidos seguimentos, principalmente da educação e da saúde, sensibilização para o problema dos diferentes educadores e das crianças e adolescentes no interior de cada escola. Além disso, com diagnóstico eficaz dessas situações para desenvolvimento de projetos que interfiram em favor do bem estar daqueles envolvidos na relação entre VD e *bullying*, eliminando a constante existente no fenômeno da violência, que é algumas pessoas por si sós, institucionalmente ou em grupo e de maneira intencional, impedirem ou dificultarem o acesso livre de outras ao gozo de seus direitos, impondo situações difíceis de lidar que, no caso de crianças e adolescentes, afetam sobremaneira o desempenho acadêmico, educacional, pessoal e social.

Fernández (2005), Maldonado e Williams (2005) e Venturini, Bazon e Biasoli-Alves (2004) consideram que quaisquer abordagens profissionais, preventivas ou de

intervenção, devem ser efetivadas e consideradas sempre de modo interdisciplinar, acrescentando aí também a importância da intersectorialidade, para que o trabalho se configure como uma rede de proteção, de assistência social e de saúde, estratégias educacionais e pedagógicas articuladas e metodologicamente definidas com objetivo promover bem estar e qualidade de vida a todas as crianças e adolescentes personagens da associação VD-*Bullying*.

Diante do que foi explicitado, foi possível observar a necessidade da continuidade de pesquisas pertinentes ao assunto para identificar as dimensões dos efeitos diretos e/ou indiretos dessa relação no desenvolvimento e no cotidiano de adolescentes, o que justifica a realização da presente pesquisa norteada pelos objetivos que serão evidenciados no item 2 do presente estudo. Além disso, pesquisa pretende oferecer e melhorar conhecimento do contexto que envolve a relação entre violência doméstica e *bullying* para o desenvolvimento de estratégias alternativas de intervenção que cessem a situação de violência na família e de agressividade, intimidação e vitimização no contexto escolar.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar e estudar a existência e as dimensões da associação entre Violência Doméstica e *Bullying* em adolescentes do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Juiz de Fora–MG.

2.2 Objetivos Específicos

1. Estimar a prevalência e identificar as manifestações de *Bullying* nos adolescentes do ensino fundamental da rede pública municipal de Juiz de Fora;

2. Constituir 4 grupos de atuação perante o *bullying* e sua caracterização com adolescentes agressores, vítimas, vítimas provocativas e agressoras e não envolvidos (espectadores ou não de *bullying*) no contexto escolar;

3. Identificar adolescentes de cada um dos 4 grupos perante o *bullying* (agressores, vítimas, vítimas provocativas e agressoras e não envolvidos/espectadores) e estudar o contexto familiar de alguns destes adolescentes quanto à existência ou não de violência com vista a estabelecer ou não a associação entre Violência Doméstica (VD) e *Bullying*;

4. Identificar as características da associação VD-*Bullying* na perspectiva de adolescentes do ensino fundamental, com seus respectivos fatores sócio-culturais, econômicos e de gênero característicos.

3 METODOLOGIA

3.1 Contextualização da Pesquisa

O presente estudo foi motivado a partir dos estudos e pesquisas sobre violência doméstica realizados pelo Pólo de Pesquisa em Psicologia Social e Saúde Coletiva - POPSS da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF desde o ano de 2008 e, atualmente, denominado Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social - NEVAS da mesma instituição, sobretudo pelos projetos *Avaliação de Processo sobre Prática de Prevenção ao Uso de Drogas e Violência Doméstica em Serviço de Atenção Primária à Saúde e Construção da Escala de Violência entre Parceiros Íntimos*, quando foram feitas revisões sistemáticas de literatura relativas à exposição de crianças e adolescentes à violência em âmbito familiar, com as quais puderam ser identificadas algumas consequências do contexto de exposição para as vítimas.

Os trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelos referidos grupos de pesquisa consistem também naqueles desenvolvidos pelos estudantes de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia-PPG PSI da UFJF, na linha de pesquisa denominada Processos Psicossociais e Saúde. Nessa temática, já foram investigadas as crenças dos profissionais de saúde da atenção básica em relação à violência doméstica (Gebara, 2009); os resultados e/ou impactos de um projeto de intervenção breve para capacitação desses profissionais à assistência das vítimas de violência que chegam ou buscam atendimento especializado para a saúde (Brum, 2011); e o estudo transversal por amostragem sobre a violência doméstica e o consumo de álcool por mulheres (Bhona, 2011).

Além dos referidos estudos, vale ressaltar que as referências de pesquisa no departamento de Psicologia da UFJF, em parceria com a Universidade São Francisco-SP, abarcam uma pesquisa no âmbito da avaliação psicológica com a temática da violência entre parceiros íntimos através da Construção de uma Escala de identificação ou rastreio dessa

modalidade de violência em andamento desde 2010, que também ocorre em ambiente doméstico e propicia impacto negativo no desenvolvimento infantil e do adolescente, principalmente nos seguimentos das relações interpessoais e escolares, onde são desencadeadas as situações de agressão entre pares, isto é, o *bullying*.

Tomando como objeto de investigação os problemas citados para crianças e adolescentes decorrentes das situações de violência e conflitos familiares, e a constatação de um número ainda pouco representativo de pesquisas a respeito da associação entre violência doméstica e *bullying* no contexto brasileiro, essa pesquisa pretendeu estudar tal associação a partir de uma amostra de adolescentes do ensino fundamental da rede pública na cidade de Juiz de Fora.

3.2 Desenho

O estudo envolveu, inicialmente, o contato com a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Juiz de Fora, para apresentação da proposta a ser estudada e obtenção de colaboração e apoio para desenvolvê-lo. Essa parceria teve a finalidade de solicitar aos diretores escolares autorização para a participação de adolescentes do ensino fundamental como respondentes do questionário sobre *bullying* e de entrevistas semiestruturadas, bem como a colaboração para divulgar o resultado geral da pesquisa. O projeto desse estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora - CEP UFJF e aprovado sob o parecer nº 117/2011, protocolo 2367.107.2011 (ANEXO I).

A pesquisa consistiu num estudo transversal de natureza observacional, que selecionou os participantes por meio de uma técnica de amostragem probabilística estratificada e conglomerada em dois estágios, tendo como população alvo estudantes da rede

de educação municipal de Juiz de Fora, matriculados em turmas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental.

O estudo abrangeu duas etapas de abordagem: (I) uma pesquisa de campo quantitativa e descritiva, visando o levantamento da prevalência de *bullying* e para explorar o envolvimento dos adolescentes nas situações de intimidação entre pares; e (II) um estudo de campo qualitativo que teve como objetivo identificar e estudar os contextos e perspectivas relativas à violência doméstica (VD), ao *bullying* e a associação (ou não) de ambos com os adolescentes. Com essas duas etapas foram considerados também as consequências, implicações, fatores socioeconômicos e culturais e de gênero pertinentes à temática.

Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e em regime de anonimato durante e após a aplicação dos instrumentos que foram utilizados para obtenção dos dados, os resultados principais aferidos e devidamente analisados referentes às características da associação entre VD e *Bullying* em adolescentes do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Juiz de Fora, foram (e ainda estão sendo) divulgados para a referida secretaria, para as escolas e profissionais não apenas do setor de educação através da participação em reuniões pedagógicas que ocorrem mensalmente nas escolas. Além deste público, serão também divulgados para toda a comunidade acadêmica e demais seguimentos da sociedade interessados através de publicações de artigos.

3.3 Participantes

A população alvo do estudo, adolescentes do ensino fundamental, foi definida para a presente pesquisa com base nos estudos revisados pela análise de literatura nacional e internacional (Costa, Pereira, Simões & Farenzena, 2011; Jenkins, Zapt, Winefield & Samir, 2011; Lazenbatt, 2010; Maldonado & Williams, 2010; Fisher (2010), Barter, McCarry, Berridge & Evans, 2009; Martins, 2009; Gruberl & Fineran, 2008; Spriggs, Iannotti, Torja,

Nansel & Haynie, 2007; Seixas, 2006; Mills, 2004; Baldry, 2003). Esses estudos destacam os adolescentes entre 11 e 15 anos de idade como aqueles mais envolvidos em situações de *bullying*. Essa faixa etária geralmente compõe o conjunto de discentes que estão cursando a segunda parte do Ensino Fundamental Brasileiro, compreendida entre o sexto e o nono anos. Em relação à opção por adolescentes da rede municipal de educação do município de Juiz de Fora, a escolha se justifica pelos estudos já realizados no Brasil também nesse seguimento educacional (Maldonado & Williams, 2010).

A respeito da Adolescência, Martins (2005) salienta que compreende um período da vida que se situa entre a infância e a idade adulta, inicia-se com as transformações da puberdade (por volta dos 11, 12 anos) e termina com a entrada na vida adulta (por volta dos 20 anos), não estando o seu final claramente definido. Em conformidade com essa autora, Papalia e Olds (2000) evidenciam que a adolescência pode ser traduzida num processo em que meninos e meninas buscam suas identidades, ou seja, o estabelecimento de componentes ocupacionais, sexuais/gênero e de valores, durante o período do desenvolvimento em que os relacionamentos interpessoais e sociais estão ainda em mais evidência.

Martins (2005) e Papalia e Olds (2000) afirmam que a adolescência consiste, por fim, numa fase de transição, na qual ocorrem transformações de caráter físico; social (mudanças na relação com os pais, amigos, sexo oposto); e psíquico (mudanças cognitivas e no modo de se ver a si próprio). São características desta etapa da vida: a maturação dos órgãos reprodutores; alterações no corpo, que o aproximam da forma que terá na vida adulta; a emergência do pensamento formal; uma maior autonomia face aos pais, comparativamente ao que acontecia na infância; o alargamento das relações sociais com os pares; alterações no relacionamento com o sexo oposto; a construção de projetos de carreira e de valores; e, finalmente, a construção de uma identidade positiva.

Todas essas transformações ocorrem, de acordo com os referidos autores, também em contextos de harmonia e desarmonia tanto na família, quanto na escola e comunidade, mas, sobretudo no âmbito das relações com seus pares e na comunidade, com quem passam a maior parte do tempo. Nesse sentido, com a intimidade aumentada dessas relações, os jovens adolescentes recebem influências de seus pares para condutas positivas e também negativas e/ou antissociais e exercem ambas com significativo senso de autonomia, o qual também se acentua com a adolescência.

3.3.1 – Participantes do Estudo Quantitativo

A amostra do presente estudo (n=470) foi selecionada por técnica de amostragem probabilística estratificada e conglomerada em dois estágios, tendo como população alvo estudantes (37.3% meninos e 62.7% meninas) matriculados em turmas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental da rede pública de educação municipal do perímetro urbano de Juiz de Fora.

A estratificação adotada foi do tipo geográfica, com os estratos definidos de acordo com as regiões administrativas do município. Diante do exposto, é importante ressaltar quanto a amostragem probabilística que o tipo estratificada garante que determinados grupos da população sejam incluídos, pois são definidos todos os grupos de interesse e são selecionados elementos de cada um desses grupos (Ribeiro, 1999). Como unidades primárias de amostragem foram consideradas as escolas, com seleção de duas das mesmas em cada um dos estratos por amostragem aleatória simples. Como unidades secundárias de amostragem foram consideradas turmas, tendo sido selecionada uma turma por ano de interesse da pesquisa (em cada escola selecionada), também por amostragem aleatória simples. Como unidades elementares de amostragem foram considerados os alunos, com seleção de todos aqueles

matriculados nas turmas e nas escolas selecionadas para o estudo. Sendo assim, o desenho amostral adotado pode ser considerado complexo.

De forma a permitir que as características do desenho amostral adotado sejam consideradas nas análises, foram calculados pesos amostrais para os alunos. Tais pesos buscam refletir os inversos das probabilidades de seleção dos alunos e também incluem ajustes que visam corrigir possíveis efeitos da não resposta (recusa em participar do estudo, não devolução do TCLE, ou ausência no dia da aplicação do questionário).

Com esse critério de seleção da amostra, foi possível estimar a prevalência de *bullying* e evidenciar o tipo de envolvimento dos participantes, ou seja, como vítimas (passivas, provocativas e agressoras), agressores e espectadores/não envolvidos. Ademais, referida seleção dos participantes foi possibilitada a partir da listagem fornecida pela parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora. A população alvo de escolas, para o sorteio da amostra, foi composta por aquelas que fazem parte do perímetro urbano da cidade constituindo o sistema de ensino correspondente aos anos de estudos interessantes à pesquisa. Estas totalizam 52 escolas, com um total de 11.383 alunos matriculados em turmas entre sexto e nono anos, segundo dados da Prefeitura de Juiz de Fora.

3.3.2 - Participantes do Estudo Qualitativo

Após a realização das análises do estudo quantitativo, de acordo com os objetivos da pesquisa, com a explicitação dos intervenientes no *bullying* entre os adolescentes como vítimas (passivas, provocativas e agressoras), agressores e espectadores/não envolvidos, foram selecionados 38 alunos para o estudo qualitativo, dos quais 27 participaram efetivamente, pois os demais, à época da entrevista, estavam ausentes (4), transferidos para outras escolas (2), em paralisação de aulas (3), sendo que dois alunos se recusaram a participar da entrevista. Cabe ressaltar que os participantes do estudo qualitativo foram aqueles que responderam em relação a um período de três meses: (a) terem sofrido agressão 2

ou 3 vezes; (b) terem sofrido agressão quatro vezes ou mais; (c) terem agredido e/ou se juntado a um grupo para agredir; e (d) não terem sofrido ou praticado algum tipo de agressão.

Esses alunos foram entrevistados conforme a atuação e envolvimento em *bullying* explicitada pela análise estatística do estudo quantitativo, a fim de investigar, clarificar e estudar as situações de *bullying*, violência doméstica e as de associação existente (ou não) entre tais fenômenos, através da exploração de características do contexto doméstico/familiar e do relacionamento interpessoal e escolar.

Dessa forma, considerando as características acima citadas e com a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, o diretor da instituição sorteada e os pais/responsáveis dos alunos puderam consentir livre e esclarecidamente sobre a participação dos estudantes na pesquisa. Por se tratarem de adolescentes, além da autorização dos pais, os alunos também puderam se pronunciar a respeito de sua participação ou não na pesquisa, pois de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990), os adolescentes têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, podendo, como pessoas humanas em processo de desenvolvimento, se expressar e opinar livremente.

3.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por uma equipe de sete membros, composta por alunos da disciplina Treino de Pesquisa da graduação em Psicologia da UFJF, os quais receberam instruções especificamente para a realização da pesquisa e aplicação do questionário do estudo quantitativo; e pela pesquisadora, quem, vale ressaltar, efetuou a coleta de dados do estudo qualitativo.

As referidas instruções consistiram em descrições e informações fornecidas através de reuniões periódicas semanais durante a coleta de dados. As informações constaram da proposta do estudo, da população alvo e amostra, dos locais da pesquisa, do questionário e das entrevistas que foram utilizados, bem como quaisquer intercorrências observadas e

constatadas como algo que gerasse dúvida ou que pudesse ser fator de interferência ou de viés para o estudo. Além disso, os pesquisadores foram orientados a realizarem um diário de campo, no qual constaram peculiaridades de cada aplicação, dentre elas o número de não respondentes ou de não adesão à pesquisa e o motivo dos mesmos.

Os instrumentos, questionário e entrevistas, foram aplicados no horário letivo por pesquisadores de campo devidamente identificados com crachá e uniforme/jaleco da instituição proponente da pesquisa – UFJF, munidos dos termos de consentimento livre e esclarecido - TCLE. O tempo de aplicação foi o necessário para que todos respondessem com garantia de privacidade, liberdade e sigilo, para que, com isso, fosse assegurada a credibilidade das respostas.

3.4.1 Instrumentos:

3.4.2 Questionário

O *Questionário Bullying – A agressividade entre crianças no espaço escolar* de autorresposta (ANEXO II) foi traduzido e adaptado do questionário de Olweus (1993) pelo Centro de Formação de Professores e Educadores de Infância da Universidade do Minho em Portugal através das pesquisadoras Pereira e Tomás (1994), com revisão em 2006. Essa versão portuguesa foi adaptada culturalmente para o Brasil por Barbosa et al (2009), a qual foi utilizada no presente estudo de forma individual e sigilosa para estimar a prevalência de *bullying* e para identificar os papéis de atuação nas situações de agressividade entre pares no cotidiano escolar, isto é, nas modalidades pelas quais se manifesta (agressor, vítima e espectadores/observadores ou não envolvidos).

O referido questionário é composto por 42 questões distribuídas em quatro blocos divididos em: (1) caracterização socioeconômica; (2) identificação de comportamentos de vitimização de *bullying*; (3) agressividade; e (4) referente ao ambiente escolar, no qual estão

incluídas variáveis relacionadas à aceitação/rejeição pelos pares, à nomeação de colegas, aos recreios/intervalos.

A utilização deste questionário permitiu identificar e caracterizar, de acordo com a literatura (Melim, 2012; Pereira, 2008; Olweus, 1993) os grupos de atuação no *bullying* previamente estabelecidos e de acordo a ocorrência das agressões sofridas, praticadas e assistidas: (a) agressor, (b) vítima (passiva, provocativa e agressora) e (c) espectadores/não envolvidos. Essa identificação foi possível, por que os adolescentes foram questionados sobre a frequência da ocorrência das situações de agressão, o que pode indicar, através de análises estatísticas, a gravidade das mesmas, ainda que pudessem descrever algum episódio quando lhes foi solicitado que identificassem o tipo de *bullying* que tinham experimentado na escola. É importante mencionar que a tradução portuguesa utilizada no questionário para *bullying* foi a de comportamentos agressivos de intimidação.

3.4.3 Entrevistas

A fim de investigar contextos de violência doméstica(VD) em adolescentes em situação de *bullying* foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes vítimas, agressores e espectadores/não envolvidos com base na *entrevista inicial com criança exposta à violência doméstica e conjugal* de Williams (2010) e no estudo de Gebara (2008) intitulado *Estudo do Perfil da Violência Doméstica contra Crianças e adolescentes*, com objetivo de verificar e estudar a associação entre situações de violência doméstica contra adolescentes e violência entre pares (*bullying*) na escola, com suas respectivas características e possíveis consequências, fatores socioeconômicos, culturais, étnicos e de gênero característicos.

A entrevista realizada com os adolescentes (ANEXO III) é constituída por 17 questões norteadoras divididas em dois subgrupos: (a) um para caracterização e conhecimento do contexto familiar e (b) o segundo grupo, para caracterização e conhecimento do modo e

relacionamento interpessoal e escolar. O primeiro investiga o contexto familiar, envolvendo questionamentos acerca das relações com os pais, do clima e ambiente familiar percebido pelo adolescente, da resolução de conflitos, da percepção de agressões e do número de vezes que acontecem os conflitos e as maneiras que eles se manifestam. A segunda parte, composta pelo segundo subgrupo de questões, rastreia as relações interpessoais e escolares dos adolescentes, círculo de amizades, concepções de educação e de escola e compreensão do fenômeno do *bullying*.

Com a realização das entrevistas foi possível identificar e comparar as perspectivas dos participantes sobre as consequências, implicações e fatores socioeconômicos e culturais e de gênero pertinentes à temática do estudo.

3.5 Análise de Dados

3.5.1- Estudo quantitativo

Os dados quantitativos recolhidos foram submetidos a processamento eletrônico, usando-se o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para *Windows* no módulo *Complex Samples* para análise estatística descritiva e inferencial dos dados com intervalo de confiança de 95%. A análise descritiva dos resultados obtidos permitiu a organização, resumo, composição de tabelas e descrição de todo o conjunto de dados. Cabe ressaltar que o módulo *Complex Samples* do SPSS permite a consideração das características do desenho amostral complexo do estudo nas análises conduzidas.

No que concerne à técnica estatística empregada, para a investigação sobre a associação entre variáveis categóricas foi utilizado o teste não-paramétrico *Qui-quadrado* de Pearson (X^2) com nível de significância de 5%, e com uma correção de segunda ordem de Rao-Scott visando levar em consideração as características do desenho amostral complexo (Cozby, 2006; Pessoa & Nascimento Silva, 1998). Além disso, foram calculados intervalos de

confiança para as médias estimadas para variáveis quantitativas, com 95% de confiança, e também levando em consideração o desenho amostral complexo.

3.5.2 – Estudo qualitativo

Os dados qualitativos obtidos através de entrevistas gravadas em áudio tipo MP3 e posteriormente transcritas (ANEXO V), foram avaliados através da técnica de análise de conteúdo, concebida como uma técnica de tratamento de dados de pesquisa voltada para uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de comunicações, que visa à interpretação de materiais de caráter qualitativo. Esta técnica é tradicionalmente utilizada em pesquisa qualitativa por caracterizar-se pelo rigor metodológico de análise de textos e entrevistas (Bardin, 2010; Minayo, 1996).

Com base nos objetivos desse estudo bem como na problemática relatada e evidenciada pela revisão de literatura, inicialmente foram estabelecidas algumas temáticas consideradas importantes para a obtenção de informações a respeito o tema em estudo, as quais consistiram em contexto familiar, resolução de conflitos e compreensão da agressão, clima familiar percebido, relacionamento interpessoal e escolar, gosto pela escola, concepção de escola e do *bullying*. Em seguida, foi realizada uma organização de toda a informação a partir do conteúdo oriundo da aplicação do método de entrevista semiestruturada em categorias que qualifiquem a informação apurada. Dessa forma, os dados qualitativos foram submetidos às fases da análise de conteúdo: (a) pré-análise, (b) exploração do material, (c) tratamento dos resultados, e (d) inferência e interpretação (Bardin, 2010).

Para o referido processo, na etapa de pré-análise foram delimitados os conteúdos característicos dos contextos familiares e interpessoais e escolares dos entrevistados. Na etapa de exploração do material foram enumerados e quantificados os conteúdos e/ou expressões chaves de cada contexto (familiar e interpessoal e escolar). Por fim, nas etapas de tratamento,

inferência e interpretação dos resultados, foram delineadas as categorias de análise com e sem a interseção dos contextos explorados para suas respectivas apreciações.

As referidas fases da presente análise de conteúdo, bem como o delineamento de categorias, foram possibilitadas pela utilização do *software Excel do pacote Office do Windows* para identificação e quantificação por frequência das expressões referentes às temáticas exploradas em cada grupo de questões do roteiro das entrevistas (ANEXO III), através do recurso de filtragem de texto por conteúdo. Dessa forma, através dessa estratégia e com uso desse recurso, pretendeu-se evitar ou reduzir possíveis vieses imaginários ou reais.

3.6 Aspectos Éticos

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Juiz de Fora e aprovado sob o parecer nº 117/2011, protocolo 2367.107.2011. Todos os participantes receberam informações relativas à pesquisa e a adesão, voluntária, aconteceu por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (ANEXO V) por seus respectivos responsáveis legais. Esse documento forneceu informações sobre o tipo de pesquisa, seus objetivos, procedimentos e uso das informações obtidas, com estabelecimento de um compromisso com a privacidade de cada um dos participantes e com o sigilo de suas identidades e informações fornecidas.

Todo o processo de coleta de dados foi efetuado em horário letivo, conforme as possibilidades dos participantes e das escolas envolvidas, reduzindo quaisquer possíveis deslocamentos ou extensão de carga horária.

Os resultados estão sendo divulgados para a Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora, nos demais meios públicos e acadêmicos, respeitando todos os critérios mencionados e com honestidade científica, através da participação de reuniões pedagógicas, congressos e demais eventos acadêmicos relacionados.

4. RESULTADOS

Os estudos da associação entre violência doméstica e *bullying* em adolescentes do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Juiz de Fora consistiram em duas etapas de abordagem, sendo a primeira um estudo quantitativo transversal de caráter observacional e descritivo e a segunda, um estudo qualitativo. Dessa forma, os resultados serão apresentados conforme a ordem de execução da pesquisa.

4.1 Resultados do estudo quantitativo

O estudo transversal quantitativo de caráter observacional e descritivo teve como participantes os alunos matriculados entre os 6º e 9º anos do ensino fundamental, selecionados a partir da técnica de amostragem probabilística estratificada e conglomerada em dois estágios. A estratificação do tipo geográfica, com estratos definidos de acordo com as regiões administrativas, permitiu a seleção aleatória de 2 escolas por estrato, das quais as turmas sorteadas foram consideradas unidades secundárias de amostragem, sendo 1 turma por ano de interesse à pesquisa em cada escola. Os alunos, unidades elementares de amostragem, compreenderam todos os matriculados nas turmas das escolas sorteadas.

É importante ressaltar que todos os resultados do estudo quantitativo foram alcançados levando em consideração as características do desenho amostral adotado e os pesos amostrais calculados para os alunos, os quais foram essenciais às análises por refletirem os inversos das probabilidades de seleção dos alunos e por incluir ajustes que visam corrigir os possíveis efeitos da não resposta. No presente estudo a não resposta foi causada pela recusa em participar da pesquisa, em não devolução de TCLE assinado pelo responsável ou ausência no dia da aplicação.

Para a investigação sobre a associação entre variáveis categóricas foi utilizado o teste não-paramétrico Qui-quadrado de Pearson (X^2) com nível de significância de 5%, e

levando em consideração as características do desenho amostral complexo (Cozby, 2006; Pessoa & Nascimento Silva, 1998). Além disso, foram calculados intervalos de confiança para as médias estimadas para variáveis quantitativas, com 95% de confiança, e também considerando o desenho amostral complexo.

Dessa forma, a partir dessas considerações, foi possível alcançar 470 respondentes/participantes, n representante da atual população de alunos (11.383 alunos segundo dados da SME) do 6º ao 9º anos de estudo. Com essa amostra ($n=470$) foi possível estimar que 37.3% da população alvo é do sexo masculino e 62.7% do sexo feminino, sendo a grande maioria dividida em etnias/cores parda (36.6%), preto/negro (30.0%) e branco/caucasóide (25.3%). Esses dados podem ser mais bem visualizados na Tabela 1.

A faixa etária explicitada pela estatística descritiva abarcou idades de dez à dezenove anos, sendo o maior percentual, 25.7%, referente aos participantes com 13 anos. A descrição por frequências das características escolares dos respondentes em relação ao ano de estudo demonstrou que 38.3% eram do 6º ano, 26.3% do sétimo, 18.3% do oitavo e 17.1% do nono (Tabela 1).

Em relação à classe econômica, segundo critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa-ABEP (2012), foi possível estimar que 34.7% pertencem à classe C2, 32.2% à classe C1, 24.1% à classe B2 (Tabela 1). De acordo com tais critérios, a renda média familiar de cada grupo de classes varia de um valor bruto de R\$ 477 à R\$ 12.926, sendo o de R\$ 1.024 da classe C2, o valor de R\$ 1.541 para a classe C1 e de R\$ 2565 para a classe B2.

Tabela 1

Caracterização sócio-demográfica dos participantes

Variável	Frequência relativa	IC 95%		N
		Inferior	Superior	
Sexo				
Masculino	37,3%	32,3%	42,6%	169
Feminino	62,7%	57,4%	67,7%	289
Cor/Etnia				
Preto	30,0%	21,4%	40,2%	115
Branco	25,3%	19,6%	32,1%	132
Pardo	36,6%	28,9%	45,1%	191
Amarelo	5,9%	2,1%	15,3%	13
Indígena	2,2%	0,9%	5,2%	9
Idade em anos				
10	5,31%	1,7%	15,1%	12
11	17,21%	10,3%	27,3%	69
12	21,43%	14,4%	30,7%	90
13	25,65%	20,2%	32,1%	119
14	20,33%	13,3%	29,8%	100
15	7,57%	4,9%	11,5%	54
16	2,37%	1,1%	4,9%	20
18	0,05%	0,0%	0,5%	1
19	0,09%	0,0%	0,9%	1
Ano de estudo				
Sexto	38,3%	27,9%	49,9%	125
Sétimo	26,3%	17,5%	37,7%	119
Oitavo	18,3%	11,9%	26,9%	119
Nono	17,1%	10,8%	26,0%	107
Classe Econômica				
D	3,1%	0,9%	9,7%	14
C2	34,7%	26,5%	44,0%	120
C1	32,2%	26,7%	38,2%	146
B2	24,1%	17,6%	32,1%	96
B1	5,4%	3,2%	8,7%	25
A2	0,6%	0,2%	1,8%	5

Referente à quantidade de vezes que houve repetência entre os participantes que repetiram o ano escolar, estima-se que 24.2% repetiram pelo menos uma vez; 12.6% duas

vezes; 4.89% três vezes, 0.89% quatro vezes. Os demais alunos, representando 56.1% não repetiram e 1.3% não responderam à essa questão.

Para estimar a prevalência de *bullying* conforme os papéis de atuação foram estabelecidos, conforme a literatura (Melim, 2012; Pereira, 2008; Olweus, 1993), critérios de classificação de acordo com a resposta emitida pelo aluno em uma das questões dos dois blocos que investigam condições de vitimização, não envolvimento/espectadores e agressão num recorte temporal para levantamento dessas informações dos últimos três meses.

Esses critérios consistiram no número de vezes em que o respondente foi agredido (questão 1 bloco II do questionário, Anexo II) e/ou agrediu (questão 1 do bloco III) um colega nos últimos três meses de aula, bem como na associação de respostas dadas à primeira questão de cada bloco, isto é, o respondente que assinalou ter sido agredido de uma à duas vezes (bloco II) e que não agrediu alguém no referido período, foi classificado como vítima passiva moderada. O aluno que relatou ter sido agredido acima de três vezes e que também não tenha agredido um colega, foi classificado como vítima passiva grave. No entanto, os alunos que foram agredidos entre 1 e 3 vezes e que agrediram outro aluno uma ou duas ao longo dos últimos três meses à época da coleta de dados da pesquisa foram classificados como vítimas provocativas. Além dessa classificação, foi adotada a de vítima agressora para aqueles estudantes que foram agredidos mais de três vezes e que agrediram também acima de três vezes no período citado. Os números referentes a essa classificação de atuação no *bullying* podem ser mais bem observados na Tabela 2.

Tabela 2
Prevalência de bullying por tipo de atuação

Variável	Frequência relativa	IC 95%		n
		Inferior	Superior	
Vítima				
não envolvidos/espectadores	39,76%	30,8%	49,4%	202
vítima passiva moderada	15,94%	11,4%	21,8%	76
vítima passiva grave	10,60%	5,5%	19,4%	44
vítima provocativa	7,00%	3,8%	12,5%	31
vítima agressora	3,55%	2,1%	5,8%	19
outras formas de atuação	23,15%	19,1%	27,8%	98
Agressor/"bully"				
não agressor	66,30%	59,4%	72,6%	322
agressor/"bully"	24,48%	19,9%	29,7%	112
outras formas de atuação	9,22%	4,6%	17,7%	36

Ainda no que concerne à atuação no *bullying*, entre os envolvidos nas condições de vitimização, estima-se que 32% sejam do sexo masculino e 68% do sexo feminino. Entre aqueles que se envolveram enquanto agressores, estima-se que 42,8% sejam meninos e 57,2% meninas. Isso indica uma prevalência de *bullying* de 60% para a amostra em estudo.

Considerado o mesmo recorte de três meses com intervalo de confiança de 95%, foram investigadas as tipologias de agressão, os locais em que elas ocorrem, a idade, a turma e quem é o aluno ou os alunos que agrediram. O tipo de agressão mais frequente no período foi “colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei” abarcando 34,8% dos que estavam envolvidos em *bullying*. O local em que as agressões mais ocorreram, foi a sala de aula, relatada por cerca de 39,5% das vítimas. Em relação à quem agrediu, 21,2% disseram que um aluno agrediu, já em relação à idade e a turma dos agressores, verificou-se um predomínio de alunos da mesma idade (31,1%) e da mesma turma (39,2%). As demais tipologias, locais, idade, turma e quem são os demais agressores observados no estudo podem ser visualizados na Tabela 3.

Tabela 3
Tipologias de agressão, locais em que ocorrem e perfil do agressor

Variável	Frequência Relativa	IC 95%		N
		Inferior	Superior	
Tipologia das agressões				
Colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei	34,8%	27,1%	43,5%	148
Falaram sobre mim escondido	21,5%	17,8%	25,9%	100
Pegaram minhas coisas sem minha permissão	17,0%	9,6%	28,3%	68
Fizeram com que eu sentisse medo	11,5%	5,3%	23,4%	41
Pararam de conversar comigo	10,3%	7,4%	14,3%	48
Bateram em mim, deram murros, socos e/ou chutes	4,9%	2,1%	11,4%	19
Ofenderam-me por causa da minha cor/raça	4,1%	2,5%	6,7%	16
Espalharam mensagens através da internet ou telefone para me prejudicar	0,8%	0,2%	3,3%	3
Locais em que ocorrem as agressões				
Nas salas de aula	39,49%	32,8%	46,6%	172
No recreio	27,56%	21,6%	33,7%	116
Nos corredores e/ou nas escadas	10,74%	6,1%	18,1%	45
Fora da escola	7,24%	4,4%	11,8%	30
No refeitório e/ou cantina	3,45%	1,9%	6,2%	19
No banheiro	2,94%	1,6%	5,2%	18
Na quadra de esportes	0,76%	0,1%	6,0%	4
No vestiário	0,37%	0,1%	2,3%	2
No pátio	0,13%	0,0%	1,3%	1
Idade dos agressores segundo as vítimas				
São da mesma idade	31,1%	21,4%	42,8%	140
São mais velhos	29,4%	22,6%	37,3%	113
São mais novos	6,3%	3,4%	11,4%	162
De que turma são os agressores				
Da mesma turma	39,2%	27,7%	52,1%	162
De outra turma	22,9%	16,3%	31,1%	99
Quem fez mal				
Um aluno	21,2%	12,7%	33,2%	82
Vários alunos	15,3%	7,9%	27,7%	53
Alunos e alunas	10,0%	6,9%	14,4%	46
Uma aluna	7,6%	4,4%	12,9%	44
Várias alunas	7,2%	3,8%	13,4%	33

A variável tipologia de agressões (identificada pela questão (2) *De que forma isso tem ocorrido?*) foi investigada no Questionário de *Bullying* após ter sido perguntado ao aluno “1. *Quantas vezes algum(a) aluno(a) da escola fez algo de mal a você nos últimos três meses de aula?*”. Na sequência, eram questionados (3) *em que lugar essas situações aconteceram* com possibilidade de o aluno apresentar um local que se diferia das opções oferecidas pelo questionário; (4) *de que turma são os(as) alunos(as) que têm feito algum mal a você*; (5) *de que idade são os(as) alunos(as) que tem feito mal a você*; e (6) *quem fez algum mal a você*. Essas questões evidenciaram, além da frequência das tipologias, aquelas relacionadas aos locais em que ocorrem as agressões e o perfil do agressor.

Com o objetivo de identificar características sócio-demográficas da amostra estudada que pudessem apresentar algum tipo de associação com o tipo de atuação no *bullying* foram realizadas análises bivariadas. Testou-se, separadamente, a associação de cada um dos tipos de atuação no *bullying* mais relevantes para o presente estudo (vítima e agressor), com algumas características dos alunos respondentes, tais como sexo, etnia, ano de estudo e repetência do ano letivo.

Considerando o nível de significância de 5%, é possível apontar uma associação estatística entre o sexo e a condição de vitimização no *bullying* ($p=0.045$). Entretanto, com o mesmo nível de significância de 5% não há evidência de associação estatística entre sexo e a condição de agressor no *bullying* ($p=0.478$). Isto é, não há diferença entre os sexos quando a atuação no *bullying* é na condição de agressor, mas na de vitimização, as meninas tendem a ser mais vítimas que os meninos.

Outra característica que não se mostrou estatisticamente associada condição de vitimização no *bullying* foi etnia/raça ($p=0.176$). Porém, em relação à atuação como agressor foi verificada uma evidência de associação estatística com etnia/raça ($p=0.015$). Em outras palavras, o agressor negro tende a ser mais ofensivo do que o não negro na presente amostra.

Embora tenha havido evidência de associação estatística para a atuação como vítima e repetência do ano letivo ($p=0.034$), não foram observadas associações estatisticamente significativas entre condição de vitimização e ano de estudo ($p=106$), e entre atuação como agressor de *bullying* e ano de estudo ($p=0.232$) ou repetência do ano letivo ($p=0.670$). Isso significa que o insucesso no ano letivo não se associa à atuação no *bullying* como agressor e que estar cursando determinado ano não se relaciona à atuação no *bullying*, ou seja, um dado ano de estudo não propicia mais ou menos participação no *bullying*.

Além dessas variáveis que não demonstraram associação estatisticamente significativa, quando o cruzamento de variáveis ocorreu entre sexo e tipologias de agressões também não houve evidência de associação para a maioria das tipologias, exceto para sexo e “pararam de conversar comigo” ($p=0.003$). Para o cruzamento de sexo com as demais variáveis, observou-se: “colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei” ($p=0.128$), “bateram em mim, deram socos, murros e chutes” ($p=0.886$), “pegaram minhas coisas sem permissão” ($p=0.331$), “fizeram com que eu sentisse medo” ($p=0.861$), “falaram sobre mim escondido” ($p=0.280$), “espalharam mensagens através da internet ou telefone para me prejudicar” ($p=0.623$) e “ofenderam-me por causa da minha cor/raça” ($p=0.484$).

4.2 Resultados do Estudo Qualitativo

Os resultados do estudo qualitativo, desenvolvido pelo roteiro de 17 questões norteadoras de entrevistas semiestruturadas (ANEXO III), foram obtidos a partir de 27 entrevistas realizadas com alunos selecionados após a realização das análises do estudo quantitativo.

Esses alunos, 12 meninos e 15 meninas com idades entre 11 e 17 anos, foram entrevistados conforme a atuação e envolvimento em *bullying* explicitada pela análise estatística do estudo quantitativo: vítima (passiva moderada e grave, provocativa e agressora),

agressor e não envolvidos/espectadores. Essa categorização é evidenciada pela literatura (Melim, 2012; Pereira, 2008; Olweus, 1993), a partir das respostas do Questionário de Olweus respondido pelos alunos em relação à quantidade de vezes um estudante sofreu ou praticou agressões nos últimos três meses, bem como em relação à apenas ter assistido ou presenciado. O objetivo dessas entrevistas foi o de investigar, clarificar e estudar as situações de *bullying*, violência doméstica e as de associação existente (ou não) entre tais fenômenos, através da exploração de características do contexto doméstico/familiar e do relacionamento interpessoal e escolar desses alunos.

Na pré-análise e exploração do material transcrito (ANEXO V) em conformidade com as temáticas eleitas para essa avaliação inicial (contexto familiar, resolução de conflitos e compreensão da agressão, clima familiar percebido, relacionamento interpessoal e escolar, gosto pela escola, concepção de escola e do *bullying*) e através dos radicais das palavras-chaves/expressões norteadoras das perguntas da entrevista, com uso do filtro de conteúdo por análises de dados de texto no software Excel, foram quantificadas as expressões emitidas pelos respondentes.

Vale ressaltar que as denominadas palavras/expressões chaves norteadoras das perguntas da entrevista foram: (1) relacionamento familiar; (2) possibilidade de vitimização; (3) descrição/concepção de violência ou agressão; (4) concepção de separação e divórcio; (5) diálogo; (6) amizade; (7) escola; (8) vida escolar; (9) educação; e (10) *bullying*.

Dentre as expressões mais utilizadas pelos respondentes, destacaram-se: (a) “brigas”, tendo sido emitidas em média 7,74 vezes por respondentes; (b) “bater” apareceram 114 vezes no total das entrevistas (n=27), numa média de emissão de 4,22 vezes por aluno entrevistado; e (c) “xingar”, que apareceram 70 vezes entre os respondentes. As demais expressões emitidas, assim como às quais se associaram e a cada questão que se relacionaram podem ser verificadas na Tabela 4.

Tabela 4
 Frequência de expressões emitidas por entrevistado e questão associada

Palavras-chave e expressões	Frequência	Média	Questão
Brigas			
Briga/ brigar/brigou/ brigando	209	7,74	2, 4, 5, 13, 16
Brigar não/ não briga	3	0,11	2, 4, 5, 13
Beber álcool (bebe/bebem meus pais, eles)	18	0,67	1, 2, 3, 4, 5
pessoas beberam/ usaram drogas	2	0,08	1,3,5,6,13
Agressão			
Agride/agrediu/agredindo/agressão	10	0,37	2, 4,
Bate/bateu/bater	114	4,22	2, 4, 13
Não me bateu/ não me bate	9	0,33	4, 5
Ameaça (bater)	1	0,04	4
Chute/Chutou/Chutando	10	0,37	13
Soco	10	0,37	8, 13
enforca/enforcar	1	0,04	13
Xingar			
Xingar/xinga/xingamento/xingou/ xingando	70	2,59	4, 5, 13, 16
Grito/gritar/gritando	58	2,15	2, 4, 5
Apelido	54	2,00	13, 16
já coloquei apelido	3	0,11	13, 16
não coloquei apelido	1	0,04	13
"zoam/zoando/zoo/ zoações"	12	0,44	9, 13
Amigo			
Amigos (com meus/ tenho muitos)	28	1,04	7, 8
amigos (poucos/maios ou menos)	2	0,07	7, 8
Diálogo/conversa			
Conversa	6	0,22	3, 8
converso com	18	0,67	3, 8
converso com ninguém	6	0,22	7
não converso	11	0,41	3, 7
diálogo (se tivesse)	5	0,19	15
diálogo (não tem)	1	0,04	3, 15
Castigar			
castigo (deixa de)	15	0,56	2, 3, 4
castigo (não deixa de)	3	0,11	2, 3
Apego			
Carinho/dar carinho/carinhoso(a)	11	0,41	3, 15
Brincadeiras/Lazer			
Brinca/brincar/brincadeiras/brincando	73	2,70	3, 8, 13
Não brinca/ não brinco	2	0,07	3, 13
Separação			
Separou/separar	11	0,41	1, 2, 5, 6
meu pai separou	4	0,15	1, 2, 3, 5
meus pais se separaram	2	0,07	1, 2, 3

A partir da quantificação e agrupamento das expressões emitidas, foram compostas as categorias para a análise de conteúdo, iniciando os procedimentos de tratamento, inferência e interpretação dos dados originários dos conteúdos relatados. Essas categorias também foram quantificadas conforme a amostra de respondentes (n=27) e são referentes a cada um dos blocos de investigação de contextos familiar/doméstico e interpessoal e escolar. As categorias do bloco 1 se dividiram em: (I) tipo de relação familiar e contexto doméstico com subcategorias de análise nomeadas por tipologias de pacífico e não pacífico; (II) resolução de conflitos também subdividida em pacífica não pacífica compreendendo tipologias de agressão (física e psicológica), brigas e ausência de diálogo; e (III) condutas não pacíficas com subcategorias compostas por privações de atividades/punição, gritos, xingamentos, quebra de objetos/danos ao patrimônio, tapas/palmadas/soco, choro e uso de álcool e outras drogas. É importante ressaltar que cada uma das categorias acima possuem um objeto de comparação, as duas primeiras, o sexo dos respondentes enquanto a terceira foi a família. A Tabela 5 evidencia tais categorias em conformidade com a amostra estudada.

Tabela 5
 Categorias de análise do contexto familiar/doméstico (n=27)

Tipo de Relação Familiar/ contexto doméstico							
Objeto de Comparação		Pacífica			Não pacífica		
		Conversa/ Diálogo	Lazer (brincadeiras, passeio/ cinema)	Briga	Agressão física	Agressão verbal/ psicológica	Ausência de diálogo
Sexo	Menino	2	4	3	1	1	1
	Menina	3	4	4	1	1	2
Resolução de conflitos							
Objeto de Comparação		Pacífica		Não pacífica			
		Diálogo/ Conversa		Agressiva/ Violenta		Punição/ castigo	
Sexo	Menino	5		4		3	
	Menina	8		2		5	
Condutas não pacíficas							
Objeto de Comparação		Privações de atividades/ punição	Gritos	Xingamentos	Quebra de objetos/ dano ao patrimônio	Tapa/ palmada/ soco	Uso de álcool ou droga
		Família	Menino	6	2	2	1
Menina	7		2	2	1	2	1

As categorias do bloco II das entrevistas também foram construídas a partir do processo de quantificação e associação de expressões emitidas utilizado para composição das categorias do bloco I. As categorias do bloco II, que tiveram como objeto de comparação o sexo e tipo de atuação no *bullying*, referem-se às características dos relacionamentos interpessoais e escolares dos respondentes e foram nomeadas por (a) “diálogo/conversa com” com a finalidade de explorar com quem são estabelecidos diálogos; (b) “relacionamento escolar” para explorar a ligação com a escola em relação ao gênero, ao gosto pela escola e ao envolvimento com alguma agressão sofrida, praticada e/ou assistida; e (c) “tipos de agressão sofrida, praticada e/ou assistida”, se física ou psicológica conforme a atuação no *bullying*. Essas informações com as frequências de ocorrência de cada uma conforme as 27 entrevistas encontram-se distribuídas na Tabela 6.

Tabela 6
Categorias de análise do contexto interpessoal e escolar (n=27)

		Diálogo/conversa com...						
Objeto de Comparação		pais ou responsável	tios e avós	irmãos	amigo	professor	não ocorre/ninguém	
Sexo	Menino	2	1	2	2	1	4	
	Menina	5	4	0	1	2	3	
		Relacionamento Escolar						
Objeto de Comparação		Sexo		Gosto pela Escola		Envolvimento em agressões		
		Menina	Menino	Gosta	Não gosta	sofrida	praticada	assistida
Atuação no bullying	vítima	10	3	7	6	11	12	0
	agressor	1	7	7	1	2	8	0
	espectador	5	1	5	1	0	0	6
		Tipos de agressões sofridas, praticadas e/ou assistidas						
Objeto de Comparação		Física	Psicológica					
		soco, tapas e chutes	apelidos	xingamentos	gritos	discussões/ brigas	outros	o que
Atuação no bullying	vítima	5	7	4	1	1	1	enforcou
	agressor	5	1	1	0	1	1	enforcou
	espectador	6	6	6	6	6	0	0

No que se refere à categoria I (tipo de relação familiar e contexto doméstico) do bloco primeiro de perguntas da entrevista, observou-se em relação ao gênero contextos pacíficos com presença de diálogo e laser. Essas características são identificadas em três relatos. Embora o objeto de comparação desta categoria tenha sido o sexo e a família, esses respondentes se envolveram em situações de *bullying* como vítimas passivas e espectador.

Respondente 5JO7B1, sexo masculino, 15 anos:

Lá em casa tem meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho e eu. É... (pausa) meu irmão tem 17 anos e eu tenho 15. Meu irmão é cabelereiro, meu pai trabalha fora, minha mãe também, e eu fico mais sozinho... fico mais sozinho assim durante o dia... né?! Só a noite que eu tenho

contato com meu pai. Meu irmão fica lá na casa da namorada dele, né, aí é difícil a gente vê ele, ele só vem pra casa final de semana, aí a gente sai, come pizza, passeia assim, né(...).

(...)Ah... eu sou mais apegado com minha mãe, sempre a gente... sempre quando eu tenho alguma coisa pra fala com ela... ela também fala comigo... Tem vez, assim... a gente assim... quando final de semana a gente vai na pizzaria... essas coisa. (sic)

Respondente 5CA70225, sexo feminino, 12 anos.

Lá em casa mora eu, minha mãe e meus dois irmãos. Só que a gente não fica muito junto, porque eu estudo a tarde, meu irmão mais novo, que ele tem 14 anos (pausa), 15 quer dizer... Ele chega da escola, do colégio militar, as duas horas aí eu já não encontro ele. Minha mãe ela trabalha e o meu outro irmão de 19 anos, ele fica no exercito, aí muitas vezes ele tá de serviço aí a gente não fica muito juntos. Só... mas, a nossa casa é imendada com a casa da minha vó, a gente sobe pelo, pelo... uma escada assim, chega no terraço a gente desce e vai pra casa da minha vó. Aí mora minha vó e meus dois primos, minha prima e meu primo. Meu pai morreu, quando eu tinha 8 anos. De vez em quando, quando a gente tá todo mundo junto a gente vai pro cinema, a gente sai (...). (sic)

Eu e meu irmão mais velho, a gente não briga não. Ah... minha mãe interrompe a gente, ela fica gritando. Ela fala, para com isso, eu já to cheia (risos). A gente não fica de raiva não. Aí tipo assim, no dia seguinte, quando eu venho aqui na escola, aqui em frente vende bombom essas coisas, eu pego compro e levo pra ele (...).(sic)

Respondente 5CA90111, sexo masculino, 13 anos.

Eu moro assim com a minha mãe e no apartamento do lado é minha vó, meu vô e minha tio. Que é um apartamento, aí 101 é eu e minha mãe e 102 a minha vó. Aí assim a relação é boa, assim não tem briga. Aí é dois passos e já chega lá na minha vó. Tenho irmão só irmão por parte de pai. Que meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha 5 meses, agora eu vou fazer 14. Tem uns 13 anos... Minha irmã mora com meu pai, aí final de semana fica lá, tem 7

anos. Eu, assim, eu só durmo lá na casa da minha mãe, porque a maior parte eu fico lá. Porque a minha mãe é, trabalha de tarde e de noite, ela chega umas 10 horas, aí eu só acordo, tomo café e vou pra minha vó aí fico lá. Pra não ficar sozinho né, é ruim (...).(sic)

É... aí ela sempre fala, tô com TPM, aí eu faço umas cosquinhas nela e ela começa a rir. Aí a gente começa a brincar, lembrar de uns velhos tempos que... É porque assim, ela me conta uma história que ela ficava nas festas, brincando com a irmã dela. Aí só isso, ela contava que ela ficava dançando assim, aí ela contava umas dança e eu fico rindo. (...) É ótimo. E, é, a gente joga bola. Aí assim, as vezes tem uma discussão ou outra, porque parece que o nosso gênio não bate. Mas, aí, igual a minha mãe, passa em uns 5, 10 minutos, aí a gente pede desculpa e pronto. É, porque assim, é, as vezes ele é muito ignorante. Tipo, é, eu lavo a mão aí enxuga na toalha aí sem querer a minha mãe ainda tá suja, aí fica suja aí ela briga. Mas aí depois pede desculpa, ele começa a brincar, eu brinco e esquece tudo(...).(sic)

Ainda em relação à a categoria I do bloco primeiro de análise, porém com contexto familiar ou doméstico não pacífico também em relação ao gênero/sexo, foram observados relatos como:

Respondente 5CA9014, sexo masculino, 16 anos, agressor/bully.

Ah... discussões, todo dia. Briga não chega a ter não, mas mais discussão. Ah, em relação a presente, preu comprar, gastar assim é um negócio normal é eu e minha mãe. Nada de palavrão assim não, só discute o normal, sei lá, sai batendo a porta, na hora do nervoso mesmo, grita...(sic).

Respondente 5TN7A3, sexo masculino, 12 anos, agressor/bully.

Na minha casa é um dia-a-dia meio complicado porque tem muita briga com os adulto. A casa é da minha vó, só que ela dividiu pra minha mãe fica mais perto dela. Na parte da minha mãe dorme eu, minha irmã e ela e a noite meu tio dorme lá. Minha irmã tem quinze anos, eu tenho 12. As criança, uma de 4 e outra de dois, fazem bagunça aí minha vó tá muito velha e começa a briga, aí todo mundo briga. A minha tia chega tarde em casa, aí ela vai e começa a briga com minha mãe. Eu tenho preguiça, aí ela briga comigo. Meu pai separou da minha mãe, mas já tá voltando de novo. Assim... tem pouco tempo, a gente sofreu um acidente de carro, aí pra minha mãe ajuda eu e minha irmã, ela separou do meu padrasto e tá voltando pro meu pai de novo. Acho que tem uns dez anos que minha mãe ficava com meu padrasto, com meu pai só quando eu era pequeninim só (sic) (...).

(...) meu padrasto quando tava morando lá ele começava soca as panela, soca a parede, ele tava vendo televisão, tampava o controle remoto no chão... essas coisa. (...) ah... ela já que logo agredir as pessoas. Minha mãe quanto tá nervosa precisa se o meu tio tá em casa, segura ela, principalmente se ela tá nervosa com a minha vó, aí todo mundo sai pra segura minha mãe. Eu ela não agrediu não, mas minha irmã já... deu um tapa por causa da discussão lá. (...)minha irmã começa a xingar, eu xingo também, mas aí eu desço e melhora (sic).

(...) ela que já tampou um copo de vidro nele e cortou a mão dele, mas quem começou foi ele. Ele começou a fazer gracinha, minha mãe ia lá fala com ele, aí ele ficava nervoso e aí minha mãe não aguentava não... Quem entrava no meio era minha irmã e minha vó, tirava o meu padrasto de perto, tentava acalmá minha mãe. Acho assim... se não tivesse dando certo, tinha que terminar mesmo, se tivesse dando certo, tinha... tivesse briguinha boba, tinha que conversar e resolver logo, acaba com os problemas(sic).

Respondente 5TN8B11, sexo feminino, 15 anos, vítima provocativa.

Na minha casa tem seis pessoas no total. Eu, meus três irmãos, meu pai e minha mãe. Nosso dia-a-dia, meu pai trabalha, minha mãe trabalha, no final de semana meu pai bebe, minha mãe bebe e tem briga. Minha mãe e meu pai são muito de briga. Me prende muito. Lá em casa é um pouco difícil por que meus pais não tem muito juízo porque eles bebem desde os oito anos de idade e meus irmãos não páram em casa, eu e minha irmã somos muito sozinhas, fazemos pra gente. Nosso dia-a-dia é assim. Vamos pro centro olímpico, fazemo atletismo, vamo pra escola e casa, só. Meus irmãos são mais velhos, um já noivou só vem aqui pega a marmita e vai embora, o outro só vai na igreja. Não ficam muito tempo em casa não.

Meu pai e minha mãe, assim... quando eles bebem eles mudam. Assim... desde quando eles começaram a se vê, namora e casa, teve a gente eles bebe, brigam muito, brigam de faca, ele já deu duas facadas na minha mãe, minha mãe já deu machadada nele, já deu facãozada nele também, brigam com a cacete, com vassoura, sobra pra cima da gente porque a gente vai separar, aí vem pra cima da gente. É... minha mãe quebrou o nariz porque foi separa briga do irmão dela, ela tava bêbada e caiu, quebrou o nariz. Meu pai quando bebe ele fala muito, aí arruma muita confusão dentro do quintal, porque é muita gente que mora lá... E... é isso... Assim... meus irmãos não param em casa, não pode separar, não pode chamar a polícia porque tem muitas pessoas que fumam maconha, a gente tem medo deles mata a gente, quando saí da cadeia, então não pode chama a polícia e fica tudo por isso mesmo (...) (sic).

Respondente 5JO8B17, sexo feminino, 13 anos, vítima passiva grave.

La em casa é quatro pessoas: eu, meu pai, minha mãe e meu irmão de dez anos. Aí, assim... meu pai sai pra trabalhar cedo, por volta de sete horas, aí minha mãe pega quatro horas e volta por volta de onze e meia assim... ela trabalha em lanche. Aí, assim... quando eu chego da escola, eu fico um tempinho com meu irmão até meu pai chegar, aí depois que ele chega,

aí a gente espera a minha mãe chegar, aí... é normal. Eu e meu irmão, tipo assim, a gente discute muito, qualquer coisinha a gente briga. Aí com minha mãe, assim, eu converso mais com ela por ficar mais tempo com ela. Com meu pai converso pouco, só quando ela tá em casa mesmo. Tenho irmãos por parte de pai, tipo... eu vejo eles só no dia dos pais ou nos fins de semana, igual... semana passada meu irmão foi lá. Eu tenho um irmão que é polícia também e eu quase não vejo eles, a minha irmã mais velha do que eu, mas caçula do lado de lá não gosta de mim, eu sei que ela não vai com a minha cara, porque sempre que ela me vê, ela fica fazendo cara de nojo, conversa por conversar, ela... tem ciúme de mim, por isso eu tenho certeza que ela não gosta de mim. A minha outra irmã que tem um filho também não gosta de mim, tenho certeza (sic).

A maioria das vezes a gente briga por causa de time, eu torço pro Flamengo e pro Santos, ele pro Cruzeiro, aí eu fico zoando ele, ele me zoando... aí... assim... muitas vezes ele começa a ficar me xingando, aí eu xingo ele... é isso. Aí minha mãe começa a querer bater na gente, mas ela não bate não só ameaça, mas ela fala assim: 'se não parar isso, vou tirar isso, aquilo... não vai ver televisão, não vai jogar bola'. Aí a gente fica quieto. Ele me bate, mas eu não bato nele não, tenho medo de machucar ele (...)(sic).

(...) muita das vezes, igual, assim... tem pouco tempo que meu pai bateu em mim e no meu irmão, só que ele não bate pra machucar não, ele só bate assim de leve assim, aí ele grita muito comigo e com meu irmão, qualquer coisa ele fala que vai tirar e... desligar a televisão, algumas coisas assim... Igual, lá em casa tem DVD, televisão, som que é dele, ele não deixa a gente encostar nas coisas que é dele, só na da copa, na da sala não pode nem sonhar, só quando ele tá em casa (sic).

Respondente 5TN7A1, sexo masculino, 12 anos, agressor/bully.

É... lá em casa é eu, minha mãe, meu pai, meu irmão e o cachorro. Era dois, mas morreu um esses dias. Meu irmão tem 19 anos, eu sou o caçula. Minha mãe trabalhava, agora não trabalha não, meu pai trabalha. A gente conversa sempre, todo dia, mas mais com meu irmão, de jogo, de computador, vídeo game, a gente gosta do GTA...

Eu e meu irmão a gente discute muito, qualquer coisa que eu faço ele começa a gritá, aí eu falo 'não grita comigo não, sou seu irmão'. Minha mãe e meu pai não briga não, só comigo, muito porque eu faço bagunça na escola, converso e fico em pé. Fico falando das festas que a gente vai, dos lugares, dos jogos... porque eu saio de vez em quando pra jogar, mas é mais em casa, tenho uma pochete cheia de jogo (sic).

(...) ele começa a gritá (risos): 'ai que porcaria, esse negócio não dá certo', essas coisas assim....(sic).

Ela xinga, ela me xinga assim 'que menino chato! Não presta pra nada!'. De vez em quando ela me batia, agora não batendo não (sic).

meu irmão... me espanca. Ele não me bate não, ele me espanca mesmo, ele quebra coisa na minha cabeça, tampa copo de vidro pá quebra, tampa pedaço de pau, vassoura... (risos). Ele vai me provocando, aí eu irrita ele, dô soco nele, aí ele vai e tampa alguma coisa (sic).

Meu pai e minha mãe não briga muito não. As vezes ele tem discussão, começa a fala, fala... ninguém nem entende o que eles fica falando não. Quem começa mais é minha mãe porque ele não para em casa. Ah... eles devia é calá a boca e fica quieto, ir cada um pro um canto e depois volta a conversa (sic).

As categorias do bloco II tiveram como objeto de comparação o gênero e tipo de atuação no *bullying*. Elas referem-se às características dos relacionamentos interpessoais e escolares dos respondentes, tais como o interlocutor dos diálogos que estabelecem, o

relacionamento na e com a escola, o envolvimento e as tipologias de agressões física e psicológica. As características puderam ser verificadas no relato dos mesmos respondentes que constituíram a ilustração das categorias do bloco primeiro, quando em contexto familiar ou doméstico não pacífico.

Respondente 5CA9014, sexo masculino, 16 anos, agressor/bully.

Com ninguém, fico mais no meu quarto. No computador mesmo, escutar um reggae pra acalmar, entrar no msn mesmo, facebook. Nada de mais. Ou vou durmi. O que me chateia muito... é escutar um não da minha mãe. Escutar um não, pedir pra sair e ela não deixa, comprar um negocio e ela não me dá. Aí eu vou durmi, pra acalmar, pra não ter mais problema (sic).

(...) Ah, to a 8 anos aqui já. Acostuma. Legal, não é muito ruim. Normal, sei lá. Ah, num sou muito chegado não, mas tem que vir pra cá, não tem outro lugar né. E trocar agora no meio do ano é, é difícil. Gosta? Tem os meninos, meus parceiros meus, eu não troco de escola por causa deles não (sic).

Nada. Durmi na aula, só recreio, jogar bola com os muleque. Eles traz bola, nada de mais. Não. Pior, sempre é o pior da turma. Ah, só faz bagunça, não faz nada, só tira nota baixa (sic).

(...) Quando eu trouxe a garrafa de Big Apple pro colégio. A mais grave foi essa, de quase que fui expulso. Aí fui eu, mais de 20 pessoas beberam, só que só eu fui, não entreguei ninguém não, aí só fui eu, Saulo e Vitor. Aquele que falou lá. Só os três só que deu punição, só, aí deixou suspenso... Briga. Nada, grave. No máximo um tapa, um chute. Nada grave de sangrar, quebrar alguma coisa não. Ah, mas agredir assim de brigar, brigar não. Mas brincadeira de menino assim, dar tapa no outros, dar banda, passar uma rasteira assim, normal. Isso sempre tem, não tem nem jeito. Apelido tem também, eu não, mas os meninos

tem. Xinga? Todo dia (risos). Ah... colé desgraça, ou qual é filha da puta, todo mundo cumprimenta assim de amigo. Apelido inventa na hora, depois passa, inventa outro. Temporário, tipo olha a gordinha, depois volta. Aí para de chamar de gordinha e chama de outra coisa que, uma merda que ele fala (sic).

Respondente 5TN7A3, sexo masculino, 12 anos, agressor/bully.

(...) Ah... eu fico brincando sozinho mesmo, eu fico brincando que eu tenho um amigo imaginário porque de tarde minha irmã não tá em casa, as minhas primas pequenas tão dormindo, a minha vó fica fazendo as coisa, aí eu fico sozinho, converso sozinho mesmo (sic).

(...) Ah... é boa, o que atrapalha mesmo são os alunos bagunceiros. Gosto dela, até estudei em outra escola, mas voltei. Ah... aqui eu gosto mais é de assistir aula de matemática. Ah... mais ou menos, tem momentos que eu faço bagunça demais, tem momentos que eu fico prestando atenção. Quando eu faço bagunça, eu fico conversando, botando apelido nos outro, fico fazendo gracinha por trás do professor... Já quando, quando eu fico quieto, eu faço exercícios e prestando atenção na aula (sic).

Ah... eu coloco apelido, essas coisas assim de sala... Se uma pessoa é gordinha eu fico chamando de tomate, tubarão... Tem um menino lá que ele é magro, ele fica mexendo comigo, aí eu chamo ele de vareta, palito.... Se alguém ficou chateado, acho até que ficou, não falou comigo não, só deixou de conversar comigo. Briga também já aconteceu, mas discussão só, tipo, a pessoa começou a discuti comigo, aí eu começo também, a gente começa a brigar, um empurra o outro, da chute, aí vem alguém e separa (sic).

Respondente 5TN8B11, sexo feminino, 15 anos, vítima provocativa.

Ah... eu não converso com ninguém não. Eu só converso com Jesus quando eu vou orar, é com ele que eu me desabafo, não tem coisa melhor que desabafar com Jesus não, porque ele te cega do problema,

te faz ri. Só Jesus mesmo. No resto, eu não confio em ninguém não, porque são tudo falso, só a minha irmã (sic).

Não digo amigos não, porque amigos tão com você na hora bora e hora ruim. Assim, eu não tenho, então eu diria, eu tenho colegas. A gente as vezes costuma saí, pra me divertir, esquecer os problemas que eu tenho em casa. Daqui da escola tem um colega, tem sim da minha sala, a gente tem em comum, bebe um refrigerante as vezes (sic).

(...) Eu gosto da escola, mas acho que tinha que melhorar mais, tem qualidade muito ruim. Educação física, gosto de futebol, eu (risos), jogo como zagueira (risos), torço pro Corinthians. Assim... se eu prestar atenção na aula, eu sou boa aluna, eu ajudava minhas colegas mesmo elas não me ajudando, tenho boas notas (sic).

(...) Teve uma briga aqui na escola esse ano com uma menina que saiu ela é até da minha família, do lado dá do pessoal nojento, é uma prima de terceiro grau e, assim, por ela sê bonita, lora, ter olho azul, ela se acha, ela é invejosa e faz fofoca, aí uma vez eu peguei ela falando de mim, aí bati nela, aí ela contô pá coordenadora daqui e então ela chamou minha mãe, minha mãe veio. Ela falou que eu era uma aluna boa, mas em termos de briga, que eu brigava muito, mas aí minha mãe deixou por isso mesmo. No dia-a-dia tem muito apelido, pelo fato de eu sê muito magra, quando eu saí lá da sala, você viu, teve cara de lata, magrela, mas eu não ligo não, só não pode me encostá a mão, porque aí eu não gosto muito não. Mas... já agredi sim por causa de apelido. Foi ano passado. Eu di um tapa na cara da menina, e falei que ela não era melhor do que eu, que ela tinha que se vê primeiro pra depois ver os meus defeitos. Ela me chamou de palito de fósforo, ela era mais magrela do que eu, aí eu falei que ela tinha que se vê primeiro.... mas agora eu parei, parei porque essa parte de pessoas de fora fica sabendo de briga é mais complicado porque meu irmão mais novo se fica sabendo, ele não sabe batê, ele tem um braço muito forte, quando ele bate, ele bate pra machucar, por causa disso eu até parei pra não chegar no ouvido dele, porque é tanta coisa

que chega no ouvido dele, se chegar isso, não sei né?! A gente não tem prova as vezes pra ele sabe que é mentira, aí a gente fica mais na nossa agora, deixa tudo pra lá (sic).

Respondente 5JO8B17, sexo feminino, 13 anos, vítima passiva grave.

Ah... eu não converso com ninguém, eu fico só pra mim. Noutra dia eu tava muito triste, sexta-feira os meninos estavam me zoando muito aqui na escola, aí fiquei triste e não contei para ninguém. Ah... tipo assim... (voz tremula e embargada), eles ficam me chamando de gorda (choro). Isso já aconteceu muitas vezes (choro, silêncio...). Hoje mesmo os meninos tavam até brincando assim (voz embargada), só que eles levam tudo na brincadeira e não pensam que machucam as pessoas (choro e suspiros). E... assim... não é só eu que ele zoa, entendeu, até uma das meninas que não veio hoje, eles também zoam muito ela, mexendo com a cor dela. E um dos meninos que fica zoando, graças a Deus, não veio hoje, mas (choro), nossa... ele é impossível, ele, ele implica até com os professores, ninguém aguenta ele. Eu gostava muito dele, desde quando eu entrei na escola eu estudava com ele, todo ano eu estudava com ele, só que esse ano tá impossível de aguentá ele, ele tá muito estranho, não sei se é porque ele juntou com os menino?! (sic).

(...)Ah... tem muitos professores que eu gosto, muitas pessoas que eu gosto, assim... Eu até queria mudar esse ano, no meio do ano para outro colégio, só que eu não sei se a minha mãe vai conseguir assim... Acho boa, legal, tem muita gente boa, tem muita gente chata, umas antipáticas, tem professores que eu não aguento a chatice, já tem umas que tem dias que elas estão legais, tem dias que elas estão chatas. Mas tem uma professora aqui que eu gosto muito dela, que, assim, acho que não vou ter mais oportunidade de estudar com ela, mas eu adoro ela. O que eu mais gosto? Ah... não sei... não sei... (sic).

(...)Igual... assim... a outra menina eles ficam chamando ela de beijuda, aí até... um desses meninos também é negro, mas ele zoa tanto ela, tanto, por ela ser negra... chamam ela de

boneca de areia, essas coisas, nossa... mas ele zoa muito ela também. Não é só eu, ele zoa ela. Tem mais uma menina também que ele fica zoando, chamando ela de pamonha, essas coisas... Só que essa eles começaram a zoar pouco tempo, mas eu e a outra menina que é negra, a gente são as mais zoadas da sala e isso quando eles não resolvem zoar entre si, um deles fica assim: 'olha a minha orelha, olha meu nariz, olha a sua barriga', fica zoando por causa das manchas que eu tenho, essas coisas (choro, suspiro). Eu fico triste, muito triste assim, mas eu não fico pensando em fazer nada não, porque se eu bater neles, nossa... eles acabam com a gente. Só da gente brinca com eles tratam a gente assim, imagina se a gente encostar a mão neles?!(sic).

Respondente 5TN7A1, sexo masculino, 12 anos, agressor.

(...) Mas eu não converso muito não, só de vez em quando que converso com alguém, com meus colega só. (...) Já foi boa, mas agora tá ficando ruim por causa dessas diretoras aí... qualquer coisa que cê faz elas começa a grita com cê, do nada, aí se o cê levanta da cadeira a 'fessora te tira ponto, se cê levanta pra pegara a borracha ela te tira ponto, aí cê vai indo, vai ficando sem ponto, né?!(sic).

(...) Briga... briga. Os dois tomam suspensão, não adianta nada, quem tá certo, toma suspensão do mesmo jeito. Antes da quinta série (sexto ano) eu era quietinho, não fazia nada, eles mexiam, me encarnavam, eu não fazia nada, enquanto eu tivesse quieto eles mexiam mais, me botavam apelido, aí eu deixava prá lá, mais aí começaram falar da minha mãe, aí eu comecei a estressá, aí no dia que falou eu já endoidei e pulei em cima do moleque, enforquei ele, bati com a cabeça dele na parede (sic).

Com a interseção e análise das categorias dos blocos I e II foi possível formular uma categoria, também expressa por meio de uma tabela (Tabela 7), que demonstra e ilustra a associação dos fenômenos da violência doméstica/familiar e do *bullying* conforme as tipologias de condutas e/ou atos agressivos ou não pacíficos presentes tanto na família quanto

na escola, tendo como objeto de comparação a interveniência junto ao *bullying* daqueles alunos entrevistados.

Tabela 7

Associação entre VD e Bullying: frequência por agressões na família e na escola conforme a atuação no bullying (n=27).

Violência Doméstica e <i>Bullying</i>			
Condutas não pacíficas na família e na escola	Objeto de Comparação Atuação no <i>bullying</i>		
	Vítima	Agressor/ bully	Não envolvido/ Espectador
Privações/ameaça	12	6	3
Gritos/xingamentos	12	9	6
Dano patrimonial	3	2	0
Tapas/palmadas/socos/chutes	12	9	6
Uso de álcool/droga	2	1	0
Apelidos	12	9	5
Ausência de diálogo	10	8	3
Brigas/discussões	12	9	6

Um relato que evidenciou a associação entre o contexto familiar ou doméstico e a situação de *bullying* na escola foi o de um aluno de 15 anos, aluno do nono ano. No presente estudo, a atuação dele foi como agressor/*bully*.

Respondente 5JO9A10, sexo masculino, com 15 anos.

Ah... é bom porque eu tenho dois irmãos, dá pra mim brincar com minha mãe também.... mas ela trabalha, né?! De dia, ela trabalha de manhã e de tarde; meu pai fica o dia inteiro comigo, ele trabalha de noite. Meu irmão, assim... é um irmão e uma irmã, só que eu não vejo, não vejo tem uns cinco anos. Ah... porque eu não vejo, nem meu pai também, não sei, não queria fala é coisa do meu pai, dele prá lá, ela tem a mesma idade que eu, 15 anos. O meu irmão tem dez, aí eu não convivo com minha irmã, aí eu sou o mais velho.

Entre meus pais, eles resolvem entre eles pá lá, eu e meu irmão deixa pra lá. Eu e meu irmão a gente briga também, por causa de coisa, lá na rua lá, (risos), dentro de casa, por causa das minhas coisas e das dele... ah! Assim (risos)...

(...) ele só fala só. Não me bate não. Só minha mãe, mas de vez em quando. Mas quando não é comigo ele fica calado, quieto na dele. Só fala algumas coisas, comigo ele fala muito, bate com chinelo, corre atrás de mim porque eu corro dele, mas só as vezes (risos)...

Ah ... quando é com a gente ela bate com chinelo... mais que meu pai. Se a gente fez uma coisa muito errada é de cinto.

(...) Muitas vezes eles já brigaram, ainda mais quando eles separaram, aí... duas vezes, quando... tem uns dois anos e em uma e a outra quando eu tinha cinco anos. Na primeira eu não sabia o que que era, mas na segunda, foi mei... foi mei ruim, né?! Mas eu já tinha acostumado e eles voltaram, tão juntos de novo. Foi mei ruim porque minha mãe e meu pai não e via direito, quando ele ia lá em casa, só brigava, ficava discutindo... Eu fico quieto, acho ruim porque quando eles discuti, eles não se fala, aí é ruim, né?!

(...) Igual, assim... tem um menino que é cinco anos da mesma sala que eu. Na sexta série, eu ele e mais um, a gente foi na outra sala e o pessoal tinha deixado a sandália lá e ido pra educação física, aí eles deixaram a sandália lá na sala, aí nois pegou a sandália e tampou na luz e quebrou a luz, eu e esse menino, nois fizemo muita bagaunça (risos), tem cinco anos já, é da mesma sala que eu, aí colocamo a culpa em menino que não tinha nada a ver... aí o menino teve que pagar (risos), ele pagou e não tinha nada a ver, ele tava com gente, mas ele só viu, aí ele que teve que pagar.

Já... aqui na escola, só que eu bato também, minha mãe fala isso. É porque... na educação física, no futebol, esse ano eu já briguei já; jogando bola assim... um ficou bolado com outro e começou a briga com soco, só soco. Já xinguei muito também (risos). Ah... de todos, assim... 'vai tomar no c...', 'vai te fuder', todos! Agora assim... de alguma coisa que alguém

não gosta só de vez em quando, só quando tô com meus colega só. Mas já coloquei apelido sim (risos), chamei de terremoto a menina ali, porque ela é muito gordinha (risos). As vezes eu me arrependo do que faço porque as vezes se for comigo não vou gostar... aí é melhor não fazer né?!

Minha mãe sabe, sabe das coisa daqui sim. Ela fica sabendo só se a diretora fala alguma coisa quando é assim de briga. Aí ela fala: ‘ se te bate, cê bate. Se não te bate, não fizer nada, cê fala pra diretora’, aí quando é assim eu não falo pra ela não (sic).

Além de possibilitar a interseção com as categorias de análise do contexto familiar ou doméstico, a categoria de análise do contexto interpessoal e escolar dos entrevistados permitiu investigar o conhecimento que cada um dos respondentes possuíam acerca do fenômeno do *bullying*. Foi perguntado a eles se eles sabiam o que era *bullying* e qual opinião eles possuíam a respeito. Como pode ser observado nos relatos que se seguem, que foram também daqueles alunos que ilustraram as análises anteriores.

Respondente 5CA9014, sexo masculino, 16 anos. Agressor

Sei. Ficar fazendo apelido, apelidos preconceituosos com os amiguinhos, com as pessoas. Aí tem um gordinho e chamar ah, o gordinho. Acho que é isso. Ah, sempre tô nisso. Mas só com os amigos, com as pessoas assim que eu não troco ideia, eu não, nunca tive não. Quando, quando não é com amigo meu eu não faço nada não. Mas quando é amigo meu eu começo a rir, tento defender, sei lá. Se é comigo, sempre amigo vem aqui, sei lá, tipo, o menino quer me pegar aí eu ligo pra eles, eles sobem aqui no colégio, resolvem e depois vai embora (sic).

Respondente 5TN7A3, sexo masculino, 12 anos. Agressor

Sei. É fica agredindo as pessoas sem motivos, colocando apelidos. Não é uma coisa boa não (sic).

Respondente 5TN8B11, sexo feminino, 15 anos. Vítima provocativa.

Bullying é quando a gente tem um preconceito com outra pessoa de raça, de ser uma coisa diferente sexual, colocar apelido na outra pessoa que ela não goste. Quando eu vejo uma pessoa que tá triste porque outro tá bullynando por causa de apelido, essas coisas, eu peço pra parar, porque acho que a gente tem que ter respeito pela privacidade do outro, acho que é o mínimo de educação e ética pela outra pessoa (sic).

Respondente 5JO8B17, sexo feminino, 13 anos. Vítima passiva grave.

Sei... acho até que pode ser processado, né? É um negócio assim. Acho que ninguém é perfeito, todo mundo tem defeito, e acho... igual... assim... na escola igual ao que eles tão fazendo comigo, com as outras meninas, eu acho que... tinha assim... que levar uma advertência, umas coisa assim... porque já foram até na sala falaram sobre essas coisas, mas não resolve porque eles não param, igual... foram falar sobre o negócio de manta, não adianta, que não resolve, continua dando manta, é tipo assim: se fala alguma coisa errada, aí junta a sala inteira e te dá tapas assim, na cabeça, oh?! (bate em si mesma, sobre a própria cabeça mostrando como é), cada um dá um tapa, entendeu? Acho a maior infantilidade, né... mas... semana passada foi só um vez que brincaram de manta na sala. Eu acho um absurdo, né... ao invés de ser amigo vai ficar brigando? Brigando por pouca coisa... o ano retrasado tinha uma menina querendo brigar comigo, só que eu não briguei com ela, não sei brigar, não tenho nem força assim... e com ela não briguem também porque eu gostava muito dela... só que ela queria briga comigo porque os menino falou que ela tinha que briga comigo, só que a gente não brigou.

Respondente 5TN7A1, sexo masculino, 12 anos. Agressor.

Sei. É apelido, agressão, agressão física, moral, pela internet... Eu acho que isso é uma coisa que não dá pra fazer toda hora não. Brinca é uma coisa, começar a xingar é outra coisa. Se eu vê, eu mando para ou entro no meio, só quando é gente grande assim que eu não entro. Mas posso falar uma coisa? O fessor... minha opinião... fala palavrão com os outros agora. O fessor falou com o moleque da minha sala, xingou ele de merda, que ele não valia porra nenhuma dentro da escola, falou que não era pra ele estudar lá e que não era nem pra ele ter nascido, falou assim. Se o aluno fala que ele fala isso, as diretoras vira e fala que ele não faz isso, aí chega lá ele também não admite. Aí o moleque tomou suspensão, a mãe dele vai ter que vir cá amanhã. Aí agora eu quero vê quem vai lá falar que ele xingou mesmo, se me chama, eu vou, se não, não vou porque qualquer coisa que eu faço aqui tá errado, se eu saio do banheiro com a mão molhada, brinco com os outros, tampo água neles, aí já começa a xingar 'tá fazendo bagunça já?!'. Qualquer coisa eles falam que eu tô errado. Ah... acho que os fessor devia ter mais educação e os alunos também. Igual. Se... A fessora outro dia me xingou, aí eu xinguei ela também e tomei suspensão, se eu falar não adianta. Isso que eu queria falar mais, às vezes dá um jeito (sic).

Diante do exposto, observou-se que os alunos demonstraram clareza e conhecimento para descrição do *bullying*, embora não o compreendessem no modo como se define teoricamente. Além disso, é importante ressaltar que os relatos dos 27 respondentes encontram-se na íntegra no Anexo V.

5. DISCUSSÕES

As discussões dos resultados do presente estudo serão divididas em duas subseções: (a) uma para os resultados do estudo quantitativo e outra (b) para os resultados do estudo qualitativo. Essa apresentação se justifica pelo plano de estudo desenhado para a pesquisa e também pela distribuição desses resultados evidenciada na seção 4.

5.1 Discussões do estudo quantitativo

Hymel, Nickerson e Swearer (2012), *Centers for Disease Control and Prevention* (2011), Skrzypiec, Slee, Murray-Harvery e Pereira (2011) e Solberg e Olweus (2003), através de estudos que desenvolveram, demonstram uma preocupação em nível mundial com o *bullying*. Esses estudos consistem em pesquisas transversais cujo objetivo principal é descrever o fenômeno, seus personagens e suas características em conformidade com as mais distintas culturas a que pertencem os envolvidos.

Outros estudos com delineamentos semelhantes a presente pesquisa descreveram não somente aspectos característicos do *bullying*, como também variáveis e ele associadas. Dentre tais variáveis temos o exemplo de: *reputação e ajuste social* (Buelga, Cava & Musitu, 2012), *rendimento acadêmico* (Torregosa, Inglés, García-Fernández, Gázquez, Díaz-Herrero & Barmejo, 2012), *criminalidade adulta* (Saraiva, Pereira & Zamith-Cruz, 2011), *saúde mental* (Lazenbatt, 2010), *estilos parentais* (López, Bacerra, García & Gutiérrez, 2008), *gestão escolar* (Lourenço, Pereira, Paiva & Gebara, 2009) e (ou a exposição à) *violência doméstica/familiar ou por parceiros íntimos* (Voisin & Hong, 2012; Orue & Calvete, 2012; Corvo & deLara, 2010; Hutt, Buckley & Whelan, 2008; Baldry, 2003). Entretanto, no Brasil, fenômeno ainda é considerado pouco conhecido de maneira científica (Silva, Oliveira, Lamas & Barbosa, 2011; Fisher, 2010; Francisco & Libório, 2009).

De acordo com Silva, Oliveira, Lamas e Barbosa (2011) num estudo de revisão sistemática, a produção científica sobre o tema tem início em 1997, com um estudo exploratório em escolas da Região Sul, e somente em 2009 foi realizado o primeiro levantamento nacional sobre o *bullying* (Fisher, 2010), do qual participaram 5168 alunos da quinta à oitava séries entre escolas públicas e particulares das capitais e de alguns municípios do interior de todas as regiões geográficas do país.

Em conformidade com as referidas pesquisas, essas identificações e associações entre o *bullying* e outros fenômenos ou condutas, são fundamentais não apenas para o conhecimento do fenômeno e contexto no qual tem se manifestado, mas também para o desenvolvimento de programas de intervenção e prevenção da agressão entre pares no contexto escolar.

No mesmo propósito, mediante essas considerações, a presente pesquisa, também de caráter transversal e exploratório, foi estrategicamente desenhada visando ampliar, de maneira inferencial, o conhecimento do contexto de *bullying* entre os adolescentes, e de aspectos do contexto familiar caracterizado por conflitos e até agressões. Para abranger características peculiares no que se referem à cultura, condições sociais e econômicas, e ao próprio fenômeno, a amostra do tipo probabilística, viabilizou tal estimação numa probabilidade de 0.05% de erro amostral, o que proporcionou maior fidedignidade dos dados em relação à população alvo.

Dentre os resultados da presente pesquisa, no que se refere ao gênero/sexo dos participantes, observou-se predominância do sexo feminino (62,7%), enquanto que o masculino representou 37,3% dos respondentes. Esse dado difere de estudos como os de Pereira, Silva e Nunes (2009) que foram desenvolvidos por amostragem de conveniência e apresentaram uma proporção entre os sexos masculino (49,1%) e feminino (50,9%). Entretanto, se aproxima dos Grossi e Santos (2009), nos quais também foi evidenciado um

maior percentual de respondentes do sexo feminino, em torno de 52,08%, por procedimento de amostragem equivalente.

Em relação à cor/etnia, o presente estudo se aproxima do relatório de *bullying* escolar no Brasil (Fischer, 2010), apontando para uma maioria de pretos/negros (30,0%), pardos (36,6%) e brancos (21,3%), embora esse relatório tenha trabalhado com mais outras possibilidades ou categorias relativas à cor/etnia. Além disso, foi possível verificar uma associação estatisticamente significativa entre etnia e agressor, isto é, constatou-se que alunos negros tendem a ser mais agressores que não negros.

A concentração de idades entre os 11 e 14 anos estimada pelo presente estudo também foi verificada nos estudos de Melim (2012), Sousa, Pereira e Lourenço (2011), Fischer (2010) e Francisco e Libório (2009). No entanto, houve também, ainda que minoritariamente, idades entre os 15 e 19 anos, as quais refletem a repetência escolar durante os anos do ensino fundamental, sobre a qual foi possível aferir que daqueles que declararam reprovação, 24,2% repetiram ao menos uma vez o ano letivo, variável que se mostrou estatisticamente associada ao envolvimento em *bullying* na condição de vitimização ($p=0.034$).

Os dados referentes à associação entre repetência do ano letivo e atuação no *bullying* enquanto vítima da presente pesquisa difere da literatura internacional que investigou as mesmas variáveis e se associavam ou não. Melim (2012), Pereira, Nunes, Lourenço, Silva, Costa e Pereira (2009) e Pereira (2008) destacaram em seus estudos que os alunos com insucesso ou reprovação no ano letivo tenderiam ao status de mais experientes, oferecendo condições de defesa diante da turma e, assim, evitariam situações de vitimização.

Nesse sentido, o fato de no presente estudo a condição de vitimização estar associada à reprovação escolar pode indicar exatamente o contrário dos referidos estudos, ou seja, a presença de um aluno repetente numa sala de aula de novatos num determinado ano letivo

tiraria o status de equidade dessa turma. Além disso, outro fator que pode explicar essa diferença em relação ao cenário internacional é a evidência estatística do presente trabalho em relação ao local de manifestação das agressões entre os pares, que foi predominantemente a sala de aula (39,49%).

Essa variável sobre o local de manifestação das agressões também se difere quando comparada às análises dos estudos no âmbito de Portugal, mais uma vez os de Melim (2012), Pereira, Nunes, Lourenço, Silva, Costa e Pereira (2009), Pereira (2008), nos quais o local predominante das ocorrências de *bullying* é o recreio. No entanto, quando se tem em conta o Relatório de *Bullying* escolar no Brasil (Fischer, 2010), os do CDC (2011) e os estudos de revisão e correlacionais espanhóis (Torregrosa, Inglés, García-Fernandez, Gázquez, Díaz-Herrero & Bermejo, 2012; Sánchez, Gutierrez, Delgado & Rodríguez, 2010) verifica-se a tendência do contexto municipal equiparar-se ao nacional, ao dos Estados Unidos e, em parte, ao da Espanha por falta de dados empíricos, pois tanto na presente pesquisa quanto nos referidos estudos, o local onde tem sido apontada uma tendência do predomínio de agressões é a sala de aula, seguida pelos espaços do recreio.

No que concerne à atuação no *bullying*, a presente pesquisa possibilitou inferir a grande maioria envolvida como vítimas são do sexo feminino (68%), corroborando os estudos de Costa, Pereira, Simões e Farenzena (2011), enquanto que com relação ao envolvimento como agressores foi possível perceber uma menor diferença da frequência de atuação agressiva expressa por sexo, 42,8% são meninos e 57,2% são meninas. Contudo, levando em conta que a maioria (62,7%) dos respondentes é de meninas, verifica-se que elas se mostraram mais agressoras do que os meninos, ao contrário do que evidencia Melim e Pereira (2012) e Olweus (2011, 1980).

Esses dados relativos ao sexo do agressor são distintos dos dados evidenciados pelas mesmas variáveis nas pesquisas de Hymel, Nickerson e Swearer (2012), Melim (2012), CDC

(2011) e Sousa, Pereira e Lourenço (2011), Baldry (2003). Esses estudos ressaltam os meninos mais comumente envolvidos em *bullying* como agressores. Essas características talvez possam ser explicadas quando se observa simultaneamente as tipologias de agressões e locais mais comuns de ocorrência de *bullying* tanto no presente estudo quanto naqueles em que são vistas tais divergências, mas, sobretudo pelo fato de não ter sido evidenciada uma associação estatística significativa entre as variáveis sexo e agressor com p valor de 0.478 ao nível de significância de 5%, corroborando os dados do estudo brasileiro de Francisco e Libório (2009).

Outra característica que não se mostrou estatisticamente associada à condição de vitimização no *bullying* na pesquisa foi etnia/raça ($p=0.176$), ao contrário dos estudos feitos em países como os Estados Unidos, onde há alta prevalência (73,2%) de *bullying* étnico, envolvendo tanto na atuação como vítimas ou agressores (CDC, 2011). Porém, em relação à atuação como agressor foi verificada uma evidência de associação estatística com etnia/raça ($p=0.015$), o que coaduna com estudos europeus como os de Pereira (2008) e com os estadunidenses do CDC (2011), conforme já destacado que, no presente estudo, alunos negros tendem a ser mais agressores/*bullies* que os demais.

A respeito das tipologias de agressões, os resultados demonstraram que houve evidência de associação estatística somente entre as variáveis sexo e tipologia de agressões, quando esta se tratava de “pararam de conversar comigo” (agressão psicológica), com p valor de 0.003 para o nível de significância de 5%. Essa característica coaduna com o que ressaltam Sánchez, Gutierrez, Delgado e Rodríguez (2010) sobre *bullying* relacional e psicológico. De acordo com esses autores, os estudos de prevalência de tipologias de agressões do *bullying*, as verbais/psicológica e a exclusão social foram, respectivamente 36% e 33%, as quais acontecem principalmente entre as meninas.

Além disso, foi observado que é possível estimar para a população alvo do município de Juiz de Fora que os tipos de *bullying* mais comuns são o psicológico ou verbal e o relacional, pois “colocar apelidos ou nomes que não gostei” (37,8%) e “falar sobre mim escondido” (21,5%), foram relativamente mais frequentes que do que “bateram em mim, deram socos, muros e chutes” (4,9%), condutas típicas do *bullying* físico ou direto e que, geralmente, são mais comuns nos recreios do que nas salas de aula (Sousa, Pereira & Lourenço, 2011; Pereira, 2008), o que não é o caso do presente estudo.

No que se refere aos dados de prevalência de *bullying* por tipo de atuação, os dados sugerem que entre as vítimas, 15,94% são moderadas (foram uma ou duas vezes agredidas no período de três meses) e 10,6%, são vitimizadas gravemente, ou seja, no recorte de três meses do estudo, relataram ter sofrido algum tipo de agressão mais de três vezes no período. Além disso, indicam que essas vítimas foram agredidas por alunos da mesma idade (31,1%) e por alunos da mesma turma (39,2%).

A literatura é distinta nesse aspecto. Nos estudos de Melim (2012) e de Costa, Pereira, Simões e Farenzena (2011), com características amostrais semelhantes, a prevalência, no primeiro estudo é em torno de 75,5% para as duas condições; e de 31,1% para as vítimas passivas moderadas e 18,8% para a vitimização grave. Para o CDC (2011), a estimativa é de, respectivamente, de 26,8% e 9,6%.

Essas diferenças indicam, possivelmente, que a condição de vitimização será distinta conforme as tipologias e locais de ocorrências das condutas e atos agressivos de acordo com o contexto cultural em que o *bullying* se manifesta, conforme já foram ressaltadas anteriormente as diferenças entre o contexto brasileiro e demais países como Estados Unidos, Portugal e Espanha.

5.2 Discussões do estudo qualitativo

Do mesmo modo que o fenômeno do *bullying* ainda é pouco explorado cientificamente no Brasil, os estudos de associação ou correlacionais com outras variáveis ou fenômenos também não existem em grande número. Em revisão sistemática feita por Senra, Lourenço e Pereira (2011) sobre a associação do *bullying* com a violência doméstica no período de 2005 à 2011 foi evidenciada uma produção de apenas 3 publicações brasileiras no total de 59 artigos sobre a temática em âmbito mundial. Embora em número reduzido, tais estudos demonstram não somente a necessidade de conhecimento do fenômeno, mas também de variáveis que podem estar relacionadas ou coexistindo com o *bullying*, acentuando as características do fenômeno.

Baldry, (2003) foi uma das pioneiras nos estudos da associação entre violência doméstica e *bullying*. De acordo com esse estudo, meninos e meninas envolvidos em diferentes tipos de atuação no *bullying*, vítimas ou agressores, estavam direta e/ou indiretamente em contexto de violência familiar ou violência do pai contra a mãe, da mãe contra o pai e dos pais contra os filhos, sendo ressaltada uma correlação positiva entre agressor e exposição à violência dos parceiros íntimos (pais ou responsáveis), pois dos 60.8% dos casos de exposição à violência dos pais eram bullies (agressores) no contexto escolar.

No caso da presente pesquisa, embora não se trate de um estudo correlacional, quando foram entrevistados agressores, o contexto de agressão entre os pais e/ou responsáveis e no ambiente doméstico (entre os demais membros da família consanguínea ou não) aparecem no conteúdo das respostas, caracterizando um contexto familiar não pacífico, com diversos tipos de agressões, como foi demonstrado nas Tabelas 5 e 6.

Além do que foi evidenciado nas referidas tabelas é interessante citar relatos de agressores da presente pesquisa que também remetem a uma associação entre os fenômenos da VD e do *bullying* como: (a) *meu irmão... me espanca. Ele não me bate não, ele me espanca mesmo, ele quebra coisa na minha cabeça, tampa copo de vidro pá quebra, tampa*

pedaço de pau, vassoura... (risos). Ele vai me provocando, aí eu irrito ele, dô soco nele, aí ele vai e tampa alguma coisa; e (b) (...)no final de semana meu pai bebe, minha mãe bebe e tem briga. Minha mãe e meu pai são muito de briga. (...)quando eles bebem eles mudam. Assim... desde quando eles começaram a se vê, namora e casa, teve a gente eles bebe, brigam muito, brigam de faca, ele já deu duas facadas na minha mãe, minha mãe já deu machadada nele, já deu facãozada nele também, brigam com a cacete, com vassoura, sopra pra cima da gente porque a gente vai separar, aí vem pra cima da gente (sic).

Lepisto, Luukkaala e Paavilainen (2011), num estudo descritivo da violência testemunhada e experimentada por adolescentes, verificaram que 67% dos que experimentaram agressão parental simbólica estavam envolvidos em *bullying* escolar como vítimas agressoras ou como *bullies* (agressores). Esses dados levaram os autores a concluir que diferentes tipos de violência doméstica que não a física tem maior efeito no bem estar dos adolescentes levando-os aos comportamentos de risco.

Os conteúdos analisados no estudo qualitativo do presente trabalho também apontaram para a predominância das agressões simbólicas, isto é, verbais ou psicológicas, pois embora os respondentes tenham mencionado punição do tipo bater (114), a maior frequência por participante foi a de associação de brigas na modalidade discussão (209), xingamentos (70) e gritos (58), conforme foi demonstrado na Tabela 4, com a análise das condutas das famílias em relação ao sexo dos entrevistados, como pode ser verificado na Tabela 5.

Orue e Calvete (2012) em estudos sobre a violência justificada como mediador da relação entre exposição a violência e a conduta agressiva na infância, identificaram significativa relação entre exposição à violência e vitimização (0.053 para $p \leq 0.05$). Por sua vez, Corvo e deLara (2010), também salientaram tal relação embora tenham desenvolvido

estudos de revisões teóricas sobre as expressões etiológicas “*domestic violence*” e “*intimate partner violence*”.

Além desses autores, Olweus (1980) investigou os determinantes familiares e temperamentais para a conduta agressiva de adolescentes, o que aponta, desde o início dos estudos sobre o *bullying* (Olweus, 1978), para uma associação ou relação entre o contexto familiar caracterizado por conflitos e agressões e o ambiente de agressividade entre pares escolares.

Com o estudo dos determinantes familiares e temperamentais da conduta agressiva de adolescentes, Olweus (1980) verificou que mães agressivas, permissivas ou negativas, bem como pais pouco assertivos, contribuíam para o desenvolvimento de um padrão de respostas agressivas dos filhos, sobretudo dos meninos quando comparado ao padrão de respostas agressivas das meninas. Entretanto, no presente estudo, em conformidade com o estudo quantitativo, as meninas tenderam ser mais agressivas verbalmente que os meninos, o que também foi confirmado no estudo qualitativo como pode ser verificado no relato a seguir sobre o envolvimento em brigas na escola.

(...) (risos) várias vezes! Com uma menina lá da sala mesmo, eu não gostava dela, a gente começou a discutir e fui parar lá na diretoria e minha mãe ficou sabendo, mas não deu em nada não. Foi assim, só xingando, falando palavrão um pra outra, bate não, só xingando vários palavrão feio. Mas já bati também. Um dia, uma menina aqui da escola começou a implica comigo, aí eu cheguei em casa e falei com minha mãe e minha mãe foi lá e conversou com a mãe dela e não adiantou, chegou no outro dia ela me empurrou, eu fiquei quieta na minha, cheguei em casa de novo e falei com minha mãe aí ela falou: ‘se ela tá implicando contigo, bate nela, que ela tá implicando contigo tem um tempão’. Aí eu fui lá e enforquei ela, a moça falou ‘para de brinca com ela’, não sei mais o que lá... pensou que eu tava brincando, aí ela começou a me xingar de piranha, vadia, esses nomes assim, aí eu tava cá menina no

refeitório quando eu saí de lá, ela chegou e começou a mexer comigo, aí na porta da diretoria eu bati nela. Minha mãe já sabia, minha mãe veio aqui, conversou com ela e resolveu tudo, porque minha mãe já sabia de tudo (sic).

De acordo com Baptista, Lourenço, Senra, Almeida, Basílio e Bhone (2012, no prelo), Stelko-Pereira e Williams (2012), Senra, Lourenço e Pereira (2011), Lourenço, Salgado, Amaral, Leal e Senra (2011), e CDC (2011) sobre consequências da exposição à violência doméstica para crianças e adolescentes, o presente estudo também aponta para uma associação entre violência doméstica e *bullying*. Algumas peculiaridades dessa associação foram alcançadas pelas metodologias quantitativa e qualitativa, as quais caracterizaram condutas não pacíficas presentes tanto na escola quanto na família (Tabela 7). Essas condutas coadunam com as tipologias de violência doméstica salientadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS (Krug et al, 2002), assim como com os tipos de agressões de *bullying* ressaltadas por Pereira (2008) e Olweus (1993).

No atual contexto brasileiro, Falcke, Rosa e Madalena (2012) mencionam que os índices de violência continuam alarmantes, principalmente entre casais. De acordo com essas autoras, num estudo realizado com famílias foi constatado que 17% delas vivenciavam violência entre o casal e que 46% cometiam violência contra crianças e adolescentes, seja na forma física ou na forma de frequentes ameaças. Com isso, salientam que “ser vítima de violência tanto direta como indiretamente, pode fazer com que crianças e adolescentes apresentem prejuízos em seu desenvolvimento em curto e longo prazo” (Falcke, Rosa e Madalena, 2012, p. 128).

Ainda em conformidade com essas autoras, no mesmo estudo com 153 famílias com filhos matriculados entre a primeira e quinta série do ensino fundamental, foi investigado também se os pais haviam experimentado ou vivenciado algum tipo de violência na própria infância. Como resultado, verificou-se que pelo menos 25% desses pais sofreram violência e

repetem tais condutas com os filhos. Falcke, Rosa e Madalena (2012), sugerem com esses dados que parece haver “uma transmissão geracional da violência familiar” (p. 129), o que também pode ser sugerido pela presente pesquisa.

Nesse sentido, é interessante ressaltar o marco teórico da Teoria Social Cognitiva (Bandura, Azzy & Polydoro, 2008) e (Bandura, Ross & Ross 1961), o qual contribui para o entendimento da referida associação, sobretudo no presente estudo. Essa perspectiva aponta que padrões cognitivos e comportamentais de condutas e atos agressivos expressos por um modelo parental tendem a ser adotados, reproduzidos e repetidos como estratégia de resolução de conflitos por crianças e adolescentes nas relações interpessoais que estabelecem. Esses padrões foram evidenciados pela presente análise de conteúdo e puderam ser observados, por exemplo, no relato do **Respondente 5JO9A10**, que ilustra a Tabela 7.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características dos fenômenos investigados na população alvo da presente pesquisa, denotam prejuízos significativos para os principais envolvidos (os alunos), ou seja, para as famílias e para as escolas. Foi constatado, através das estimativas, uma alta prevalência de *bullying* (60%), sobretudo comparando à literatura mundial. Isso indica que as preocupações com fatores direta ou indiretamente relacionados ao *bullying*, bem como programas de intervenção e de prevenção de violência na família e na escola também devem ser acentuadas e planejadas de maneira estratégica para o enfrentamento dos diversos prejuízos para a saúde e para a convivência interpessoal e social.

O estudo permitiu constatar que o fenômeno da violência tem acometido a escola, prejudicando seu patrimônio e propiciando impacto negativo nas relações estabelecidas no seu interior, tanto entre gestores e corpo docente, como entre o corpo discente e a própria escola. O impacto que foi possível identificar revela uma escola em que o incentivo e estímulo às habilidades intelectuais e sociais, assim como à aprendizagem de conhecimentos importantes produzidos pela sociedade, deram lugar aos conflitos e agressões (sobretudo, psicológicas) entre os alunos e da parte destes em relação à escola.

O ambiente de conflitos da escola que sofre com o fenômeno da violência tende a propiciar um clima de apreensão e medo, além de fazer com que os alunos percam o gosto pela escola e o interesse pelos estudos. Essa característica foi observada entre os respondentes do estudo qualitativo quando perguntados se gostavam da escola e por que. De acordo com tais alunos, independente do tipo de atuação que tinham no *bullying*, eles gostavam da escola, na grande maioria dos casos (20 alunos), não pelos estudos, por gostarem de uma matéria em especial ou pelo tipo de relação como professores e gestores escolares, mas pelo fato de poderem estar com o grupo específico de amigos ou praticarem alguma atividade esportiva.

Quando foi investigado o acompanhamento da família a vida escolar dos alunos, os mesmos, também a grande maioria, disseram que os pais e/ou responsáveis não os acompanham plenamente, apenas vão a reuniões quando estas não são em horário de trabalho. Os estudantes relataram que os pais não costumam perguntar sobre o dia-a-dia da escola e que só a visitam quando são chamados por diretores ou coordenadores pedagógicos em função de algum comportamento inadequado.

O tipo de envolvimento da família evidenciado pelo presente estudo revelou um clima familiar caracterizado por hostilidade e agressões majoritariamente verbais, que negligencia o desenvolvimento psicossocial de seus filhos e favorece a vulnerabilidade aos riscos, aos desajustes sociais e ao envolvimento em *bullying*, quando deveria propiciar suporte e apoio afetivo e acadêmico para a realização escolar e pessoal dos filhos/alunos.

Além da falta de envolvimento das famílias com a escola de seus filhos e da constatação do clima de hostilidade e agressões em boa parte dos ambientes domésticos, observou-se que tais famílias também são vítimas, espectadoras e perpetradoras da violência ao sofrerem com variáveis que potencializam esse fenômeno, como o consumo de álcool e até de outras drogas, prejudicando a saúde, o bem estar, a integridade, o pleno desenvolvimento dos seus membros e comprometendo as relações e habilidades interpessoais e sociais.

No que concerne às limitações do estudo, é possível inferir que devido ao tema problemático abordado, ainda não foi possível abarcar outras características da violência doméstica e do *bullying* que são ressaltadas pela literatura, como, por exemplo, a ocorrência de agressões ou abusos sexuais. Além disso, fatores externos ao ambiente da escola como as rixas entre gangues (“bondes”) de bairros também podem ser considerados fatores de limitação do estudo, pois esses “bondes”, de acordo com dados do setor de Geoprocessamento da Polícia Militar divulgados na imprensa local, são compostos por adolescentes e jovens

entre doze e dezessete anos de idade das regiões periféricas e centrais do município, faixa etária equivalente à da presente pesquisa.

É interessante ressaltar também em relação aos fatores externos que possam ter ocasionado limitações do estudo, foi que durante a coleta dos dados houve constantes paralizações por parte de alguns docentes por reivindicação de ajustes de salários. Isso culminava em adiamento de aulas em turmas sorteadas para a pesquisa, fazendo com que os alunos não estivessem presentes no ato da coleta ou que optaram por não participar da pesquisa para saírem mais cedo da escola.

As limitações de cunho metodológico da pesquisa consistiram na ausência de censo escolar atualizado do município, que fornecesse dados dos alunos de maneira mais precisa e que possibilitassem um conhecimento estimado ainda melhor da população alvo. Atualmente, o número de alunos é conhecido somente por ano de ensino em cada escola, quando tais números poderiam ser calculados também por sexo e por número reprovações, embora exista na SME da cidade o programa de aprovação continuada e das turmas de aceleração como ocorre em outras cidades e estados brasileiros.

Outra limitação referente ao delineamento da pesquisa foi percebida em relação ao instrumento utilizado no estudo quantitativo, pois quando foi respondido por alunos mais novos (sexto ano, com faixa etária dos 10 aos 12 anos), foram verificadas dificuldades de compreensão no bloco de perguntas socioeconômicas em relação a etnia e ao grau de escolaridade dos pais, bem como a presença de não respostas a algumas questões por eles terem se queixado de ser um questionário longo, grande.

Dessa forma, após algumas considerações, os resultados da pesquisa possibilitam sugerir que os profissionais de saúde e os educadores devem se atentar para a associação entre a violência doméstica e o *bullying*, bem como para cada um dos fenômenos isoladamente, uma vez que ambos trazem prejuízos graves à saúde da família e da comunidade escolar;

queda do desempenho acadêmico e das relações interpessoais em curto, médio e longo prazos para todos os envolvidos.

A atenção especial sugerida e que deva ser dada aos referidos fenômenos a partir do conhecimento dos mesmos, deve envolver: (a) desenvolvimento de estratégias de intervenção e prevenção junto aos fenômenos via educação para o trabalho nos seguimentos da saúde e pedagógicos, traçando diretrizes como a gestão de conflitos; (b) replanejamento da gestão escolar como um processo mais dinâmico, no sentido de empregar conhecimento da própria realidade em relação aos problemas enfrentados com as situações de violência, como a conscientização das situações de violência na família e na escola; e (c) atuação planejada e em conjunto com corpo docente e discente, a fim de clarificar regras, delegar tarefas e elaborar mecanismos de punição não repressivos com treino assertivo e de habilidades sociais, para a promoção de um clima escolar mais saudável e mais propício ao real objetivo da escola: proporcionar e socializar conhecimento e habilidades interpessoais pacíficas.

Em relação às estratégias para o contexto de violência familiar, sugere-se, portanto, que o mesmo possa ser concebido como um fator de risco para o desencadeamento de *bullying* na escola, pois se no lar não houver um ambiente harmonioso de convivência e integração, mas sim de conflitos e agressões, a família deixa de ser considerada um fator de proteção e de segurança necessárias ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, e torna-se incapaz de favorecer condutas pró-sociais tanto na comunidade, quanto na escola.

REFERÊNCIAS

- Anderson, C. C. & Bushman, B.J. (2002). Human Aggression. *Annu. Rev. Psychol.* 53, 27–5.1
- Antunes, D. C.; Zuin, A. A. S. (2008). Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 33-42.
- Aronson, E.; Wilson, T. D. & Arket, R.M. (2002). *Psicologia Social*. 3ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Ashurst, N., Noret, N., Rivers, I., Poteat, V.P. (2009). Observing *Bullying* at School: The Mental Health Implications of Witness Status. *School Psychology Quarterly*, 24(4), 211-223.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa-ABEP (2012). Critério de Classificação Econômica Brasil. Disponível em: URL: <http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301> Acesso em: 31 ago 2012.
- Azevedo, M.A. (1993). Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes. p. 25-47 In: Azevedo, M.A. & Guerra, V.A. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez.
- Baldry, A. C. (2003). *Bullying* in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 27 (2003), 713-732.
- Baldry, A.C.; Farrington, D. P. (1999). Types of *bullying* among Italian school children. *Journal of Adolescence*, 22, 423-426.
- Baldry, A.C.; Farrington, D. P. (2000). Bullies and delinquents: personal characteristics and parental styles. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 10, 17-31.
- Bandura, A., Azzi, R.G. & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bandura, A., Ross, D. & Ross, S.A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582. An internet resource developed by Christopher D. Green, York University, Toronto. URL: <http://psychclassics.yorku.ca/Bandura/bobo.htm> (consultado em 10/05/2010).
- Baptista, M.N.; Lourenço, L.M.; Senra, L.X.; Almeida, A.A.; Basílio, C. & Bhone, F.M.C. (2012, no prelo). Consequências da exposição à violência doméstica para crianças: revisão sistemática da literatura. Paidéia (USP. Ribeirão Preto. Impresso).
- Barbosa, A. J. G.; Fernandes, T. C.; Silva, A. C. N.; Oliveira, J. C.; Lamas, K. A.; Almeida, L. C.; Lourenço, L. M. ; Moreira, P. S. (2009) . Compreender o *bullying*: um estudo em escolas portuguesas e brasileiras. In: Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2009, São Paulo. Anais do IX CONPE. Campinas: ABRAPEE.

- Barbosa, A. G.; Santos, A.A.C.; Rodrigues, M.C.; Furtado, A.V. & Brito, N.M. (2011). Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico*, 42 (2), 228-235.
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barter, C.; McCarry, M.; Berridge, D. & Evans, K. (2009). Partner exploitation and violence in teenage intimate relationships. Executive Summary. URL: www.npscc.org.uk/inform (Consultado em 05 nov 2011).
- Bauer, N.S.; Herrenkohl, T.I.L.; Lozano, P.; Rivara, F.P.; Hill, K.G.; Hawkins, D. (2006). Childhood *bullying* involvement and exposure to intimate partner violence. *Pediatrics*, 118(2), 235-242.
- Berkowitz, L. (1969). Aggressive humor as a stimulus to aggressive responses. *Journal of Personality and Social Psychology*. 16(4), 710-717.
- Bhona, F. M.C (2011). Violência Doméstica e Consumo de Alcool entre Mulheres: um estudo transversal por amostragem na cidade de Juiz de Fora-MG. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Biscegli, T. S.; Arroyo, H. H.; Halley, N. S.; Dotoli, G. M. (2008). Violência doméstica contra crianças: nível de conhecimento dos pais de crianças em escolas pública e privada. *Rev. paul. pediatria*; 26(4),365-371.
- Brasil. (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº8069 de 13 de julho de 1990. URL http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. (Consultado em 24 set 2011).
- Brasil. (2006). Lei Federal nº 11.340 (Lei Maria da Penha). URL http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm (Consultado em 24 set 2011).
- Brasil. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. (2010). *Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violência*: orientações para gestores e profissionais de saúde. Brasília: [s.n.].
- Brasil. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. (2010). *Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violência*: orientações para gestores e profissionais de saúde. Brasília: [s.n.].
- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM nº 737, de 16 de maio de 2001, (2001) *Dispõe sobre a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências*. Diário Oficial da União, Brasília: [s.n.].
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2005). *Impacto da Violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Bronfenbrenner, U. (1978). *The ecology of Human Development Experiments*. Cambridge: Harvard University Press.

- Brum, C.R.S. (2011). Violência doméstica e mudança crenças: intervenção com profissionais da atenção primária à saúde. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Buelga, S.; Cava, M.J. & Musitu, G. (2012). Reputación social, ajuste psicosocial y victimización entre adolescentes en el contexto escolar. *Anales de psicología*, 28(1), 180-187.
- Centers of Disease Control and Prevention*, (2010). Understanding School Violence-United States. Fact Sheet; 1-7. Disponível em URL: http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/schoolviolence_factsheet-a.pdf. Acesso em: 25 jan. 2011.
- Centers of Disease Control and Prevention*. (2011). Morbidity and Mortality Weekly Report. *Bullying Among Middle School and High School Students — Massachusetts, 2009*. Weekly, 60 (15), 465-496. Disponível em URL http://www.nlm.nih.gov/medlineplus/spanish/news/fullstory_111311.html Acesso em 22 abr 2011.
- Corvo, K. & deLara, E. (2010). Towards an integrated theory of relational violence: Is *bullying* a risk factor for domestic violence? *Aggression and Violent Behavior* 15, 181–190.
- Costa, P. & Pereira, B. (2010). O *bullying* na escola: A prevalência e o sucesso escolar. In L. Almeida, B. Silva e S. Caires (Orgs.). *Actas do I Seminário Internacional Contributos da Psicologia em Contexto Educativo* (pp.1810-1821). CIED - Centro de Investigação em Educação. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho. ISBN: 978-972-8746-87-2
- Costa, P., Pereira, B., Simões, H. & Farenzena, R. (2011). Vitimação em contexto escolar: Frequência e as múltiplas formas. In B. Pereira & G. Carvalho (Coord.). *Actas do VII Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde: A actividade física promotora de saúde e desenvolvimento pessoal e social*. (pp.1897-1912). Centro de Investigação de Estudos da Criança (CIEC), Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal. ISBN: 978-989-8537-00-3.
- Cozby, P.C. (2006). *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. São Paulo: Editora Atlas.
- Cruzeiro, A.L.S.; Silva, R.A.; Horta, B. L.; Souza, L.D.M.; Faria, A. D. F.; Pinheiro, R.T.; Silveira, I.O. & Ferreira, C. D. (2008). Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. *Cad. Saúde Pública*, 24(9), 2013-2020.
- Cunha, A.P. (2005). *BULLYING* - descrição e comparação de práticas agressivas em modelos de recreio escolar entre crianças do 1º ciclo. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – FCDEF. Universidade do Porto.
- D'Oliveira, A.F.P.L., Schraiber, L.B., França-Júnior, I., Ludermir, A.B., Portella, A.P., Diniz, C.S., Couto, M.T., & Valença, O. (2009). Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. *Revista Saúde Pública*, 43(2), 299-310.

- Dadoun, R. (1998). A violência: ensaio acerca do “homo violens”. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Deslandes, S. F., Assis, S. G., Santos, N. C. (2005). Violências envolvendo crianças no Brasil: um plural estruturante e estruturado. In Brasil. Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. (pp.43-77). Brasília: Ministério da Saúde.
- Dias, A.F.; Padovani, R.C. & Williams, L.C.A.(2010). A escola e o adolescente em conflito com a lei sob a ótica de professores e diretores. p. 239-258. In: Willimas, L.C.A.; Maia, J.M.D.; Rios, K.S.A. Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental. São Paulo: ESETec.
- Dollard, J.; Miller, N.E.; Doob, L.W.; Mowrer, O.H. & E Sears, R.R. (1939). Frustration and aggression. New Haven, CT: Yale University Press. In: Rodrigues, A.; Assmar, E.M.L & Jablonski, B. (2003). Psicologia Social. 22ed. Petrópolis: Vozes.
- Falcke, D.; Rosa, L.W. & Madalena, M. (2012). Violência Familiar: rompendo o ciclo transgeracional e seguindo em frente. In: Baptista, M.N. & Teodoro, M.LM. (orgs.)(2012). Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção. Porto Alegre: Artmed, pp. 127-136.
- Fernández, I. (2005). Prevención de La Violencia y resolución de conflictos – El clima escolar como factor de Calidadl. Madrid: Narcea.
- Fischer, R.M. (2010). *Bullying* escolar no Brasil. Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA. URL: www.ceats.org.br (Consultado em 15 ago 2011).
- Francisco, M.V.; & Libório, R.M.C. (2009). Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(2), 200-207.
- Franco, L. R., López-Cepero, J., & Díaz, F. J. R. (2009). Violência doméstica: una revisión bibliográfica e bibliométrica. Psicothema, 21(2), 248-254
- Freire, I.P.; Simão, A.M.V.; Ferreira, A.S. (2006). O Estudo da Violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. Rev. Portuguesa de Educação, 9(2), 157-183.
- Gabatz, B.; Irmgard, R.; Neves, T.; Margrid, B.; Padoin, S. M. (2010). O significado de cuidado para crianças vítimas de violência intrafamiliar. Escola Anna Nery-*Revista de Enfermagem*, 14(1), 135-142.
- Galtung, J. (1997). O Caminho é a meta: Ghandi hoje. São Paulo: Palas Athena.
- García-Moreno, C., Jansen, H.A.F.M., Ellsberg,M., Heise, L., & Watts, C. (2005) *WHO multi-country study on women’s health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes and women’s responses*. World Health Organization.

- Gebara, C.F.P. (2008). Estudo das Crenças dos Agentes Comunitários de Saúde do município de Lima Duarte em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Gebara, C.F.P. (2009). Estudo das crenças dos agentes comunitários de saúde do município de Lima Duarte em Relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Dissertação de Mestrado* apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. 138p.
- Gebara, C.F.P.; Cezário, A.C.F; Ronzani, T.M. & Lourenço, L.M (2010). A Violência Doméstica Praticada Contra Crianças e Adolescentes Segundo Crenças de Profissionais da Saúde. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro, pp. 3436-3449.
- Gebara, C.F.P; Lourenço, L.M. & Ronzani, T.M (2011). Violência e Saúde Pública: uma análise psicossocial a partir do estudo das crenças. p. 21-34. In: Barbosa, A.J.G (org.). *Atualizações em Psicologia Social e Desenvolvimento Humano*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- Grossi, P. K.; & Santos, A.M. (2009). Desvendando o fenômeno *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. *Revista Portuguesa de Educação*, 2009, 22(2), 249-267.
- Gruberl, J.E. & Fineran, S. (2008). Comparing the Impact of *Bullying* and Sexual Harassment Victimization on the Mental and Physical Health of Adolescents. *Sex Roles*, 59, 1–13.
- Hernández, M.L.; Gómez, I.B.; Martín, M.J.G.; González, C.G., (2008). Prevención de la Violencia infantil-juvenil: estilos educativos de las familias como factores de protección. *International Journal of Psychological Therapy*, 8(1), 73-84.
- Hutt, S.; Buckley, H. & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect* , 32, 797–810.
- Hymel, S.; Nickerson, A. & Swearer S. (2012). *Bullying at School and Online – An Education.com Special Edition*. Disponível em URL: <http://www.education.com> Acesso em 14 mar 2012.
- Jenkins, M. F.; Zapt, D.; Winefield, H. & Samir, A. (2011). *Bullying Allegations from the Accused Bully's Perspective*. *British Journal of Management*, 1-13. (DOI: 10.1111/j.1467-8551.2011.00778.x)
- Johnson, M. P. (2009). Differentiating among types of domestic violence: implications for healthy marriages. In: H.E. Peters & C.M. K. Dusch (Ed.). *Marriage and family: perspectives and complexities*. New York: Columbia University Press, chap. 11, 282-297.
- Krug, E.G., Dahlberg, L.L., Mercy, J.A., Zwi, A.B., & Lozano, R. (ed.) (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization.
- Krüger, H. (1986). *Introdução à Psicologia Social*. São Paulo: EPU.

- Krüger, H. (2011). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. pp171-214. In: Torres, A.R.R. et al (Orgs). *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: Technopolitik. 636p.
- Lazenbatt, A. (2010). The impact of abuse and neglect on the health and mental health of children and young people. Research Briefing. In: NSPCC Cruelty to must stop Full Stop. Children Reader in Childhood Studies, Queen's University Belfast. Disponível em URL: <http://www.nspcc.org.uk/Inform/research/briefings/impact_of_abuse_on_health_pdf_wdf73369.pdf> Acesso em 16 nov 2010.
- Lepisto, S.; Luukkaala, T. & Paavilainen, E. (2011). Witnessing and experiencing domestic violence: a descriptive study of adolescents. *Scandinavian Journal Caring Sciences*; 2011; 25; 70–80.
- Levisky, D. L & cols. (1997) *Adolescência e violência: consequências da realidade Brasileira*. Porto Alegre: Artmed.
- Leyens, J.P; & Yzebeyt, V. (2008). *Psicologia Social*. Portugal: Edições 70. 328p.
- Liu, J. (2004). Concept analysis: Aggression. *Issues Ment Health Nurs*; 25(7), 693-714.
- López, M.H.; Bacerra, I.G.; García, M.J.M; & Gutierrez, C.G. (2008). Prevención de la violencia infantil: estilos educativos de las familias como factores de protección. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*. 8(1), 73-84.
- Lorenz, K. (1978). *Sobre la aggression el pretendido mal*. C. México: Siglo Veintiuno.
- Lourenço, L. M. (1998) *Violência e Crenças*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo.
- Lourenço, L. M.; Pereira, B.; Paiva, D.P. & Gebara, C.F.P. (2009). A gestão educacional e o *bullying*: um estudo em escolas portuguesas. *Interacções (Portugal)*, 5, 208-228.
- Lourenço, L.M. (2007). Um estudo das crenças no que concerne ao consumo/tráfico de drogas enquanto causa da violência/agressividade. *Psicologia em Pesquisa*. 1(01): 34-40.
- Lourenço, L.M.; Cruvinel, E; Almeida, A.A. & Gebara, C.F.P (2010). Estudo das crenças dos agentes de saúde a respeito da violência doméstica. *Semina. Ciências Biológicas e da Saúde*. 1, 69-80.
- Lourenço, L.M.; Salgado, F. S.; Barbosa, A. J. G.; Pereira, B. O. (2011) *Gestão do Bullying no Ambiente Escolar: Algumas Perspectivas a Partir de Pesquisa Bibliométrica e de Campo*. In: VI Congreso Internacional de Psicología y Educación, 2011, Valladolid. Educación, Aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural. Madrid: *Asociación de Psicología y Educación*, 1, 4397-4407.
- Lourenço, L.M.; Salgado, F.S.; Amaral, A.C.; Gomes, S.F.L. & Senra, L.X. (2011). O impacto do testemunho de violência interparental em crianças: uma breve análise bibliométrica e bibliográfica. *Rev. Gerais: Revista Interinstitucional em Psicologia*. 4 (1): 104-111.

- Maldonado, D. P. A. & Williams, L.C.A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 10(3), 353-362.
- Maldonado, D.P.A.; Williams, L.A.C. (2010). Comportamento Agressivo na escola segundo a percepção de professores. In: L.A.C Williams; J.M.D. Maia; K.S.A. Rios – *Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental*. Santo André-SP: ESETec, 220-237.
- Martins, M.J.D. (2005). Condutas agressivas na adolescência: Factores de risco e de protecção. *Análise Psicológica (Portugal)*, 2 (XXIII): 129-135.
- Martins, M.J.D. (2009). Maus tratos entre adolescentes na escola. Portugal: Editorial Novembro.
- Melim, F.M.O. (2012). Na escolar, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do *bullying* escolar. *Tese de Doutoramento em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho*. Braga, Portugal.
- Melim, F.M.O.; & Pereira, B.O. (2012). *Bullying* escolar: os padrões de agressão. *Actas do II Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”*. Braga: Universidade do Minho, pp. 389-402.
- Mills, C. (2004). Problems at home. Problems at school - The effects of maltreatment in the home on children’s functioning at school: an overview of recent research. National Society for the Prevention of Cruelty to Children (NSPCC). Disponível em URL www.nspcc.org.uk/inform_the_UK's_only_free_online Acesso em 05 nov 2011.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. (2005). *Violência: um problema para a saúde dos brasileiros*, 10-41.
- Minayo, M.C.S.(1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. (2001). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Myers, D.G. (2000). *Psicologia Social*. 6ed. Rio de Janeiro: LTC.
- O'Donnell, E. H., Moreau, M., Cardemil, E. V. & Pollastri, A. (2010). Interparental conflict, parenting, and childhood depression in a diverse urban population: the role of general cognitive style. *Journal of Youth Adolescence*, 39(1), 12-22.
- Olweus, D. (1978). *Agression in the schools: bullies an whipping boys*. Washington DC: Hemisphere.
- Olweus, D. (1979). Stability of aggressive reaction patterns in males: A review. *Psychological Bulletin*, 86, 852-875.

- Olweus, D. (1980). Familial and Temperamental Determinants of Aggressive Behavior in Adolescent Boys: A Causal Analysis. *Developmental Psychology*, 16 (6), 644-660.
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, XII, 4,495-511.
- Olweus, D. (2011). What is *bullying*? Disponível em URL <<http://www.olweus.org/public2m/bullying.page>> Acesso em 27 set 2011.
- Olweus, D., (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Organização Mundial de Saúde (2005). Multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses. Geneva: World Health Organization.
- Orue, I. & Calvete, E. (2012). La justificación de la violencia como mediador de la relación entre la exposición a la violencia y la conducta agresiva en infancia. *Psicothema*, 24, (1), 42-47.
- Papalia, D. E. & Olds, S. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, B. & Tomás (1994). *Questionário Bullying – A agressividade entre crianças no espaço escolar* (e revisto em 2006). Adaptado por Barbosa, A. J. G. (2009). *Questionário de Bullying*. Juiz de Fora.
- Pereira, B. O. (2001). A violência na escola – formas de prevenção. p.17-30 In: Pereira, B. & Pinto, A.P. *A Escola e a criança em risco*. Portugal: Edições ASA.
- Pereira, B. O.; Silva, M.I. & Nunes, B. (2009). Descrever o *bullying* na escola: um estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, 9(28), 455-466.
- Pereira, B.O. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção. In: J.C.S. Neto; M.L. Nascimento (orgs). *Infância, Violência, Instituição e políticas públicas*. São Paulo: Expressão e Arte; 43-51.
- Pereira, B.O. (2008). *Para uma escola sem violência-estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2ed. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian-FCG, Fundação para a Ciência e tecnologia-FCT.
- Pereira, B.O.; Nunes, B.; Lourenço, L.; Silva, M.I.; Costa, P. & Pereira, V. (2009). Relatório do Projecto de Diagnóstico e intervenção sobre o *bullying* nas escolas de Bragança (2007/08 e 2008/2009). *Universidade do Minho*, Instituto de Educação Sub-Região de Saúde de Bragança.
- Pessoa, D.G.C. & Silva, P.L.N. (1998). *Análise de Dados Amostrais Complexos*. São Paulo: Associação Brasileira de Estatística.
- Pinheiro, F. M. F.; Williams, L.C.A. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 995-1018.

- Reichenheim, M.E., Dias, A.S. & Moraes, C.L. (2006). Co-ocorrência de violência física conjugal e contra filhos em serviços de saúde. *Revista Saúde Pública*, 40(4), 595-603.
- Reichenheim, M.E.; Souza, E. R.; Moraes, C.L.; Mello Jorge, M.H.P.; Silva, C.M.F.P & Minayo, M.C.S. (2011). Violência e lesões no Brasil: efeitos, avanços alcançados e desafios futuros. *Saúde no Brasil 5*. Publicado Online 9 de maio de 2011 DOI:10.1016/S0140-6736(11)60053-6. Disponível em URL <http://download.thelancet.com/flatcontentassets/pdfs/brazil/brazilpor5.pdf> Acesso em 29 jul 2011.
- Ribeiro, J.L.P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ribeiro, M.C.O.; & Sani, A.I., (2009). Modelos Explicativos da agressão: revisão teórica. *Rev. da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa*; 6, 96-104.
- Rivers, I.; Noret, N.; Poteat, V.P. & Ashurst, N. (2009). Observing *Bullying* at School: The Mental Health Implications of. *School Psychology Quarterly. American Psychological Association*, 24(4), 211–223.
- Rodrigues, A.; Assmar, E.M.L. & Jablonskil, B. (2009). *Psicologia Social*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Sacarrão, G. F. (1989) *Biologia e Sociedade: O homem indeterminado*. Lisboa: Europa-América.
- Sánchez, M.; Gutierrez, B.R; Delgado, M.P. & Rodríguez, J.M. (2010). El problema del maltrato y el acoso entre iguales en las aulas. *Ensayos. Revistade la Facultad de Educación de Albacete*, 24, 2009.
- Sani, A. I. (2008). Crianças expostas à violência interparental. In: C. Machado & R.A. Gonçalves (Orgs). *Violência e vítimas de crimes: crianças*. (95-127). Portugal: Editora Quarteto.
- Saraiva, A.B.; Pereira, B.O. & Zamith-Cruz, J. (2011). Trajectórias, vidas e *bullying* escolar. In: Barbosa, A.G.; Loureço, L.M. & Pereira, B.O. (orgs). *Bullying: Conhecer e Intervir*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 83-92.
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A.F.P.L., França-Júnior, I., Diniz, C. S., Portella, A. P., Ludermir, A. B. , Valença, O., & Couto, M. T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista Saúde Pública*, 41(5), 797-807.
- Schraiber, L. B.; D'Oliveira, A.F.P. & Couto, M.T. (2006). Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Rev Saúde Pública*, 40(N Esp), 112-20.
- Schraiber, L.B.; Latorre, M.R.D.; França Jr, I.; Segri, N.J. & D'Oliveira, A.F.P.L. (2010). Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. *Rev Saúde Pública*; 44(4),658-667.

- Seixas, S.R.P.M.M (2006). Comportamentos de *bullying* entre pares – bem estar e ajustamento escolar. Tese de Doutoramento em Psicologia, na especialidade de Psicologia Pedagógica, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Senra, L. X. ; Lourenço, L.M. ; Almeida, A. A. ; Basilio, C. ; Salgado, F.S. ; Bhone, F.M.C. ; Gomes, D. ; Andrade, G.C. ; Koga, B. ; Kiemy Hashimoto, J. ; Baptista, M.N. (2011). Crianças Expostas à violência doméstica e/ou interparental: um estudo bibliométrico. In: *VI Congreso Internacional de Psicología y Educación, Valladolid-Espanha*. Educación, aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural. Madrid-Espanha : Asociación de Psicología y Educación, 1, 9563-9580.
- Senra, L. X. ; Lourenço, L.M.; Almeida, A. A. (2011). *Bullying* e Violência Doméstica considerações a partir de um estudo bibliométrico. In: *VI Congreso Internacional de Psicología y Educación, Valladolid-Espanha*. Educación, Aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural. Madrid-Espanha : Asociación de Psicología y Educación, 1, 9517-9530.
- Senra, L. X.; Lourenço, L.M.; Almeida, A.A.; Brum, C.R.S.; Basilio, C.; Gebara, C F P; Cezario, A.C.F. & Ronzani, T.M. (2011). A educação para o trabalho em saúde: contribuições de um projeto para intervenção em violência doméstica. In: *VI Congreso Internacional de Psicología y Educación, Valladolid-Espanha*. Educación, aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural. Madrid-Espanha: Asociación de Psicología y Educación, 1, 5159-5168.
- Senra, L.X ; Lourenço, L. M. ; Pereira, M. B. O. (2011). Características da relação entre violência doméstica e *bullying*: revisão sistemática da literatura. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 4 (2), 297-309.
- Shrader, E., & Sagot, M. (2000). *Domestic violence: women's way out*. Pan American Health Organization. Washinton: States Unites of America
- Silva, A, N.; Oliveira, J.C.; Lamas, K.A. & Barbosa, A.G. (2011). Pesquisas sobre *Bullying* no Brasil. In: Barbosa, A.G.; Loureço, L.M. & Pereira, B.O. (orgs). *Bullying: Conhecer e Intervir*. Juiz de Fora: Editora UFJF,11-31.
- Skrzypiec, G.; Slee, P.; Murray-Harvery, R. & Pereira, B. (2011). School *bullying* by one or more ways: Does it matter and how do students cope? *School Psychology International*, 32(3) 288–311.
- Solberg, M.E. & Olweus, D. (2003). Prevalence Estimation of School *Bullying* With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29, 239–268.
- Sousa, R.; Pereira, B.O. & Lourenço, L.M. (2011). O *bullying*, locais e representações do recreio. In: Barbosa, A.G.; Loureço, L.M. & Pereira, B.O. (orgs). *Bullying: Conhecer e Intervir*. Juiz de Fora: Editora UFJF,. 33-49.
- Spriggs, A.; Iannotti, R., Nansel, T.R. & Haynie, D.L. (2007). Adolescent *bullying* involvement and perceived family, peer and school relations: commolities and differences across race/ethnicity. *Journal Adolesc Health*; 41(3), 283-293.

- Stelko-Pereira, A.C. & Williams, L.C.A. (2010b). Sobre o conceito de Violência: distinções necessárias. p. 41-66. In: Williams, L.C.A.; Maia, J.M.D.; Rios, K.S.A. Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental. São Paulo: ESETec.
- Stelko-Pereira, A.C.; & Williams, L.A.C. (2010a). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia*, 18 (1), 45-55.
- Stelko-Pereira, A.C.; Williams, L.C.A. (2012). Dando voz a estudantes de escolas públicas sobre situações de violência escolar. In: Habigzang, L.F. F. & Koller, S. H.(orgs.). *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática*. Porto Alegre: Artmed, pp. 203-218.
- Tolan, P., Smith, D. G., & Henry, D. (2006). Family Violence. *Annu. Rev. Psychol* , 57, 557–583.
- Torregrosa, M.S., Inglés C.J., García-Fernández, J.M., Gázquez, J.J., Díaz-Herrero, A. & Bermejo, R.M.(2012). Conducta agresiva entre iguales y rendimiento académico en adolescentes españoles. *Psicologia Conductual* , 20(2), pp. 263–280.
- Vecina, T.C.C. (2006). A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. In: J.C.S. Neto; M.L. Nascimento (orgs). *Infância, Violência, Instituição e políticas públicas*. São Paulo: Expressão e Arte: 53-59.
- Venturini, F.P., Bazon, M.R & Biasoli-Alves, Z.M.M. (2004). Família e Violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, 4(1).
- Vieno, A.; Gini, G. & Santinello, M. (2011). Different Forms of *Bullying* and Their Association to Smoking and Drinking Behavior in Italian Adolescents. *Journal of School Health*, 81(7), 339-399.
- Voisin, D.R. & Hong, J.S. (2012). A Meditational Model Linking Witnessing Intimate Partner Violence and *Bullying* Behaviors and Victimization Among Youth. *Educational Psychology Review*, 24(2), 1-20.
- Whiteside-Mansell, L., Bradley, R. H., McKelvey, L. & Fussell, J.J. (2009). Parenting: linking impacts of interpartner conflict to preschool children's social behavior. *Journal of Pediatric Nursing*, 24(5), 389-400.
- Williams, L.C.A. (2010). Entrevista inicial com crianças expostas à violência conjugal. In: L.A.C Williams; J.M.D. Maia; K.S.A. Rios – Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental. Santo André-SP: ESETec, pp.560-564.
- Williams, L.C.A.; Maia, J.M.D. & Rios, K.S.A. (2010). *Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental*. Santo André-SP:

ANEXOS

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
 PRO-REITORIA DE PESQUISA
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
 36036900- JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

Parecer nº 117/2011

Protocolo CEP-UFJF: 2367.107.2011 **FR:** 422626 **CAAE:** 0102.0180.000-11

Projeto de Pesquisa: "«Estudos da relação entre Violência Doméstica-VD e Bullying em adolescentes do ensino fundamental da rede pública de Juiz de Fora-MG.Título»"

Area Temática: Grupo III

Pesquisador Responsável: Lélío Moura Lourenço

Data prevista para o término da pesquisa: agosto/2012

Pesquisadores Participantes: Luciana xavier Senra

Instituição Proponente: Universidade Federal de Juiz de Fora

Análise do protocolo:

Itens Avaliados	Sim	Não	P	NA		
Justificativa	O estudo proposto apresenta pertinência e valor científico	x				
	Objeto de estudo está bem delineado	x				
Objetivo(s)	Apresentam clareza e compatibilidade com a proposta	x				
Material e Métodos	Atende ao(s) objetivo(s) proposto(s)	x				
	Informa	Tipo de estudo	x			
		Procedimentos que serão utilizados	x			
		Número de participantes	x			
		Justificativa de participação em grupos vulneráveis	x			
		Crterios de inclusão e exclusão	x			
		Recrutamento	x			
		Coleta de dados	x			
		Tipo de análise	x			
Cuidados Éticos	x					
Revisão da literatura	Atuais e sustentam o(s) objetivo(S) do estudo	x				
Resultados	Informa os possíveis impactos e benefícios	x				
Cronograma	Agenda as diversas etapas de pesquisa	x				
	Informa que a coleta de dados ocorrerá após aprovação do projeto pelo comitê	x				
Orçamento	Lista a relação detalhada dos custos da pesquisa	x				
	Apresenta o responsável pelo financiamento	x				
Referências	Segue uma normatização	x				
Instrumento de coleta de dados	Preserva o sujeito de constrangimento	x				
	Apresenta pertinência com o(s) objetivo(s) proposto(s).	x				
Termo de dispensa de TCLE	Solicita dispensa		x			
Termo de assentimento	Apresenta o termo em caso de participação de menores	x				
TCLE	Está em linguagem adequada, clara para compreensão do sujeito	x				
	Apresenta justificativa e objetivos	x				
	Descreve suficientemente os procedimentos	x				
	Apresenta campo para a identificação dos sujeitos	x				
	Informa que uma das vias do TCLE deverá ser entregue ao sujeito	x				
	Assegura liberdade do sujeito recusar ou retirar o consentimento sem penalidades	x				
	Garante sigilo e anonimato	x				



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
 PRO-REITORIA DE PESQUISA
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
 36036900- JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

	Explicita	Riscos e desconfortos esperados	x			
		Ressarcimento de despesas	x			
		Indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa	x			
		Forma de contato com o pesquisador	x			
		Forma de contato com o CEP	x			
		Como será o descarte de material coletado (no caso de material biológico)	x			
		O arquivamento do material coletado pelo período mínimo de 5 anos	x			
Pesquisador (es)		Apresentam titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa	x			
		Apresenta comprovante do Currículo Lattes do pesquisador principal e dos demais participantes.	x			
Documentos		Carta de Encaminhamento à Coordenação do CEP	x			
		Folha de Rosto preenchida	x			
		Projeto de pesquisa, redigido conforme Modelo de Apresentação de Projeto de Pesquisa padronizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)	x			
		Declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável pelo setor/serviço onde será realizada a pesquisa	x			

P= parcialmente NA=Não se aplica

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, devendo o pesquisador entregar o relatório no final da pesquisa.

Situação: Projeto Aprovado.

Juiz de Fora, 16 de junho de 2011

Maria Ávila Vargas Dias
 Profª Drª Iêda Maria Ávila Vargas Dias
 Coordenadora – CEP/UFJF

RECEBI
DATA: ___/___/2011
ASS: _____

ANEXO II

INSTRUÇÕES

- A. Leia com atenção as questões a seguir.
 - B. Responda todas as questões. Não deixe nenhuma em branco.
 - C. Não há respostas certas ou erradas. Responda da forma como realmente acontece com você.
 - D. Suas respostas serão mantidas em segredo.
 - E. Se você tiver alguma dúvida, levante a mão e aguarde a ajuda dos aplicadores.
- Obrigado por colaborar.

Bloco 1

1. Em que ano do ensino fundamental você está?

(3º) (4º) (5º) (6º) (7º) (8º) (9º)

2. Qual é o seu sexo?

- (1) Masculino.
- (2) Feminino.

3. Idade: ____ anos.

4. Data de nascimento: ____/____/____

5. Você é:

- (1) Preto(a).
- (2) Branco(a).
- (3) Pardo(a).
- (4) Amarelo(a).
- (5) Indígena.

6. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____.

7. Quantos irmãos/irmãs você tem? _____.

8. Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- (0) Não sei.
- (1) Não frequentou escola ou é analfabeto.
- (2) Estudou até: _____

9. Qual o nível de escolaridade da sua mãe?

- (0) Não sei.
- (1) Não frequentou escola ou é analfabeto.
- (2) Estudou até: _____

10. Qual a profissão dos seus pais?

Pai: _____.

Mãe: _____.

11. Em sua casa existem:

- a) Quantas televisões em cores? _____
- b) Quantos rádios? _____
- c) Quantos banheiros? _____
- d) Quantos automóveis? _____
- e) Quantas empregadas domésticas? _____

- f) Quantas máquinas de lavar roupa? _____
 g) Quantos videocassetes ou aparelhos de DVD? _____
 h) Quantas geladeiras? _____
 i) Quantos freezers (separado da geladeira ou como parte de geladeira duplex)? _____

12. Você frequentou creche ou escola antes da primeira série?

- (1) Não.
 (2) Sim. Por quanto tempo? _____

13. Você já repetiu o ano na escola?

- (1) Não.
 (2) Sim. Quantas vezes? _____.

14. Você frequenta aulas de reforço (ou aulas particulares)?

- (1) Não.
 (2) Sim.

15. Você pratica alguma atividade física, esportiva e/ou artística fora da escola pelo menos uma vez por semana?

- (1) Não. Passe para o Bloco 2.
 (2) Sim. Escreva quais e há quanto tempo no quadro abaixo.

Qual atividade? a) _____ b) _____ c) _____ Há quanto tempo? a) ____ ano(s) e ____ mês(es) b) ____ ano(s) e ____ mês(es) c) ____ ano(s) e ____ mês(es)

Bloco 2

Responda as questões abaixo referentes às vezes que algum(a) aluno(a) da escola empurrou você, falou mal de você, fez com que você sentisse medo, enviou ou divulgou mensagens ruins sobre você.

1. Quantas vezes algum(a) aluno(a) da escola fez algo de mal a você nos últimos três meses de aula?

- (1) Nenhuma vez.
 (2) Uma ou duas vezes.
 (3) Três ou quatro vezes.
 (4) Cinco ou mais vezes.

2. De que forma isso tem ocorrido? Se necessário, marque mais de uma opção.

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.
 (2) Bateram em mim, deram murros, socos e/ou chutes.
 (3) Pegaram minhas coisas sem minha permissão.
 (4) Fizeram com que eu sentisse medo.
 (5) Colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei.
 (6) Falaram sobre mim escondido.
 (7) Pararam de conversar comigo.

(8) Espalharam mensagens através da Internet ou telefone para me prejudicar.

(9) Ofenderam-me por causa da minha cor/raça.

(10) Fizeram outras coisas comigo. O

quê? _____

3. Em que lugar essas situações acontecem? Se necessário, marque mais de uma opção.

(1) Em nenhum lugar.

(2) Nos corredores e/ou nas escadas.

(3) No recreio.

(4) Nas salas de aula.

(5) No refeitório e/ou cantina.

(6) No banheiro.

(7) No vestiário.

(8) Em outro lugar. Qual? _____

4. De que turma são os(as) alunos(as) que têm feito algum mal a você? Se necessário, marque mais de uma opção.

(1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.

(2) São da minha turma.

(3) São de outra turma.

5. De que idade são os(as) alunos(as) que têm feito mal a você? Se necessário, marque mais de uma opção.

(1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.

(2) São da minha idade.

(3) São mais velhos(as).

(4) São mais novos(as).

6. Quem fez algum mal a você? Se necessário, marque mais de uma opção.

(1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.

(2) Um aluno.

(3) Uma aluna.

(4) Vários alunos.

(5) Várias alunas.

(6) Alunos e alunas.

7. Quantas vezes fizeram algum mal a você na última semana de aula? Volte a marcar somente uma opção.

(1) Nenhuma.

(2) Uma.

(3) Duas.

(4) Três ou mais vezes.

8. Quantas vezes fizeram algum mal a você quando estava indo ou voltando da escola?

(1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim no caminho da escola.

(2) Uma ou duas vezes nos últimos três meses.

(3) Uma vez esta semana.

(4) Duas ou mais vezes esta semana.

9. Quantas vezes os(as) professores(as) fizeram alguma coisa para que os alunos ou alunas parassem de fazer mal aos outros?

- (1) Não sei.
- (2) Nunca.
- (3) Quase nunca.
- (4) Às vezes.
- (5) Muitas vezes.

10. Quantas vezes os(as) funcionários(as) fizeram alguma coisa para que os alunos ou alunas parassem de fazer mal aos outros?

- (1) Não sei.
- (2) Nunca.
- (3) Quase nunca.
- (4) Às vezes.
- (5) Muitas vezes.

11. Você contou a alguém que alunos(as) fizeram algum mal a você na escola? Se necessário, marque mais de uma opção.

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.
- (2) Não disse a ninguém.
- (3) Sim, disse a um(a) ou dois(duas) amigos(as).
- (4) Sim, disse aos(às) meus(minhas) amigos(as).
- (5) Sim, disse ao(à) professor(a) ou diretor(a).
- (6) Sim, disse ao meu pai ou ao responsável por mim.
- (7) Sim, disse a um irmão ou irmã.
- (8) Sim, disse a um(a) funcionário(a).

12. Há alunos ou alunas que te defenderam quando outros tentaram fazer mal a você?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.
- (2) Ninguém me defendeu.
- (3) Um(a) ou dois(duas) alunos(as).
- (4) Três ou mais alunos(as).

13. O que você faz quando vê alguém fazendo mal a um aluno ou aluna da sua idade? Se necessário, marque mais de uma opção.

- (1) Nada, pois não é comigo.
- (2) Nada, mas acho que deveria ajudar.
- (3) Tento ajudar como posso.
- (4) Chamo alguém para ajudar.
- (5) Ajudo só se for meu amigo ou minha amiga.
- (6) Ajudo mesmo que não conheça a pessoa.

Bloco 3

Responda as questões abaixo referentes às vezes que você fez mal a alguém, bateu, empurrou, xingou, colocou medo, enviou ou divulgou mensagens ou imagens ameaçadoras de outras pessoas.

Sinta-se tranqüilo para responder, ninguém verá sua resposta.

1. Quantas vezes você fez mal a outros alunos ou alunas na escola nos últimos três meses de aula?

- (1) Nenhuma.
- (2) Uma ou duas vezes.
- (3) Três ou quatro vezes.
- (4) Cinco ou mais vezes.

2. Quantas vezes se juntou a um grupo para fazer mal a outros alunos ou alunas na última semana?

- (1) Nenhuma.
- (2) Uma ou duas vezes.
- (3) Três ou quatro vezes.
- (4) Cinco ou mais vezes.

3. Alguma vez você faltou com respeito a um(a) professor(a) ou fez mal a ele(a)?

- (1) Nenhuma.
- (2) Uma ou duas vezes.
- (3) Três ou quatro vezes.
- (4) Cinco ou mais vezes.

4. Alguma vez você faltou com respeito a um(a) funcionário(a) ou fez mal a ele(a)?

- (1) Nenhuma.
- (2) Uma ou duas vezes.
- (3) Três ou quatro vezes.
- (4) Cinco ou mais vezes.

Bloco 4

1. Escreva o nome dos seus melhores amigos ou amigas **da sua turma**.

2. Quantas vezes você ficou sozinho(a), porque os outros alunos ou alunas não queriam a sua companhia?

- (1) Nunca fiquei só.
- (2) Uma ou duas vezes nos últimos três meses.
- (3) Três ou quatro vezes nos últimos três meses.
- (4) Cinco ou mais vezes nos últimos três meses.

3. Você gosta dos recreios?

- (1) Odeio.
- (2) Não gosto.
- (3) Mais ou menos.
- (4) Gosto.
- (5) Adoro.

4. Algum(a) professor(a) acompanha o recreio na sua escola?

- (1) Sim.
- (2) Não.

5. Algum(a) funcionário(a) acompanha o recreio na sua escola?

- (1) Sim.
- (2) Não.

6. O que você acha de um(a) professor(a) acompanhar o recreio na sua escola?

- (1) Gosto. Por quê? _____
- (2) Não gosto. Por quê? _____

7. O que você acha de um(a) funcionário(a) acompanhar o recreio na sua escola?

- (1) Gosto. Por quê? _____
- (2) Não gosto. Por quê? _____

8. O recreio tem espaço para brincar?

- (1) Muito.
- (2) Pouco.
- (3) Nenhum.

9. O recreio tem materiais de jogos?

- (1) Muitos.
- (2) Poucos.
- (3) Nenhum.

10. O que acontece no recreio? Se necessário, marque mais de uma opção.

- (1) Não tenho amigos(as) para brincar.
- (2) Andam atrás de mim para implicar comigo.
- (3) Não posso brincar do que gosto.
- (4) Há muitos meninos e meninas, não há espaço para brincar.
- (5) Os outros meninos e/ou meninas só gostam de brincar de lutas e empurrões.
- (6) Brinco com os(as) amigos(as).

Por favor, verifique se você respondeu todas as questões. Se você já terminou de responder tudo, levante a mão e aguarde um dos aplicadores.

Obrigado!

ANEXO III

Roteiro de entrevistas com Adolescentes

Violência doméstica e *bullying* em adolescentes do ensino fundamental

Parte I – Relacionamento Familiar

- 1) Como é o ambiente familiar em sua casa, o dia a dia, quantas pessoas moram com você, como é a convivência entre todas as pessoas?
- 2) Como são resolvidos os conflitos e discussões (brigas) familiares entre seus pais, as pessoas que vivem com você e entre pais e filhos?
- 3) Relacionamento com os pais/ responsáveis: (*Obs. Se o adolescente for órfão, tiver madrasta, padrasto ou outro cuidador responsável, adaptar a questão*)
 - A) Como você se dá com sua mãe?
 - B) E com seu pai?
 - C) A quem você é mais apegado, seu pai ou sua mãe?
 - D) Tem mais alguém que é mais próximo de você ou de você e seus pais?

4) Possibilidade de Vitimização:

- A) O que seu pai/responsável faz quando fica nervoso? Como é?
- B) E quando sua mãe fica nervosa, o que ela faz? Como é?
- C) O que seus irmãos/pessoas que vivem com você fazem quando ficam nervosas? Como é?

5) Descrição e compreensão da violência:

- A) Você já viu seu pai/responsável agredir sua mãe? Como foi? Por que isso aconteceu?
- B) E sua mãe, você já a viu agredir seu pai? Como foi? Por que?
- C) O que você faz quando viu ou vê cenas ou situações de agressão e violência entre seus pais/responsáveis?
- D) Quem começa uma briga, sua mãe ou seu pai?
- E) Já tentou impedir brigas entre eles?
- F) Em relação a esse problema, o que você acha que seus pais deviam fazer?

6) Concepção de separação e divórcio:

- A) Seus pais já foram ou estão separados? Como foi a separação para você?
- B) **Se estiverem separados:** 1) você mantém contato com eles? 2) Eles usam você para transmitirem recado de um para o outro? *Pedir exemplo.* 3) Você transmite? Como se sente?
- C) **Se não estiverem separados:** Se seus pais se separassem, você manteria contato com eles? Só com um deles? Por que?

Parte II: Relações sociais e interpessoais

- 7) Quando você está chateado (“bolado”), com quem você conversa?
- 8) Você tem amigos? Quantos? O que vocês costumam fazer juntos?
- 9) O que você acha da sua escola? Você gosta dela?

- 10) O que você mais gosta de fazer em sua escola? Você se considera um bom aluno?
- 11) O que sua família, seus pais acham da escola em que você estuda?
- 12) Seu pai ou sua mãe acompanha sua vida escolar? Reuniões? Notas? Cadernos? De que maneira?
- 13) Você já viu alguém colocar ou você colocou apelido, xingou, agrediu alguém e alguém ficou chateado por causa disso? Como foi? Quando ocorreu?
- 14) Seus pais ficam sabendo de eventos ou situações contadas por você que mostravam situações de brigas, rixas e agressões entre ele e os colegas que acontecem aqui na escola ou com seus colegas? E por outra pessoa?
- 15) Qual a maneira você acha correta de educar crianças e adolescentes?
- 16) Você sabe o que é *bullying*? O que você acha sobre o *bullying*? Se você vir um amigo seu nessa situação o que você faz? O que você diz? Alguma outra pessoa soube e ajudou?
- 17) O que você achou de nossa conversa? Gostaria de dizer alguma coisa que não disse ou que você lembrou sobre os assuntos que acabamos de conversar?

ANEXO IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você e seu filho estão sendo convidados(as) como voluntário(as) a participar de uma pesquisa aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFJF sob o parecer nº 117/2011 CAAE 0102.0180.000-11. Nesta pesquisa, pretendemos analisar e estudar as características de conflitos, e até agressões, que ocorrem tanto na escola quanto na família, envolvendo os adolescentes do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Juiz de Fora–MG.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é devido a divulgações de outros estudos sobre o tema e das reivindicações de intervenção e prevenção referentes às situações de agressões constantes de adolescentes contra outros no ambiente escolar; e entre os familiares desses adolescentes. Situações essas que vem ocasionando baixo desempenho acadêmico, comprometimento das relações interpessoais e sociais dentro ou fora da escola; doenças como depressão, ansiedade e stress pós-traumático, baixa estima por si mesmo, insegurança e isolamento social, transtornos alimentares, etc.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): (1) questionário de identificação de situações de agressões físicas, verbais e psicologias recorrentes e intencionais de um indivíduo adolescente contra outro sem condições de se defender no ambiente escolar. Num segundo momento, após sorteio, entrevista com os adolescentes envolvidos em situações de conflitos entre os colegas e na família.

Para participar deste estudo você e seu filho não terão nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para autorizar ou não a participação do seu filho(a). Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação e a de seu filho(a) a qualquer momento. A participação de seu filho(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar sua identidade e a do seu filho com padrões profissionais de sigilo. Você e seu filho(a) não serão identificados em nenhuma publicação ou instrumento de pesquisa que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, ouvir música, etc. Apesar disso, você e seu filho(a) tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique a participação de seu filho não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Portanto, aceito autorizar a participação do meu filho (a) _____, com ____ anos de idade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20__

Assinatura do(a) Responsável


Assinatura do(a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFJF
Pró-Reitoria de Pesquisa / Campus Universitário da UFJF - Juiz de Fora (MG) - CEP: 36036-900
E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br
Pesquisador(a) Responsável: LELIO MOURA LOURENÇO - ICH – Instituto de Ciências humanas

Endereço: Rua Santos Dumont, 214, bairro Granbery, onde funciona o Centro de Psicologia Aplicada – CPA da Faculdade de Psicologia da UFJF.
Juiz de Fora (MG) - CEP: 36036-330
Fone: (32) 3216-1029 ou 8845-5150/ E-mail: senra.lx@gmail.com ou nevaspopss@ymail.com

ANEXO V

Transcrição Entrevistas – Violência doméstica e *bullying* em adolescentes do ensino fundamental

I – Entrevistado 5CA6031, sexo masculino, com 12 anos de idade, aluno do sexto ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Ah, é legal. Eu moro com a minha mãe, com o marido dela o Ricardo e minhas duas irmãs. A Valquiria tem 4 e a outra tem 6, não 6 não, 7. Elas são filhas de outro pai. Ah... o pai das meninas é o ex dela e esse novo não é de ninguém. O namorado da minha mãe não é pai de ninguém lá. E o ex do da do pai das meninas, o ex dela sem ser o pai das meninas é meu pai. Meu pai separou antes deu nascer. Ah... conversam bastante né. Hum, do trabalho dela, do meu estudo na escola, das coisas que eu faço quando ela não tá perto. É, mas também eu não sou muito de contar o que eu faço não. É que eu sou mais secreto, entendeu?, eu não falo muita coisa não. Eu falo o que eu acho certo, que não me leve a, ah como eu vou dizer (pausa), que não leve a... não leve a um castigo ou fica gritando comigo... Ah, porque geralmente eu to brigando com minhas irmãs, falando alto, ah... ela briga. Quando eu to falando alto demais, quando eu bato forte no chão. A gente mora em apartamento, aí a gente mora no terceiro andar e a... a gente paga aluguel e a de baixo é a proprietária, então ela tem mais direto com a gente. Então a gente tem mais é que ficar quieto. Ai quando minhas irmãs fazem barulhos assim e ela não vê, ela acha que eu to no meio. Só que aí quando elas tão na sala e eu no quarto ela acha, ela sabe que eu não to lá. Minha mãe pega de oito as quatro e meia, aí elas ficam lá com a minha mãe no serviço dela, porque é uma instituição, aí elas podem ficar lá com a minha mãe. Aí depois de meio dia, assim, mais ou menos ela leva a Valquiria pra escola e eu chego lá e levo a Noeli pra cá, ela estuda aqui a tarde. Aí depois disso a minha mãe volta pra lá e eu vou ficar com ela também, de vez em quando eu vou pra casa. Aí depois... é mó legal. Não tem enchecção se saco.

2) –

3) c) Não.... não... porque depois de 3 anos minha mãe entrou com um processo, que tem três anos que ela separou dele. Meteu um processo no caboco e ela perdeu a guarda das meninas. Só que depois que a, a lá na, lá na hora, a mulher lá falou, ela falou que ia ficar com a minha mãe durante um mês só e depois ia ficar pra ele. Só que de dois em dois domingos ele tinha que visitar elas pra, pra acostumar e tal. Só que no primeiro, segundo e no terceiro domingo ele não veio, então a guarda ficou com a minha mãe até hoje. Ai ele deposita pensão todo mês, só que de vez em quando ele não deposita não. Minha mãe só não entrou de novo para pedir, medida de, pensão porque ela tem medo de perder de novo, só que dessa vez ele pegando elas de verdade. Fora que ele também tem outro filho fora.

4) -

5) Minha mãe roxa. Roxa, as meninas chorando e eu lá, um otário sem fazer nada. Hum, eu não podia fazer nada para evitar... Minha obrigação.

b) Não, direito não. Eu tinha visto ele só aos quatro anos, mas só que eu não lembro dele direito não. Tenho ódio. Raiva. (pausa) Ah... só isso. Aí Ah, encontrei. Foi, não sei se foi esse ano ou ano passado, com o meu tio Raí me achou, o irmão dele. Aí ele me levou na casa dele e a gente conversou lá, ou então, ai ele foi lá em casa me buscar aí eu conversei com ele, a gente passou um dias lá. Aí quando eu tava jogando lá com o filho do Raí, meu tio, ele apareceu lá. Aí depois assim ele, sei lá, começou a fazer, sei lá, tentar me convencer só que eu não cai nele de novo não. Me convencer a morar com ele e

tal, que ele ia cuidar de mim e tal e eu falei que era mentira. Porque se ele quisesse, se ele pudesse mesmo cuidar de mim, se ele quisesse mesmo, ele teria ficado com a minha mãe e não deixado ela lá sozinha de barriga.

6) b) sei lá, eles quando em 2002 minha mãe mudou para ele, moro com a minha mãe durante, durante 5 anos e a... e a... ele, aí ele tinha falado assim para minha vó tudo vai mudar a partir de agora. Ai passou o que, uns 6 meses brigado ai a minha mãe voltou para casa da minha vó. Aí depois ele pediu perdão e foi assim. Brigo, voltou, brigo, voltou, brigo, voltou ai acabou que ela brigou e separou de vez. 10 anos. Ele tinha ciúme é por causa que meu pai trabalhava na mesma empresa que ele. Ai acabou que eles arrumaram briga. Ai minha mãe achou que, minha mãe não, o pai das meninas achou que ela tava traindo ele com o meu pai. Ai algumas brigas foi assim, as outras foi alguns motivos que eu não sei.

Não... recado não... Porque, primeiro que eles nunca me pediram isso e segundo que mesmo se eles pedissem eu não ia fazer não. Ahm... porque que eu ia mandar recado para a minha mãe de uma coisa que eles falam, sendo que eu não acredito no que eles falam? Eles podem muito bem tá mentindo para mim. Pra fazer ela voltar para eles.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

7) Ninguém. Nada. Converso com a Laís, a minha namorada daqui esse ano, hum... fevereiro. Ela tá na 604. De vez em quando... De vez em quando eu converso com o meu tio. Ah... porque ele, ele é como se fosse meu pai porque ele cuidou de mim. Desde quando eu nasci, praticamente. Com a minha mãe eu não costumo falar muita coisa não. Só que eu não gosto de, tipo assim, minha mãe ficar sabendo das coisas que eu faço. Se eu to chateado ou não, se não ela fica triste também. Aí eu não quero isso pra ela não, aí eu guardo tudo pra mim.

8) Nossa, senhora! O colégio todo praticamente... menos o ginásio. A sétima, oitava e o nono ano, ninguém é. Só a Leilane, a Leilane e o Roberto que são... Não, mas aí... no caso, eu sou mais que fica na minha sala mesmo. Hum... A gente vai, no... no... no recreio a gente conversa, normalmente, de vez em quando a gente joga futebol com garrafinha, de vez em quando eu trago minha bola de futebol. Igual ontem a gente fez a prova Obemep, ai depois da prova era 3 horas, tava chovendo pra caramba, eu e meu melhor amigo, o Matheus Esteves, da minha sala mesmo, jogamo bola na praça ali de três as cinco e meia. Ai eu aproveitei e peguei minha irmã de uma vez. Ai eu fui pra casa, e tal, aí normal

9) Não é por nada não, mas a vice-diretora é muito chata. A outra é calma demais para ser uma vice diretora, a outra ta uma mala sem alça. Gosto. Porque alguns professores é legal. É, porque tipo a professora de português, é a melhor professora do colégio praticamente. A minha ex dir... ah, a minha ex-professora que agora é a vice diretora. E a Sonia da segunda série, só. Só elas. E a Augusta, a Augusta também é legal... Por causa que eu encontro com meus amigos todo dia. A gente apronta na sala de aula de vez em quando. A gente começa a falar alto, de sacanagem mesmo. Igual ao professor de geografia ele não consegue manter ordem na sala não. Nossa senhora, a sala fica uma bagunça quando ele ta lá. Tomei pau por causa dele.

10) De jogar bola, conversar na aula, quando o professor ta explicando um negocio a gente ta conversando, não tem problema porque eu converso e presto atenção ao mesmo tempo. A gente conversa por bilhete. Uhum, são só duas notas baixas. No próximo bimestre eu não devo ter nenhuma. Na de geografia eu esqueci o dia da prova e aí não deu para eu fazer não. Na de português eu estudei pra caramba e não tirei oito, o que eu tinha antes.

11) Ótima. Legal.

12) Ela não olha meus cadernos porque ela não tem tempo, mas também eu faço todos os deveres que tem. Só alguns que eu esqueço e aí faço na sala de aula (risos). Faço meus trabalhos normalmente, eu venho sozinho pra escola que eu moro no bairro. Mariano Procópio, Hum, é só isso. Não, porque ela pergunta pra a Noeli, ela também estuda aqui. Ela já me perguntou também quando eu era menor, eu to aqui na escola desde o prezinho.

13) Hum, acho que foi a dois anos atrás. Na terceira série. Ah... e o Mateus Cunha e o Pablo, uma briga dentro da sala de aula. A professora de ciências viu e não levou ninguém para a direção. Ah... sei lá né... o Mateus Cunha é grande, é forte pra caramba, nossa. Pegou o Pablo, porque o Pablo tava fazendo sacanagem com os outros na sala, aí deu, deu uma hora que pegou. Só que eu não tava na briga, no meio... aí eu entrei também. Só que na hora que eu vi a professora de longe assim eu sai. Porque na hora que os dois tavam agarrados no chão, um tentando enforçar o outro eu ia chutando. Eu chutava quem não tinha razão, e quem tinha eu deixava. Tipo ali, o Mateus Cunha, ele tinha razão ali, então no caso eu comecei a chutar o Pablo. Todo mundo alias, chutou todo mundo ali. Até gente que não tava no meio levou. Ajudei quem tava com a razão, né, porque... Soco eu já dei um monte. Tapa, eu nunca fui de dar tapa. Mas... não. Eu não bato em ninguém sem motivo não. Eu sempre tenho os meus motivos... é quando alguém mexe comigo, ou faz sacanagem, inventa mentira e espalha pela sala, aí eu resolvo. Só que de vez em quando eu não consigo e acabo levando também.

14) Alguns... As que a diretora manda bilhete ou liga pra ela, um monte de vez; as que não faz nada ela não sabe. Não... Ou só quando eu chego, quando eu chego reclamando ou quando minha perna e meus braços doi. Ela pergunta o que que aconteceu, aí eu falo: briga. Ou... quando eu to jogando futebol e levo uma canelada de alguém, que normalmente acontece né, que eu sou zagueiro neh. Aí dói bastante. Não, aí no caso, o meu ponto mais fraco mesmo seria a barriga. Que eu já levei um chute já

15) Ah, pra me corrigir seria, hum... nada não, só conversasse comigo normalmente. Educar os adolescente e as crianças... Adolescente pode apanhar sim, quando faz muita bagunça ou quando mexe com droga. Quando mexe com droga principalmente. Mas criança, menor de 10 anos, seria melhor conversar né? Quem vai bater numa criança, pra resolver? Eles falam assim que um bater no outro não é educar, criar filho não.

16) Sei... Mais ou menos. Ah, é tipo assim, exemplo, se você é gorda e eu sou normal praticamente, só que ninguém aqui é normal. Aí eu falo assim, sua gorda, baleia isso é *bullying*. Xinga alguém pela coisa que ele é, só que de vez em quando não é também, vai que ela tem algum problema de saúde e tal... Bate, bate em pessoas que não tem nada haver com o assunto ou então... Ah, comigo eu, eu revido também, eu não sou de levar desaforo não. Se não for comigo, eu ajudo, né, quando tem alguém brigando eu tento separar. Só que eu ando sozinho e tem gente que me ajuda também, a separar. E quando ta só xingando eu só chamo a direção ou quem ta tomando conta.

17) Legal, interessante.

II – Entrevistado 5CA6038, sexo masculino, com XX anos de idade, com atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar.

1) É, tem, mora duas pessoas comigo, que é o minha mãe e meu pai, e meus cachorro, meu pai tem uma van e só. Ah, sei lá. É assim, eu e minha mãe fica brava comigo e me coloca de castigo. Ah, acontece poucas vezes. De vez em quando, é com meu pai... é mais quando eu desrespeito minha mãe mesmo. Ah, sei lá... eu respondo ela e esses negócios. Eles trabalham. É... Não, não o dia inteiro, mas assim meu pai e minha mãe sai para trabalhar 5:30, aí depois eles voltam 7 horas, 8 horas, aí depois eles descem pra trabalhar de novo, é 10 horas, depois sobem uma e meia, depois desce 5 horas, e depois volta 7 horas. Eu fico na minha tia ou então eu fico sozinho em casa, eu assisto televisão ou eu brinco no vídeo game.

2) –

3) Ah, eu gosto mais dos dois. É legal. Ah, tem brincadeira, carinho e esses negócios.

c) Ah, o meu pai, porque ele brinca comigo.

d) minha tia, meu tio e minha prima. Só o meu tio trabalha, minha prima, ela fica a maior parte do dia na rua e minha tia fica em casa

4) a) Ele vai pro computador, só quando eu, tipo assim, eu desrespeito ele ou a minha mãe aí ele fica bravo comigo, ele não grita não, mas ele conversa comigo.

b) Ah, ela também conversa comigo.

c) Ah... já. Com a minha prima. Ah... começa a brigar com a minha prima porque a minha prima faz alguma coisa de errado. Ah... ela fica nervosa, ela, ah sei lá, ela tipo assim, sabe, sai gritando e começa a rir, dar gargalhada. É tipo assim, pra ela não sair dando, dando berro sabe, aí para não fazer isso ela começa a rir

5) Aí não acontece nada, sabe, eles só ficam de mau. Eles só ficam de mau. Ah... um dia, por aí.

a) Não

b) Não

c) Ah, os dois. Eles conversam. Não... assim... eles conversam, eles vão, ficam de mau, assim, de parar de conversar, não. Eles fica bravo um com o outro, mas eles num, eles num param de conversar porque tão de mau um com o outro não.

d) Ah, sei lá, eu sinto, sei lá, não sei... Eu fico triste.

6) c) Não. Ah, não sei. Eu sei, mas assim, não sei não, porque eu gosto mais, eu gosto dos dois sabe.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

7) Ah, converso com ninguém.

8) Tenho. Ah, não sei. Ah... não, é muito. Mas só tem dois que são mais próximo. Ah, é o Fernando e o Renan. Ah... brincar, conversar esses negocio... a gente brinca de muitas coisas.. futebol... É... deixa eu ver... balançar, balanço de pneu, sabe? Ah... a gente pega assim o pneu, aí a gente pula, aí senta no pneu lá na casa do Bernardo.

9) Ah, acho legal. Legal... Ah... o estudo, esses negócios, sabe?, as professoras... Gosto. Ah, porque tem as professoras brinca com a gente sabe, na hora, tipo assim, elas fazem umas brincadeiras, esses negócios assim. Ah... elas começam a conversar, elas brincam, fazem umas brincadeiras assim.... também tem a, a professora de português, ela é legal. Ah, todo mundo gosta dela, porque ela, sabe, ela brinca com a gente, conversa, esses negócio. Ah... ela começa né, quando ela chega na sala todo mundo começa a bater palma e grita o nome dela e ela começa a gritar a nossa turma.

10) Ah... estudar. Não... eu gosto da educação física também, ué. Ah... eu gosto de pique bandeira. Pique bandeira, futebol.

Ah, não sei. Não sei dizer sabe. É... minhas notas não estão muito boas, assim

11) Ela acha muito boa. Meu pai acha também a mesma coisa.

12) Sim, sim. Não todo dia, mas ela olha.

13) Já, mas não esse ano. Ah... por causa de bagunça e esses negócios assim... eu derrubei a carteira em cima da cabeça da menina. Aí ela veio e não aconteceu nada sabe, conversou... Ah... não. Assim, já briguei também sabe, mas... Ah... os meninos, aí, os meninos, mas assim... eles iam pra cima de mim e começaram a me chutar, me dar soco e esses negócio. Ah... eu falei com a minha mãe, minha mãe veio no colégio aí depois a gente pediu desculpa, um pro outro. Ah, num sei, acho que já aconteceu... Deu começar, é... Deu provocar assim sabe... Ah, começa a briga de brincadeira boba com os meninos. Aí, ficar dando chute, ponta pé e esses negócios.

14) Ah, num sei... Ah... não sei... Conversando, talvez. Ah... brincadeira também né, por que, tipo assim, a gente vem na pré-escola estudar né, aí né, mas, tipo, ficar só estudando, só estudando, fica chato. Aí todo mundo para de prestar atenção na aula. Aí então eu acho que é bom também fazer umas brincadeiras assim.

15) Conto. Ah... o que que aconteceu sabe, no dia. Ah... de... eles começam a bater boca e depois começa partir pra cima, sabe, tipo soco, chute... eles começam a xingar um ao outro, xingar de um montão de palavrão. Ah... eu não sei... Xingar a mãe dele, do outro colega sabe... Mas é muito palavrão, sabe? Ah... sei lá é muito, aí eu esqueço.

16) Ah, sei. É que, tipo, um, tem um menino que não é muito inteligente né, tira nota baixa toda hora, em todas as materias. Aí voce começa a chamar ele de burro, idiota esses negócio. Não... Se eu falar é porque, tipo assim, ele me chamou de alguma outra coisa e eu fiquei ofendido aí eu falo de novo.

Ah... eu vejo muito pouco porque... sim, mas assim... é... eu ajudei ele, sabe, eu ajudei ele ou então eu chamei ele depois que ele já apanhou ou coisa assim e falei para ele ir na secretaria contar lá para a diretora e falar com a mãe dele.

Ah, já. A coordenadora, sabe?, a Rita. Ela, me ajudou, falando que não era pra mim fazer mais isso, sabe, conversando comigo. Ah... foi legal.

17) nada.

III – Entrevistado 5CA8029, sexo masculino, com 13 anos de idade, aluno do oitavo ano. Atuação no *bullying* como vítima.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Ah, moram 8 pessoas. Meu tio, minha tia, minha mãe, minhas duas irmãs, as duas mais novas, minha vó e meu vô. É um pouco agitado, porque moram muitas pessoas, mas é bom assim.

2) Uhum. Ah, tudo normal assim, nada demais assim sabe. (pausa). Tranquilo assim. Ah, é meio difícil de ocorrer uma discussão porque elas são muito pequenas, uma vai fazer 5 anos e a outra vai fazer 1. Então tipo, a gente não tem como a gente brigar, mas tipo, mas nunca ocorreu assim, mas se ocorresse, eu não sei como é que seria. Ah, muito pouco assim, mas quando ocorre (pausa) a gente vê quem tá certo, mas é muito raro de acontecer assim. Ah, as vezes pode ser por uma coisa boba assim sabe tipo, qualquer coisa e também as vezes coisa por algum motivo assim sabe, uma coisa assim que eu fiz as vezes de errado que eles vieram reclamar e eu não aceitei. Mas assim, é tranquilo. Lá em casa é muito pouco assim sabe, porque todo mundo respeita todo mundo, todo mundo tem uma relação com todo mundo. Lógico que tem desentendimentos, tem as brigas que ocorrem, mas eu vejo assim, de uma forma assim, (pausa) é uma forma das pessoas viverem pra, ver o seu erro, uma forma as vezes até da gente melhorar sabe. Tipo, uma forma as vezes, arrumar a relação estresse das pessoas que eu acho assim, é normal e ao mesmo tempo também não é, porque não é normal acontecer o tempo todo, mas quando acontece lá em casa que é muito pouco, as vezes é bom pras pessoas poderem ver se as coisas.

3) a) Eu me dou bem sabe, tipo, eu tenho que ter paciência com ela porque ela as vezes fica meio estressada, mas eu tenho paciência com ela, ela tem paciência comigo, a gente conversa. Normal assim, mas é boa relação.

b) Meu pai separou da minha mãe, ele mora em São João Nepomuceno. Ah, eu acho faz, quando eu tinha uns 5 anos eu já perdi assim, não perdi, mas quando eu tinha uns 6 anos já não tinha mais contato assim com ele, sabe, contato assim. Eu tenho muito contato com a minha vó por parte de pai. É, quando eu vou pra cidade deles eu vou lá visitar minha vó, mas assim, não tenho muito contato com o meu pai, porque mesmo assim eu não gostaria de ter, porque não é como se fosse o meu pai.

c) Com a minha vó. Ah, ela sempre me defende, ela faz tudo que eu, tipo, tudo que eu gosto. Eu gosto muito dela, ela gosta muito de mim desde pequeno.

d) Não, eu sou filho de outro, de outro homem assim. E eu tenho relação assim com o pai da minha irmã mais nova, ele vai lá em casa, ele frequenta, eles, tipo ele teve um caso com a minha mãe, eles foram morar juntos só que não durou muito tempo porque não deu muito certo. Aí eles separaram, mas ele vai lá em casa, ele visita, ele é presente, tipo, ele conversa muito comigo porque ele tem um

carinho muito grande por mim e pela minha outra irmã. Aí a gente conversa muito, mas isso normal assim, uma relação boa.

4) b) Ela, quando ela tá muito estressada, tipo ela fica, tenta ficar assim, mais calma assim no canto dela, porque tipo, ela não quer ter briga com ninguém e ela também tem, e ela sabe que a gente tem que ter o nosso espaço, eu e minha irmã, e como lá em casa não é muito grande, mas também não é muito pequeno mas mora bastante gente, todo mundo tem que ter o seu canto. Aí tipo, ela fica mais calma, mas nada de sair muito estorada assim sabe, as vezes ela perde o controle assim, mas nada assim de pegar e bater, nunca bateu na gente, mas ela tem que ter paciência. É isso. É, de vez em quando, é tudo normal. Ela briga com a gente mesmo, quando ela tá muito estressada ela também briga assim, dá um grito assim sabe. Quando ela tá muito estressada, mas nada de mais.

5) Não. Eu era muito pequeno sabe, quando, se ocorreu ocorreu longe de mim. Porque ele mora em outra cidade, meu pai tem outra mulher e assim, eles não se falam, sabe, eles conversam as vezes. Se eu for, se ele for me visitar lá em São João Nepomuceno, que as vezes eu tô lá na casa da minha tia, que minha tia mora lá. As vezes ele vai lá me ver e eles conversam, mas assim, nada de mais, sabe? Tipo oi, tudo bem e tchau.

g) Discutir já, agora assim de ofender (pausa) uma vez só, mas nada de mais. Tipo, foi ano passado, mas... Ah, eu não sei porque assim, é uma coisa particular deles, porque eu não sabia o que que era, mas eu não sei se quem tava certo, quem tava errado, então eu não posso julgar.

6) Aí eu não sei, eu acho que assim, se era pra acontecer ia ter acontecido. Agora se não fosse, assim, pros dois ficarem juntos, assim, eu não sei qual foi o motivo de separação dos dois realmente, mas acho que assim, eu não, pra mim poder te falar tinha que olhar o lado dele, o lado dela pra poder ver sabe, mas, por mim assim, se for um negocio assim que num ia dar certo ai eu prefiro, eu acho isso melhor. Porque é melhor a gente ficar separado, até solteiro, do que ficar junto não dando certo.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Eu converso muito com a minha vó, converso bastante com ela. Converso um pouco com a minha mãe e também converso com, as vezes, com algum amigo meu que é muito mais próximo, as vezes assim, pessoa que eu tenho confiança e que eu sei que eu posso contar, as vezes eu comento assim, mas é mais com a minha vó mais. Eu acho que minha vó nessa hora me dá mais espaço, sabe? Minha mãe também me dá, só que tipo, eu me sinto mais a vontade com a minha vó. Porque tipo, quando eu era pequeno minha mãe tinha que trabalhar, tinha que estudar aí eu passava com minha vó. Quando minha mãe se, eu ia pra escola aí quando eu voltava minha mãe tava estudando, de manhã eu ficava com a minha mãe, assim, então tipo, eu sempre tive um espaço maior de relação com a minha vó, então as vezes eu converso mais com ela.

8) Tenho bastante, tenho facilidade para poder fazer amizade assim. Ah, um monte. Assim eu converso, na sala assim eu converso com todo mundo. Tenho, assim, muita amizade, assim, bastante, com umas 10 pessoas assim que, amizade forte assim, mas não tão forte, mas assim, é uma amizade que eu sei que eu posso confiar na pessoa. Não vizinhos não, todo mundo mora muito afastado. Mas eu tenho assim, eu tenho muita amizade assim, que ontem eu saí com os meus amigos que ontem não teve aula, foi olimpíada, depois a gente saiu, a gente ficou na rua até umas cinco e meia. Amanhã vai ser uma festa de aniversário pra ele, festa a fantasia. Aí ontem a gente andou, as gente viu fantasia, aí a gente conversou, a gente riu, sabe? Aí semana retrasada eu saí também, também com os meus amigos, aí a gente andou também, a gente conversou muito. Ah, a gente vai no shopping, conversar, combinar assim de sair em algum lugar, sabe? Coisa normal

9) -

10) Eu acho bom, assim, legal. Acho interessante assim.

11) Dos meus amigos, de vim pra cá com a certeza de que eu tenho os meus amigos aqui, que as vezes eu posso conversar, que as vezes eu posso contar. Pessoas que eu sei que aqui é um lugar que eu me sinto seguro, sabe? Que nem em casa, em casa eu também me sinto muito seguro, mas aqui as vezes também, as vezes, tem as pessoas que tem medo de ir pra escola por algum motivo. Aqui não, aqui eu sei que eu tenho os meus amigos aqui, tenho a família que se eu tiver algum problema eu posso contar com ela.

Mais ou menos assim eu, eu acho que assim, eu tenho minhas dificuldades, eu sei que eu, eu converso assim, mas assim se eu quiser melhorar eu posso melhorar. Que nem eu, to melhorando assim, mas fora isso, eu me considero. Assim... eu tenho muita dificuldade pra aprender quase tudo, sabe? Vamos supor, eu chego em casa, peço ajuda pra minha mãe, ela não sabe muita coisa mas o que ela sabe ela pode e me ajuda, peço pro meu tio, pro meu vô, pra minhas primas porque eu tenho uma prima que ela tá estudando engenharia química e ela sabe muito matemática, assim sabe? Só que ela mora no rio, aí tipo, eu ligo pra ela e ela me ensina, sabe? Se eu tenho dificuldade minha mãe falou que se eu quiser professora particular eu posso ter, só que eu prefiro aprender a coisa por, sozinho, que aí eu sei que eu posso contar comigo mesmo se eu precisar. Se eu tenho dúvida eu posso conversar com alguém, sabe, assim em sala posso combinar de estudar.

12) Eles acham muito boa e eles falam que eu entra aqui desde cedo assim, só que eu não consegui aí na quarta série eu consegui, aí eu entrei e eles gostam muito daqui.

13) Quando tem reunião eles veem sabe, dever minha mãe tá sempre em cima: menino, você tem dever? Ve lá. Pra mim poder fazer sabe? Tudo certinho.

Não, mas eu to sempre conversando com eles sobre isso, sabe? Porque assim, tem que conversar, porque se um dia acontecer comigo eu gostaria que eles soubessem, como assim, a gente não sabe né? Aí sempre que acontece uma briga ou alguma coisa assim eu sempre comento com eles, porque eu tenho uma certa liberdade com eles e eu converso com eles e eu converso com eles e me sinto bem, as vezes, sabe?

14) Apanhar nunca. Ah, as vezes a gente discuti com alguém e aí as pessoas falam umas coisas assim que as vezes, chateiam a gente, mas assim... ah, as vezes é humor assim pelo jeito da gente ser ou então alguma coisa que a gente fez, mas assim nada anormal. É, tipo assim, tudo normal sabe, tipo, eu lá na sala converso com todo mundo já, tipo, já discuti as vezes com algumas pessoas, mas isso, nunca levei rancor de ninguém tanto que eu converso com todo mundo. As vezes eles ofende a gente, sabe, chama a gente de falso ou então alguma coisa assim que magoa muito, pessoa que a gente gosta muito ofender a gente e a gente fica chateado. É assim com todo mundo. E... É... eu comento com minha mãe e com minha vó. As vezes que eu sento com elas, comento, as vezes a gente fica conversando assim e aí surge o assunto e aí eu pego: Ah, hoje aconteceu uma briga na escola. Assim tipo, não acontece assim, mas as vezes quando acontece uma discussão assim, alguma coisa, eu comento com elas. Aí assim, acho que assim, elas falam pra mim não ficar, tipo, por exemplo, a gente brigo e você me bateu. Não tipo, você e meu amigo brigaram e você bateu nele, falaram não fica andando muito com ele porque você não sabe o que pode acontecer depois, sabe? Mas tipo fala, não fica assim, não é pra ficar longe, mas também não é pra ficar muito perto, sabe? Porque você sabe como é que é a posição, você não conhece a, vezes direito.

Assim, apelido eu coloco apelido assim, em quem me dá liberdade, sabe? Fico, eu tenho uma liberdade, por exemplo, com você e você me coloca um apelido ou coisa assim, coisa normal. Agora assim, de ofender assim, já sim sabe, as vezes alguma coisa assim, mas nada de mais assim que pode ter deixado a pessoa muito ofendida, sabe?

15) Assim, eu acho que assim, que a minha educação, minha mãe ela sabe a hora que eu posso fazer isso, a hora que ué não posso, minha mãe sabe assim. Eu tenho uma liberdade com a minha mãe, uma assim ótima, uma educação assim boa, que ela me deu educação, sabe? Minha vó me deu educação, todo mundo lá em casa me deu educação. E tipo assim, eu tenho uma liberdade de conversar que nem ontem eu sai assim, fui pra casa, depois eu voltei pra rua, mas assim uma coisa assim, eu tenho uma liberdade com a minha mãe, assim, boa então acho que assim a forma de se educar é uma forma assim, que você mostra os limites para a pessoa, mas que você também não a prenda muito, que você dê uma certa liberdade pra ela. Pra ela poder se sentir bem, segura.

16) Sei, eu acho que *bullying*... Hum... se eu sei... sei, mas acho assim, na minha... no meu ponto de vista é um grupo de pessoas que colocar apelidos, provocam certas pessoas assim. Pessoas que não tem como se defender, pessoas que são meio, que tem um certo medo, que tem uma certa insegurança. Eles se aproveitam disso pra (pausa) aproveitar da outra, de sacanagem, uma coisa assim. Eu acho que é errado. Como eu não gostaria que fizessem comigo, eu também nunca fiz com ninguém. E assim, eu acho que, a pessoa tem que saber né, se colocar numa certa posição, a que ta sofrendo, vamos supor, conversar com alguém e quem faz acho que tá totalmente errado, porque cada um tem o seu espaço, cada um tem o seu jeito de ser.

17) Achei boa, assim, achei legal sim. Foi boa, assim, abriu um espaço assim. Foi boa mesmo.

IV – Entrevistado 5CA9014, sexo masculino, com 16 anos de idade, aluno do nono ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

- 1) Mora 4. Mas é tudo normal. Tudo na paz. Eu, minha irmã mais velha, meu pai e minha mãe.
- 2) Ah... discussões todo dia. Briga não chega a ter não, mas mais discussão. Ah, em relação a presente, preu comprar, gastar assim é um negocio normal é eu e minha mãe. Nada de palavrão assim não, só discute o normal, sei lá, sai batendo a porta, na hora do nervoso mesmo, grita...
- 3) a) tem discussões, esses negocio normal assim
b) tranquilo, com ele é tranquilo.
- c) com minha irmã (risos). É tudo com ela.
- 4) a) Hum, nunca vi ele tão nervoso não. Ah, ele vai ver televisão, escutar rádio. Essas coisas normais.
b) Tranquila, ela fica só trabalhano mesmo na laje, quando ela ta nervosa ela sobe, ela vai trabalhar. Ah, grito sempre grita né, mas nada assim exagerado, palavrão mesmo, porra, puta que pariu, e por aí vai..

c) Ela vai pro quarto. Grita também , igual a minha mãe assim, mas ela vai mais pro quarto.

5) Não. Não, discussão sim, mas muito leve. Nada grave. É... ham, na época que minha mãe fica gastando dinheiro e pede pro meu pai dinheiro emprestado. Aí meu pai fica puto com ela, nada tão grave assim não.

6) –

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Com ninguém, fico mais no meu quarto. No computador mesmo, escutar um reggae pra acalmar, entrar no msn mesmo, facebook. Nada de mais. Ou vou durmi. O que me chateia muito... é escutar um não da minha mãe. Escutar um não, pedir pra sair e ela não deixa, comprar um negocio e ela não me dá. Aí eu vou durmi, pra acalmar, pra não ter mais problema.

8) Ham, muitos. Amigos eu tenho vários, mas os parceiros são 5, 6 só no máximo. Um é, é uns é. Um é da minha sala, que falou pra mim que sempre eu que saio nesses sorteios. Ah, juntos ... merda, bagunça, fica tampando as coisas nos outros. Aqui na escola, mas na rua eu não saio muito com eles não, mais com os muleques lá do bairro mesmo. Aí vai pra festa, show... Já pulamo lote dos outros pra brincar de pique esconde, já tocamos a campainha e saimo correndo. Esses negocio de muleque mesmo.

9) Ah, to a 8 anos aqui já. Acostuma. Legal, não é muito ruim. Normal, sei lá. Ah, num sou muito chegado não, mas tem que vir pra cá, não tem outro lugar né. E trocar agora no meio do ano é , é difícil. Gosta? Tem os meninos, meus parceiros meus, eu não troco de escola por causa deles não.

10) Nada. Durmi na aula, só recreio, jogar bola com os muleque. Eles traz bola, nada de mais. Não. Pior, sempre é o pior da turma. Ah, só faz bagunça, não faz nada, só tira nota baixa.

11) Elas acham que é boa. Elas não tá aqui dentro pra saber. Diretora conversando com os pais é totalmente diferente da diretora conversando com aluno. Aí eles acham que é maravilha, que é tudo perfeito, mas só a gente que sabe que tá aqui dentro. Ah, aluno é gritando, sei lá, pai é tranquilo, amigável, parece que não tem nada acontecendo.

12) Minha irmã e minha mãe. Mais a minha mãe e minha irmã, mas num liga muito pra isso não. Sabe tudo. Sabe. Sabe também, sabe tudo. Tanto faz, por mim ou por outro. Quando é muito grave assim não, mas as vezes liga direto aí nem tem tempo de falar. Aí quando da tempo eu falo. Ah, tenta conversar pra eu não fazer mais. Mas se isso já tiver certo.

13) Quando eu trouxe a garrafa de Big Apple pro colégio. A mais grave foi essa, de quase que fui expulso. Aí fui eu, mais de 20 pessoas beberam, só que só eu fui, não entreguei ninguém não, aí só fui eu, Saulo e Vitor. Aquele que falou lá. Só os três só que deu punição, só, aí deixou suspenso... Briga. Nada, grave. No máximo um tapa, um chute. Nada grave de sangrar, quebrar alguma coisa não. Ah, mas agredir assim de brigar, brigar não. Mas brincadeira de menino assim, dar tapa no outros, dar banda, passar uma rasteira assim, normal. Isso sempre tem, não tem nem jeito. Apelido tem também, eu não, mas os meninos tem. Xinga? Todo dia (risos). Ah... colé desgraça, ou qual é filha da puta, todo mundo cumprimenta assim de amigo. Apelido inventa na hora, depois passa, inventa outro. Temporário, tipo olha a gordinha, depois volta. Aí para de chamar de gordinha e chama de outra coisa que, uma merda que ele fala.

14) Ah, ficaram chateada, que ninguém lá de casa foi expulso, tentaram conversar pra não dar nada, mas ficaram chateada. Não deixaram eu ir no show do Rapa, só e mais nada não.

15) Ham, rs, não faço a mínima ideia. Sei lá, ter compreensão, não ser tão grosseiro com os alunos assim, diferente. Igual pra todo mundo. Assim.

16) Sei. Ficar fazendo apelido, apelidos preconceituosos com os amiguinhos, com as pessoas. Aí tem um gordinho e chamar ah, o gordinho. Acho que é isso. Ah, sempre tô nisso. Mas só com os amigos, com as pessoas assim que eu não troco ideia, eu não, nunca tive não. Quando, quando não é com amigo meu eu não faço nada não. Mas quando é amigo meu eu começo a rir, tento defender, sei lá. Se é comigo, sempre amigo vem aqui, sei lá, tipo, o menino quer me pegar aí eu ligo pra eles, eles sobem aqui no colégio, resolvem e depois vai embora.

17) Ah, legal, primeira vez, legal. (risos). Não, tá tranquilo. Minha irmã que falou pra mim não avacalhar, que ela também é da faculdade, ela não deixa não.

V – Entrevistado 5CA9011, sexo masculino, com 13 anos de idade, aluna do nono ano. Atuação no bullying como espectador.

Parte I: Contexto familiar

1) Eu morro assim com a minha mãe e no apartamento do lado é minha vó, meu vô e minha tio. Que é um apartamento, aí 101 é eu e minha mãe e 102 a minha vó. Aí assim a relação é boa, assim não tem briga. Aí é dois passos e já chega lá na minha vó. Tenho irmão só irmão por parte de pai. Que meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha 5 meses, agora eu vou fazer 14. Tem uns 13 anos... Minha irmã mora com meu pai, aí final de semana fica lá, tem 7 anos. Eu, assim, eu só durmo lá na casa da minha mãe, porque a maior parte eu fico lá. Porque a minha mãe é, trabalha de tarde e de noite, ela chega umas 10 horas, aí eu só acordo, tomo café e vou pra minha vó aí fico lá. Pra não ficar sozinho né, é ruim.

2) É muito difícil, mas as vezes tem. Mas aí chega uns 5 minutos, a gente fica olhando um pro outro aí não aguenta aí para de discutir aí a gente acerta tudo. Meu tio, minha vó e meu vô. Entre eles assim, às vezes eles tão brigando por alguma coisa. Entre eles assim, as conta né, porque as vezes vem. Mas isso eu não fico escutando muito não. Porque assim, é muito difícil. Xingar eu nunca escutei não, mas eu já es, eu já vi chorar porque, é ontem eles cortaram a luz. É porque sem querer eles inverteram lá as conta de luz e aí pagou o que tinha que pagar semana que vem, mas só que eles se acertaram, conseguiram arranjar dinheiro aí eles pagaram. Aí voltou, mas minha vó chorou assim porque nunca tinha cortado a luz, mas só isso. Resolve conversando. Não, eu nunca vi uma briga não, só conversando mesmo.

3) a) É... aí ela sempre fala, tô com TPM, aí ei faço umas cosquinhas nela e ela começa a rir. Aí a gente começa a brincar, lembrar de uns velhos tempos que... É porque assim, ela me conta uma historia que ela ficava nas festas, brincando com a irmã dela. Aí só isso, ela contava que ela ficava dançando assim, aí ela contatando umas dança e eu fico rindo.

b) É ótimo. E, é, a gente joga bola. Aí assim, as vezes tem uma discussão ou outra, porque parece que o nosso gênio não bate. Mas, aí, igual a minha mãe, passa em uns 5, 10 minutos, aí a gente pede desculpa e pronto. É, porque assim, é, as vezes ele é muito ignorante. Tipo, é, eu lavo a mão aí enxuga na toalha aí sem querer a minha mãe ainda ta suja, aí fica suja aí ela briga. Mas aí depois pede desculpa, ele começa a brincar, eu brinco e esquece tudo.

c) Minha mãe, porque a passa a maior parte do mês né, porque de segunda a sexta é minha mãe e final de semana fico com meu pai.

4) a) Não. Eu já vi uma vez, mas foi negócio de jogo de futebol, que ele tava vendo aí botafogo tava perdendo. Ah, ele começa a xingar assim, aí ele olha pra cima e começa a xingar, aí ele vê tipo a minha boadrasta, minha irmã e eu. Mas assim, ver ele nervoso com alguém eu nunca vi não.

d) É... boadrasta... é que eu não gosto de falar assim madrasta. Aí eu fico brincando com ela falando boadrasta, aí ela é também muito gente boa. É, pra mim ela é uma segunda mãe.

Com minha irmã é ótimo, assim a gente, que lá ela tem um primo, aí eu fico fingindo assim, voce é o meu primo de quinto grau, só que não tem nada, é só amigo. Aí fica, é o, trio parada dura. Aí fica eu, ela e o primo dela, aí fica brincando de tudo, mexendo no computador, jogar bola. Aí o meu pai assim, fica um pouco com medo, porque ela é menina e dois meninos e ele tem 10 anos, então a gente fica com medo de machucar ela. Mas as vezes é ela que machuca a gente, sem querer ela erra a bola.

Minha mãe assim... Ela tem, assim, eu chamo de ficante, porque ela às vezes fala assim, nossa ele é muito fechado, mas tem hora que fala, nossa ele é muito gente boa ele me leva pra viajar. Aí eu não entendo, mas eu é, eu acho que eles vai se dar bem, porque ele parece que eles tem o mesmo gênio. Aí a gente joga bola, joga video game, vai no computador.

6) Aham... Quando o meu pai é, vai me pegar ou entregar aí eles ficam conversando, rindo aí lembrando das coisas que eles iam. É, é, das coisas boas que eles fizeram. Ah... eu acho bom, porque eles ficarem brigando, aí, aí, por exemplo, eu, meu ensino pode abaixar porque fica lembrando das brigas. Um dias eles, eles brigaram, só que eles não brigaram assim de bate, eles só discutiram, porque... porque minha mãe soube que eu tava... que ele tinha brigado por causa da toalha e ela ficou nervosa. Mas, aí eles, para, aí na outra semana eles já fizeram as pazes, já tavam brincando de novo.

Parte II: relacionamento interpessoal e escolar

7) Com minha mãe, assim, as vezes com meu pai, mas é mais com a minha mãe. Aí eu falo, aí ela, fica assim não, aí daqui a pouco ela já começa a fazer cosquinha e eu rio, aí eu já começo a esquecer. Mas é mais minha mãe.

8) Nossa, tenho muitos. Ah, pelo menos uns 10 eu tenho, pelo menos aqui nessa escola acho que uns 10 ou 20.

Jogar bola, contar piada, é (pausa), falar sobre futebol, é em jogo de vídeo game.

9) Ah, eu acho ela boa assim. É, é uma das primeiras aqui de juiz de fora, a quarta de Minas Gerais, eu acho que o ensino é bom. Mas eu acho que assim, tem que melhorar a organização aqui. É..(pausa) que é sempre, qualquer feriado aí as vezes imenda. Aí as vezes é um feriado na quinta feira e não imenda, aí é na segunda e imenda a semana inteira. Aí eu não entendo isso, aí eu acho que assim, deveria arrumar isso aqui.

10) Ah, a quadra. Assim, eu acho que foi a melhor realização que, desde que eu to aqui. Que na hora que eu entrei, eu entrei aqui na quinta serie aí na época que eu entrei eles arruma, eles é..fizeram cobertura na quadra. É...os meus colegas falam que eu peguei a melhor época, que antes chovia e não podia ter educação física e agora pode.

11) É a educação física né?! Ah, eu me considero. Assim, às vezes eu tiro uma nota ruim só que a minha mãe fica me dando força aí depois eu quase fecho aí, aí minha mãe fica pulando.

12) Assim... que é boa. Ela nunca reclamou, pelo menos eu nunca escutei ela reclamando por causa disso não, as vezes que assim, ela só não gosta por causa da greve. Por causa da última escola que eu fui era estadual, aí não podia ter greve, aí ela só não gosto disso. Mas eu nunca escutei outra reclamação não. Meu pai... ah, ele, ele acha que é uma boa. Porque assim, ele, ele nunca veio aqui, eu não falo muito da escola pra ele não, só falo assim quando eu entrego boletim, as notas. Mas ele é, ele, gosta dessa escola.

13) Aham. Ela me ajuda as vezes. Aham. É porque um dia teve alguém aqui na escola, alguém, que os menino levaram bebida né. Aí eu contei pra ela e ela nossa... Aí eu falei assim que a escola já... é... providenciou e já fez palestra. Aí ela 'ah... ufa'. Assim mostrou que a escola é boa.

14) Participa eu não participei não, mas já vi um monte. Eu tava ali na hora do intervalo aí eles começaram a discutir, aí um, aí um, fez assim e caiu aí começou a briga. Ficou com a perna na frente a outra correndo aí ele tropeçou. Aí ele levantou e já deu um tapa no outro, aí começou chute, soco. Aí e tentei me afastar né, que aí sei lá, sem querer ele pode jogar e ir pra cima de mim. É...xinga eu nunca xinguei não, mas já vi um monte de gente xingando. E já vi *bullying*, alguém chamando assim gordo, um monte de coisa. Minha mãe tinha ficado sabendo, aí ela falou assim: quer que eu vô lá na escola, não precisa não que eles já pararam.

15) –

16) Aham. Tipo, xingamento, pode ser psicológico, pode ser alguém bate na outra pessoa. É, e a pessoa, não quer. Acho que é uma coisa feia né. Por exemplo, é, eu, às vezes eu gaguejo, aí na quinta série eu gaguejava muito, aí tinha um monte de gente que me chamava de gaguinho. Só que aí... a minha, a professora, a diretora, elas começaram a conversar com esses alunos aí eles pararam. Até hoje é, até hoje na oitava série ninguém me chamou de gaguinho, pequeno, quatro olhos como era antes.

Não, não coloquei apelido porque assim eu não sei xingar, por exemplo eu não gosto de falar palavrão aí as vezes as pessoas me zoam, por exemplo, é, as pessoas ficam assim vai tomar no pii... aí eu falo piii em vez da palavra. Aí assim, mas é, agora parou né. Porque agora eu tô com mais amigos, aí eu acho que elas é se afastaram, sei lá, as pessoas que faziam isso se afastaram aí outros que faziam agora é meu amigo aí pararam, aí assim eu falei com eles assim, para por favor, aí eles começaram a parar.

17) Achei boa assim, liberal com os pais.

VI – Entrevistado 5CA70214, sexo feminino, com 13 anos de idade, aluna do sétimo ano. Atuação no *bullying* como espectadora.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Ah, é... eu tenho um irmão né, meus pais moram juntos né. É até teve uma época aí que eles tavam brigando muito né, só que acabou eles resolvendo já, entendeu, e agora eles estão, né, bem melhor assim, né. E sempre assim quando eles brigavam eu ficava bem apreensiva né, eu e meu irmão, mas agora eles já tão passando é, agora ele já tá bem diferente né, já resolveram, graças a deus né. Que tava aquele negócio de separação, só que acabo que deu tudo certo e agora tá tudo bem. E eles agora tá resolvendo negócio de casa que, vai até fazer obra lá em casa. Aí eles tão resolvendo coisa de casa, comprando piso, essas coisas assim né. O meu irmão é mais velho, tem 16. É tipo assim, é, ele estuda de manhã, aí eu fico com a minha mãe e com meu pai em casa, entendeu? Hoje ele está até em Brasília, ele vai voltar hoje, ele foi na segunda e vai voltar hoje. Aí entendeu mais é assim, agora ele

está em greve porque ele estuda no CTU, só que agora tá em greve a escola dele lá. Aí só que quando ele não tá ele né, aí ele estuda de manhã não tem como né eu convive muito. E quando também minha mãe trabalhava também a gente só se via mais é a noite mesmo, quase que a gente não se via. Aí só que agora né ela tá desempregada e meu pai também aí a gente né agora convive um pouquinho mais. E meu irmão também né porque agora ele tá de greve, mas a gente quase não briga assim não.

2) Já teve discussão. Ela, não sei que que houve que eu tava assim muito rebelde, eu tava desrespeitando muito ela, tinha até, foi até no carnaval desse ano. Aí foi um pessoal pra lá na casa só que eu tava ficando muito rebelde, então a gente tava arrumando de sair né, no carnaval. Só que aí eu tava desrespeitando muito ela, aí ela falou assim que eu não ia sair e mão ia fazer isso, aí mais que eu fazia mais assim mesmo pra, tendeu pra, afrontar ela assim, só que depois eu via que não valia a pena e fiquei arrependida. Tendeu? Mas teve uma época que a gente ficou sem se falar, que foi nessa época aí que a gente ficou sem se falar, que eu tava nervosa que ela não podia me deixar sem sair e tal, só que aí já tava normal. Ela, eu cheguei assim, ela falou assim, filha, quando o pessoal sair aqui de casa eu vou conversar com você. Aí ela vai na cozinha, aí ela me chamou e a gente ficou conversando, aí eu pedi desculpa pra ela, só que agora eu não lembro assim os detalhes que a gente tava conversando. Mas ele tava conversando que ela dá tudo pra mim, faz tudo pra mim e pro meu irmão, não tem porque ela fazer isso, não tem porque eu agradecer dessa forma pra ela. Entendeu? Tem que dar, tipo assim, como que eu posso dizer, é... (pausa), tem que dar é um retorno pra ela bom, entendeu? Não tem que ficar dando retorno pra ela assim, ruim. Ela faz muita coisa pra mim e pro meu irmão. Aí foi assim mesmo, eu pedi desculpa pra ela, aí, foi isso.

3) a) Ah, minha mãe eu dou muito bem. Ah, ela é muito carinhosa, nunca é ela sabe, é eu e ela assim somos muito carinhosa, ela chega oi filha não sei o que, vem na sua mamãe. Sabe, ela é assim, muito carinhosa né.

b) É, tipo assim... é... minha mãe ela até fala assim, que ela não quer é, mais tarde né, quando eu crescer a gente... ela não quer que, entendeu, que fique assim essa coisa ruim, entre eu e meu pai entendeu? Porque assim, ele, tipo assim, é, eu implico muito com ele e ele implica muito comigo, entendeu? Aí, as vezes, eu falo mais alto com ele, as vezes eu chamo ele de muito chato, sabe? E eu, porque tipo assim, ah não sei, to dando um exemplo, eu to fazendo uma coisa lá e ele vai e grita comigo e eu não gosto, aí eu também vou e grito. Só que aí a minha mãe fala assim, filha, ele é o seu pai, você não pode fazer isso com ele porque ele é o seu pai, você que tem que falar mais baixo com ele, entendeu? Só que eu falo, não, não dá mãe porque não sei o que e tal, ele me irrita tem hora. Aí eu não aguento aí eu vou e discuto. Ela falou assim que não quer de jeito nenhum que aconteça quando eu crescer essa coisa ruim. Não pode, filha, né, pai e filha não se falar. Ela sabe que aí não tem jeito, não tem. Mas aí eu vou e peço desculpa pra ele, assim, mas aí vai outro dia e começa tudo de novo.

c) Minha mãe, com certeza, minha mãe.

4) a) Ele grita, ele fala assim, ele grita. Aí por isso que eu já falo assim: o pai você só sabe grita, você é muito ignorante, você só... tipo assim, as vezes é o jeito dele de falar um pouquinho mais alto, sabe, de ser mais agitado assim, eu sei que é o jeito dele, isso não vai mudar, mas eu só peço pra ele pra ser um pouco mais assim, paciente, igual minha mãe é. Pra ser um pouco, sabe, menos estourado com as coisas, entendeu? Porque ele vai e grita, fala comigo e invés dele resolver, ele, a coisa, não. Ele quer, o ... essa menina aqui, não sei que, ela ta fazendo uns negócio de errado, entendeu? Ele sai gritando? Entendeu? Não, tipo assim, ele não me bate. Nunca me bateu, nunca encostou um dedo em mim, só que ele grita entendeu? E assim, eu acho que as coisas não assim, tem que ser com diálogo, assim, com conversa igual minha mãe conversa comigo.

b) Ela, tipo assim, ela é muito legal, entendeu? Mas quando tira do sério, ela sabe que, por isso que eu respeito mais a minha mãe entendeu? Porque ela é muito legal, faz tudo por mim, conversa comigo, quase não briga comigo, quase não implica. Aí quando chega uma hora assim que eu to vendo que eu to irritando muito ela, aí ela vai e fala, ou ela fala que vai cortar tudo de mim, as coisa que eu mais gosto de fazer, sair com as minhas amigas, não vai ter isso. Ela não é muito de gritar, entendeu? Ela me deixa mais assim, sem sair, por exemplo, eu quero ir no parque ela não vai deixar eu ir, eu quero mexer no computador, não vai. Entendeu? Ela faz isso, ela num grita não.

c) É, tipo assim, tem dia que ele né, porque coitado, né... Como eu falei, ele estuda de manhã. Tem o estudo de manhã e de tarde é o curso né, que ele faz metalurgia. Aí, você conhece o CTU? Então, ele faz metalurgia a tarde, aí ele chega de noite, chega muito cansado. Aí tem dias assim que eu quero puxar conversa com ele e tal, falando normal, ele já vem sabe com ignorância, mas não é todo dia não, é de vez em quando só que acontece, que ele tá um pouquinho mais estressado. Aí eu vou e falo com a minha mãe. O mãe: 'não sei o que, olha o Igor e tal, num sei o que...'. Aí ela fala assim: 'Ah filha é porque ele tá mais estressado hoje' e tal, entendeu? Mas é isso, entendeu? Ah, ele fala assim: 'nossa, você é um menina insuportável, é muito chata' que não sei o que. Entendeu? Ele fala isso, entendeu?

5) Já. Aham. Ah..., umas 3. Umas três que ele, falo alto assim, gritou assim né. Aquela briga assim, entendeu? De marido e mulher, aí ele gritou com ela né. Porque, assim, eles já tá assim, há muito tempo eles já tão brigado entendeu? Meu pai, ele é muito ciumento, entendeu? Quando minha mãe, ela faz academia e ela chega um pouquinho tarde e meu pai já fica reclamando, fala que... ele começa a grita, entendeu? Aí ele grita por causa disso, entendeu?

b) Não, minha mãe é mais light. Minha mãe, ela fala assim, mas ela não grita. Entendeu? Ela fala, mas ela não grita. Ela fala com aquela raiva assim, mas ela não consegue gritar. Entendeu? Poucas vezes quando ela grita assim, e eu era pequena quando ela gritou com o meu pai, que ela ficou nervosa com num sei o que que ela gritou, mas, não to lembrada não.

c) Aconteceu, mas eu também era menor. Eu era pequenininha assim. Minha mãe tinha chegado da faculdade, que ela fazia faculdade, aí (pausa) aí é minha mãe ia sair com a turma dela, que eles já tavam assim meio que brigados, então ela ia sair. Só que ela acabou não saindo e voltou pra casa, aí não sei que que deu que ela ligou pra mãe dela que a mãe dela mora no Rio de Janeiro, né, minha vó. Aí eu sei que ela ligou e tal, meu pai ficou nervoso, meu pai assim, foi falando assim, na cara dela. Ela falou: não, não envia esse seu dedo na minha cara e tal. Aí, minha mãe até rasgou a blusa do meu pai naquela época. Só que meu... aí eu gritando muito, chorando muito aí só que o meu irmão, ele separou os dois e tal. Foi isso, mas ela chegou a rasgar a roupa do meu pai.

d) Não, ele né, queria né, mas ele se segurou assim né, porque né, não pode bater em mulher aí ele se segurou.

6) Seria assim, é, naquela época eu não gostava, fazia de tudo pra eles não separar, mas teve uma hora que eu já cheguei que as vezes assim, brigava tanto, não de assim um rasgar a roupa do outro não, mas brigava de discussão assim. Todo dia era isso, discutiam por num sei o que, coisas bobas, eu e meu irmão, a gente já não tava mais aguentando. Aí eu cheguei uma hora assim que eu tava cansada e fiz assim: não, não tem jeito, eu sabe, eu quero mesmo que eles, um vai seguir a vida do outro e o outro vai seguir a vida do outro e é assim. Porque tava muito difícil, eu não tava aguentando mais, entendeu?. Ver todo dia, vê a mesma coisa, aquela mesma sabe, chatice, um ficar discutindo com o outro. Aí eu queria mesmo, sabe, que desse um tempo. Mas agora que deu tudo bem né, aí.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Ah tipo assim... eu fico sozinha, porque, tipo assim, as vezes eu faço uma coisa errada, as vezes, e ninguém as vezes me dá razão, coisas que as vezes que eu tenho razão, as vezes minha mãe acha que é coisa, que é bobeira. De tão assim, minha mãe, ela é tão tranquila assim, que ela chega a falar assim que as vezes ela dá razão mais pro meu irmão. Aí eu fico assim, nossa, revoltadíssima assim com isso, aí eu subo pro meu quarto e fico lá pensando na minha vida, num converso com ninguém, não.

Tipo... coisa errada. Um dia, tipo assim, eu tava, eu também era bem pequenininha. Só que aí o meu irmão tava, eu não sei que que meu irmão tava gritando, acho que eu não tinha, a gente tem 4 anos de diferença, aí eu tinha o que, 10 anos. Não, não era muito... eu tinha 10 anos e ele tinha 14. Aí ele tava me irritando e tava tocando violão só que aí não sei o que, ele falou que ia no meu quarto e não sei o que, eu sei que eu não queria que ele não fosse no meu quarto. Aí eu cheguei e fiquei irritada, muito, porque ele chegou a me irritar muito aí eu peguei assim, sem ele ver, o tênis dele novo e cortei. Aí minha mãe ficou muito, mas muito chateada comigo ela até chorou porque nunca pensou que eu poderia fazer isso. Só que eu demorei um tempo pra falar a verdade, aí ela falou: gente quem fez isso com o tênis do seu irmão. Aí, ela, minha mãe até pensou que fosse os amigos dele por ter inveja dele. Só que depois quando foi saber a minha mãe chegou a culpar um amigo do meu irmão, do Igor, só que aí eu cheguei e falei mesmo a verdade, entendeu? Que fui eu, que eu tava muito irritada, só que eu nunca mais vou fazer isso entendeu, porque todo mundo erra. Aí ela ficou triste demais comigo, só que não chegou a me colocar de castigo não, só que ficou muito triste comigo... isso.

8) Ah, eu tenho bastante. Não sei nem quantos. Nossa, aqui na escola então, demais. Na minha sala, meninas que sentam do lado entendeu? Ah, quando, assim fora da escola é as vezes vai no shopping assim. Porque assim eu não sou, eu tenho muitos amigos, mas eu não sou de sair muito. Por exemplo, tipo assim, as vezes algumas amiga minha sai e tal e as vezes eu fico em casa. Só que quando a gente sai a gente as vez vai pro shopping, igual amanhã eu to querendo ir no parque com a minhas amigas aqui do colégio e até umas de fora, entendeu? Aí é isso que eu costumo fazer, entendeu? As vezes ela vai la em casa e tal.

9) Ah, tipo assim, eu..., eu entrei ano passado, aí repeti. É, eu entrei ano passado e assim que eu entrei eu não tava gostando muito não, porque não tava me adaptando com esse colégio. Porque eu estudei 5 anos no Monteiro Lobato, Lá no Bairú. Aí é eu estudei 5 anos lá, então assim eu já conhecia todo mundo lá, entendeu? Eu já tinha assim é (pausa), como que eu vou falar, eu já era mais solta lá, entendeu? Aqui, quando, assim que eu entrei eu era mais assim coisa, quase.. Assim, assim que eu entrei eu já tinha arrumado uma amiga. Aí depois eu comecei a gostar, aí eu chegava pra mim mãe assim falava que eu queria voltar pro Monteiro e tal. Só que aí acabou que eu fiquei esse ano de novo, aí agora eu tô, agora eu quero ficar aqui. Agora eu to gostando daqui.

10) Ah, amizade, amizade. Ah, eu gosto mais é da hora do recreio, eu gosto mais assim de conversar com as minhas amigas na hora do recreio, porque na hora da aula né, não dá. Mas aí eu gosto mais do recreio, fico conversando, fico lá na quadra, debaixo da quadra.

Ah, agora... até quando eu estudava no monteiro, eu tinha, todo dano tinha uma coisa que eles faziam que no meio do ano eles entregavam uma folha de melhor aluno. Então nos 5 anos seguidos eu sempre recebia esse papel de melhor aluno, quando eu estudava lá no monteiro. Sempre era eu que recebia, os professores sempre davam parabéns pra mim e tal. Só que quando eu comecei a entrar aqui e tal, como eu acho que eu tô ficando adolescente assim, 13 anos, entendeu? Aí eu to falando mais, entendeu? Não consigo ficar quieta, entendeu? E os professores mesmo reclamam de mim, as vezes, não toda hora, mas as vezes reclamam de mim sim, entendeu? Mas quando eu quero eu faço,

entendeu? Quando eu quero, eu chego e faço, entendeu? Aí as vezes eu tiro notas boas, tiro notas ruins.

11) É, minha mãe tava doida que eu, minha mãe e meu pai, eles queriam muito que eu estudasse aqui mesmo. É... foi indicada acho que pelo uma amiga da minha mãe que falou pra me colocar aqui, que era muito bom.

12) Aham. Ela nunca... minha mãe, minha mãe... porque tipo assim as vezes meu pai tem que ir trabalhar, então minha mãe que vinha mais nas reuniões do meu irmão e minha. Ela sempre acompanhou, sempre, todas as reuniões do meu irmão e minha ela sempre. Só que sempre teve até uma reunião da minha sala, só que não deu pra ela vir porque na segunda eu faltei e eu não fui avisada e eu não sabia. Por isso que ela não veio. Aí, é, mas ela sempre, tipo assim, ela fala: 'filha, eu acho que você tá uma mocinha e não precisa mais ficar assim igual uma menina de 6 anos de idade ficar olhando caderninho assim um por um, eu acho que você já sabe se virar. Quando tiver prova, claro que eu vou mandar você estudar, eu vou ficar no seu pé pra voce estudar, mas pra olhar o seu caderno eu acho que não precisa, não tem necessidade mais disso não'. Aí quando tem alguma coisa em especial na escola eu vou e falo pra ela normal.

Briga... Ah, eu conto. Ah, porque, tipo assim quando eu fico por dentro de... nossa, fulano e fulana brigaram, já aconteceu, entendeu? Nunca, é... presenciei a briga, eu nunca. Quando eu fiquei sabendo já aconteceu, entendeu? Já aconteceu, eu fico sabendo na ultima hora, entendeu? Aí eu não sei porque que aconteceu?

13) Soco assim eu nunca vi não e nem xingar assim, mas sempre tem aquela briga assim de menino com menino mesmo assim. Sabe? De um irritar o outro aí o outro vai lá: vem, vem me bater, essas coisas assim entendeu? Mas negocio de xingar e soco eu nunca vi não. Em mim também não, nunca na minha vida. Nunca, aqui não, aqui principalmente não. (pausa), Ah, que eu teja lembrada, eu não coloquei, nunca, coloquei não. Sério, sendo sincera mesmo, eu nunca acho que nunca coloquei não. Mas...Ah... sempre tem, tipo assim, sempre tem aquela amiga as vezes que, coisa de amiga, as vezes a gente briga e tal. Eu lembro porque teve até um dia que eu tava, que tinha uma amiga que tava fazendo brincadeira comigo eu não tô lembrada, acho que passou corretivo no meu cabelo e tal. Aí eu cheguei e falei assim: 'o Jéssica, que o nome dela é Jéssica, quando a gente a brinca com você, você não gosta. Normal, você pode brincar comigo na hora que você quiser, mas quando também, só to falando assim, a gente tá brincando com você não gosta, você fica putinha'. Eu usei esse termo assim e ela pensou que eu tava chamando ela de puta. Eu falei: não, eu quis dizer num termo assim de brava, de nervosa, ficou toda nervosinha, ficou toda putinha, entendeu? Aí eu usei isso e ela pensou que eu tava chamando ela de puta e o Tales, também foi botando fogo assim, e falo: 'não, ela te chamou de puta e num sei o que'. Eu falei: 'não, não é nada disso'. Aí teve um dia que a gente ficou sem se falar um dia, ai eu expliquei, no outro dia eu expliquei de novo direito aí ela entendeu.

14) -

15) Ah, sei lá. Acho que né... tinha que tipo assim, acompanhar e tal, porque... ta muito adolescente matando aula, fica com essa coisa sabe, essa zoação, vai pro colégio é pra zoar, entendeu? Eu acho que tipo assim, a gente ta na adolescência? Tá, ta na hora sabe, de sei lá, ta na puberdade assim, então assim a gente tem essas coisas assim. Então a gente tem essa coisa assim de querer só pensar em namorar e tal. É, mas tipo assim, eu acho que tudo tem a sua hora assim sabe. Igual eu, minha mãe, é tipo assim, ela já, ela sabe que eu já fico com garoto e tal. Quando eu falei a primeira vez que eu fiquei, ela não gostou porque ela falou assim: tudo tem a sua hora. Mas é com conversa assim sabe, eu acho que ela conversou comigo e falou: ah minha filha, eu preferia que você não ficasse só que já tá na

adolescência eu não vou te proibir isso, entendeu? E eu acho que é assim, sabe, os pais tem que acompanhar, entendeu? Porque muitos pais deixam, tem pai assim, tem muitos pais que não quer saber do filho, que deixam o filho largado aí o filho vai e se mete no mundo das drogas. Umás coisas assim que acontecem entendeu? Aí, eu acho que tem que tá mais acompanhado.

16) Ah, eu vou explicar assim, da maneira que eu sei. É que a pessoa né, fica ofendendo a outra, entendeu? Sendo que a outra não gosta de apelido sabe, ruins, entendeu? Sabe, sendo gorda, magra, negra, entendeu? Qualquer coisa, entendeu? Sendo isso também, mas também de vamos supor, a pessoa um dente grande chama ela de dentuça. Essas coisas assim, acho que é isso, entendeu? Ficar chamando de apelido, dentuça, Mônica essas coisas assim, entendeu? Ah... eu acho ruim né. Tipo assim, é porque, acho que nenhum amigo assim acho que ficou ofendido assim na minha frente sabe. eu já, já ouvi casos assim, mas com pessoa que eu conhecia eu não ocorreu. Mas se acontecesse com amigas minha, po, eu ia ajudar eles, ia pedir para parar, sabe? Ia falar com alguma pessoa, sabe? É algum diretor, pedi e tal, conversasse com essa pessoa tava chamando ela né, de apelidos, entendeu? Eu ia fazer isso, ia pedir para parar, ia ajudar.

17) Ah eu gostei, né, porque ah, eu consegui me abrir assim, entendeu? Eu gostei bastante. Eu acho que era isso mesmo, que eu esteja lembrada aqui eu acho que eu falei tudo dentro assim do que você perguntou assim, eu acho que eu consegui falar tudo assim. Só isso eu acho. É, acho, eu não tô lembrando agora assim de outras coisas. Eu acho que é só isso mesmo.

VII – Entrevistado 5CA70216, sexo feminino, com 13 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no *bullying* como vítima.

Parte I: Relacionamento Familiar

1)Então, são...(pausa), é, na verdade era 5 pessoas, agora o meu padrinho, ele veio e agora são 6. Aí, é, assim, lá o dia a dia é muito corrido. Eu e minha irmã, a gente acorda tarde então na hora que a gente acorda a gente já tem que arrumar pra ir pra aula e meu vô, ele fica com a gente, mas só como a gente briga muito ele ficou muito estressado. Minha irmã é mais nova, tem 7 e eu tenho treze anos. (risos). É, ela é muito levada. Aí eu, eu perco a paciência e fico brigando muito. E a minha mãe antes não trabalhava, agora ela tá trabalhando. Ela é...(pausa) como se dizer, ela é enfermeira e meu pai, ele é... (pausa) ele é agente penitenciário. Então ele sempre está trabalhando, só um dia de folga. Só que aí eles tem dois dias de trabalho, dois dias de folga. Só que aí ele, ele é...ele pega o trabalho dos outros pra ganhar mais dinheiro. Aí ele quase não tá em quase e minha mãe acha que só ela cuidando fica difícil. Meu vô as vezes sai com a namorada dele aí... fica assim né. Meu padrinho agora ele tá morando lá em casa aí ele, tá mais fácil pra minha mãe, pro meu pai, pro meu vô fazer as coisas.

2) Ai, minha mãe ou briga com a gente, bota a gente de castigo, as vezes bate na gente. É, só que, como ela, as vezes, até as vezes eu fico triste porque eu briguei com ela ou bati nela aí eu... minha irmã. Na minha mãe eu não bato não. rs. Nem levanto a mão. Aí, as vezes a Taísa, a minha irmã, pode falar o nome dela? É, minha irmã, ela também as vezes ela fica triste comigo, que ela bateu em mim ou eu bati nela aí a gente perdoa uma a outra.

3) a) Bem. As vezes sim, briga, porque ela... as vezes porque eu brigo com a minha irmã, não é que eu brigo com ela, a minha irmã fala muita mentira então aí eu que levo. Aí minha mãe briga comigo aí, aí eu fico discutindo com ela que eu fiz isso, que eu não fiz aquilo, que foi a minha irmã. Aí, as vezes né, mas... Ah... eu fico sem televisão, sem vê televisão, mexer no computador e até brincar com os meu

amigos. Que eu moro num prédio, aí a área lá, a gente fica sem brincar. As vezes até ela tira o meu celular.

b) Ai, é..., assim, meu pai trabalha muito e quando ele tá, ele tá muito cansado daí a minha irmã quer brincar com ele, só que ele não tem tempo. Aí a gente deixa ele quieto lá. Ah, assim se dá bem também, mas eu gosto mais da minha mãe (risos). Porque assim... as vezes eu quero que o meu pai fica longe que ele fica reclamando o tempo todo, só que aí eu fico triste porque ele não tá, quando ele não tá. Quando ele tá eu não quero que ele tá (risos), sempre tá nervoso.

4) a) Ah, ele briga com a gente ou bate.

b) Mesma coisa que meu pai, briga e bate (risos) porque a minha irmã faz muita bagunça. Tem dia, tem dia que não.

c) Ela me bate, ela me belisca, ela faz um monte de coisa! Eu bato, faço a mesma que ela. Mas eu só não belisco, eu só bato e brigo com ela.

5) Já. Aí, assim, eu e... é porque a minha mãe, ela tem muito ciúmes do meu pai e o meu pai, ele fica nervoso com isso. Aí,(pausa), aí ela vai lá e briga com ele, ele briga com ela, aí eles ficam discutindo. Ai, aí minha mãe fala que vai separar dele, ele fala que vai separar dela.Gritam, mas não xingam e nem se ofendem não. Olha, que eles brigaram muito mesmo foi duas, mas as vezes do meu pai fica discutindo com ela porque ela não arruma casa, mas na verdade ela arruma só que a minha irmã vai lá e bagunça tudo de novo. Assim... as vezes eu deixo uma coisa jogada, mas é mais a minha irmã mesmo.

(pausa) É..., assim, num sei... mais ou menos quem começou, mas a minha mãe ficou vendo o celular dele aí ele brigou com ela, ela brigou com ele, aí eu num sei mais ou menos quem começou.

d) Aham. Eu comecei a falar: para, para. E gritando para, para eles pararem. Em vez de discutir, eu acho que eles deveriam conversar melhor, porque as vezes não resolve, mas muitas vezes resolve.

6) Não.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Com a minha mãe. Sempre.

8) Assim, na escola, hum... eu tenho poucos, assim (pausa), (pausa) olha, eu acho que uns 7, mais é, fora da escola, outros lugares eu tenho muitos (risos) Ah... eu (pausa) eu, todo lugar que eu vou eu faço amigo então é difícil de contar. Ah... às vezes a gente discute né um com o outro, porque a gente brinca e tem uma brincadeira, chama os signos, então é, aí a gente discute muito por causa dessa brincadeira. Ah... é, assim a gente te poderes, a gente (pausa) assim a gente brinca como se fosse na vida real, a gente tem os nossos empregos, tudo. Só que a única coisa diferente é que a gente tem poderes e, a gente é (pausa), vamos assim dizer a gente, eu sou, tenho poderes de fogo então eu vou ser a rainha do fogo. Aí o outro é rainha da agua, do gelo... A rainha do fogo pode fazer tudo que tenha fogo. Ela pode entrar no vulcão, ela pode esquentar alguém ou matar. Como só é feito de fogo né, então ela pode apagar o sol, um monte de coisa... A gente gosta de passear, é, brincar, conversar, ouvir música.

9) Ah, boa. É uma (pausa), assim às vezes eu num entendo, mas elas explicam bem, as professoras da escola. Ah, aqui o ensino é muito bom.

10) (pausa). Ah, eu gosto de conversar com os meus amigos. (risos). Assim, e estudar também. Sim, considero. É, assim, eu considero uma boa aluna porque eu não converso na sala de aula, fico prestando atenção, mas eu as vezes as minhas notas são meio baixas né.

É porque eu tenho problema e eu não sei, minha mãe não sabe se é. Se é... mas eu tenho algum problema, mas a minha mãe acha que eu tenho déficit de atenção. Aí isso me atrapalha muito.

11) Que aqui é, é uma escola muito boa, é uma das melhores aqui é municipal, que aqui os professores que são muito inteligentes e bons. Essas coisas.

12) Sim. Sim, mas ela olhar meus cadernos é raramente. Mas ela acompanha muito. Hoje ela não veio porque ela tá trabalhando, porque ela arrumou um trabalho segunda feira, é de enfermeira, ela conseguiu trabalho, ela antes tava estudando, mas sempre que tem reunião ela vem. Teve um dia que ela não pode vir, mas aí meu pai esqueceu e não veio, aí deixou de vir. De briga ela sabe sim, porque a minha sala ta com mau comportamento. Aí o ano passado né, ela ficou sabendo de muita coisa que acontecia comigo, que eles ficavam... eu não gostava que eles ficavam me chamando de ratinha. Aí a minha mãe até veio até aqui conversar, ela conversou, mas ainda continua. Esse ano ainda continua me chamando de ratinha (risos). É porque o ano passado tinha um menino que ele... sabe o ratinho da televisão? Ele era a cara do ratinho, aí eu falei que eles parecia, aí ele começou a me chamar de ratinha porque eu falei que eles parecia. Aí, depois foi pegando, aí a maioria da sala, a maioria dos meninos né, porque as meninas não chamavam. Tão me chamando de ratinha, aí, até hoje, só dois chamam ainda.

13) Não. E depois disso, não, nunca pus.

14) -

15) (pausa) Eu acho que... hum... tinha quer ser, antes tinha que, aí parar que se achar, falar menos, parar de ter essas brigas só por causa de mínimas coisas, pequenas, eu acho que deveria ter mais união.

16) Sei. *Bullying* é quando você (pausa), chama, ah, igual tava acontecendo comigo o ano passado. Aquilo praticamente era um *bullying*, porque me chamavam, mas eu não gostava, eu pedia para parar sempre, mas eles nunca paravam. *Bullying* também, eu acho que é agressão, é contra o outro.

17) Ai, acho que hum, (pausa), no começo eu fiquei nervosa né, (risos) , mas agora eu tô mais calma. Eu acho que eu desabafei muita coisa (risos).

VIII – Entrevistado 5CA70225, sexo feminino, com 12 anos de idade, aluna do sétimo ano. Atuação no *bullying* como espectador.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Lá em casa mora eu, minha mãe e meus dois irmãos. Só que a gente não fica muito junto, porque eu estudo a tarde, meu irmão mais novo, que ele tem 14 anos (pausa), 15 quer dizer... Ele chega da escola, do colégio militar, as duas horas aí eu já não encontro ele. Minha mãe ela trabalha e o meu outro irmão de 19 anos, ele fica no exercito, aí muitas vezes ele tá de serviço aí a gente não fica muito juntos. Só... mas, a nossa casa é imendada com a casa da minha vó, a gente sobe pelo, pelo... uma escada assim, chega no terraço a gente desce e vai pra casa da minha vó. Aí mora minha vó e meus dois primos, minha prima e meu primo. Meu pai morreu, quando eu tinha 8 anos. De vez em quando, quando a gente tá todo mundo junto a gente vai pro cinema, a gente sai.

2) Ah, tem. Tipo (pausa), quando eu quero fazer alguma coisa meu irmão não deixa, ele quer fazer também, não deixa eu fazer. Ou, tem hora que nem tem motivo, que eu e meu irmão de 15 anos, a gente começa a brigar. Eu e meu irmão mais velho, a gente não briga não. Ah... minha mãe interrompe a gente, ela fica gritando. Ela fala, para com isso, eu já to cheia (risos). A gente não fica de raiva não. Aí tipo assim, no dia seguinte, quando eu venho aqui na escola, aqui em frente vende bombom essas coisas, eu pego compro e levo pra ele. Tem dia que a gente tá assim, (pausa), a gente quer brigar um com o outro e no outro a gente tá, tá conversando , jogando jogo junto.

3) a) Bem. Ela é, ela é um pouco estressada. Por qualquer coisinha ela já fica estressada, já é dela mesmo e ela não fala baixo, ela grita e é dela mesmo. Não só porque ela tá brava, mas quando ela não tá brava ela também grita, ela não consegue falar baixo. Aí a gente que falar pra ela parar de falar alto.

b) Ah, me dava melhor com ele, porque a gente saía muito mais, eu saía muito mais com ele do que com a minha mãe. Porque, não sei porque, ele trabalhava lá em casa sabe? (choro). Então...ele se candidatava a vereador só que ele não conseguiu. Só que eu ficava muito mais com ele, ele me levava pras ruas, assim a gente ia passeando, ele me levava na universidade, aí a família toda ia andar de bicicleta na universidade. Ele é legal. (choro, pausa. Foi perguntado nesse momento se a respondente queria continuar e ela disse que sim, que gostaria de continuar).

c) A ele.

4) a) Ah, ela é ,fica quieta no canto dela, aí quando você vai falar alguma coisa com ela, ela não responde aí ela vai pra cama e dorme. Ela gosta de dormi.

c) Hum, meus irmão não fazem nada não, assim... eles ficam na deles. O meu irmão que tem 15 anos, ele é muito burro, ele fica fazendo gracinha pra todo mundo rir, aí minha mãe não consegue brigar com ele. Quando ela vai brigar com ele começa a fazer gracinha e minha mãe começa a rir. Ele teve um mal comportamento na escola quando era mais novo, mas agora não tem mais não. Ele gosta mais de sair, ficar com as meninas. Ele gosta é de namorar.

5) - Olha só, eu vou passar pra outras perguntas aqui pra não deixar triste, que eu não quero ver voce triste que é uma menina muito bonita.

- Brigada.

Parte II: Relacionamento Interpessoal e escolar

7) Eu converso com minha vó.

8) Bastante. Aqui na escola eu devo ter uns 20. Fora da escola... Em tudo, eu devo ter uns 100. No bairro, no bairro uns 3, eu não conheço muita gente. As pessoas do meu bairro são mais velhas, aí assim, eu num brinco na rua lá no meu bairro. Eu brinco mais em casa. Ou na casa de outras pessoas. Ah... eu vou pra casa delas, elas vão pra minha, a gente vai pro shopping no cinema. Ah, a gente vai pra um monte de lugar. Já fomos no boliche, no aniversário.

9) Eu gosto, gosto principalmente dos professores quando a gente ta em sala, eles querem descontrair, ficam brincando.

10) De fazer aqui... (pausa) as atividades mais legais na sala. O nosso professor de ciência diz que a gente vai fazer um trabalho de encostar nos animais, pro final do ano, eu fiquei interessada. Eu gosto

dessas atividades. Não tiro notas muito ruins nem notas muito boas. Tiro mais ou menos, depende da matéria e não converso. Hoje teve uma reunião com pais e não reclamaram de mim

11) –

12) Mais ou menos. Ela não fica olhando o meu caderno não, mas ela pergunta. Eu conto. Aí eu vou e tipo, chego na minha mãe, mãe não tenho notícias boas. Briga... (pausa) Depende. Ah, sei lá. Eu sempre conto as coisas pra ela.

13) Ah, outro dia um menino da minha sala começou a brigar com outro. Aí um empurrou o outro só que a professora não estava lá, ela se ausentou não sei pra que, mas ela foi rapidinho em alguma coisa e voltou. Aí enquanto ela tava fora os dois meninos começaram a brigar, nisos um empurrou o outro, o outro tava de havaianas, pegou foi tampa nele só que ele desceu e bateu no rosto da menina que não tinha nada a ver (pausa). Eles começam a se chutar na sala. Xingou não, mas eles me chamam de tia kaká. Mas eu não ligo não, eu gosto.

14) Ficaram sabendo, eu contei pra elas.

15) Conversando. (pausa) Conversando sempre.

16) É ofender a pessoa, de qualquer maneira. Eu acho que é uma coisa que não deveria acontecer.

17) Interessante.

IX - Entrevistado 5ca80230, sexo feminino, com 13 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no *bullying* como espectador.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Minha casa, ela é bem simples, na minha casa mora agora eu, minha mãe e meu irmão, minha vó que morava com a gente ela faleceu tem dois meses. Lá tudo bem simplesinho, não tem nada muito extravagante e nem muito precário assim... Meu irmão é mais novo que eu, fez 11 anos dia 2 agora, eu tenho treze. E tenho mais irmãos, fora do relacionamento da minha mãe com o meu pai, tenho mais quatro irmãos por parte de pai. Eu convivo com eles. Uma é mais velha que eu, ela tem 15 anos, tem um da minha idade, e dois mais novos. Eles moram no mesmo bairro que eu, aí a gente tá sempre se encontrando na rua, se esbarrando, às vezes eu vou na casa do meu pai. Minha mãe é muito brava assim, assim ela não costuma falar muito não, meu irmão que é bem língua quente assim sabe, qualquer coisa que eu faço ele conta para minha mãe, é assim... É assim, minha mãe é bem fechada, assim... sei lá...as vezes ela é bem distante. Ah... assim a gente briga as vezes, porque... tem algumas coisas que minha mãe não aceita, como minhas amizades, minha mãe as vezes ela recrimina um pouco, ela fala que minhas amigas... pelo fato de serem mais velhas, elas são mais cabeça, ela fala tipo assim, não te proíbo de conversar, mas não quero que você fica andando com elas, porque pelo fato de elas serem já mais velhas, elas já tem namorado, elas já saem para vários lugares, eu não saio, fico mais em casa por causa da minha mãe. Eu gostaria de sair... minha mãe ela deixa eu sair as vezes, mas não na companhia das minhas amigas... (sic).

2) Meu irmão coloca pilha, sei lá... eu nem preciso chegar na minha mãe, ele chega e diz que eu fiz uma coisa errada, aí minha mãe vem igual a uma leoa em cima de mim, aí ele fica botando pilha, botando pilha até minha mãe me deixar de castigo. Eu fico de castigo, mas não costumo aprontar muito não, mas qualquer motivo para minha mãe é motivo de castigo. Se eu ficar na rua até tarde, aí já é motivo de castigo: você não vai ver televisão, você não vai sair na rua, você não vai sair por uma semana, é assim o castigo dela. As vezes eu até discuto com ela: ah! eu não vou ficar de castigo! Aí

ela diz: vai sim! se não você vai perder muito mais coisas! Aí eu tenho que ficar quieta é assim... Assim... ela diz essas coisas, ela já me bateu, mas não me bate mais não, foi palmada, assim na bunda, chinelada, mas hoje ela não me bate não. Eu sentia raiva (risos) vontade de bater nela também (risos). Já meu pai... meu pai ele é... não vou dizer presente, ele é distante, mas ele tá sempre por perto pelo fato de morar perto da minha casa, qualquer coisa que eu preciso, quando dá para ele, ele me ajuda. Ele até fala 'não posso dessa forma', mas de outra forma ele ajuda (sic).

3) - Me dou bem com ela, mas tem coisas que eu não consigo falar com ela.

- Eu sou mais apegada à minha mãe, acho que pelo fato de eu morar com ela, mas tem coisas que eu não consigo falar com minha mãe, prefiro falar com meu pai pelo fato de ele ser mais liberal. Se eu tivesse ficando com uma pessoa, eu não chegaria na minha mãe, eu chegaria no meu pai. Não é que ele não se importa, ele aceita mais, ele fala 'se for um menino direito, você pode ficar, se não, não pode', é assim que ele fala (sic).

- Não... não.

4) Quando alguém aborrece ela, ela desconta tudo em mim, se eu for a última pessoa a fazer pergunta para ela, ela diz: 'não fala nada comigo porque hoje eu não tô boa não, não tô boa pra responder isso não'. Ela grita, xinga, as vezes me dá até uma palmada, ela xinga 'filha da p..., desgraçada'. Já o meu pai é bem tranquilo, é muito mais tranquilo do que minha mãe, se tem uma coisa, ele conversa, minha mãe já gosta de partir para a agressão (sic).

5) -

6) Pelo que eu sei, minha mãe não gosta de falar disso, mas meus pais se separaram acho que quando eu tinha uns dois anos, por aí... tem muito tempo. Meu pai respeita muito a minha mãe... ela nunca ofendeu meu pai. Teve uma época, que minha mãe não queria que ele visse a gente, mas pelos motivos dela, ela não quis me contar... mas nunca chegou a ofender. Eles sempre tiveram contato por telefone, um fala direto com o outro. A separação para mim é uma coisa normal, apesar de ser separados, são muito presentes na minha vida, se eles ainda morassem juntos acho que não seria tão bom quanto se eles separados, porque eles separados tem a vontade de se unir mais, eles juntos iam querer se separar... sei lá... não sei... é meio contrastante assim... (sic).

Parte II: Relações sociais e interpessoais

7) Ah! Costumo conversar com o colega, o amigo da minha mãe, é meio que um namorado da minha mãe. Ele me ajuda bastante, e ele é como se fosse um pai para mim, porque tudo que eu preciso eu vou nele, primeiro vou no meu pai, se meu pai não puder me ajudar, eu vou nele assim... Eu me abro mais com o amigo da minha mãe do que com minha mãe mesmo. Eu costumo me abrir com ele, quando ele não tá por perto, eu vou na minha tia, né?!, não tenho muito de chegar na minha mãe e conversar com ela porque, assim, tem meio aquilo de tabu né?!, meio que vergonha de falar com a mãe assim... vou na pessoa mais próxima... (sic).

8) Tenho. Sou rodeada de amigos. Ah... nem sei... amigos mesmo são seis. Sempre (risos) estamos juntos, sempre na rua. Ah... a gente fica na rua, a gente vai no supermercado, a gente tá sempre junto... Sempre quando um vai em algum lugar, tem que tá todo mundo, se não, não vai... A gente mora na mesma rua, assim... três moram perto da minha casa e dois moram na rua que sobe... Eu sou a única que estuda aqui, eles estudam perto da minha casa. Daqui da escola tem a Camila, assim... nossa rela... é porque a mãe dela meio que não deixa, a minha também não deixa a gente sair muito, a gente sempre fica muito junto aqui na escola, ela vai fazer trabalho lá em casa, minha mãe gosta muito dela (sic).

9) Aqui é muito bom o ensino, só acho que tinha que ser mais rigoroso na questão de certos alunos, assim podendo dizer... como eu posso dizer... eles gostam muito assim... de se mostrar... assim, porque essa aqui é uma escola pública, só que o nível dela, dos alunos é mais classe média, aí quando

chega algum aluno assim, meio que de periferia, eles ficam meio assim... conversa e tudo, mas não tem aquela intimidade que tem com outros da mesma classe social, assim... Gosto muito daqui, tô aqui desde a primeira série, o ensino daqui é muito bom, os professores também.

10) Aqui na escola... eu gosto de tá sempre com os professores, é engraçado isso... porque sempre os professores... os professores é sempre amigo... assim é ... é porque eles... mostram que se importam com a gente, eles realmente se importam, eles não querem só dá a matéria, eles querem saber como é que a gente tá, se o nosso dia foi bom, eles tão sempre querendo saber da gente.

- Considero boa aluna, eu poderia me esforçar mais porque teve uma época que eu tava assim... leviana... mas me considero, acho que eu sou uma boa aluna (sic).

11) Minha mãe acha essa aqui a melhor escola do mundo! (risos). Ela fala que é a melhor do mundo, porque se... ela fala que se ela pudesse (risos), ela ia me deixava aqui até na faculdade, só que aqui não tem, só vai até a oitava série/nono ano.

12) Ela não acompanha, nunca acompanha, acho que é pelo fato de ela trabalhar muito. Ela trabalha de sete da manhã às seis horas... aí ela não tem muito tempo assim... A minha tia fica comigo e com meu irmão de manhã, aí eu venho pra escola, ela arruma o meu irmão, aí meu irmão vai pra escola e ela vai pra casa dela. Aí quando eu chego é questão de quinze minutos minha mãe chega atrás de mim.... Eu chego, aí minha mãe chega e meu irmão chega, ninguém fica sozinho.

13) A Camila... já colocaram um apelido nela de salsichão pelo fato dela ser muito alta (risos), aí ela não gostou, aí ela falou 'gente, eu não gosto desse apelido', aí todo mundo parou, tipo assim, todo mundo ia brincar, só que acabou ofendendo ela sem querer, ela pegou e falou assim que não gostava, aí ninguém mais chamou ela de salsichão...

14) Ela fica sabendo tipo... se eu chegar e dizer 'nossa, mãe, hoje a menina brigou lá na escola', porque se eu não falar ela não fica sabendo não... porque minha mãe é bem distante assim. Aqui não acontece brigas frequentemente, é bem raro acontecer, a última briga que teve... foi... o ano passado... acho que teve... foi... no começo do ano passado, foi duas meninas, que uma menina xingou a vó da outra aí elas brigaram, foi a primeira briga que eu vi aqui no colégio e olha que eu tô aqui há muito tempo...

15) Ah... eu acho que tem que ter um diálogo bom, tem que ter um diálogo aberto assim... igual eu, eu não tenho diálogo com a minha mãe, mas se a gente tivesse diálogo ia ser tudo melhor, eu acho que diálogo é a principal coisa... que aí filho não vai ter.... aquela coisa.... como vai conversar com a mãe, vai ter noção de coisas que eu não tenho pelo fato de eu não conversar com minha mãe, vai ser preparado para a vida. Acho que seria isso.

16) *Bullying* é... é um ato de... colocar apelido, de xingamento (pausa). *Bullying* pra mim é o ato de colocar apelidos, xingar, ofender um apessoa que não fez nada pra ela, pra outra. Acho que é isso. É o fato de uma pessoa querer... vamos dizer... oprimir a outra, é bem isso. Eu... eu tento ajudar, tipo assim, se uma pessoa virar pra outra e falar assim: 'nossa!, não que tem, você é gordo, você é feio', vou pegar... vou virar pra pessoa e falar assim: ' eu sei que não tenho nada a ver com isso, mas você tem que se olhar no espelho, vê se você é perfeita pra você flar de outra pessoa, porque... igual... no caso, você não é perfeita, pode não ser tão bonita pra xingar outra pessoa, acho que nem se fosse, cê teria o direito de fazer isso (sic).

17) Foi boa... foi uma maneira de expressar minha opinião sobre as perguntas que fez.

X - Entrevistado 5CA90122, sexo feminino, aluna do nono ano, com 14 anos de idade. Atuação no bullying como vítima passiva

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Contando comigo são três pessoas, moro com minha irmã mais nova e com meu pai, porque minha mãe faleceu tem três anos. Eu estudava nessa escola um pouco antes dela falecer, só que... no dia que ela faleceu eu mudei de escola, depois voltei; aí eu tive que estudar em outra escola, foi por isso que eu mudei e depois voltei.

2) Tem brigas... Briga comigo e com minha irmã tem todos os dias por qualquer coisa que acontece mas... assim, a gente nunca tem briga séria, principalmente quando eu vou, tipo brincar, abraçar ela; ela não gosta, aí ela briga comigo. O meu pai nunca me bateu, ele só costuma botar de castigo quando eu tiro nota baixa, não pelas outras coisas, ele faz o máximo pra me entender e ele diz que me entende muito bem porque quando ele era mais novo, acontecia as mesmas coisas ele, aí a gente quase nunca briga, mas aí ele me põe de castigo de vez em quando. A gente não resolve as brigas, a gente para de conversar uns dez minutos, mas volta a conversar de novo. Se meu pai chama a atenção de nós duas a casa fica toda em silêncio, depois a gente pede desculpas pra ele.

3) b) Ah.. a gente não tem uma relação assim de pai e filha, a gente tem mais relação de amigo, porque tudo, tudo que acontece comigo eu conto pra ele é... não deixo passar nada, porque ele é... tipo... a única pessoa da família que se eu falar alguma coisa, ele não espalha e ele... e não... vamos dizer assim... ele não briga quando eu conto uma coisa muito pesada pra ele, entendeu?! Ele só fala que... o que eu tenho que fazer, não briga comigo.

d) Tem. Tem a minha tia, que eu tenho ido muito na casa dela. A minha vó eu não costumo ir porque eu não converso muito com minha irmã mais velha, por causa de uma vez que aconteceu no Natal... que foi... que foi um Natal assim... que eu não dancei, eu não fiz nada. A minha tia, ela tinha um problema quando minha mãe estava viva, e ela ainda tem, eu acho; que ele vai na casa das pessoas e ela pega as coisas, aí... é... a gente... tinha... como ela não quis passar o Natal na casa da minha vó, porque a minha vó não gosta do recente namorado dela, aí ela ficou brava com isso, aí eu liguei pra minha tia e falei: 'ah... no Natal eu não fiz muita coisa não, estava meio chato, fiquei sentada', aí ela ligou para a casa da minha vó e começou a inventar um monte de coisa que eu tinha falado, falou assim que eu disse que foi o Natal mais entediante da minha vida, que eu odiei tudo... aí... em vez da minha irmã me perguntar primeiro se isso era verdade, ela já ligou e ficou falan... ficou gritando comigo, falando assim: 'você vem na minha casa, come um monte de coisa, traz gente, depois fica falando mal das coisa aqui?!, se você não quiser não vem mais', aí eu não vou mais frequentemente lá, o meu pai... meu pai falou que é melhor ficar longe. Ela é por parte só de mãe, mas meu pai sempre tentou ajudá ela, empresta dinheiro, só que ela fala assim: 'você não é meu pai, por que você tá fazendo isso?'. Ela não deixa a gente se aproximar dela, esse é o problema, quando ela precisa de ajuda, ela não deixa... Ela fica brava à toa. Outro dia, eu tava lavando meu rosto assim, aí eu molhei o espelho, aí ela brigou comigo, ela me empurrou. Igual... a minha tia morava na casa da minha vó, as duas viviam brigando, a minha tia tava arrumando qualquer desculpa pra ir embora, deixar o... o meu tio padrinho e ir embora ficar com outra pessoa, aí minha vó falou assim, porque eu ainda não nascida, falaram que as duas brigavam, que voava gaveta, panela, um monte de coisa na casa assim, nossa... era muito... Eu ainda não vi, ainda não né?! (risos).

4) a) Ele fala muita coisa, nem dá para prestar atenção direito, ele fala muita coisa ao mesmo tempo não dá para entender. Só quando ele fala... que é para a gente parar com isso, aquilo, porque a gente é imã, a gente tem que ficar unido, porque a gente não pode brigá porque a gente só tem uma a outra. É isso que ele fala muitas vezes... Ih! Ele também grita sozinho, fica resmungando, aí a gente

vai perguntar o que aconteceu, aí ele fala muito, muito mesmo. Ele fala assim: ‘não acredito que isso ta acontecendo comigo, só da coisa errada’. Ele fica assim, quando ele xinga, a gente corrige ele (risos).

5) a) Quando minha mãe morreu, meu pai e minha mãe já eram separados. Ele nunca me falou o motivo de eles ter separado, mas aí eu tinha um padrasto e... ele era... assim... ele amava mais a minha irmã do que eu, aí ele comprava coisa e dava para minha irmã e não dava pra mim, ele brigava comigo, me mandava fazer as coisa e minha mãe não falava nada, ela tinha problema de pressão alta, ele levava vinho para ela todo dia, um galão de dois litros, eu acho, e torresmo e coisa que aumenta a pressão dela. Depois que ela faleceu, meu padrasto ficou com remorso, aí... bem de vez em quando ele liga, porque ele não mora aqui, não dá sinal e ele acha que a forma de pedir desculpa por isso é dando presente pra gente, principalmente para mim, mas tem uma coisa que era segredo, que eu descobri recentemente, que minha irmã mais nova também não é minha irmã por parte de pai, que ela é filha do meu padrasto... Ah! É difícil guardar segredo, porque... há muito tempo quando minha mãe ainda estava viva, eu ouvia discussão dos dois, ele falando que ia entrar na justiça para pegar a filha dele de volta, e a minha irmã não gosta muito dele, mesmo ele tentando, tratando ela com todo carinho, ela não tinha... vamo dizer assim... ela não tinha muito amor, aí foi bom mesmo ele ter se afastado, porque eu acho que se ele tirasse a minha irmã de perto do meu pai não ia dá certo, ela não ia ser feliz igual ela é. A gente é muito grudada com meu pai, a gente brinca, é... a gente não é de brigar, se joga no chão, quando ele tá perto da gente ele é uma criança.

d) Não lembro de nenhuma briga, eles se separaram quando eu era bem pequena, então eu já tava acostumada com os dois separados.

6) a) Eu acho que a minha mãe deu motivo para terem separado. Eu acho que o motivo de eles terem separado foi a minha irmã, de ela ter nascido de outra pessoa no casamento, de ela traído meu pai, acho que foi esse motivo. Ele falou porque... é porque ele não gosta de mulher fumante, mas pra mim isso não é motivo não.

b) Acontecia... quando minha mãe precisava de dinheiro pra comprar coisa de supermercado... mandá dinheiro, lembrar ele de comprar as coisa... Porque depois que minha mãe faleceu, meu pai tá pagando dívida dela até hoje, porque ela era muito assim de comprá roupa, comprá coisas, entendeu?! Depois que ela faleceu muita gente ainda cobra.

7) Costumo conversar com minha amiga aqui da escola que costuma andar comigo, porque ela é muito boa pra dá conselho, quase tudo que ela, que ela... fala dá certo. Muitas coisas eu falo com meu pai, só que ele não é mulher, ele não pode me dar um conselho tipo amoroso entendeu?! Ele não sabe o que falar, aí eu tenho que ir pra uma pessoa... uma mulher e não tem como eu perguntar pra minha irmã mais nova porque ela não sabe, então eu pergunto pra minha amiga aqui da escola, mas só quando estou chateada.

8) Eu tenho muitos amigos, eu procuro ter sempre muitos amigos principalmente aqui na escola pra nunca ficá sozinha, porque tipo... até para ir na padaria tenho vergonha as vezes, de falar com o carteiro, sei lá... alguma pessoa. O que a gente mais gosta... é... o que a gente mais gosta de fazer é zoar as pessoas nas rua, tipo, qualquer pessoa que passa a gente fala, a gente ri muito, conta piada... o que a gente mais gosta de fazer é rir. A gente tipo... a gente não vira e fala ‘nossa você é feia’, a gente só... a gente fala assim entre a gente, entre nós, a gente não costuma falá cara-a-cara com a pessoa, sei lá... vai que a pessoa não gosta, né?! Na escola a gente costuma conversar mais sobre novela.

9) Acho muito boa, é fácil de aprender, só que o único problema, são as pessoas da escola, porque tem essa divisão, pessoa nerd, pessoa inteligente, pessoa popular... eu não sei porque tem que ter pessoa popular na escola? Por que eles em que inventar esse negócio? De quando... tipo... chega uma menina mais bonita na escola, fica um monte de menino rondando, eles ficam... eles mudam a

menina, a menina do nada, fica metida, por que tem que ser assim? A gente não pode ser igual uns aos outros não?! Por que tem que... tipo... ficar quebrando a escola pra ficar se mostrando pros outros? Ficar chutando extintor de incêndio, quebrando mesa... não tem necessidade de fazer isso.

10) Eu gosto da escola... o que eu mais gosto? O que eu mais gosto é de praticar esportes, eu fico muito brava quando não tem educação física. Não me considero uma boa aluna porque eu tirei muitas notas baixa por falta de atenção. Eu não consigo prestar atenção, tipo, se passa um mosquito na minha frente ele me tira a atenção, tudo me distrai... aí fica muito difícil pra mim estudar, prestar atenção na aula e eu também converso muito com as pessoas.

11) Ele acha que essa escola é muito boa, porque passa bastante exercício pra mim prestar atenção, e... não sei... ela tem... ela é mais perto de casa, não tem brigas recentes do lado de fora da escola... é mais seguro que outras escolas pra ele né?! Eu acho que essa escola aqui é boa, eu já estudei aqui, eu conheço bastante gente, é... gosto de fazer amizade com os professores, aqui é mais fácil pra mim o estudo, de entender.

12) –

13) Não. Tenho medo. Tenho medo de me machucar, assim, porque eu vou brigar com a pessoa? Ano passado tinha duas pessoas que era da minha sala, uma ainda é, a outra não estuda aqui mais. Antes era assim, agora não é mais, a outra pessoa é... foi a pessoa que me tratou da pior forma, igual, teve uma vez que tava na hora de fazer prova, a gente tava organizando as mesas, aí tinha o meu estojo em cima da mesa e a mochila dele, eu peguei a mochila e perguntei: ‘de quem é essa mochila?’ aí ele falou: ‘essa mochila é minha!’, tomou a mochila, tirou da minha mão, pegou meu estojo e jogou em mim. Também teve uma vez, eu não sei o que eu fiz, eu tava sentada, ele foi e colocou uma folha ofício na minha cara assim por traz e esfregou a folha de ofício na minha cara, isso foi... assim... as piores coisas. O outro, eu não sei se ele tava fazendo isso pra me agredir ou se a brincadeira dele é bruta mesmo, porque ele ainda faz isso, mas não faz comigo, faz com minha amiga, quem eu costumo pedir conselhos. Mas acho que é só de brincadeira, ela não costuma brigar, ela ri quando ele faz isso, então... eu não faço nada não. Quando foi comigo, eu fiquei triste, me deu muita vontade de chorar, eu não sei o que eu fiz, ele colocou a folha na minha cara e todo mundo riu de mim. Isso não tem graça.

14) Não, ele não sabe... eu acho que eu não falei pra ele, mas... depois que ele fez isso, eu esqueci na hora de chegar em casa, acho que eu não falei pra ele... (pausa). Ah!... aconteceu de falá... aconteceu algumas coisas... Algumas pessoas da escola consideram que eu e minhas amigas somos feias, tem muitos meninos lá embaixo, que eles fazem, é... algumas piadinhas da gente, de muita gente aqui, a maioria das coisa é assim, quando você chega, eles falam, tipo, ‘credo!’ ou eles fala ‘vai no salão de beleza minha filha, você é feia’ é isso, é aquilo, e isso eu acho que é a maioria das meninas aqui ficam tristes e muito sem auto-estima, imagina se ela gosta de um desses meninos e... ele vai e fala isso pra ela, é muito triste.

15) Se os pais entendessem os filhos antes de brigar, bater, porque tem uma menina aqui na escola, o que meu pai falou... que ela... agrediu o aluno, que foi chamada aqui a mãe dela, aí, a mãe dela em vez de, tipo, falar ‘não faz isso’ apoiar a filha, ela falou assim: ‘tem que dar uma suspensão, se expulsar minha filha não tem problema porque eu to tentando dá um jeito nela, eu não consigo; também se ela quiser, ela vai embora com o pai dela’. Não é assim, eu acho que a maioria das pessoa que fazem essas coisas por atenção é tipo, e pega uma mesa e joga na parede, pros outros amigos rirem ou faz um monte de coisa errada na escola pros pais virem aqui na escola e conversar com eles.

16) Não sei exatamente, eu acho que *bullying* é quando outro aluno de qualquer forma, verbalmente, fisicamente, psico, psicologicamente agride outra pessoa e a outra pessoa fica... tipo... muito, muito triste com isso e com raiva ou se vinga, ou tenta resolver, tipo... se... se... sei lá, se evitando, machucando outras pessoas, tentando tirar, tirar a raiva de si de forma errada, eu acho que é isso... Se eu vê, eu costumo separar, tipo, ta tendo alguma briga, eu tento separa ou se... ou eu

converso com a pessoa, se a pessoa não me escuta, eu tento me afastar, porque eu costumo ser levada pela corrente, tipo, se uma pessoa tá fazendo uma coisa tipo, engraçada, eu também faço, é... tipo, tá todo mundo tendo aquela bolsa, eu quero uma também, eu costumo fazer as coisas, aí eu me afasto para isso não acontecer.

17) Achei legal... porque eu não costumo falar dessas coisa.

XI - Entrevistado 5JO7B1, sexo masculino, aluno do sétimo ano, com 15 anos de idade. Atuação no bullying como vítima provocativa

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Lá em casa tem meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho e eu. É... (pausa) meu irmão tem 17 anos e eu tenho 15. Meu irmão é cabelereiro, meu pai trabalha fora, minha mãe também, e eu fico mais sozinho... fico mais sozinho assim durante o dia... né?! Só a noite que eu tenho contato com meu pai. Meu irmão fica lá na casa da namorada dele, né, aí é difícil a gente vê ele, ele só vem pra casa final de semana, aí a gente sai, passeia assim, né.

2) É... vez em quando... eu e meu irmão briga, é uma confusão dananda... ah... porque é assim... é... minha mãe é assim... não gosta que demora no banheiro e quando meu irmão vai lá, fica duas hora no banheiro lá tomando banho, aí... isso que gera discussão (risos)... gritaiada mesmo, mas se resolve... Ih... meu irmão nossa... quando é assim, vai até pra casa da minha vó. A minha vó mora aqui perto de casa mesmo (pausa).

3) a) Eu se dou bem com ela, normal... acho assim normal... a gente conversa de vez em quando, normal... (pausa).

b) Meu pai também é a mesma coisa, a gente não discutimos muito, porque ele trabalha, aí é difícil eu ficá com eles... sabe... aí eu fico mais é sozinho em casa (pausa).

c) Ah... eu sou mais apegado com minha mãe, sempre a gente... sempre quando eu tenho alguma coisa pra fala com ela... ela também fala comigo... Tem vez, assim... a gente assim... quando final de semana a gente vai na pizzeria... essas coisa.

4) a) quando ele fica muito nervoso... ele briga... ele briga com minha mãe, aí ele vai lá pra casa da mãe dele, que é minha vó, aí fica lá uns dia, aí só depois de um dia, só quando dá uma semana que ele volta... Sinceramente não sei o motivo... ele... ele não fala comigo e já vai saindo e vai pra casa da minha vó. Tem vez que eu vejo a briga, mas tem vez que não, igual eu falei... tem vez que eu fico na casa da minha vó (pausa).

b) Ah... (risos)... pra te falar a verdade, ela costuma pegar, deitar e pronto... dormir... só isso. Já vi ela só discutir com meu pai e pronto.

c) Meu irmão é calmo, é igual eu, calmo... mas quando ele briga também (risos)... sai de baixo! Mas aí ele vai pra casa da namorada dele.

5) a) Eles brigam só de grito, aí, igual eu falei, ele vai pra casa a minha vó e volta de pois de uma semana. Essas coisa de tapa nunca aconteceu não, só as discussão.

d) minha mãe sempre começa, fala que tem que pagar conta... tudo isso... aí ele fica com raiva e vai pra casa da minha vó.

e) nunca tentei não...

f) Ah... eu acho errado, eu acho que tinha que senta e conversa com calma pra se tudo resolvido.

6) c) Se eles se separasse... Ah! Ia se horrível, né?! Nossa... eu não ia gosta não... de jeito nenhum... ah... sei lá... não sei... eu ia ficar até triste com isso né... por que se separar?

7) risos... com minha mãe, só com ela, com mais ninguém. Ah... quando pegam minhas coisas, quando mexe, quando mexe onde não é pra mexer.

8) Tenho mais ou menos, mas pra mais... uns... ah... uns 25. Ah... a gente joga vídeo game, assiste televisão... a gente joga dragon bowl z, que é um jogo de luta, um bate no outro... Sou muito ruim... risos... a gente também as vezes sai... vai no centro... na casa do colega do meu amigo, joga ping-pong lá né, ele é rico (pausa).

9) Ah... legal... gosto daqui, estudo aqui desde pequeno.

10) Ah... eu gosto de faze um poquinho de cada: basquete, ping-pong... Mais ou menos... risos... ah... sei lá... tem vez que eu faço bagunça... aí não... converso muito, a 'fessora não gosta que a gente faz isso.

11) Ah... eles gostam que eu estudo aqui mesmo, porque uma vez pedi para eles m transferi lá pro centro, mas eles num quis, aí falaram: 'você vai continuar lá, porque lá é bom pra você', eu gosto daqui também, sabe?!

12) É... eles sempre tá acompanhando eu né, as nota também, se ta boa, se tá ruim...

13) Já... muitas vezes... chamou eu de boiola e... cada coisa que é... nossa! Tem vez que eu coloco também, mas deixo pra lá... Já discuti por causa de apelido... é... como que eu posso explicar? É escrevendo as coisa no quadro, depois escrevendo a letra igual a minha e falando como a professora que foi eu... aí a 'fessora pensa que foi eu. Esse negócio... risos... fica escrito cada coisa... Igual ano passado, eu estudei com a Telma, aí todo mundo ficava chamando ela de bruxa Telma, aí ficava escrevendo esse negócio (risos), aí escreveram igual a minha letra aí ela veio falando que eu que escrevi... assim, sabe, que acontece. Ah... já vi gente tamém bate... soco... (risos), fui pra casa, né?! vou ficar, faze alguma coisa... gente daqui da escola.

14) Ficam. Tem vez que eu conto, tem vez que não. Porque sempre quando eu arrumo briga, aí o pessoal da escola... a diretora sempre chama meus pais... risos... nesse ano foi duas vez... ah... foi a menina lá falando do meu pai e da minha mãe, aí eu não gostei. Aí ela saiu correndo atrás de mim, aí a 'fessora veio cá em baixo e falou com a diretora, aí ela pegou e chamou a polícia... oh!... meus pais... isso. É porque ela tava xingando meu pai e minha mãe, aí eu não gostei, aí eu também fui xingar o pai dela e ela também não gostou, foi assim... colocando apelido, esse negócio... sem graça, sabe?! Nossa!

15) A maneira mais certa... a maneira mais certa... eu acho... é na conversa, é na conversa que a gente resolve.

16) Sei. Colocá apelido, discriminá... (pausa) é isso. Ah... eu acho uma coisa horrível, né?!... e triste, triste assim... pra quem faz, triste pra quem vê também, né?! Assim... pessoa colocando apelido, agredindo... é isso (risos).

17) Boa.

XII - Entrevistado 5JO7B16, sexo feminino, com 12 anos de idade, aluna do sétimo ano. Atuação no bullying como vítima provocativa.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Eu moro como meu pai, com minha madrasta e com três irmãos. Eu não gosto dos meus três irmãos não. É por parte de pai. Eu não gosto, eu não me dou bem, eu me dou bem com meus irmãos por parte de mãe. São três também, aí eu me dou bem com eles. As vezes, é... eu fico chateada pelo jeito que eles falam comigo, e minha irmã mesmo mais velha deles três, fala... é... ela falou que não gosta de mim também. Eu fico... eu, apesar de não gostar dela também, eu me sinto mal. Os outro é um menino e duas meninas. Ela tem dez, o menino três e a outra quatro anos. Meus irmão por parte de mãe, eu gosto mais deles porque eu morei a maior parte do tempo com eles, sei lidar mais com eles, brigo muito, mas tenho um carinho especial com eles. É três meninos, um de dez, um de oito e um de quatro anos.

2) É assim: a gente briga porque um não faz as coisas, outro não faz, eu brigo com a minha mãe porque ela não deixa eu sair. Eu acho assim... é igual com meu pai, eu não brigo com ele não, também assim... nosso Deus... mas minha mãe, assim, pela gente ser mulher, uma mulher conversando com a outra, então assim, as minhas colegas saem eu peço pra ir e ela não deixa, aí eu vou pra rua... hum... aí ela briga comigo, eu fico até tarde conversando com as minhas colegas. Mas sempre peço desculpa ela, ela joga as coisa na minha cara e as vezes eu também faço isso com ela... Vamos supor... menino, eu gosto de um menino que mora lá, aí ela fica falando que... ele não é moleque de rua, mas ela fica que é moleque de rua, não sei o que... no início quando eu falei pra ela, ela falou isso, mas agora ela entende, conversa com ele, com a mãe dele... fica assim... as vezes ela fica nervosa, até os meus amigos mesmo julgando, fala que não presta... aqueles amigos assim... que não tem nada a ver... um tipo você se sai como assim... perto deles eu sou uma... eu me saio como aquelas piriguete perto deles. Eu até parei de conversar com um menina porque ela fez de tudo para acabar comigo, ela foi no centro de macumba para acabar comigo, porque eu gostava do João Vitor e eu não queria ver os dois junto, aí eu não fiz nada, aí ela começou... eu comecei... a gente ficou... Minha mãe descobriu, ela entendeu e mandou eu parar, aí parei, aí voltou de novo... risos... foi dentro da sala de aula onde eu estudava (pausa).

3) a) eu e minha mãe, a gente não se dá muito bem no sentido assim, eu e ela briga muito, eu não gosto de fazer as coisa dentro de casa, não gosto. Sou muito devagar e ela vive brigando comigo, aí eu vivo brigando com ela também. Aí... ela... Ah... a gente brinca e briga, tipo assim, tem hora que uma tá brincando e a outra tá falando sério, e a hora que uma tá falando sério, a outra começa a brincar, aí começa a discussão.

b) com meu pai é mais pesado (risos), dá vontade de chorar, por mais que ele tenha o que falar comigo, da vontade de chorar. Pra mim, eu não quero mais ficar com ele, porque tudo minha irmã é a melhor, eu mesma falei 'sou um fracasso'. Eu me julgo um fracasso, trago o fracasso pra dentro de casa, e tiro e trago ele pra dentro de casa. Tudo meu pai deixa a minha irmã fazer e eu fico enalhada. Eu não posso fazer isso porque não estou no momento certo, porque é isso, é aquilo... e minha irmã pode.

c) com nenhum dos dois (risos)... é com minha vó que eu me dou melhor. Tirando ela, é com minha mãe, porque eu... a gente briga muito, mas ela me escuta, aí é mais fácil.

4) a) é diário. Igual... a gente chega peto dele... ele trabalha muito... trabalha, trabalha... aí a gente chega assim, vê que ele tá nervoso... a gente nem... as vezes eu peço as coisa ele nem dá certo. Ele fala com a gente com ignorância. Ele não mostra, ele não gosta de mostrar quando ele tá nervoso, ele esconde, por mais que leve na ignorância, ele esconde da gente.

b) minha mãe briga, bate, xinga... se meu irmão não faz a coisa, igual ela manda ele arrumar o quarto e ele não faz, vai lá e briga, bate, xinga palavreado pesado, xinga meus irmãos capeta.

c) minha madrasta quando ta muito nervosa, ela costuma ser ignorante ainda mais comigo, ela costuma ser muito ignorante, eu chego a... igual... eu chego a tentar conversar com ela, ela fala 'não acordei de bom humor', grita, briga muito quando ela ta nervosa: 'fulano não fez isso, fulano não fez aquilo'... ih! Briga muito!

5) –

6) a) ah! Eu sei o motivo de eles terem separado. É assim: ele tinha uma banda de reggae, ele era baterista, era assim... praticamente todos os homens da família. Aí eu nasci, minha mãe e meu pai começou a mora junto, aí minha mãe ficou muito sozinha comigo. Não tinha quem ajuda ela me olhando e ficava muito sozinha e meu pai ia pra banda, só pensava em banda. Aí minha vó foi e tirou minha mãe de casa e levou eu e minha mãe junto com ela, aí foi nisso, meu pai falou pra ela, pra gente volta pra dentro de casa, minha vó não colocou a gente de volta dentro de casa, minha mãe ficou dentro de casa e minha vó deu uma casa pra minha mãe no lote dele, aí eu fui crescendo e foi vindo mais irmão.

b) Isso de mandar recado não. Meu pai fala que tudo que acontece na casa dele fica lá dentro, minha mãe fala que tudo que acontece na casa dela fica lá dentro, eles só falam coisa de mim, igual... meu pai fala que isso não é coisa de menina, aquilo... quando eu vou da CSA da minha mãe ela pedi 'fala pro seu pai me ligar quando cê chega lá'. Eu não gosto dos juntos, acho que pra mim seria um fracasso, num daria certo que meu pai é estressado e minha mãe é de um jeito... Minha vó fala que meu pai não gosta dela, mas não é o que parece, é a mesma coisa, vamo supor, eu não gosto de você e converso assim, me do bem, vou na sua casa, você vem na minha, mas por traz eu não gosto de você. É assim e não é o que parece mesmo.

7) Eu desconto, eu não converso, eu desconto. Eu falo, eu nem queria ter existido, não queria ter nascido, eu converso com todo mundo que tá perto de mim. Mas eu não gosto de falar isso perto do meu pai. Porque eu nunca imaginei meu pai com trinta e dois anos passando mal em cima da cama porque ele não pode dá o que a gente quer. Tudo que minha irmã quer ele dá e pra mim não. Aí eu desconto, eu falto que eu não queria ter existido, já falei que eu ia me matar, suicidar... já pensei em cheirar e fumar, mas nunca fiz isso.

8) Mais ou menos, muito, muito, não... os que mais convivem comigo é pouco. É uns dez. Na escola, amigos mesmo é três da minha sala... risos... a gente costuma uma ir na casa da outra, uma liga pra outra... é... só.

9) Não gosto. Me dou bem com os amigo, mas da escola eu não gosto por causa de algumas pessoas e que eu não to porque eu mudei do ano passado, aí eu não to acostumada. Diretores e professores é muito legal, mas... as vezes... tem pessoas que falam 'vou te pegar no final da aula'.

10) Eu gosto de conversar. Não, na parte de conceito eu considero sim, apesar de fla muito, me considero, mas em nota, conselho de classe, não sou boa.

11) Nunca me falaram nada. Acha bom. Minha irmã não quer estudar aqui. Eu quero ficar por causa das minha colega. Minha mãe nunca falou nada.

12) Meu pai vem na reunião. Minha madrasta fala que ela não é responsável, meu pai é que vem. Ela fala por mais que esteja trabalhando o responsável é ele. Minha mãe não vem porque ela não mora no bairro, ela é de outro bairro, aí ela nem vem, nunca veio.

13) Eu não gosto de apelido e me colocam. Hoje mesmo por eu te vindo de tiara já me colocaram apelido, me chamaram daquele menino do carrocel, o Coquimoto, aí me colocaram... e eu não gosto... porque eu me acho magra, feia, tudo auto-estima baixa, magra, feia, não sou menina que os meninos ficam olhando. Quando tem briga eu não fico no meio pra não da confusão pro meu lado, mas a gente olha, eu não fico no meio, não gosto de ficar fazendo diferença com ninguém pra não ter confusão. Eu já coloquei apelido porque me colocaram. É... ai... esqueci... ah! Mussum e mussumano, porque ele ficou me chamando de amandoim. É aquele menino que vai entrar, ele fica me chamando de amandoim, aí eu não gostei, a gente tava na aula de história estudando os mulçumanos aí eu coloquei. Já briguei também, assim... aqui não, mas porque inventaram que eu tava grávida de menino, inventaram um monte de fofoca de mim, falando que eu estava beijando o menino de outra, aí eu já falei que não, aí eu cheguei na pessoa, a menina começou a bater boca comigo, a me xingar, xingou minha mãe e eu acho assim... não coloco o nome de mãe no meio... aí eu briguei com ela, eu xinguei e aponte o dedo na cara dela, mas bate não, falei que ela era falsa e que quem era piranha era ela.

14) Minha mãe fica sabendo. Eu que contei, porque eles notam quando eu chego nervosa em casa, igual... tenho hora que eu ando sozinha, descontando a raiva em tudo que vejo pela frente, fico nervosa com a escola, fico nervosa com as pessoas dentro de casa... é isso, eles vê.

15) Os pais já no berçário das crianças deveriam ensinar que não pode ficar mexendo com os outros, que... é... por mais que as pessoas mexam com você... você não dá confiança, apesar de eu ser diferente nesse ponto, né?! (risos). Os professores... igual... deviam educar também... eles falam que vem na escola pra ensiná que não é babá... tá... tudo bem, vem de casa a educação, mas acho que os educadores por serem educadores também tem que ajudar.

16) É discriminação com outra pessoa. Eu acho errado a pessoa colocar apelido na outra, por mais que a pessoa leve tudo bem, legal, mas.. eu não acho legal. Eu zoo, eu mexo, eu brinco... quando é comigo eu não gosto, mas quando é com os outros eu brinco também.

17) Gostei, foi boa. Foi uma oportunidade pra eu desabafar.

XIII - Entrevistado 5JO7B6, sexo masculino, com 14 anos de idade, aluno do sétimo ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Eu tenho sete irmãos, três mais velhos e dois mais novos, meu pai e minha madrasta mora lá. Um não é por parte de pai não, é irmão do coração, os outro de sangue.

2) –

3) a) me dou bem. Encontro ela de vez em quando, no final de semana, quando vou lá.

b) também me dou bem, tem briga não.

- c) minha mãe, mas ela foi na justiça e meu pai falou pra mim ir lá só no final de semana.
d) minha madrasta é gente boa.
- 4) a) manda a gente ir estudar.
b) não faz nada.
c) a minha madrasta bota a gente de cartigo, sem sair na rua, aí é ruim né? Meus irmão não faz nada.
- 5) a) Já com minha madrasta, mas não lembro não. Teve discussão. Com minha mãe não.
d) a minha madrasta. Acho chatice, devia só conversa.
- 6) Não. Penso nada.
- 7) Eu converso com meu irmão que morava junto comigo e com minha mãe. É por causa da minha madrasta, sempre, porque quando a gente tá fazendo serviço de casa, sempre tem que fazer o serviço de novo. Ela sempre faz isso, 'ali ta sujo, tem que limpar ali de novo'.
- 8) Tenho uns vinte, são daqui da escola e de fora. A gente brinca de bola, de pique pega, pique esconde.
- 9) É um bom lugar, ela é direitinho, não sei... Gosto porque é legal.
- 10) Educação física. Não, porque fico fazendo bagunça, zoando meus colega, quando (risos) eles faz pergunta besta, não (risos)... quando eles falam alguma coisa assim... quando ela pergunta, eles fala assim... é ... ninguém te perguntou nada.
- 11) Sei lá... eles não falam nada não.
- 12) Vem na reunião... uhm hum... ficam sabendo das notas.
- 13) Uhm hum... mussum, mussumano. O pessoal da escola ficou sabendo espalho pra todo mundo. Foi ruim. Eu coloquei de (risos) de travesti (risos), de amandoim (risos)... brincando, não foi pra valer não... foi com a maioria das menina (risos). Eu irrita elas (risos)... chamo de ruim de mira, de o máscara (risos).
- 14) De briga eles não fica sabendo não.
- 15) Sei lá...
- 16) Mais ou menos... é... racismo... é quando tá te batendo, quando tá te xingando. É ruim.
- 17) Foi boa.

XIV - Entrevistado 5JO8B17, sexo feminino, com 13 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no *bullying* como vítima passiva.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) La em casa é quatro pessoas: eu, meu pai, minha mãe e meu irmão de dez anos. Aí, assim... meu pai sai pra trabalhar cedo, por volta de sete horas, aí minha mãe pega quatro horas e volta por volta de onze e meia assim... ela trabalha em lanche. Aí, assim... quando eu chego da escola, eu fico um tempinho com meu irmão até meu pai chegar, aí depois que ele chega, aí a gente espera a minha mãe chegar, aí... é normal. Eu e meu irmão, tipo assim, a gente discute muito, qualquer coisinha a gente briga. Aí com minha mãe, assim, eu converso mais com ela por ficar mais tempo com ela. Com meu pai converso pouco, só quando ela tá em casa mesmo. Tenho irmãos por parte de pai, tipo... eu vejo eles só no dia dos pais ou nos fins de semana, igual... semana passada meu irmão foi lá. Eu tenho um irmão que é polícia também e eu quase não vejo eles, a minha irmã mais velha do que eu, mas caçula do lado de lá não gosta de mim, eu sei que ela não vai com a minha cara, porque sempre que ela me vê, ela fica fazendo cara de nojo, conversa por conversar, ela... tem ciúme de mim, por isso eu tenho certeza que ela não gosta de mim. A minha outra irmã que tem um filho também não gosta de mim, tenho certeza.

2) A maioria das vezes a gente briga por causa de time, eu torço pro Flamengo e pro Santos, ele pro Cruzeiro, aí eu fico zoando ele, ele me zoando... aí... assim... muitas vezes ele começa a ficar me xingando, aí eu xingo ele... é isso. Aí minha mãe começa a querer bater na gente, mas ela não bate não só ameaça, mas ela fala assim: 'se não parar isso, vou tirar isso, aquilo... não vai ver televisão, não vai jogar bola'. Aí a gente fica quieto. Ele me bate, mas eu não bato nele não, tenho medo de machucar ele.

3) a) com minha mãe... ah... qualquer coisa é com minha mãe! Se eu começar a namorar é com minha mãe que eu falo, sempre assim. Eu tava namorando só que meu namoro durou três dias porque eu briguei com o menino porque ele era muito chato, ele estuda aqui no colégio, era muito chato, não largava do meu pé!

b) ah... tipo assim... muitas vezes eu brigo com ele porque ele começa a pedir para fazer coisa que eu não quero, aí eu começo a falar... 'eu não vou fazer', que não sei o que... assim... tipo assim, eu não combino tanto com meu pai como com a minha mãe, eu não converso muito com ele ... é ... tipo assim... meu irmão tem mais amizade com meu pai do que eu.

4) a) muita das vezes, igual, assim... tem pouco temo que meu pai bateu em mim e no meu irmão, só que ele não bate pra machucar não, ele só bate assim de leve assim, aí ele grita muito comigo e com meu irmão, qualquer coisa ele fala que vai tirar e... desligar a televisão, algumas coisas assim... Igual, lá em casa tem DVD, televisão, som que é dele, ele não deixa a gente encostar nas coisas que é dele, só na da copa, na da sala não pode nem sonhar, só quando ele tá em casa.

b) Ela só grita, ela fala muito! Quando ela tá muito nervosa, ela não é de bater, ela só bate quando tem necessidade mesmo, quando a gente faz uma coisa muito errada, mas assim... igual... ela... hoje mesmo... meu irmão aprontou, ela até na hora de eu sair ela tava falando, falando, falando... nossa, falando muito! Ela fica falando, reclamando de tudo, mas bate, não. Quando precisa, ela dá uns tapa mais ou menos, não é forte, é leve.

c) Ele me bate, ele xinga minha mãe, ele xinga meu pai, puxa meu cabelo... Teve uma vez que eu tava com um roxo na perna que ele me chutou, minha mãe... Outro dia, até meu pai ameaçou que ia chamar o conselho tutelar para ele, aí ele ficou quieto por uma semana, aí hoje ele já aprontou de novo... Aí... falou assim, só fez uma comparação do meu time com o dele, que ele já tá brigando, qualquer coisa. Já eu, quando eu fico nervosa, eu começo a chorar, eu fico xingando, qualquer coisa eu choro.

5) Não... tipo assim, brigar, brigar não, só assim, tipo quando meu pai sai, demora muito ou muita das vezes faz alguma coisa que não agrada minha mãe... assim... discutir, discutir não, mas... só tem... um bate-boca de minutos, mais ou menos assim. Mas, quando tem, minha mãe que começa por motivos assim... não sei o que ele fez lá em casa que minha mãe começou a falar com ele, que ele não podia fazer isso, que não sei o que, aí ele fica mais calado, mas aí quando ele vê que tá muito coisa, ele fala algumas coisas, mas de ele bate nela e ela nele, nunca.

6) c) Ah... não... se eles se separasse eu ia ficar com minha mãe, eu ia morar com ela, tenho certeza, que se acontecesse isso, a minha mãe ia pra casa da minha vó, aí ia ficar eu, meu irmão com minha mãe, e provavelmente, quando minha mãe tivesse trabalhando, minha vó ia ficar com a gente.... Meu pai, provavelmente... não sei... não sei pra onde ele ia não, ou ia pra casa dos outros filhos ou a casa da minha vó lá na outra cidade.

7) Ah... eu não converso com ninguém, eu fico só pra mim. Noutro dia eu tava muito triste, sexta-feira os meninos estavam me zoando muito aqui na escola, aí fiquei triste e não contei para ninguém. Ah... tipo assim... (voz tremula e embargada), eles ficam me chamando de gorda (choro). Isso já aconteceu muitas vezes (choro, silêncio...). Hoje mesmo os meninos tavam até brincando assim (voz embargada), só que eles levam tudo na brincadeira e não pensam que machucam as pessoas (choro e suspiros). E... assim... não é só eu que ele zoa, entendeu, até uma das meninas que não veio hoje, eles também zoam muito ela, mexendo com a cor dela. E um dos meninos que fica zoando, graças a Deus, não veio hoje, mas (choro), nossa... ele é impossível, ele, ele implica até com os professores, ninguém aguenta ele. Eu gostava muito dele, desde quando eu entrei na escola eu estudava com ele, todo ano eu estudava com ele, só que esse ano tá impossível de aguentá ele, ele tá muito estranho, não sei se é porque ele juntou com os menino?!

8) -

9) Ah... tem muitos professores que eu gosto, muitas pessoas que eu gosto, assim... Eu até queria mudar esse ano, no meio do ano para outro colégio, só que eu não sei se a minha mãe vai conseguir assim... Acho boa, legal, tem muita gente boa, tem muita gente chata, umas antipáticas, tem professores que eu não aguento a chatice, já tem umas que tem dias que elas estão legais, tem dias que elas estão chatas. Mas tem uma professora aqui que eu gosto muito dela, que, assim, acho que não vou ter mais oportunidade de estudar com ela, mas eu adoro ela.

10) O que eu mais gosto? Ah... não sei... não sei...

11) A minha mãe acha uma boa escola, o meu pai também, só que assim... a minha mãe também... o meu irmão estuda aqui na escola... aí minha mãe queria, no meio do ano, pô a gente no outro colégio, só que o meu pai, ano que vem, quer colocar a gente noutro por causa do meu irmão polícia lá... Só que assim... eu também não sei como é que vai ficar... só sei que... assim... eu tô torcendo muito pra esses meninos nenhum deles passar de ano, eu tô torcendo muito mesmo.

12) Minha mãe vem na reunião quando é no sábado. Igual, assim, teve aí uma reunião um dia, não sei o dia que foi não, só sei que foi de noite, aí não deu pra ela vim, nem deu pro meu pai pode vim, aí no sábado teve a segunda chamada, aí ela só pode vim mesmo na segunda chamada por ser de manhã. Ela elogia minhas notas por eu não ter tirado vermelho, não ter sido reprovada... essas coisas assim, olhar meu caderno ela não olha porque eu não gosto.

13) Igual... assim... a outra menina eles ficam chamando ela de beijuda, aí até... um desses meninos também é negro, mas ele zoa tanto ela, tanto, por ela ser negra... chamam ela de boneca de areia, essas coisas, nossa... mas ele zoa muito ela também. Não é só eu, ele zoa ela. Tem mais uma menina também que ele fica zoando, chamando ela de pamonha, essas coisas... Só que essa eles começaram a zoar pouco tempo, mas eu e a outra menina que é negra, a gente são as mais zoadas da

sala e isso quando eles não resolvem zoar entre si, um deles fica assim: ‘olha a minha orelha, olha meu nariz, olha a sua barriga’, fica zoando por causa das manchas que eu tenho, essas coisas (choro, suspiro). Eu fico triste, muito triste assim, mas eu não fico pensando em fazer nada não, porque se eu bater neles, nossa... eles acabam com a gente. Só da gente brinca com eles tratam a gente assim, imagina se a gente encostar a mão neles?!

14) Eu não falo nada não, eu deixo quieto, entendeu... ah... deixo só pra mim. Se for comigo, se for com algum colega meu aí eu conto... quando dá de ter briga, as meninas puxam o cabelo uma da outra, ficam descabeladas, quase arrancam a cabeça uma da outra, é muito doido.

15) Na minha opinião... ah... eles podiam ficar sem esses filmes de lutas, essas coisas de briga assim... é... não ficar mimando, mas também não tratar com ignorância, assim...

16) Sei... acho até que pode ser processado, né? É um negócio assim. Acho que ninguém é perfeito, todo mundo tem defeito, e acho... igual... assim... na escola igual ao que eles tão fazendo comigo, com as outras meninas, eu acho que... tinha assim... que levar uma advertência, umas coisa assim... porque já foram até na sala falaram sobre essas coisas, mas não resolve porque eles não param, igual... foram falar sobre o negócio de manta, não adianta, que não resolve, continua dando manta, é tipo assim: se fala alguma coisa errada, aí junta a sala inteira e te dá tapas assim, na cabeça, oh?! (bate em si mesma, sobre a própria cabeça mostrando como é), cada um dá um tapa, entendeu? Acho a maior infantilidade, né... mas... semana passada foi só um vez que brincaram de manta na sala. Eu acho um absurdo, né... ao invés de ser amigo vai ficar brigando? Brigando por pouca coisa... o ano retrasado tinha uma menina querendo brigar comigo, só que eu não briguei com ela, não sei brigar, não tenho nem força assim... e com ela não briguem também porque eu gostava muito dela... só que ela queria briga comigo porque os menino falou que ela tinha que briga comigo, só que a gente não brigou.

17) Foi boa mesmo eu ficando triste de novo. Quero que tudo, todas essa coisa acabe.

XV - Entrevistado 5JO8B19, sexo feminino, com 15 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no *bullying* como espectadora.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Contano comigo, cinco pessoas. Ah... lá em casa é... meu pai, minha mãe e meus dois irmãos, um de 18 e uma de dez anos. Eu que tenho quinze. Aí... meu pai trabalha de manhã, aí fica nós quatro lá dentro de casa, assim, normal, entende?! Aí de tarde eu venho pá escola, meu pai chega em casa, aí eu só vejo meu pai a noite mesmo. É muito difícil vê o meu pai. Minha mãe... (risos), meu irmão é muito assim... ele tem 18 anos, aí ele gosta de ficar mais assim no quarto dele, ele bagunça muito o quarto dele, sabe?! Aí minha mãe vai arrumar o quarto dele, ela fica nervosa com ele, ela arruma de novo, ele bagunça... ai... nossa todo dia... Tem muita discussão entre os dois. Eu já fico na minha, não gosto de discutir, brigar não... fico mais na minha, mas quando eu fico nervosa também... aí eu não fico discutino não, já vou falar cm minha mãe: ‘não tô gostando disso e disso’, falo com minha mãe, brigar assim... não sou disso não.

2) –

3) a) eu e minha mãe, nossa! Se dá muito certo, porque eu conto tudo pra ela, as coisas que eu faço, ai... me abro muito com ela. Eu e minha mãe se dá bem.

b) Com meu pai, não... só com minha mãe. Ah... não converso muito com meu pai sobre as coisas que me abro com minha mãe não... ah... converso com ele... sobre... escola, esses negócio sabe?!, quando eu saio com meus amigos, mas fica conversando muito com meu pai não converso muito não.

c) minha mãe, claro!

4) a) grita, so sabe gritá! (risos). ‘ah, sai de perto de mim’, fica gritando assim, entendeu? Nossa! Meu pai, meu pai é igual a minha mãe, fica nervoso à toa, mas minha mãe é mais nervosa, meu pai é mais de gritar.

b) grita também. Antigamente, quando a gente era mis nova, minha mãe , mais bagunceira, minha mãe batia. Mas agora não faz isso não. Conversa, põe de castigo.... mas tem um tempão que não, a ultima vez foi ano retrasado (risos), porque menti. Eu na escola da minha amiga, só podia entrar os alunos de lá, aí só que eu não sabia, aí minha colega me chamou, ela pediu para eu colocar blusa de uniforme da escola, eu falei, tá. Te um interclasse, só pros alunos de lá, de manhã, aí eu fui só que eu falei com minha mãe que eu ia lá, que teve interclasse, aí depois a diretora me chama, aí a moça que fica na porta, ela já trabalhou aqui na escola, aí eu conheço ela, aí ela perguntou se eu estudava lá, minha colega falou: ‘fala sim, fala sim!’, aí falei eu estudo. Aí eu tive que inventá... aí... eu falei: ‘aí meu Deus do céu, menti’, que né... antigamente eu não era batizada não, não sabia direito, sabe?!, aí eu menti né? Eu pequei, aí ligaram para minha mãe falando que eu tava lá e que eu não era da escola, aí eu fui embora pra casa, falou pra eles me liberar que queria ir embora, eu podia fica lá ainda né?, eu falei assim que não, que eu queria ir embora. Cheguei em casa, minha mãe me bateu e me botou de castigo, fiquei um mês inteiro de castigo (risos), nossa!

5) a) não, b) não...

d) minha mãe, sempre minha mãe. Ela inventa algumas coisas pra brigar, parece, sabe?, Ainda mais quando ela tá nos dias, sabe?, nossa! Aí eu arrumo tudo, se faltar alguma coisinha, ela começa a falar e gritar, eu ‘tá, tá bom’. Aí depois ela começa com meu irmão também. Nossa... sempre minha mãe, sempre ela! Ah... mas... ah... assim... termina bem, sabe? Mas depois ela começa de novo, aí deixa pra lá... é assim.

6) c) nossa! Horrível! Já, já pensei nisso... ah... não seria muito ruim... igual, por exemplo, ficar sem pai... as mães que geralmente ficam com os filhos, né?, quando termina, né?, sei lá... acho muito estranho, né?, só com a mãe, com o pai não... hum...

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) minha mãe, sempre ela!

8) Nossa... tem... mais de vinte, muito mais! Tenho mais amigo fora da escola, né?! Daqui da escola, só tenho... tenho pouco, uns quatro, um que eu considero mais é da minha sala. A gente bota o bate papo em dia, os amigos do lado de fora, a gente fica lá na rua perto de casa, sentado conversando, só isso.

9) Ah... legal... antigamente era melhor, agora tá mais assim... já era pra eu ter saído, eu repeti duas vezes. Antigamente era... tinha mais professores, conversava mais, agora tem professores que não conversam, professores que xin... não xingam, mas que quer e dá pra saber, o professor fica querendo xingar os alunos, já não era assim antes, era mais aconchegante, sabe?, agora não tá mais.

10) Na escola... hum... educação física e ficar na biblioteca.

- 11) -
- 12) Vem... ela sempre vem nas reuniões, acompanha tudo, tudo!
- 13) Aqui na escola não, nunca fiz, do lado de fora já, mas eu aviso que é brincadeira.
- 14) Não... eu conto pra minha mãe, sabe?, mas confusão... comigo... nunca aconteceu não... Nossa... eu vejo sempre na minha sala, lá tem muito apelido. O pessoal fica chateado, a L..., essa que veio aqui, sabe?, essa gordinha... ela tem apelido, tudo mundo chama ela de pudim, sabe?!, Nossa... ela fica triste, ela não gosta não. Deu pra perceber que ela não gosta.
- 15) Botando disciplina, falando o que é certo e o que é errado, mostrar também pras crianças, por exemplo tem uma pessoa que eu tô vendo que tá fazendo errado e a criança vai e faz também, e vê que tá errado, aí tem que ir lá e fala, entendeu?! Não tem que deixar eles cair no poço não, tem que falar mesmo.
- 16) Ah... que bota apelido... que xinga a professora, briga. Ah... eu falava pra não liga pra essa pessoa não, não vale a pena, se eu vir os pais eu falo: os meninos tá fazendo gracinha com ela, ajuda ela.
- 17) Foi boa. Legal.

XVI - Entrevistado 5JO9A6, sexo masculino, com 16 anos de idade, aluno do nono ano. Atuação no *bullying* como vítima provocativa.

Parte I: Relacionamento Familiar

- 1) e 2) Lá em casa somos quatro pessoas, eu, minha irmã, minha mãe e meu pai. Tenho mais irmãos, mas só por parte de pai. Mas lá em casa só seu e minha irmã mesmo. Minha irmã é mais velha, tem vinte anos, eu tenho dezesseis. Amigos somos sim, mas as vezes acontece uma rivalidade, briga, sempre tem uma coisa pra briga, mas por motivos bobos, por causa de um pizza, chinelo... motivos bobos assim, mas nunca fica uma eternidade brigado não. No dia-a-dia, quando ele tá bebendo (levanta a voz com forte exclamação), ele é uma pessoa, quando ele tá são, ele é outra pessoa, ele não é uma pessoa maravilhosa como ele tá sóbrio quando ele tá bêbado não. Quando ele ta são, ele não conversa com ninguém, só fica no quarto trancado, faz ignorância com nós, com nós lá, com minha mãe, minha irmã e eu. Quando ele tá bêbado, ele já um amor de pessoa, sai com a gente, passeia, não briga, não discute, não faz nada.
- 2) (junto com a número 1)
- 3) a) muito bem no dia a dia, nunca discuto com minha mãe.
b) faço o máximo para não discutir com ele também... normal... brinco com ele, ele brinca comigo, normal também.
c) minha mãe.
- 4) a) qualquer coisinha que minha mãe faz de errado, ele xinga ela, chama ela de burra, chama ela de um montão de coisa, xinga ela. Quando ele ta são, ele é assim, ignorante. Comigo ele não é muito não, que eu sempre... ele vem, fala alto comigo, eu falo alto também, ele fala alguma coisa, eu respondo também, nunca fico quieto não. Não é todo dia que ele bebe não, é mais no final de semana, tem dia que ele é bom quando tá são, não é ignorante não, brinca, diverte...
b) só fala muito, aí eu vou pro meu quarto, ai ela para de fala também. Eu deixo ela fala sozinha; de vez em quando eu rebato ela também

c) já minha irmã é ignorante também, puxou meu pai, é muito ignorante, qualquer coisinha tá brigando, fala alto, começa a querer bate, aí eu saio de perto para não bate também.

5) a) ele chama minha mãe de burra, xinga ela, ela fica quieta, deixa ele fala, ele perde a graça e então ele vai pro quarto e fica lá. Discute mais com minha mãe.

d) Sempre ele, quando ele tá nervoso, qualquer desculpinha é para gritar e falar alto, qualquer coisinha ele irrita, sem motivo. Minha mãe faz uma coisinha de errado ele tem que gritar, se minha mãe não faz janta na hora certa, ele tem que fica gritando ‘não sei o que... você não fez nada’, ele começa a fala.

g) Ah... eu acho que fica um ambiente... assim pesado, né?! Eu falo com minha mãe ‘nossa, mãe, não sei como você aguenta isso tudo?’. Eu não aguentava não, eu ia embora de casa, mas ela diz que não pode ir embora por causa da gente, mas... é isso... Ela segura as ponta até ver onde que dá né?! Ela deveria separar dele.

6) c) ah... eu acho que nossa vida ia ser melhor, mas eu vejo eles separado e não vejo, quando eu vejo, eu vou senti falta dele e quando tô com ele dá raiva. Então não sei o que é melhor não, se separa ou fica junto.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

7) Quando eu não tô bolado como minha namorada, eu procuro ela, quando eu tô bolado com ela, eu procuro minha mãe ou fico trancado no quarto mesmo, resolvendo sozinho, escuto música e fico ali pensando no que tem que fazer.

8) Amigo, amigo mesmo, que eu posso contar, pro que der e vier, é dois que mora em JF e um que mora em Manhauçu. Posso conta mesmo, pro que der e vier. Costumo sair, beber cerveja, lanchar, essas coisas assim... festa...

9) Essa escola é maravilhosa, né?! Desde a primeira série que eu estudo aqui, eu não tenho que reclamar não. Eu ia embora ano passado, mas a minha mãe, a diretora falou pra eu não ir embora, pra eu formar aí, aí eu formei agora... porque eu queria trabalhar de tarde e estudar de manhã eu ia trabalhar mais de DJ igual ao meu irmão por parte de pai.

10) Vê os colegas que eu gosto aqui, vê as ‘fessoras que eu gosto aqui, tem até uma ‘fessora que chama eu de filho aqui, eu chamo ela de mãe, toda vez que ela me vê eu tomo bença ela... Gosto mesmo de vim vê os professores e... Bom, bom eu não sou não... acho que ninguém é bom aluno, né?!, eu né?, praticamente não sou, porque tem uma ‘fessora que me irrita, não vê que eu tô certo, bato de frente, sempre bati de frente com o ‘fessor...

11) Minha mãe acha que é a melhor escola da região aqui, porque não tem bagunça, porque não tem pilantra igual na outra aqui... vagabundo. Por isso. É por isso que ela gosta e falou pra eu formar aqui primeiro, depois ir pra outra porque só tem até o nono ano só.

12) Eles acompanha, ela sabe que eu faço...

13) Por causa de besteira a toa eles briga, briga por causa de minino, por causa de minina, coisa assim mesmo... Por coisa que não empresta, os recalcado aí não empresta as coisa, aí tem briga. Por apelido já aconteceu também, comigo não, mas com os outro já. É... já coloquei sim... a gente brinca assim, sempre coloquei desde o ano passado, as vezes, ela fala ‘esse não’, aí eu fico encarnando nela, mas não tem nada a ver não... No corredor ali em cima mesmo eles ficam dando banda nos outro, aí eu falo, é só não me encostá, tá bom, não brinco com os outro assim... Nos outro pode dar, não dando em mim tá bom.

14) Eu conto. As coisa tudo que acontece aqui...

15) Ensinar a respeitar as pessoas mais velhas, os pais, os avós, as pessoas... respeita tudo. E assim... o mais certo mesmo que eles fala é dá três tapa pra criança aprender e não fazer isso mais. Minha mãe fala: 'eu te dei três tapa pra você aprende, pra você para'. Aí foi assim, nunca mais foi assim, né?! Já adolescente é ensinar não usá droga, pô qualquer coisa na boca, ficar andando com qualquer pessoa, com esses malandro aí, né?! Que só quer fazer isso e fica falando é uma vez só, é uma vez só, você experimenta, só que não vai ser uma vez só, vai ser vício, se experimentar já era...

16) *Bullying* é uma pessoa ofende a outra, né?! Então... pô apelidos, encher o saco da pessoa. Pra mim, eu acho isso. Se uma pessoa brinca, ela tem que aceitar brincadeira também, só vou pô apelido que a pessoa dexa, vou pô apelido que a pessoa não dexa?! Quem recebeu tem que chegar e falar que não gosta, se não gosta, se não deu liberdade tem que chegar e falar. Se fosse com algum colega meu, eu chegaria e falava, não brinca assim não, ele não brinca com você assim, por que vcoê vai brincar com ele? Se parti pra ignorância, eu seria ignorante também.

17) Foi manera!

XVII - Entrevistado 5JO9A10, sexo masculino, com 15 anos de idade, aluno do nono ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Ah... é bom porque eu tenho dois irmãos, dá pra mim brincar com minha mãe também.... mas ela trabalha, né?! De dia, ela trabalha de manhã e de tarde; meu pai fica o dia inteiro comigo, ele trabalha de noite. Meu irmão, assim... é um irmão e uma irmã, só que eu não vejo, não vejo tem uns cinco anos. Ah... porque eu não vejo, nem meu pai também, não sei, não queria fala é coisa do meu pai, dele prá lá, ela tem a mesma idade que eu, 15 anos. O meu irmão tem dez, aí eu não convivo com minha irmã, aí eu sou o mais velho.

2) Entre meus pais, eles resolvem entre eles pá lá, eu e meu irmão deixa pra lá. Eu e meu irmão a gente briga também, por causa de coisa, lá na rua lá, (risos), dentro de casa, por causa das minhas coisas e das dele... ah! Assim (risos)...

3) a) com minha mãe, bem
b) com meu pai, também, mesma coisa
c) com minha mãe (risos), mesmo ela me batendo, só que eu tô errado...

4) a) ele só fala só. Não me bate não. Só minha mãe, mas de vez em quando. Mas quando não é comigo ele fica calado, quieto na dele. Só fala algumas coisas, comigo ele fala muito, bate com chinelo, corre atrás de mim porque eu corro dele, mas só as vezes (risos)...

b) ah... quando é com a gente ela bate com chinelo... mais que meu pai. Se a gente fez uma coisa muito errada é de cinto.

c) meu irmão desconta em mim.

5) Muitas vezes eles já brigaram, ainda mais quando eles separaram, aí... duas vezes, quando... tem uns dois anos e em uma e a outra quando eu tinha cinco anos. Na primeira eu não sabia o que que era, mas na segunda, foi mei... foi mei ruim, né?! Mas eu já tinha acostumado e eles voltaram, tão juntos de novo. Foi mei ruim porque minha mãe e meu pai não e via direito, quando ele ia lá em casa, só brigava, ficava discutindo... Eu fico quieto, acho ruim porque quando eles discuti, eles não se fala, aí é ruim, né?!

6) Já abordado na quinta resposta.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Com meus amigos... com meus amigos mais próximos de mim, em quem eu confio.

8) Risos... ah... amigos de perto de mim assim, uns quinze mais ou menos... Ah... varia... eu brinco, saio com eles, depende do horário, de onde que tá... a gente vai no cinema, shopping, na casa um do outro, joga vídeo game, joga bola na rua... só... eu acho...

9) Acho que minha escola é boa, mas não mudou tanto, eu estudo aqui desde a primeira série, desde a primeira série eu estudo aqui, não mudou tanto não, assim... o ensino não mudou muito não.... É bom.

10) Conversar no recreio, o que der pra falar, a gente fala. Mais ou menos, faço muita bagunça na sala, converso muito, já fiz muita coisa já. Igual, assim... tem um menino que é cinco anos da mesma sala que eu. Na sexta série, eu ele e mais um, a gente foi na outra sala e o pessoal tinha deixado a sandália lá e ido pra educação física, aí eles deixaram a sandália lá na sala, aí nois pegou a sandália e tampou na luz e quebrou a luz, eu e esse menino, nois fizemo muita bagunça (risos), tem cinco anos já, é da mesma sala que eu, aí colocamo a culpa em menino que não tinha nada a ver... aí o menino teve que pagar (risos), ele pagou e não tinha nada a ver, ele tava com gente, mas ele só viu, aí ele que teve que pagar.

11) Acha boa.

12) Só de vez em quando.

13) Já... aqui na escola, só que eu bato também, minha mãe fala isso. É porque... na educação física, no futebol, esse ano eu já briguei já; jogando bola assim... um ficou bolado com outro e começou a briga com soco, só soco. Já xinguei muito também (risos). Ah... de todos, assim... ‘vai tomar no c...’, ‘vai te fuder’, todos! Agora assim... de alguma coisa que alguém não gosta só de vez em quando, só quando tô com meus colega só. Mas já coloquei apelido sim (risos), chamei de terremoto a menina ali, porque ela é muito gordinha (risos). As vezes eu me arrependo do que faço porque as vezes se for comigo não vou gostar... aí é melhor não fazer né?!

14) Minha mãe sabe, sabe das coisa daqui sim. Ela fica sabendo só se a diretora fala alguma coisa quando é assim de briga. Aí ela fala: ‘se te bate, cê bate. Se não te bate, não fizer nada, cê fala pra diretora’, aí quando é assim eu não falo pra ela não.

15) Conversando mais, o pai e a mãe. Conversar mais.

16) Sei sim, mais ou menos. É... tipo... colocar apelidos em alguém por causa da cor da pessoa, por causa de deficiência, assim... se mexer com a pessoa. Eu acho que é isso... Ah... eu... acho errado, errado mexer com a pessoa com deficiência, você poderia ter a mesma deficiência que ela, ser do mesmo jeito que ela.

17) Manera.

XVIII - Entrevistado 5JO9A20, sexo feminino, com 15 anos de idade, aluno do nono ano. Atuação no bullying como vítima-agressora.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) São quatro pessoas, mais o namorado da minha mãe. Minha mãe xinga bastante. Tenho três irmãos, todos mais novos. Eu acordo cinco horas da manhã pra fazer o Promad. É um curso que você faz pra poder trabalhar de carteira assinada em empresa, ter direito a férias e décimo terceiro. Dura trinta dias e estou no décimo segundo. Minha mãe xinga bastante que eu falei... é... ela fica nervosa e aí qualquer coisinha que a gente faz ela xinga a gente. O namorado dela dorme lá em casa com ela e sai cedo pra trabalhar, sai antes de eu acordar cinco horas da manhã. Aí ele chega de noite, umas 7 horas. Ele não mora lá não, ele dorme lá. Já o meu pai é separado da minha mãe fez dois anos.

2) Ah... é legal assim... porque... como que eu vou dizer... minha mãe segurava a gente bastante e meu pai liberava a gente pra sair. Mas depois que eles separaram minha mãe tá deixando a gente sai, ele manda dinheiro pra ela e tal; ele leva a gente pra sair raramente, mas leva. Sinto bastante falta dele... porque quando ele separou da minha mãe, eu tomei ódio dele, ele ia lá em casa e u passava direto, minha mãe falava 'seu pai tá aqui'. Eu percebia e passava direto, de tão nervosa que eu ficava com ele. Mas... do que eu sinto falta... é a presença como papel de pai (voz baixa), porque ele me incentivava a fazer as coisa, hoje... nem liga mais direito, sumiu.

3) a) bem
b) bem também
c) com meu pai, mas agora tô me dando mais com minha mãe. Acho que é por isso que eu sinto a falta dele... Sou apaixonada pelo meu pai, mas ele sumiu...

4) b) risos... ela, uma vez, ela ficou tão nervosa que ela pegou o cabide e saiu batendo em tudo, mas ela ficou com medo de bater na gente porque ela sabia que ia machucar, mas ela saiu batendo em tudo, bateu na televisão, mas não quebrou não... (risos)... E... quando ela não quer briga, ela entra pra dentro do quarto dela e começa a chorar.

c) risos... meus irmãos junta em cima de mim e me bate, eu bato neles também... sei lá... eles tão muito brigão agora, aí eu fico mais na minha, não brigo não... sei lá... eu fico é mais na minha agora. Eles brigam mais por causa de televisão. Lá em casa tem sky, quando eu quero assistir um programa lá de música, eles não quer, quer assistir desenho. Quando eu quero... é... jogar vídeo game, eles quer jogar vídeo game também, aí eu desço pra ver televisão, vem o outro e quer assistir televisão também, aí fica complicado. E eu quando tô muito nervosa, eu choro, depende do motivo, se for de briga, eu bato bastante depois do choro, sei lá... Se for com a minha mãe, eu saio resmungando bastante, bato a porta do meu quarto e começo a chorar lá dentro.

5) Acho horrível, porque... sei lá... ele sumiu, não apareceu mais. Não fala direito com a gente. Agora ele disse que vai aparecer aí esses dias, mas... não tô contando muito com isso não, não tô levando muita fé não, porque ele tá demorando muito. Eu sei a história todinha (risos) é muito engraçado, mas é triste, não porque... é assim: minha mãe foi casada com ele 14 anos, aí ele saía e deixava minha mãe em casa, não ficava com ela nem cá gente. Aí teve um dia que minha mãe pegou ele com um outra mulher, aí minha mãe bateu na mulher, rasou a roupa dela... e ele tá lá com a mulher até hoje. Minha mãe bateu nele também, ele pulou o muro da casa (risos). Foi assim: minha mãe bateu na porta, ninguém atendeu, aí minha mãe abriu a janela e entrou, aí pegou os dois lá, não sei fazendo o que, né?! Ela não falou, né?! Aí ele saiu correndo, pulou o muro, o portão de traz... minha mãe bateu nela lá... aí... depois minha mãe foi embora nervosa. Na verdade, a minha tia levou ela lá, minha tia sabia, a irmã do meu pai. Aí ela foi, levou ela lá e chegou lá, minha tia foi, separou minha mãe depois que ela viu que o negócio tava feio mesmo, aí ela separou minha mãe, minha mãe foi embora nervosa, xingando como sempre... sei lá... Aí chegou noutro dia, ele foi lá, aí ela falou que não queria mais nada com ele e pronto, ela pegou as coisas dele e jogou lá na rua.

g) Separar... separa...mas, se presente na família, né?!, ir sempre levar bastante pra sair. Sê presente. No meu caso acho que não devia ter sido de outra maneira, meu pai mereceu, mas... levando em conta eu e meus irmãos, deviam ter sentado, conversado sem muito show, mas mereceu.

6) Respondido acima

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Eu... com ninguém, só com meu amigo Lucas. Quando ele aparece também, né?! Ele não é daqui não, ele já estudou noutro colégio, mas não é daqui não. É meu vizinho, mora lá na rua. As vezes eu falo com meu irmão também, mas muito pouco, muito pouco mesmo com minha mãe, eu tenho medo de falar as coisas pra ela, não sei qual vai ser a reação dela, tenho medo dela. As vezes, quando dá prá falr, eu falo, mas... é muito pouco. Eu tenho bastante medo dela.

8) Amigos, amigos... tenho três. Amigo, amigo mesmo tenho o Lucas, a Caroline, o Célio e minha mãe. A gente costuma saí, não muito, mas de vez em quando a gente sai, as vezes a gente fica lá na rua conversando... aconteceu uns negócio aí... sei lá... muito estranho (risos), não vou contar não porque tenho vergonha, é muito sério. Aí eu falei... eu tava conversando até ontem com ele, e ele falou que sente a mesma coisa... sei lá... parece que a gente nasceu pra ser um amigo do outro, tudo bate um com outro, sei lá... mas ele é... (risos), ele parece meio... gay (risos), mas não é não, pelo menos eu acho, né?!

9) Boa, mas tem coisa que precisa ser mudada bastante... sei lá... o modo que... ano passado teve uma coordenadora aqui, esse ano também tem e é uma vice-diretora, que ela não fala, ela grita com as pessoas. Ela não conversa, ela já chega gritando, agredindo verbalmente, mas sei lá... Isso tem que ser mudado, o modo de ela falar com as pessoas... Ela não fala, ela grita, dá tirada... aí depois reclama que o aluno é ignorante, porque o aluno vai responder da mesma maneira, eu responderia.

10) Aqui... o que eu mais gosto? Nada! Nada... Não... assim... na verdade eu gosto de conversar e jogar três cortes, mais nada.

Sim... acho que sim, mas não muito, mas no ano que eu repeti, a sétima série, ano retrasado, eu faltava muito por um problema aí que eu tive na cabeça, que diz a minha mãe que é um desviozim, né?! Aí eu tomava remédio, dava dor de cabeça, aí eu faltava muito. Eu parei já de tomar, to fazendo tratamento ainda (risos), mas não sou louca não...

11) –

12) Acompanha, acho que depois que eu repeti, ela marcou mais em mim pra eu não repeti mais. Nota ruim (risos), eu não mostro ela não, mas quando eu tiro boa, eu mostro (risos). Eu falo (risos) ‘que que eu vou ganhar com isso?’, aí ela fala: ‘nada, um parabéns’ (risos). Eu falo ‘só isso?’ Eu tento ganhar alguma coisa, mas não dá em nada não (risos).

13) Teve um monte de coisa no ano que eu repeti. Teve um menino da minha sala, a tente tava rindo, acho que era da minha colega que a gente tava falando bobeira, a gente tava rindo, aí ele pensou que eu tava rindo dele, aí chegou ali na escada, ele foi e me deu um tapa na cara, eu fui e dei outro nele, né?! Fiquei nervosa, dei outro nele, aí ele me jogou escada a baixo, eu falei que ia matá ele... nossa! Eu tava muito revoltada! Aí minha amiga Caroline, que estudava aqui que não deixou eu ir pra cima dele, foi cinco meninas me segurando, não me deixando ir pra cima dele. Aí a mãe dele veio aqui, falou ‘meu filho, já falei pra você não fazer isso’... acho que ela deu uma sonsa.Ultimamente... foi ano passado, eu briguei, mas... nada de mais, a gente tava brincando e do nada, começou a me bater e aí eu comecei a bate também. Sei lá... um mexendo com outro... ficava colé pra lá, colé pra cá (risos), a toa assim, aí um dia eu fui brincar com ele assim, aí ele foi me batendo, aí eu bati nele também, à toa... esse pessoal são todo é desregulado da cabeça. Nossa! Eu tô sofrendo muito *bullying* esse ano, jã me chamaram de sapatona, já me chamaram de biscoito por causa do meu namorado, o apelido dele era cara-de-bunda, agora é biscoito, né?! Agora, antes de eu descer e falar com você, já

tavam me chamando de biscoito, sei lá... O apelido que eu mais gosto é carioca e em família o apelido que eu tenho é neguinha, eu fico até com vergonha, minha mãe fica assim: 'oh minha neguinha', eu acho engraçado, mas falar disso assim eu tenho vergonha... lá no meu bairro é carioca, eu gosto, aqui o menino da minha sala até mora no meu bairro, ele sabe, mas aqui ele fica na sala, na escada me chamando de biscoito, dá um nervoso, aí eu fico 'depois cê vai ver, depois cê vai ver'.

14) Eu contei, mas eu conto rindo, eu fico nervosa a toa e começo ri, fico rindo do que aconteceu.

15) Bom... a maneira correta... na minha opinião... adolescente sempre aí falar que é chato... Eu acho que tem que cortar o que ele mais gosta, botar pressão, um medo nele pra parar ele, aí ele para. Pra mim, acho que é isso, porque se me colocar medo eu páro. Batê não adianta não, eu vou continuar fazendo. Briga não, sentar e conversar é bom também, eu acho isso.

16) Sei... Preconceito, pelo menos eu acho. Sei lá... eles me chamam de sapatão, não pode ver uma sapatão que... sei lá... tem trauma, não sei... sei lá... falei de uma situação que eu tava comentando aí com minhas colegas, os meninos escutaram e começaram a me chamar de sapatão. Assim, lá no meu bairro, tem um a mercearia que tem uma sapatona lá, ao invés de falar sapatão é melhor lésbica, né?! Então... tem um lésbica lá, aí ela fica dano em cima de mim, só que eu não dô bola não, só compro e saio rapidinho, mas quando ela tá, eu costumo pedir meu irmão pra ir. Aí eu falei isso e tava desenhando um negócio, tipo uma máscara assim, só que o formato era tipo fazendo um corpinho, aí começaram a me zoar depois disso, aí eu continuei fazendo a máscara e mostrei até e tudo, mas eles começaram a me zoar, sei lá... Parece que eles tem preconceito... Acho isso bastante desagradável, porque que tem a pessoa ser lésbica? Gay? Que que tem a ver? Não tem nada a ver isso... então. Minha prima é bissexual, ela tá grávida, vai ganhar esse mês e namora uma menina, só que ela fez errado também, a menina viajou, ela foi e ficou com um menino e engravidou, só que como a menina gosta bastante dela, tá junto até hoje... ela vai ganhar esse mês.

17) Foi boa, né?! Pra falar esses assunto, é bom.

XIX - Entrevistado 5JO8B21, sexo feminino, com 16 anos de idade, aluno do nono ano. Atuação no bullying como espectador.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Mora sete pessoas, sem contar minha vó e meu avô. Porque na casa de baixo mora eu, minha mãe, meus irmãos, meu tio e meu padrasto. Aí em cima, mora minha vó e meu vô. Meus irmos são mais novos, de 12, 7 e de um ano e pouco. Meu pai está preso, tem muito tempo... tem um tempão que eu não vejo ele.

2) Nem é... nem tem muita discussão não, só meus irmãos que ficaram brigando, ficam discutindo, eu sou mais tranquila, eles começam a brigar nem fico lá, não discuto não. Qualquer bobeirinha eles ficam discutindo, um pega coisa do outro, aí um bate no outro, o outro vai e devolve... já minha mãe e meu padrasto, quando eles começam discutir eu saio de perto, tiro as crianças, mas isso é mais difícil, eles quase num discute.

3) a) ah... bem... só de vez em quando que ela fica nervosa e briga comigo, quando eu faço as coisa errado (risos), quando ela manda eu ir faze as coisa que eu não faço (riso) aí ela fica nervosa, começa a brigar.

b) meu pai era muito grudado comigo, ele tinha muito ciúme de mim, mais do que minha mãe, agora... a única comunicação que a gente tem é carta que a minha mãe manda pra ele aí... aí quando a minha mãe fala alguma coisa de menino, assim, brincando com ele, aí ele fica nervoso, fala um montão de coisa... as vezes ele telefona também, mas já tem um tempão que eu não falo com ele, porque aí tem

uns tempo assim que eles deixam liga pros familiares, agora acho que ainda não chegou a vez dele não.

c) eu me dou bem com meus avós, tem vez que eu me dou melhor com eles do que com minha mãe, com a minha vó mais ainda, minha vó é colada comigo, não sei se é porque é primeira neta, minha irmã fica até falando que minha vó gosta mais de mim do que dela.

d) minha relação com meu padrasto... é... é boa também... igual... a minha irmã também não é filha dele, mas ela fica chamando ele de pai, eu não consigo, eu já tive pai até certa idade, depois que ele foi preso, ele... até quando eu tinha uns 12... não... ele já tava preso, porque ele foi preso aqui em Juiz de Fora depois que levou ele pra Belo Horizonte. Aí depois que ele foi lá eu não vi mais ele, quando ele tava aqui ainda, minha mãe me levava pra mim ir lá, sabe? Eu não gostava muito não, só que tinha saudade, aí eu tinha que ir lá ver ele. Mas lá... aí já tem um tempão que eu não vejo ele.

4) a) Nada... ele entra pro quarto e começa a chorar, mas ele só fica mais de cara feia só.

b) Ela começa a gritar, fica xingando um monte de coisa, só não xinga palavrão por causa da igreja; quando meu irmão começa a chorar ela fica nervosa o dia inteiro, aí eu tenho que tirar ele de perto dela...

c) dentro de casa meio tio é tranquilo, se ele fica nervoso é com alguém lá da rua, dentro de casa ele não fica nervoso não.

5) Com meu padrasto as vezes eles brigam, fico falando pra eles pará, mas não adianta, aí eu saio de perto.

6) Meu pai separou da minha mãe quando ela tava grávida de mim, só quando minha mãe ia me levar na casa dele que eles conversavam, fora isso... nada não.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Ah... depende, quando eu tô perto de pessoas que é de mim, que eu posso contá as coisas aí eu conto, mas tem vez que eu prefiro fica quieta dentro de casa sem sair, o dia inteiro, melhor que saí falando, que já aconteceu um monte de vez que eu tava triste assim, aí eu contei pra pessoa aí ela contou pra um monte de gente, aí depois, né...

8) Tenho bastante... que é mais apegado assim não, mas eu tenho bastante (risos). Ah... a gente vai no cinema, pizzaria, jogá bola, um monte de coisa...

9) Ah... eu não gosto muito não porque eu estudava lá no outro bairro porque eu morava, lá aí eu acostumei com a escola de lá e tá sendo difícil acostumar aqui esse ano. Considero... tem professor que eu não gosto muito não, tem matérias também que eu não gosto muito não, de matemática eu não gosto de jeito nenhum.

10) –

11) Não sei o que eles acham porque eles não vem aqui direito, só na reunião. Quando minha mãe tem tempo ela olha meus caderno, me pergunta as coisa, essas coisa assim.

12) –

- 13) Nossa... muito!! Muito mesmo... na minha sala tem gente que coloca apelido um no outro, aí o outro não gosta e fica aquela brigaiada dentro de sala. Tem aluno que é mais chato, aí só acontece isso quando eles não vem, mas é mais na aula de ciências, nessa é que mais acontece briga na sala.
- 14) –
- 15) Ah... não sei... acho que a maneira que a minha mãe faz acho certo, é de não obrigar as coisa.
- 16) Não, não sei o que é *bullying*.
- 17) Foi boa.

XX - Entrevistado 5TN7A1, sexo masculino, com 12 anos de idade, aluno do sétimo ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

- 1) É... lá em casa é eu, minha mãe, meu pai, meu irmão e o cachorro. Era dois, mas morreu um esses dias. Meu irmão tem 19 anos, eu sou o caçula. Minha mãe trabalhava, agora não trabalha não, meu pai trabalha. A gente conversa sempre, todo dia, mas mais com meu irmão, de jogo, de computador, vídeo game, a gente gosta do GTA...
- 2) Eu e meu irmão a gente discute muito, qualquer coisa que eu faço ele começa a gritá, aí eu falo 'não grita comigo não, sou seu irmão'. Minha mãe e meu pai não briga não, só comigo, muito porque eu faço bagunça na escola, converso e fico em pé. Fico falando das festas que a gente vai, dos lugares, dos jogos... porque eu saio de vez em quando pra jogar, mas é mais em casa, tenho uma pochete cheia de jogo.
- 3) a) Eu (risos)... troco ideia com ela, peço dinheiro (risos)...
- b) com ele também, mas ele não para em casa quase, só final de semana. Aí eu é que tenho que saí... só de noite mesmo.
- c) mais com minha mãe
- 4) a) ele começa a gritá (risos): 'ai que porcaria, esse negócio não dá certo', essas coisas assim....
- b) Ela xinga, ela me xinga assim 'que menino chato! Não presta pra nada!'. De vez em quando ela me batia, agora não batendo não.
- c) meu irmão... me espanca. Ele não me bate não, ele me espanca mesmo, ele quebra coisa na minha cabeça, tampa copo de vidro pá quebra, tampa pedaço de pau, vassoura... (risos). Ele vai me provocando, aí eu irrito ele, dô soco nele, aí ele vai e tampa alguma coisa.
- 5) Meu pai e minha mãe não briga muito não. As vezes ele tem discussão, começa a fala, fala... ninguém nem entende o que eles fica falando não. Quem começa mais é minha mãe porque ele não para em casa. Ah... eles devia é calá a boca e fica quieto, ir cada um pro um canto e depois volta a conversa.
- 6) c) ia ser ruim pra mim porque eu gosto dos dois junto, perto de mim.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

- 7) Mas eu não converso muito não, só de vez em quando que converso com alguém, com meus colega só.
- 8) Tem. Ah... acho que no Orkut eu tinha uns 873. Na escola são uns cinquenta mais ou menos. Só que eu não tenho mais Orkut não, hackearam, acabaram mesmo. A gente costuma conversa, brincar... qualquer coisa.
- 9) Já foi boa, mas agora tá ficando ruim por causa dessas diretoras aí... qualquer coisa que cê faz elas começa a grita com cê, do nada, aí se o cê levanta da cadeira a 'fessora te tira ponto, se cê levanta pra pegara a borracha ela te tira ponto, aí cê vai indo, vai ficando sem ponto, né?!
- 10) Educação física. Mais ou menos.
- 11) Acha boa.
- 12) Minha mãe acompanha, vem nas reunião, só quando eu esqueço que não, ou quando não pra ela vim mesmo que não (risos). Ou...quando o pessoal ai falou que não dá pra eu estuda nesse colégio que ela veio também. Aí eu melhorava, mas quando eles começava a grita comigo, aí eu não parava quieto de novo, eles apontava o dedo na minha cara, 'você não melhora, você não melhora, não faz nada'.
- 13) Briga... briga. Os dois tomam suspensão, não adianta nada, quem tá certo, toma suspensão do mesmo jeito. Antes da quinta série (sexto ano) eu era quietinho, não fazia nada, eles mexiam, me encarnavam, eu não fazia nada, enquanto eu tivesse quieto eles mexiam mais, me botavam apelido, aí eu deixava prá lá, mais aí começaram falar da minha mãe, aí eu comecei a estressá, aí no dia que falou eu já endoidei e pulei em cima do moleque, enforquei ele, bati com a cabeça dele na parede.
- 14) Meu pai e minha mãe ficaram sabendo, falaram que não posso faze isso, que não pode briga, não pode briga, eu falei que eles tão mexendo, ué, tem que briga então ué?! Se fala com o fessor, ninguém resolve nada. Essa escola aqui tem que melhorar só isso, que quem mexe tem que toma também, se eu estresso eu tomo suspensão, aí ficam rindo da minha cara... aí não pode. Eu acho que não podia isso não. Minha mãe ficou sabendo porque o moleque morava do lado da minha casa, todo dia na rua ele mexia comigo, eu não falava nada não, aí no dia que ele mexeu de novo, eu falei com ele que ia bate nele, ele não acreditou... foi e continuou...
- 15) Não fica agredindo, não fica gritando, acho que é assim que é certo.
- 16) Sei. É apelido, agressão, agressão física, moral, pela internet... Eu acho que isso é uma coisa que não dá pra faze toda hora não. Brinca é uma coisa, começar a xingar é outra coisa. Se eu vê, eu mando para ou entro no meio, só quando é gente grande assim que eu não entro.
- 17) Foi boa. Mas posso fala uma coisa? O fessor... minha opinião... fala palavrão com os outro agora. O fessor falou com o moleque da minha sala, xingou ele de merda, que ele não valia porra nenhuma dentro da escola, falou que não era pra ele estuda lá e que não era nem pra ele ter nascido, falou assim. Se o aluno fala que ele fala isso, as diretora vira e fala que ele não faz isso, aí chega lá ele também não admite. Aí o moleque tomou suspensão, a mãe dele vai ter que vim cá amanhã. Aí agora eu quero vê quem vai lá fala que ele xingou mesmo, se me chama, eu vou, se não, não vou porque qualquer coisa que eu faço aqui tá errado, se eu saio do banheiro com a mão molhada, brinco com os outros, tampo água neles, aí já começa a xingá 'tá fazendo bagunça já?!'. Qualquer coisa eles falam que eu tô errado. Ah... acho que os fessor devia ter mais educação e os alunos também. Igual. Se... A

fessora outro dia me xingou, aí eu xinguei ela também e tomei suspensão, se eu falo não adianta. Isso que eu queria fala mais, as vez dá um jeito.

XXI - Entrevistado 5TN7A3, sexo masculino, com 12 anos de idade, aluno do sétimo ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Na minha casa é um dia-a-dia meio complicado porque tem muita briga com os adulto. A casa é da minha vó, só que ela dividiu pra minha mãe fica mais perto dela. Na parte da minha mãe dorme eu, minha irmã e ela e a noite meu tio dorme lá. Minha irmã tem quinze anos, eu tenho 12. As criança, uma de 4 e outra de dois, fazem bagunça aí minha vó tá muito velha e começa a briga, aí todo mundo briga. A minha tia chega tarde em casa, aí ela vai e começa a briga com minha mãe. Eu tenho preguiça, aí ela briga comigo. Meu pai separou da minha mãe, mas já tá voltando de novo. Assim... tem pouco tempo, a gente sofreu um acidente de carro, aí pra minha mãe ajuda eu e minha irmã, ela separou do meu padrasto e tá voltando pro meu pai de novo. Acho que tem uns dez anos que minha mãe ficava com meu padrasto, com meu pai só quando eu era pequeninim só.

2) Conversa, briga, resolve, briga, conversa...

3) a) bem... a gente fala de filme, de novela, de manhã a gente fica assistindo jornal, aí passa os acidentes lá a gente fica comentando os acidentes.

d) ah... não era bem nem mal com meu padrasto... Ele fazia as coisas pra mim e pra minha irmã, só quando ele ia cozinhar que ele ficava xingando, ele ficava xingando minha irmã. Minha vó não gostava disso e ficava reclamando com minha mãe.

4) a) meu padrasto quando tava morando lá ele começava soca as panela, soca a parede, ele tava vendo televisão, tampava o controle remoto no chão... essas coisa.

b) ah... ela já que logo agredir as pessoas. Minha mãe quanto tá nervosa precisa se o meu tio tá em casa, segura ela, principalmente se ela tá nervosa com a minha vó, aí todo mundo sai pra segura minha mãe. Eu ela não agrediu não, mas minha irmã já... deu um tapa por causa da discussão lá.

c) minha irmã começa a xingar, eu xingo também, mas aí eu desço e melhora.

5) Discussão tinha, mas eu nunca vi ele fazer nada com ela não, ela que já tampou um copo de vidro nele e cortou a mão dele, mas quem começou foi ele. Ele começou a fazer gracinha, minha mãe ia lá fala com ele, aí ele ficava nervoso e aí minha mãe não aguentava não... Quem entrava no meio era minha irmã e minha vó, tirava o meu padrasto de perto, tentava acalmá minha mãe. Acho assim... se não tivesse dando certo, tinha que terminar mesmo, se tivesse dando certo, tinha... tivesse briguinha boba, tinha que conversar e resolver logo, acaba com os problemas. Agora... ah... vai ser bom, porque meu pai vai voltar com minha mãe, os dois brigam também, mas não consegue ficar separado... Ah... vai ser bom depois do acidente, só que aí o problema vai ser minha vó, ela já vai brigar com meu pai de novo, querer que ele sai de lá a toa, querer mandar ele ir embora de lá...

6) –

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Ah... eu fico brincando sozinho mesmo, eu fico brincando que eu tenho um amigo imaginário porque de tarde minha irmã não tá em casa, as minhas primas pequenas tão dormindo, a minha vó fica fazendo as coisa, aí eu fico sozinho, converso sozinho mesmo.

8) Tenho bastante. Ah... não sei... tenho amigos na rua, na escola. Na sala são uns cinco, a gente brinca, a tarde a gente faz um projeto lá no centro olímpico, a gente vai junto, volta, fica conversando... essas coisa.

9) Ah... é boa, o que atrapalha mesmo são os alunos bagunceiros. Gosto dela, até estudei em outra escola, mas voltei.

10) Ah... aqui eu gosto mais é de assistir aula de matemática. Ah... mais ou menos, tem momentos que eu faço bagunça demais, tem momentos que eu fico prestando atenção. Quando eu faço bagunça, eu fico conversando, botando apelido nos outro, fico fazendo gracinha por trás do professor... Já quando, quando eu fico quieto, eu faço exercícios e prestando atenção na aula.

11) Eles acha boa, tem ensino bom, fala que a escola é muito boa.

12) Quando tem prova eu mostro nota pra ela, quando tem reunião meu pai vem, das outras coisas ele não fica sabendo não.

13) Ah... eu coloco apelido, essas coisas assim de sala... Se uma pessoa é gordinha eu fico chamando de tomate, tubarão.... Tem um menino lá que ele é magro, ele fica mexendo comigo, aí eu chamo ele de vareta, palito.... Se alguém ficou chateado, acho até que ficou, não falou comigo não, só deixou de conversar comigo. Briga também já aconteceu, mas discussão só, tipo, a pessoa começou a discuti comigo, aí eu começo também, a gente começa a brigar, um empurra o outro, da chute, aí vem alguém e separa.

14) Não, ninguém falou pra eles não, porque essas bagunças que eu faço não tem muitos estragos não, eu faço, mas depois fico quieto na minha.

15) Seria com coisas que elas gostam... se ela gosta de filmes, um pouco mais de filmes na televisão, nas aulas... Se ta falando de um assunto, coloca mais filmes desse assunto, leva na biblioteca; dá mais aula de desenho, aula de mais livros. Em casa, te uma hora reservada pra estudar junto com o pai e a mãe, os irmão também pode ajuda um pouco também, aí te um momento de filme também, pedi pro pai e também. Isso... assim... é isso.

16) Sei. É fica agredindo as pessoas sem motivos, colocando apelidos. Não é uma coisa boa não.

17) Foi boa...mas tenho uma coisa pra fala. Sobre o recreio, minha opinião é que o recreio devia ser mais dividido, ter jogos pra gente brinca, ter jogos de xadrez, de dama e de prego lá na quadra pra gente brinca, porque na hora do recreio as pessoas querem brigar umas com as outras ao invés de brinca.

XXII - Entrevistado 5TN7A19, sexo feminino, com 14 anos de idade, aluna do sétimo ano. Atuação no *bullying* como vítima.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) É bom lá... mora sete pessoas, quatro irmãos, comigo cinco e meu pai e minha mãe. Tem uma de 17, uma de 16, um de dezenove, eu de catorze e minha irmã de doze. As vezes tem uma briga por causa de computador, mas a gente conversa, aí tá bom de novo.

2) –

3) a) Bem... de vez em quando falo das minha notas, mostro meu caderno ela.

- b) Bem, também, a gente conversa de notícias, essas coisas.
 c) Com minha mãe.
 d) Meu irmão trabalha no exército fica lá dia sim, dia não. A gente briga, mas depois conversa de novo.
- 4) a) faz nada não, fica quieto. Faz nada não.
 b) depende né... de que (silêncio)... fala muito. Mas não bate na gente não, eu nunca fiquei de castigo.
 c) ficam, aí falam também.
- 5) Nunca vi eles brigando não.
- 6) c) Ruim né, gosto dos dois.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

- 7) Fico na minha, converso com ninguém. De vez em quando aqui no colégio é que eu fico, né?! Por causa dos meninos, né?! Ficam me colocando apelido. Porque... tipo assim... tenho língua presa, né?!
- 8) Tenho, uns nove. Das outras turmas assim... lá em baixo, da minha sala uns três, mas amiga, amiga mesmo, só uma.
- 9) Gosto, acho importante. É perto da minha casa.
- 10) O que mais gosto... aula de geografia. Considero.
- 11) Boa, tem vez que é meio coisa, é meio ruim matemática, não sou boa não.
- 12) Não. Não conto pra minha mãe não, só pra minha amiga.
- 13) Não. Mas tenho apelido, eu não falo nada com eles não, deixo pra lá.
- 14) –
- 15) Tem pai de aluno aí que fica batendo neles, acho que não adianta não. Meu pai e minha mãe não me bate não.
- 16) Sei. Colocar apelido nos outros, né. Acho que é isso. Acho que é bom os outro falar o que é *bullying*, ma não é bom ficar colocando *bullying* nos outros. Se eu vê eu falo, eu já falei já com os professores, mas tem vez que eles não faz nada.
- 17) Foi boa.

XXIII - Entrevistado 5TN8B11, sexo feminino, com 15 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no *bullying* como vítima-provocativa.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Na minha casa tem seis pessoas no total. Eu, meus três irmãos, meu pai e minha mãe. Nosso dia-a-dia, meu pai trabalha, minha mãe trabalha, no final de semana meu pai bebe, minha mãe bebe e tem briga. Minha mãe e meu pai são muito de briga. Me prende muito. Lá em casa é um pouco difícil por que meus pais não tem muito juízo porque eles bebem desde os oito anos de idade e meus irmãos não páram em casa, eu e minha irmã somos muito sozinhas, fazemos pra gente. Nosso dia-a-dia é assim. Vamos pro centro olímpico, fazemo atletismo, vamo pra escola e casa, só. Meus irmãos são mais velhos, um já noivou só vem aqui pega a marmita e vai embora, o outro só vai na igreja. Não ficam muito tempo em casa não.

2) Meu pai e minha mãe, assim... quando eles bebem eles mudam. Assim... desde quando eles começaram a se vê, namora e casa, teve a gente eles bebe, brigam muito, brigam de faca, ele já deu duas facadas na minha mãe, minha mãe já deu machadada nele, já deu facãozada nele também, brigam com a cacete, com vassoura, sobra pra cima da gente porque a gente vai separar, aí vem pra cima da gente. É... minha mãe quebrou o nariz porque foi separa briga do irmão dela, ela tava bêbada e caiu, quebrou o nariz. Meu pai quando bebe ele fala muito, aí arruma muita confusão dentro do quintal, porque é muita gente que mora lá... E... é isso... Assim... meus irmãos não param em casa, não pode separar, não pode chamar a polícia porque tem muitas pessoas que fumam maconha, a gente tem medo deles mata a gente, quando saí da cadeia, então não pode chama a polícia e fica tudo por isso mesmo.

3) Meus pais só bebem quando tem dinheiro, então... quase todo dia. Minha mãe quando não bebe, faz almoço, não fica pra mim. Eu fico muito carregada por causa da marmita dos meus irmãos, eu não saio de casa por causa que ela me prende muito, muita fofoca. Mas quando ela não bebe mais meu pai, eles se conversa, conversa cá gente, dá carinho a gente, que a gente não tem carinho, fica muito na nossa, choramos muito porque somos muito sozinha. Então, assim... a gente procura o máximo de pessoa perto da gente pra gente pode desabafa, conta as coisa, porque é muita coisa, eu trabalho desde os meus onze anos de idade, tentando ajuda em casa pra poder ajuda em casa um pouco porque em casa eu não tenho aquele momento meu. Então quando eles não bebe é muito bom pra mim e minha irmã é muito bom quando eles não bebe, sente que tá em casa, que tem uma mãe ali perto da gente.

c) Eu sou mais apegada com minha mãe, por que meu pai, ele é muito bruto comigo, ele já matou, foi pra cadeia e... então assim, pra ele... tudo é briga, xingá, então a minha mãe é sempre mais carinhosa.

d) Meu irmão mais velho, de vinte anos, que não para em casa, ele é um pouco bruto também. Ele assim... a brincadeira dele de bate na gene, machuca a gente, aí a gente fica com raiva. Mas o mais velho que vai na igreja é mais carinhoso com a gente, dá dinheiro em casa, ajuda a gente, ele é uma benção o meu irmão mais velho. Já o outro é desdeixado, não tem juízo, tem uma filha, não olha, tá na justiça, nossa... muita coisa.

4) Só ficam nervoso quando bebem, só fazem essas coisa toda que eu falei quando bebem. Quando tão bêbado me bate, quando tão são não, na minha irmã também. Tem uns oito anos isso, desde quando eles começaram a se... a querer se matar, a brigar... Mas eu sempre entrei na frente pra minha irmã não apanhá porque ela era muito novinha, mas agora é nas duas que eles bate.

5) Já tentaram separá a briga deles já, mas falaram que era coisa do diabo lá, mas não tirou nada, depois de umas horas, brigaram de novo, voltaram a bebe de novo... Então, é só a gente mesmo... que tem que separá mesmo. Minha mãe fala que vai denuncia meu pai, mas não denuncia, fica por isso mesmo. Eu também não consigo, mas eu ameaço eles que vou chamar a polícia, mas não tenho coragem de denunciar meu pai e mãe não.

6) –

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

7) Ah... eu não converso com ninguém não. Eu só converso com Jesus quando eu vou orar, é com ele que eu me desabafo, não tem coisa melhor que desabafar com Jesus não, porque ele te cega do problema, te faz ri. Só Jesus mesmo. No resto, eu não confio em ninguém não, porque são tudo falso, só a minha irmã.

8) Não digo amigos não, porque amigos tão com você na hora bora e hora ruim. Assim, eu não tenho, então eu diria, eu tenho colegas. A gente as vezes costuma saí, pra me divertir, esquecer os problemas que eu tenho em casa. Daqui da escola tem um colega, tem sim da minha sala, a gente tem em comum, bebe um refrigerante as vezes.

9) Aqui na escola tem que mudar um pouco porque a diretora, as vice diretora, as vice diretora e a coordenadora tem uma pessoas que elas protege muito, tem outras que elas se afasta mais e acaba expulsando pessoas que elas não sabem o que elas passa em casa. As vezes ela é assim atrevida, agressiva em casa. As vezes ela é assim atrevida, agressiva, gosta de briga de xingá porque as vezes acontece alguma coisa na casa dela, ela quer desconta em alguém. Elas tem que entender isso. Isso já aconteceu comigo, minha mãe foi chamada aqui, mas minha mãe me entende porque ela sabe o que acontece dentro de casa, mas elas não. Elas não pergunta, acha que a gente é assim porque a gente quer, então... elas também tem que entender isso.

10) Eu gosto da escola, mas acho que tinha que melhorar mais, tem qualidade muito ruim.

11) Educação física, gosto de futebol, eu (risos), jogo como zagueira (risos), torço pro Corinthians. Assim... se eu prestar atenção na aula, eu sou boa aluna, eu ajudava minhas colegas mesmo elas não me ajudando, tenho boas notas.

12) Minha mãe acha que essa escola é muito boa aos olhos das outras. Se for olhar desse jeito é muito boa sim, uma das melhores. Mas minha mãe acha ela meio ruim por causa dessa porque tem muita gente que passa dificuldade, tem muita gente que não tem uma mãe do lado ou que morreu, e elas tem que entender isso. Por isso que essa escola é ruim, no jeito de tratar os alunos, é muito rígida, tem regras aqui dentro que não vale. Meu pai é só rua-bebida-rua, não quer saber de mais nada. É a minha mãe que acompanha mesmo, por exemplo, se eu briga aqui e apanhá eu vou apanhá de novo em casa, se ela for chamada aqui mais de três vezes, ela me bate mesmo, ela não de castigo não, ela me bate (sic).

13) Teve uma briga aqui na escola esse ano com uma menina que saiu ela é até da minha família, do lado dá do pessoal nojento, é uma prima de terceiro grau e, assim, por ela sê bonita, lora, ter olho azul, ela se acha, ela é invejosa e faz fofoca, aí uma vez eu peguei ela falando de mim, aí bati nela, aí ela contô pá coordenadora daqui e então ela chamou minha mãe, minha mãe veio. Ela falou que eu era uma aluna boa, mas em termos de briga, que eu brigava muito, mas aí minha mãe deixou por isso mesmo. No dia-a-dia tem muito apelido, pelo fato de eu sê muito magra, quando eu saí lá da sala, você viu, teve cara de lata, magrela, mas eu não ligo não, só não pode me encostá a mão, porque aí eu não gosto muito não. Mas... já agredi sim por causa de apelido. Foi ano passado. Eu di um tapa na cara da menina, e falei que ela não era melhor do que eu, que ela tinha que se vê primeiro pra depois ver os meus defeitos. Ela me chamou de palito de fósforo, ela era mais magrela do que eu, aí eu falei que ela tinha que se vê primeiro... mas agora eu parei, parei porque essa parte de pessoas de fora fica sabendo de briga é mais complicado porque meu irmão mais novo se fica sabendo, ele não sabe batê, ele tem um braço muito forte, quando ele bate, ele bate pra machucar, por causa disso eu até parei pra não chegar no ouvido dele, porque é tanta coisa que chega no ouvido dele, se chegar isso, não sei né?! A gente não tem prova as vezes pra ele sabe que é mentira, aí a gente fica mais na nossa agora, deixa tudo pra lá.

14) –

15) É... eu acho, que uma mãe, quando ela cria um filho bem, ela mostra as coisas erradas e as coisas boas, acho que não necessita de bate, mas sim de conversa, de coloca de castigo... Se tiver condições de dar mesada, tirar a mesada, mostrar pra ele que o mundo não é do jeito que ele acha; que tem vários caminhos de tentação, que tem que estudar pra não fica catando latinha, sê um gari da vida. Se a mãe soube criar seu filho de jeito rígido desde criança, acho que ele pode ser uma pessoa boa assim quando crescer.

16) *Bullying* é quando a gente tem um preconceito com outra pessoa de raça, de ser uma coisa diferente sexual, colocar apelido na outra pessoa que ela não goste. Quando eu vejo uma pessoa que tá triste porque outro tá bullyndo por causa de apelido, essas coisas, eu peço pra parar, porque acho que a gente tem que ter respeito pela privacidade do outro, acho que é o mínimo de educação e ética pela outra pessoa.

17) Gostei, foi boa. Gostei de falar porque é bom desabafa, pra levantar a cabeça depois de tanta coisa.

XXIV - Entrevistado 5TN8B26, sexo feminino, com 14 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no *bullying* como vítima agressora.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Moram seis ou sete mais ou menos, é minha mãe, meu padrasto e meus irmãos. São três meninas e dois meninos. Minha mãe tem trinta e seis anos e meu padrasto tem trinta, meu irmão tem nove, uma de doze, eu de catorze, um de dois anos e uma de três meses. Tem briga direto, eu e minha irmã briga direto. Minha mãe e padrasto também discute de vez em quando e por causa de coisa boba, canal de televisão, vídeo game, aí é assim: pra não ter briga, quem chega primeiro resolve, aí quando tá brigando, desliga, aí ninguém vê!

2) –

3) a) mais o menos, as vezes a gente discute. Ah... porque ela não deixa eu fazer nada, não deixa, não deixa eu saí. Aí, de vez em quando eu começo a discuti com ela porque sou prisioneira, porque ela não deixa eu saí, não deixa eu fazer nada... As menina tudo sai e eu não, até minha irmã que é mais nova ela deixa sair e eu não. Igual, teve um negócio aqui na escola, ela deixou a minha irmã e não deixou em vim. Eu acho que eu devia sair e minha irmã não.

b) Meu pai era muito folgado lá em casa, ficava no sofá vendo televisão, não ajudava minha mãe, de vez em quando ele batia na minha mãe, aí minha mãe terminou com ele. É muito triste porque, porque ele ficava batendo. Minha mãe não deixa a gente mora nem conversa com ele.

c) com minha mãe.

4) a) ele manda a gente fazê as coisa, lavar prato, tem que ser tudo do jeito que ele quer.

b) Ih... sai batendo de chinelo, sai batendo em todo mundo, menos na pequenininha.

c) meu irmão fica dando ataque de bichona. É minha mãe mesmo que já falou assim, que ele fica dando ataque de bichona. A minha irmã também fica nervosa, dá uns ataque lá... meu irmão começa a batê pé, fica gritando, aí minha mãe fala que é ataque de bichona.

5) a) meu pai já, muitas vezes. Meu padrasto não, nem é doido! Eu e meus irmãos não vai deixa não!

b) não, ela não.

c) Eu chamei a polícia quando vi meu pai bater. A polícia foi lá, tirou minha mãe, levou a gente pra nossa tia, ele ficou lá, aí ele vendeu tudo que tinha direito de casa pra comprar droga. Eu acho que as

coisa tinha que fica pra minha mãe, porque ela que comprou, não era pra ele gasta com essas coisa de compra droga. Ele perdeu tudo que tinha, aí depois a minha mãe ganhou a casa como pensão até meu irmão de 9 fazer 18 anos, a gente vai ficar morando lá por enquanto. A minha mãe tá procurando outra casa pra comprar.

6) Eu não gosto de conviver com meu padrasto não, eu preferia morar com meu pai, mas não ele batendo na minha mãe, ele não usando drogas e ajudando.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar.

7) Com ninguém, porque eu não confio em ninguém, muito menos na minha irmã e na minha mãe. Porque minha irmã, depois que acontece alguma coisa, fica fazendo chantagem e conta pra minha mãe. E minha mãe é fofqueira, porque quando eu fiquei mocinha eu não queria que contasse pra ninguém, aí ela foi lá e saiu contando pros outro, eu fiquei com raiva dela.

8) Tenho, muitos! (risos) A gente fica conversando na aula, fazendo bagunça, atrapalhando a aula, os ‘fessores chamam atenção.

9) Olha... muitas coisas eu gosto, outras não, porque, assim, na hora do recreio é muita bagunça, não adianta ‘fessor, a cantineira fala que eles continuam, eles fica fazendo corredô polônês. É assim: fica um monte de pessoa de dois lados assim, aí quando passa uma pessoa eles bate, sai batendo em todo mundo. Acho uma palhaçada, uma vez machucaram uma cantineira por causa disso.

10) Educação física pra brincar de queimada. Depende da matéria, a que eu mais gosto é artes e ciências.

11) Acha boa.

12) Na reunião ela não vem porque ela trabalha, mas ela olha todos os meus cadernos, fica sabendo de tudo que acontece, brigas também, de vez em quando, tem vez que não.

13) (risos) várias vezes! Com uma menina lá da sala mesmo, eu não gostava dele, a gente começou a discutir e fui parar lá na diretoria e minha mãe ficou sabendo, mas não deu em nada não. Foi assim, só xingando, falando palavrão um pra outra, bate não, só xingando vários palavrão feio. Mas já bati também. Um dia, uma menina aqui da escola começou a implica comigo, aí eu cheguei em casa e falei com minha mãe e minha mãe foi lá e conversou com a mãe dela e não adiantou, chegou no outro dia ela me empurrou, eu fiquei quieta na minha, cheguei em casa de novo e falei com minha mãe aí ela falou: ‘se ela tá implicando contigo, bate nela, que ela tá implicando contigo tem um tempão’. Aí eu fui lá e enforquei ela, a moça falou ‘para de brinca com ela’, não sei mais o que lá... pensou que eu tava brincando, aí ela começou a me xingar de piranha, vadia, esses nomes assim, aí eu tava cá menina no refeitório quando eu saí de lá, ela chegou e começou a mexer comigo, aí na porta da diretoria eu bati nela. Minha mãe já sabia, minha mãe veio aqui, conversou com ela e resolveu tudo, porque minha mãe já sabia de tudo.

14) –

15) Não batendo, como minha mãe faz com meu irmãozinho pequeno porque ele faz muita coisa errada, tem que corrigi. Agora tem a lei que não pode bate, mas não adianta. Se não bate vai ficar assim tudo bagunçado, as crianças tudo mal educada.

16) Sei, é as pessoas fica zoando a outra, chama apelido que as pessoa não gosta. Eu não gosto disso, lá na sala os meninos fazem isso comigo direto, já falei com minha mãe, já falei com a diretora,

mas não adianta nada. Chama eu de coelhinho, Mônica, de dona Gigi, várias coisas... Fica me chamando de coelhinho, que se fica me zoando na páscoa não vai ganhar ovo de chocolate. Eu não gosto disso, mas não adianta fala, entendeu?!

17) Foi boa.

XXV - Entrevistado 5TN9B2, sexo feminino, com 14 anos de idade, aluna do oitavo ano. Atuação no bullying como vítima.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) São duas pessoas, três comigo, infelizmente, gostaria de ter irmãos. Meus pais tem trinta e cinco anos e eu quinze. Eles trabalham o dia todo, eu fico sozinho o dia inteiro, só vejo eles à noite. Minha tia e meus primos moram perto. Ah... de vez em quando é meio chato o pessoal faz muita bagunça, passa meia noite gritando lá, minha mãe já cansou de tampá água neles (risos).

2) Tem discussão, quando é com eles, é resolvido entre eles na mesma noite, quando é comigo, é por causa de nota, aí computador e vídeo game.

3) a) muito bem. A gente conversa sobre todos os assuntos.
b) bem também.
c) com o meu pai

4) a) Ele fica quieto no canto dele pra não desconta nem em minha mãe nem em mim quando o assunto é do trabalho dele. Quando é de casa ele tenta resolver se não consegue, vai pro quarto, vai dormir.

b) minha mãe vai pro quarto, fica sozinha.

c) eu vou mexer no computador, joga vídeo game.

5) Não. Mas quando eu vejo que é discussão deles assim, eu prefiro sair pra rua que aí eles resolvem, depois volto pra casa.

6) Não sei, seria ruim, mas eu acho que eu ia preferir ficar com meu pai, porque meu pai é mais liberal, minha mãe não. Tipo, sete horas da noite já quer que eu volto pra casa, meu pai não, deixa eu ficar até mais tarde, mas com responsabilidade. Sei lá... porque as vezes eu ia querer ficar com minha mãe porque ela ia ficar muito triste, meu pai também ia querer que eu ficasse com ela, porque ele é que ia sair, né?! Penso...

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Com meus amigos.

8) Tem, amigos que eu sei que tem ou que eu acho que tem, uns três, dois da minha sala e outro do oitavo. A gente joga bola, vai pra lan house pra jogá CS, um jogo de tiro, dos terroristas, contra os terroristas. Eu ganho, mas tem gente que é melhor.

9) Tem vezes que é muito chato. As mulé fica gritando.. Essa escola é muito rígida as regras, um dia só não pode vim sem uniforme. Em outros colégios pode jogá bola na hora do recreio, aqui não pode nada, é muito rígido assim as regras.

10) Aula de educação física porque tem futebol. Não sou bom aluno, não gosto de estudar, eu tiro as médias mesmo das matérias. Por isso que a maioria das vezes que meu pai e minha mãe briga comigo é por causa de nota da escola.

11) Acho que eles também não gostam, mas tão esperando né, porque aqui não tem primeiro ano (Ensino Médio), aí tão esperando eu terminar só o nono ano.

12) Acompanha, vem em todas as reuniões minha mãe. Eles ficam sabendo de tudo, das brigas... Porque... assim... é tudo por coisa boba, ou... tipo assim... só porque é mais forte. Mas comigo não aconteceu não, aqui não, mas de outro colégio tem até pouco tempo. O moleque queria me bater a toa, do nada, aí inventou uma história que eu tava batendo num moleque menor e era a mó mentira! Aí meu pai teve que entrar no meio, aí parou.

13) Já. Ah... eu não gosto... eu fico no meu canto, nem dou ideia pras zoações deles não... Ah... (risos) apelido (risos) não... Ah... eles gostam de ficar colocando muita pilha nos outro, fica zoando com uma coisa que eles sabem, que a gente sabe. Tipo... tem uma menina que eu não converso com ela, mas eu já fiquei com ela, aí o moleque ficam zoando ela. Aí... semana passada eles fizeram uma placa gigante com nosso nome, aí eu não gostei, eles tiraram uma foto e tão querendo publicar no facebook. Eu tentei apagar, só que não deu não e a foto tá no celular do moleque. Eu xinguei eles, eu mandei eles tudo tomar no c...

14) Sabem não

15) Essa pergunta é difícil... a maneira certa de educar... ah... os pais deveriam ensinar as crianças desde pequena sobre as coisas erradas, porque tem muitos pais que não ensinam.

16) É tipo o que eles tão fazendo ou tipo ficar zoando uma pessoa muito magra ou muito feia. Quando as pessoas fazem perto de mim, eu saio de perto.

XXVI - Entrevistado 5TN9B11, sexo masculino, com 17 anos de idade, aluno do nono ano. Atuação no *bullying* como agressor.

Parte I: Relacionamento Familiar

1) Moro com meu pai, com minha mãe e com minha irmã. Meu pai, ele é eletricitista, a minha mãe é faxineira e minha irmã só estuda também. Ela tem 18 anos e eu 17 anos. Meus pais trabalham de seis horas da manhã até seis da tarde.

2) A gente fica sozinho, eu e a minha irmã, as vezes a gente briga por causa de computador, de televisão. Ela me bate, eu não bato nela não.

3) a) bem, o que ela fala, tá falado e é isso mesmo.
b) também, é bom também.
c) minha mãe, tudo que eu peço só pra ela deixa, mas só se ela deixar, né?!

4) a) ah... ele desconta em mim, só em mim, fica com falação porque minha irmã tem problema, ela tem um negócio no cérebro, na cabeça, que ela tem dificuldade, não pode estressar, aí meu pai desconta em mim.

b) ela fecha a casa e fica num canto, não fala nada não.

c) quando eu tô nervoso, eu sento no passeio lá e depois volto.

- 5) Nunca vi eles brigando não.
- 6) Ah... ia ser ruim, porque... ah... não sei... meu pai e minha mãe, não sai....

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

- 7) Ah... eu converso com um amigo lá de cima lá...
- 8) Tenho... uns cinco assim, amigo, amigo mesmo. A gente joga vídeo game, sinuca, fica na rua jogando bola.
- 9) A escola é boa, só que ninguém respeita ninguém. Os moleque menor tinha que respeita os maior, mas não respeita. Os maior não respeita os maior ainda. Ninguém respeita ninguém, ninguém respeita a diretora, é a confusão doida.... Mas, gosto da escola.
- 10) Venho pra conversar com meus amigo. Não... não sei, porque não gosto de estudar não, mas meu pai fla que eu tenho que estudar pelo menos até o terceiro ano, né?! Aí eu vou até o terceiro ano.
- 11) Ah... eu dou referencia boa né?! Aí eles vem pouco aqui né?!
- 12) Eles acompanha, vem na reunião, sabe das notas essas coisas assim. Briga, essas coisas só quando manda bilhete. Só uma vez, com os moleque lá da rua lá, aí eu tava andando só com eles, aí sabe esses negócio de briga de bairro?! Então, aí eles veio aqui queria pegá nós, aí eu parei de anda com eles e parou a briga.
- 13) Já coloquei apelido já, é um nome feio, aí o moleque lá ficou bolado comigo, ficou de cara feia.
- 14) -
- 15) Ah... é conversando desde pequeno que nem meu pai faz comigo, não deixando o menino fazê o que que ele quis é, aí aprende desde menino.
- 16) Sei... é desrespeitar o outro na escola, ficar batendo nos outro a toa. Acho que não podia ter isso não. Já vi isso com meu colega, os moleque lá no corredor esperando os outro pra bate. Eu não fico no meio não.
- 17) -

XXVII - Entrevistado 5TN9B13, sexo feminino, com 15 anos de idade, aluna do nono ano. Atuação no bullying como vítima.

Parte I: Relacionamento Familiar

- 1) Eu moro com duas pessoas, com minha vó e meu tio porque meus pais são separados desde que eu era criança e eu moro com minha vó. Ela trabalha, sei de manhã e só chega no fim da tarde e meio tio também trabalha aí as vezes ele chega umas duas e meia, três horas, aí eu não fico muito

sozinha. Minha mãe eu convivo mais do que com meu pai, porque ele já tem outra família. Minha mãe tem um companheiro e tem dois filhos com ele, uma menina de seis e um menino de onze anos.

2) Sempre tem umas briguinhas, mas a gente se dá bem. Sempre por coisa boba, por causa de televisão e computador, tem que ter horário, minha vó fez, se não, aí dá muita briga.

3) a) a gente mais sai, conversa, vê se eu tô precisando de alguma coisa, é legal.
b) com meu pai... eu não convivo muito com ele direito, mais com a mãe dele, minha vó. Ela trabalha aí eu não vejo muito ele.
c) com minha vó.

4) a) ela passa... fica perto, briga, mas ela fica nervosa mais por ter brigado com a gente, tadinha (risos), fica sozinha na cozinha...
b) ah... ele fala muito, qualquer coisa ele estressa, fica falando muito.
c) minha mãe fica nervosa porque meu irmão é muito bagunceiro (risos).

5) –

6) Meus pais se separaram desde que eu nasci, porque minha mãe engravidou muito cedo, aí ela teve que parar de estudar e ir trabalhar, ela morava com a minha vó, aí ela teve que parar de estudar, trabalhar, aí eu já morava com minha vó e minha tia. Aí minha tia fez um curso e foi pro Rio de Janeiro, foi pra lá e agora tá fazendo medicina. Aí minha mãe tá agora trabalhando, vivendo com um homem lá e teve os dois filhos... Acho que eu tinha três anos de idade quando eles se separaram. Eu não gosto muito do companheiro da minha mãe, mas convivo.

Parte II: Relacionamento interpessoal e escolar

7) Eu converso assim com minha vó, mas converso com minha melhor amiga aqui da sala.

8) (risos) nossa, demais! Ah... uns seiscentos e poucos, mas os que eu encontro diariamente é daqui da escola e de perto da minha casa. Mas eu tenho muitos amigos em São Paulo, Tocantins, Ubá, Rio Novo, Rio de Janeiro... (risos) é porque eu viajo muito, meu namorado é de Rio Novo, aí agente vai muito pra lá, minha tia mora no Rio de Janeiro, meu outro tio em São Paulo, o outro em Tocantins, aí eu tenho muitos amigos. A gente fica fofocando, sai junto, aí a gente grita na rua, toca campainha e sai correndo... isso (risos.)

9) Eu não gosto muito da escola, mas eu estudo aqui desde pequena e como este é meu último ano, se eu saio daqui, é bobeira.... Já vou ter que sair mesmo. Não gosto muito, tem algumas pessoas barraqueiras, tem gerado muita briga, muita briga. Já quiseram brigar comigo porque eu fiz escova progressiva no meu cabelo, aí qualquer motivo é motivo pra eles querer te bater. É horrível.

10) Estudar não é muito bom, mas é fundamental para ter um futuro melhor. Igual a minha mãe... ela falou assim: 'eu não quero que você passe o que eu passei'. Eu quero estudar medicina veterinária ou direito, os dois exigem muito estudo, aí eu tenho que estudar bastante, correr atrás do que eu quero. As vezes eu atrapalho os professores porque converso muito. Ah... (risos)... me considero, não muito, mais ou menos.

11) Ah... minha mãe já estudou aqui, algumas professoras que deram aula pra minha mãe, dão aula pra mim, aí ela não gosto muito. Ela queria que eu estudasse noutro colégio, mas eu já tava aqui, aí ela falou para eu terminar, depois mudar de colégio, pra um melhor.

12) Elas sempre vem na reunião, quando não pode, aí ela marca pra conversar pra ver como tá. Tudo que acontece aqui na escola eu conto pra minha vó, eu nunca briguei não, mas várias vezes já tentaram arranjar briga aqui, eu fico na minha.

13) Assim, apelido já, várias vezes, teve discussão por causa disso. Já quiseram me bater porque eu fiz progressiva no cabelo. Porque, assim, toda vez que eu vinha pra escola eu trocava de tênis todo dia, aí falaram que eu não podia trocar de tênis todo dia, só que o tênis é meu. Aí falaram que eu tinha que vim na semana só com um tênis, que eu não poderia ficar amarrando meu cabelo; não passar maquiagem pra vim pra escola. Uma é da minha sala, a menina quis me bater porque eu tinha ganhado o jogo e podia escolher o que o pessoal ia jogar, ela não falou nada e depois falou que não ia fazer nada, mas ela se juntou com outra menina e as duas falaram que ia me bater, aí os meninos entraram no meio e não deixaram e eu fui falar com ela porque ela inventou as coisas, mas aí aconteceu nada não.

14) –

15) Bater não leva a nada, meu irmão apanha, apanha e não leva a nada (risos), minha mãe já bateu até de frigideira nele (risos). Meu padrasto ele ta obedecendo agora, porque meu padrasto tirou o vídeo game dele, aí tá obedecendo agora.

16) Sei... é apelidos maldosos que coloca em certas pessoas. É assunto sério, assim, as pessoas acham que é brincadeira, mas é ato de vandalismo.

17) Foi boa. Mas é bom falar, poder dar a nossa opinião aqui dessa escola, porque acontece muito barraco de professor com aluno aqui na escola. A professora chamou o menino de burro, aí na frente da mãe dele ela falou que ele não é burro nada, que ele tava com dificuldade de aprender, quer dizer, não é isso nada, porque na frente da mãe dele se fez de inocente pra não ficar contra ela.